OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

NO QUAL SE RELATAM

ALGUNS FACTOS NÃO CONHECIDOS DA SUA VIDA

PELO

VISCONDE DE JUROMENHA

VOLUME III

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1862

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

NO QUAL SE RELATAM

ALGUNS FACTOS NÃO CONHECIDOS DA SUA VIDA

AUGMENTADAS

COM ALGUMAS COMPOSIÇÕES INEDITAS DO POETA

PELO

VISCONDE DE JUROMENHA

VOLUME III

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1864

EGLOGAS

EGLOGA I

INTERLOCUTORES

UMBRANO, FRONDELIO E AONIA

Que grande variedade vão fazendo,
Frondelio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas várias e insperadas!
Hum dia a outro dia vai trazendo
Por suas mesmas horas ja ordenadas;
Mas quão conformes são na quantidade,
Tão differentes são na qualidade.

Eu vi ja deste campo as várias flores
Ás estrellas do Ceo fazendo inveja;
Adornados andar vi os pastores
De quanto por o mundo se deseja;
E vi co'o campo competir nas côres
Os trajes, de obra tanta e tão sobeja,
Que se a rica materia não faltava,
A obra de mais rica sobejava.

E vi perder seu preço ás brancas rosas,
E quasi escurecer-se o claro dia
Diante de hũas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunca engrandecia.
As pastoras, emfim, vi tão formosas,
Que o Amor de si mesmo se temia;
Mas mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo está tão differente,
Que move os corações a grande espanto;
E parece que Jupiter potente
Se enfada ja d'o mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo e descontente,
As aves deixão seu suave canto,
E o gado, inda que a herva lhe fallece,
Mais que da falta della se emmagrece.

FRONDELIO.

Umbrano irmão, decreto he da natura,
Inviolavel, fixo e sempiterno,
Que a todo bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao suave verão o duro inverno;
E se ha cousa que saiba ter firmeza,
He sómente esta lei da natureza.

Toda alegria grande e sumptuosa
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se hum'hora vejo alegre e deleitosa,
Temendo estou do mal apparelhado.

Não vês que mora a serpe venenosa
Entre as flôres do fresco e verde prado?
Ah! não te engane algum contentamento:
Que mais instavel he que o pensamento.

E praza a Deos que o triste e duro fado
De tamanhos desastres se contente;
Que sempre hum grande mal inopinado
He mais do que o espera a incauta gente:
Que vejo este carvalho que queimado
Tão gravemente foi do raio ardente.
Não seja ora prodigio que declare
Que o barbaro cultor meus campos are.

UMBRANO

Em quanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,
Com o valor antiguo, que primeiro
Os fez no mundo tão assinalados,
Não temas tu, Frondelio companheiro,
Qu'em algum tempo sejão sobjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe off'reça.

E postoque a soberba se levante
De inimigos a torto e a direito,
Não crêas tu que a fôrça repugnante
Do fero e nunca ja vencido peito,
Que desde quem possue o monte Atlante
Adonde bebe o Hydaspe tẽe sujeito,
O possa nunca ser de fôrça alheia,
Em quanto o sol, a terra e o ceo rodeia.

FRONDELIO

Umbrano, a temeraria segurança
Qu'em fôrça, ou em razão não se assegura,
He falsa e vãa; que a grande confiança
Não he sempre ajudada da ventura.
Que lá junto das aras da esperança,
Némesis moderada, justa e dura,
Hum freio lhe está pondo e lei terribil,
Que os limites não passe do possibil.

E se attentares bem os grandes danos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freio tambem a esses enganos
Que te está figurando a ousadia.
Tu não vês como os lobos Tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Mátão os cães do gado guardadores,
E não sómente os cães, mas os pastores?

Pois o grande curral, seguro e forte,
Do alto monte Atlas não ouviste
Que com sanguinolenta e fera morte
Despovoado foi por caso triste?
Oh triste caso! oh desastrada sorte,
Contra quem fôrça humana não resiste!
Que alli tambem da vida foi privado
O meu Tionio, ainda em flôr cortado!

UMBRANO

Em lagrimas me banha rosto e peito
Desse caso terrivel a memoria,

Quando vejo quão sabio e quão perfeito,
E quão merecedor de longa historia
Era esse teu pastor, que sem direito
Deo ás Parcas a vida transitoria.
Mas não ha hi quem d'herva o gado farte,
Nem de juvenil sangue o fero Marte.

Porém, se te não fôr muito pezado,
(Ja qu'esta triste morte me lembraste)
Canta-me desse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste,
Quando hontem, recolhendo o manso gado,
De nós-outros pastores te apartaste;
Qu'eu tambem que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir como queria.

FRONDELIO

Como queres renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porqu'espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes são, he falsa cura.
Mas, pois te move tanto o sentimento
Da morte de Tionio, triste e escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dôr me não congela a voz no peito.

UMBRANO

Canta agora, pastor, que o gado pace
Entre as humidas hervas socegado;
E lá nas altas serras, onde nace,
O sacro Tejo á sombra recostado,

Co'os seus olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir apparelhado;
E com silencio triste estão as Nymphas
Dos olhos destillando claras lymphas.

O prado, as flôres brancas e vermelhas
Está suavemente presentando;
As doces e solícitas abelhas,
Com susurro agradavel vão voando;
As candidas, pacíficas ovelhas,
Das hervas esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som divino
Que faz, passando, o Tejo crystallino.

O vento d'entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio;
Nas sombras a ave garrula suspira,
Sua mágoa espalhando ao vento frio.
Toca, Frondelio, toca a doce lira;
Que d'aquelle verde alamo sombrio
A branda Philomela entristecida
Ao mais saudoso canto te convida.

FRONDELIO

Aquelle dia as aguas não gostárão
As mimosas ovelhas; e os cordeiros
O campo enchêrão d'amorosos gritos.
E não se pendurárão dos salgueiros
As cabras, de tristeza; mas negárão
O pasto a si, e o leite a os cabritos.
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia.

Quando a Parca queria
Princípio dar ao fero caso triste.
E tu tambem (ó corvo) o descobriste,
Quando da mão direita em voz escura,
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.

Tionio meu, o Tejo crystallino,
E as arvores que ja desamparaste
Chórão o mal de tua ausencia eterna.
Não sei porque tão cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do Destino,
Por quem o mar e a terra se governa.
A noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste
Cruel, acerba e triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que lográras a fresca primavera?
Não usára comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.

Os Faunos, certa guarda dos pastores,
Ja não seguem as Nymphas na espessura,
Nem as Nymphas aos cervos dão trabalho.
Tudo, qual vês, he cheio de tristura:
Ás abelhas o campo nega as flôres,
Como ás flôres a aurora nega o orvalho.
Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que soia
Mover as altas arvores tangendo,
Se me vai de tristeza enrouquecendo:

Que tudo vejo triste neste monte:
E tu tambem correndo
Manas envolta e triste, ó clara fonte.

As Tagides no rio, e na aspereza
Do monte as Oreádas, conhecendo
Quem te obrigou ao duro e fero Marte;
Como em geral sentença vão dizendo,
Que não póde no mundo haver tristeza
Em cuja causa amor não tenha parte.
Porqu'elle, emfim, dest'arte
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
E no rosto, que Amor com phantasia
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si dava sinal certo
Do fogo que trazia;
Que nunca soube amor ser encoberto.

Ja diante dos olhos lhe voavão
Imagens e phantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento;
Ja por as solitarias espessuras
Entre os penedos sós, que não fallavão,
Fallava e descobria seu tormento.
Em longo esquecimento
De si, todo embebido,
Andava tão perdido,
Que quando algum pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava,
Como quem para penas só vivia,
Sorrindo, lhe tornava:
Se não vivesse triste, morreria.

Mas como este tormento o sinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendendo-o ja bem o pae sisudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou;
Porque, emfim, longa ausencia acaba tudo.
Oh falso Marte rudo,
Das vidas cobiçoso!
Que dónde o generoso
Peito resuscitava em tanta gloria
De seus Antecessores a memoria,
Alli, fero e cruel, lhe destruiste,
Por injusta victoria,
Primeiro que o cuidado, a vida triste.

Parece-me, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso
Naquelle infido sangue Mauritano,
No Hispanico ginete bellicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo
De atropellar por terra ao Tingitano.
Oh confiado engano!
Oh encurtada vida!
Que a virtude opprimida
Da multidão forçosa do inimigo
Não póde defender-se do perigo:
Porqu'assi o Destino o permittio;
E assi levou comsigo
O mais gentil pastor que o Tejo vio.

Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As íras da soberba e dura guerra:

Do cristallino rosto a côr mudando,
Cujo purpureo sangue, derramado
Por as alvas espaldas, tinge a serra;
Que como flôr, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe tẽe negado,
O collo inclina languido e cansado:
Tal te pinto, ó Tionio, dando o esprito
A quem to tinha dado;
Qu'este he sómente eterno e infinito.

Da congelada boca a alma pura,
Co'o o nome juntamente da inimiga
E excellente Marfida, derramava.
E tu, gentil Senhora, não te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sómente a vida amava?
Por ti aos ecos dava
Accentos numerosos;
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deo do fero Marte.
E tu ingrata o amor ja n'outra parte
Porás, como acontece ao fraco intento:
Que, emfim, emfim, dest'arte
Se muda o feminino pensamento.

Pastores deste valle ameno e frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se conte;
Hum tumulo, de flôres adornado,
Lhe edificai ao longo deste rio,
Que a vela enfreie ao duro navegante:

E o lasso caminhante.
Vendo tamanha mágoa,
Arraze os olhos d'água,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi: *Memoria sou, que grito*
Para dar testimunho em toda parte
Do mais gentil Esprito
Que tirárão do mundo Amor e Marte.

UMBRANO

Qual o quieto somno aos cansados
Debaixo de algum'arvore sombria;
Ou qual aos sequiosos encalmados
O vento respirante e a fonte fria;
Taes me forão teus versos delicados,
Teu numeroso canto e melodia:
E ainda agora o tom suave e brando
Os ouvidos me fica adormentando.

Em quanto os peixes humidos tiverem
As areosas covas deste rio,
E correndo estas aguas conhecerem
Do largo mar o antiguo senhorio;
E em quanto estas hervinhas pasto derem
Ás petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viva o pastor que tanto amaste.

Mas ja que pouco a pouco o sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentão;
De flôres mil o claro Ceo se esmalta,
Que tão ledas aos olhos se presentão;

Levemos por o pé desta serra alta
Os gados, que ja agora se contentão
Do que comido tẽe, Frondelio amigo:
Anda; que até o outeiro irei comtigo.

FRONDELIO

Antes por este valle, amigo Umbrano,
Se t'aprouver, levemos as ovelhas;
Porque, se eu por acêrto não me engano,
De lá me sôa hum eco nas orelhas:
O doce accento não parece humano.
E, se em contrário tu não m'aconselhas,
Eu quero descobrir que cousa seja;
Que o tom m'espanta, e a voz me faz inveja.

UMBRANO

Comtigo vou, que quanto mais me chego,
Mais gentil me parece a voz que ouviste,
Peregrina, excellente; e não te nego
Que me faz cá no peito a alma triste.
Vês como tẽe os ventos em socêgo?
Nenhum rumor da serra lhe resiste:
Nenhum passaro vôa, mas parece
Que, do canto vencido, lhe obedece.

Porém, irmão, melhor me parecia
Que não fossemos lá; que estorvaremos;
Mas sobidos nest'arvore sombria,
Todo o valle de aqui descobriremos.
Os çurrões e cajados, todavia,
Neste comprido tronco pendurêmos:

Para subir fica homem mais ligeiro.
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro.

FRONDELIO

Espera, assi, dar-te-hei de pé, se queres:
Subirás sem trabalho e sem ruido;
E despois que subido lá 'stiveres,
Dar-me-has a mão de cima; que he partido.
Mas primeiro me dize, se o puderes
Ver, donde nasce o canto nunca ouvido;
Quem lança ó doce accento delicado.
Falla; que ja te vejo estar pasmado.

UMBRANO

Cousas não costumadas na espessura,
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora:
Formosas Nymphas vejo na verdura,
Cujo divino gesto o Ceo namora.
Huma de desusada formosura,
Que das outras parece ser Senhora.
Sobre hum triste sepulchro, não cessando,
Está perlas dos olhos destillando.

De todas estas altas semidêas,
Qu'em torno estão do corpo sepultado,
Humas, regando as humidas arêas,
De flores tẽe o tumulo adornado;
Outras, queimando lagrimas Sabêas,
Enchem o ar de cheiro sublimado;
Outras em ricos pannos, mais avante,
Envolvem brandamente hum novo infante.

Huma, que d'entre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristecêrão,
Diz, que despois que a morte a flor cortou
Que as estrellas sómente merecêrão,
Este penhor charissimo ficou
Daquelle, a cujo imperio obedecêrão
Douro, Mondego, Tejo e Guadiana,
Até o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que se encontrar este menino
A noite intempestiva, amanhecendo,
O Tejo, agora claro e crystallino,
Tornará a fera Alecto em vulto horrendo:
Mas que, a ser conservado do Destino,
As benignas estrellas promettendo
Lh'estão o largo pasto de Ampelusa,
Co'o monte que em máo ponto vio Medusa.

Este prodigio grande a Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita.
Porém, qual a eclipsada clara estrella,
Qu'entre as outras o Ceo primeiro habita:
Tal coberta de negro vejo aquella,
A quem só n'alma toca a grã desdita.
Dá cá, Frondelio, a mão; e sobe a ver
Tudo o mais qu'eu de dor não sei dizer.

FRONDELIO

Oh triste morte, esquiva e mal olhada,
Que a tantas formosuras injurías!
Áquella deosa bella e delicada
Sequer algum respeito ter devias.

Esta he, por certo, Aonia filha amada
Daquelle grã Pastor, qu'em nossos dias
Danubio enfreia, manda o claro Ibero,
E espanta o morador do Euxino fero.

Morreo-nos o excellente e poderoso,
(Que a isto está sujeita a vida humana)
Doce Aonio, d'Aonia charo Esposo.
Ah lei dos fados, aspera e tyrana!
Mas o som peregrino e piedoso,
Com que a formosa Nympha a dor engana,
Escuta hum pouco. Nota e vê, Umbrano,
Quão bem que sôa o verso Castelhano.

AONIA

Alma, y primero amor del alma mia,
Espíritu dichoso, en cuya vida
La mia estuvo en cuanto Dios queria!
Sombra gentil de su prision salida,
Que del mundo á la patria te bolviste,
Donde fuiste engendrada y procedida!
Recibe allá este sacrificio triste,
Que te offrecen los ojos que te vieron;
Si la memoria dellos no perdiste.
Que, pues los altos Cielos permitieron,
Que no te acompañase en tal jornada,
Y para ornarse solo á ti quisieron;
Nunca permitirán, que acompañada
De mí no sea esta memoria tuya,
Que está de tus despojos adornada.
Ni dejará, por mas que el tiempo huya,
De estar en mí con sempiterno llanto,
Hasta que vida y alma se destruya.

Mas tú, gentil Espíritu, entretanto
Que otros campos y flores vas pisando,
Y otras zampoñas oyes, y otro canto;
Agora embevecido estés mirando
Allá en el Empireo aquella Idea,
Que el mundo enfrena y rige con su mando;
Agora te posuya Citherea
En el tercero asiento, ó porque amaste,
Ó porque nueva amante allá te sea;
Agora el sol te admire, si miraste
Como vá por los Signos, encendido,
Las tierras alumbrando que dejaste:
Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mí, ó fué en tu mano
No pasar por lás aguas del olvido;
Buelve un poco los ojos á este llano,
Verás una, que á ti con triste lloro
Sobre este mármol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los Signos de oro
Lágrimas y gemidos amorosos,
Que muevan el supremo y santo coro;
La lumbre de tus ojos tan hermosos
Yo la veré mui presto; y podré verte:
Que á pesar de los hados enojosos
Tambien para los tristes hubo muerte.

EGLOGA II

INTERLOCUTORES

ALMENO E AGRARIO

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
N'hum valle d'altas arvores sombrio

Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentára a vida tantos annos
N'hũa amorosa e branda confiança;
Que quem tanto queria,
Parece que não erra, se confia.

A noite escura dava
Repouso aos cansados
Animaes esquecidos da verdura;
O valle triste estava
Co'huns ramos carregados,
Qu'inda a noite fazião mais escura.
Offrecia a espessura
Hum temeroso espanto:
As roucas rãas soavão
N'hum charco de agua negra, e ajudavão
Do passaro nocturno o triste canto:
O Tejo com som grave
Corria mais medonho que suave.

Como toda a tristeza
No silencio consiste,
Parecia que o valle estava mudo.
E com esta graveza
Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena,

Para poder soffrella,
Estar imaginando a causa della;
Qu'em tanto mal he cura bem pequena.
Maior o he o tormento,
Que toma por allívio hum pensamento.

Ao rio se queixava
Com lagrimas em fio,
Com que as ondas crescião outro tanto.
Seu doce canto dava
Tristes aguas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto.
Ao sonoroso pranto,
Que as aguas enfreava,
Responde o valle umbroso.
De tanta voz o accento temeroso
Na outra parte do rio retumbava;
Quando, da phantasia
O silencio rompendo, assi dizia:

Corre suave e brando
Com tuas claras ágoas,
Sahidas de meus olhos, doce Tejo;
Fé de meus males dando,
Para que minhas mágoas
Sejão castigo igual de meu desejo:
Que, pois em mim não vejo
Remedio, nem o espero;
E a morte se despreza
De me matar, deixando-me á crueza
Daquella por quem meu tormento quero;
Saiba o mundo meu dano,
Porque se desengane em meu engano.

Ja que minha ventura,
Ou a causa qu'a ordena,
Quer qu'em pago da dor tome o soffrella;
Será mais certa cura
Para tamanha pena
Desesperar d'haver ja cura nella.
Porque se minha estrella
Causou tal esquivança,
Consinta meu cuidado
Que me farte de ser desesperado,
Para desenganar minha esperança:
Pois sómente nasci
Para viver na morte, e ella em mi.

Não cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Pois aqui tẽe hum'alma ao jugo atada:
Nem falte o soffrimento,
Porque parece vício
Para tão doce mal faltar-me nada.
Oh Nympha delicada,
Honra da natureza!
Como pôde isto ser,
Que de tão peregrino parecer
Pudesse proceder tanta crueza?
Não vem de nenhum geito
De causa divinal contrário effeito.

Pois como pena tanta
He contra a causa della?
Fóra he do natural minha tristeza.
Mas a mi que m'espanta?
Não basta (ó Nympha bella)

Que pódes perverter a natureza?
Não he a gentileza
De teu gesto celeste
Fóra do natural?
Não póde a natureza fazer tal:
Tu mesma (ó bella Nympha) te fizeste;
Porém, porque tomaste
Tão dura condição, se te formaste?

Por ti o alegre prado
Me he penoso e duro;
Abrolhos me parecem suas flores.
Por ti do manso gado,
Como de mi, não curo,
Por não fazer offensa a teus amores.
Os jogos dos pastores,
As lutas entr'a rama,
Nada me faz contente:
E sou ja do que fui tão differente,
Que quando por meu nome alguem me chama,
Pasmo, porque conheço
Qu'inda comigo proprio me pareço.

O gado, que apascento,
São n'alma os meus cuidados;
As flores, que no campo sempre vejo,
São no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com qu'estou enganando o meu desejo.
Do frio e doce Tejo
As aguas se tornárão
Ardentes e salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas

Com seu puro licor se misturárão;
Como quando mistura
Hyppanis co'o Exampêo sua agua pura.

Se ahi no mundo houvesse
Ouvires-me algum'hora,
Assentados na praia deste rio;
E d'arte te dissesse
O mal que passo agora,
Que pudesse mover-te o peito frio!...
Oh quanto desvario,
Qu'estou imaginando!
Ja agora meu tormento
Não póde pedir mais ao pensamento,
Qu'este phantasiar, donde penando
A vida me reserva.
Querer mais de meu mal será soberba.

Ja a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto
Da sombra, que as montanhas encobria.
Descansa, frauta, agora,
Pois meu escuro canto
Não merece que veja o claro dia.
Não canse a phantasia
D'estar em si pintando
O gesto delicado,
Em quanto traz ao pasto o manso gado
Esse pastor, que lá só vem fallando.
Callar-me-hei sómente;
Que o meu mal nem ouvir se me consente.

AGRARIO

Formosa manhãa clara e deleitosa,
Que, como fresca rosa na verdura,
Te mostras bella e pura, marchetando
As Nymphas, espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos; tu só fazes,
Quando a sombra desfazes triste e escura,
Formosa a espessura e a clara fonte,
Formoso o alto monte e o rochedo,
Formoso o arvoredo e deleitoso,
E emfim tudo formoso co'o teu rosto
D'ouro e rosas composto e claridade;
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando em hum momento o rôxo dia,
Com a doce harmonia nos cantares
Dos passaros a pares, que voando
Seu pasto andão buscando nos raminhos,
Para os amados ninhos que mantém.
Oh grande e summo bem da natureza!
Estranha subtileza de pintora,
Que matiza em hum'hora, de mil cores
O ceo, a terra, as flores, monte e prado!
Oh tempo ja passado! quão presente
Te vejo abertamente na vontade!
Quão grande saudade tenho agora
Do tempo que a pastora minha amava,
E de quanto prezava a minha dor!
Então tinha o amor maior poder,
Quando em hum só querer nos igualava;
Porque quando hum amava a quem queria,
Logo eco respondia d'affeição
No brando coração da doce imiga.

Nesta amorosa liga concertavão
Os tempos, que passavão com prazeres.
Mostrava a flava Ceres por as eiras
Das brancas sementeiras ledo fruto,
Pagando seu tributo aos Lavradores;
E enchia aos pastores todo o prado
Pales do manso gado guardadora.
Hião Zéphyro e Flora passeando,
Os campos esmaltando de boninas;
Nas fontes cristallinas triste estava
Narciso, qu'inda olhava n'agua pura
Sua linda figura e delicada:
Mas Eco, namorada de tal gesto,
Com pranto manifesto, seu tormento
No derradeiro accento lamentava.
Alli tambem se achava o sangue tinto
Do purpureo jacintho; e o destroço
De Adonis bello moço; morte fêa
Da bella Cytherêa tão chorada;
Toda a terra esmaltada destas rosas.
Hião Nymphas formosas por os prados;
E os Faunos namorados apoz ellas,
Mostrando-lhes capellas de mil cores,
Ordenadas das flores que colhião:
As Nymphas lhe fugião espantadas,
As faldas levantadas, por os montes.
Via-se a agua das fontes espalhar-se;
Vertumno transformar-se alli se via;
Pomona, que trazia os doces fruitos;
Alli pastores muitos, que tangião
Gaitas, que bem se ouvião, e cantando
Estavão enganando as suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio.

Ouvia-se Salicio lamentar-se;
Da mudança queixar-se crua e fêa
Da dura Galathêa, tão formosa:
E da morte invejosa Nemoroso
Ao monte cavernoso se querella,
Que a sua Elisa bella em pouco espaço
Cortou inda em agraço. Ah dura sorte!
Oh immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tẽe jamais perdoas!
Mas tu, tempo, que voas apressado,
Hum deleitoso estado quão asinha
Nesta vida mesquinha transfiguras
Em mil desaventuras, e a lembrança
Nos deixas por herança do que levas!
Assi que se nos cevas com prazeres,
He para nos comeres no melhor.
Cada vez em peor te vás mudando:
Quanto vẽes inventando, qu'hoje approvas,
Logo á manhãa reprovas com instancia.
Oh perversa inconstancia e tão profana
De toda cousa humana, inferior,
A quem o cego error sempre anda annexo!
Mas eu de que me queixo? ou eu que digo?
Vive o tempo comigo? ou elle tem
Culpa no mal que vem dà cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende
Aquillo que defende o ser divino?
Elle usa de contino seu officio,
Que ja por exercicio lhe he devido:
Dá-nos fructo colhido na sazão
Do formoso verão; e no inverno,
Com seu humor eterno congelado,
Do vapor levantado co'a quentura

Do sol, a terra dura lhe dá alento,
Para que o mantimento produzindo,
Estê sempre cumprindo seu costume.
Assi que não consume de si nada,
Nem muda da passada vida hum dedo:
Antes sempre está quedo no devido,
Porqu'este he seu partido e sua usança;
E nelle esta mudança he mais firmeza.
Mas quem a Lei despreza, e pouco estima,
De quem de lá de cima está movendo
O Ceo sublime e horrendo, o mundo puro,
Este muda o seguro e firme estado
Do tempo, não mudado de verdade.
Não foi naquella idade d'ouro claro
O firme tempo charo e excellente?
Vivia então a gente moderada;
Sem ser a terra arada dava pão;
Sem ser cavado o chão as fructas dava;
Nem aguas desejava, nem quentura;
Suppria então natura o necessario.
Pois quem foi tão contrário a esta vida?
Saturno, que, perdida a luz serena,
Causou, qu'em dura pena, desterrado,
Fosse do Ceo lançado, onde vivia;
Porque os filhos comia, que gerava.
Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal: e assi descendo
Nos veio, emfim, trazendo a este estado.
Mas eu, desatinado, aonde vou?
Para onde me levou a phantasia?
Qu'estou gastando o dia em vãas palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando
Ao Tejo claro e brando; porque achar

No mundo qu'emendar, não he d'agora:
Basta que a vida fóra delle tenho:
Com meu gado me avenho, e estou contente.
Porém, se me não mente a vista, eu vejo
Nesta praia do Tejo estar deitado
Almeno, que enlevado em pensamentos,
As horas e os momentos vai gastando:
Vou-me a elle chegando, só por ver
Se poderei fazer que o mal que sente,
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

ALMENO

Oh doce pensamento! oh doce gloria!
São estes por ventura os olhos bellos,
Que tẽe de meus sentidos a victoria?
São estas, Nympha, as tranças dos cabellos,
Que fazem de seu preço o ouro alheio,
Como a mi de mi mesmo só com vellos?
He esta a alva columna, o lindo esteio,
Sustentador das obras mais que humanas,
Qu'eu nestes braços tenho, e não o creio?
Ah falso pensamento, que me enganas!
Fazes-me pôr a boca onde não devo,
Com palavras de doudo, ou quasi insanas!
Como a alçar-te tão alto assi me atrevo?
Taes azas dou-tas eu, ou tu mas dás?
Levas-me tu a mi, ou eu te levo?
Não poderei eu ir onde tu vás?
Porém, pois ir não posso onde tu fores,
Quando fores, não tornes onde estás.

AGRARIO

Oh que triste successo foi de amores,
O que a este pastor aconteceo,
Segundo ouvi contar a outros pastores!
Tanto emfim, por seu damno se perdeo,
Que o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino Amor lh'o convérteo.
Oh forçoso vigor do pensamento,
Que póde em outra cousa estar mudando
A fórma, a vida, o siso, o entendimento!
Está-se hum triste amante transformando
Na vontade daquella, que tanto ama,
De si a propria essencia transportando.
E nenhum'outra cousa mais desama,
Que a si, se vê qu'em si ha algum sentido,
Que deste fogo insano não se inflama.
Almeno, que aqui 'stá tão influido
No phantastico sonho, que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido,
Está-se-lhe pintando, de enlevado,
Que tẽe ja da phantastica pastora
O peito diamantino mitigado.
Em este doce engano estava agora
Fallando como em sonho, mas achando
Ser vento o que sonhava, grita e chora.
Dest'arte andavão sonhos enganando
O pastor somnolento, que a Diana
Andava entre as ovelhas celebrando;
Dest'arte a nuvem falsa, em fórma humana,
O vão pae dos Centauros enganava:
(Que Amor quando contenta, sempre engana)
Como este, que comsigo só fallava,

Cuidando que fallava, de enleado,
Com quem lhe o pensamento figurava.
Não póde quem quer muito, ser culpado
Em nenhum êrro, quando vem a ser
Este amor em doudice transformado.
Amor não será amor, se não vier
Com doudices, deshonras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer e desprazer;
Perigos, linguas más, murmurações
Ciumes, arruidos, competencias,
Temores, nojos, mortes, perdições.
Estas são verdadeiras penitencias
De quem põe o desejo onde não deve,
De quem engana alheias innocencias.
Mas isto tẽe o amor, que não se escreve
Senão donde he illicito e custoso;
E donde he mais o risco, mais se atreve.
Passava o tempo alegre e deleitoso
O Troiano pastor, em quanto andava
Sem ter alto desejo e perigoso.
Seus furiosos touros coroava,
E nos álamos altos escrevia
Teu nome (Enone) quando a ti só amava.
Os álamos crescião, e crescia
O amor qu'elle te tinha: sem perigo,
E sem temor, contente te servia.
Mas despois que deixou entrar comsigo
Illicito desejo e pensamento,
De sua quietação tão inimigo;
A toda a patria poz em detrimento
Com mortes de parentes e de irmãos,
Com crú incendio, e grande perdimento,
Nisto fenecem pensamentos vãos:

Tristes serviços mal galardoados,
Cuja glória se passa d'entre as mãos.
Lagrimas e suspiros arrancados
D'alma, todos se pagão com enganos:
E oxalá forão muitos enganados!
Andão com seu tormento tão ufanos,
Que gastão na doçura d'hum cuidado
Apoz huma esperança muitos anos.
E tal ha tão perdido namorado,
Tão contente co'o pouco, que daria
Por hum só volver d'olhos todo o gado.
Em todo povoado e companhia,
Sendo ausentes de si, se vem presentes
Com quem lhes pinta sempre a phantasia.
Co'hum certo não sei que andão contentes,
E logo hum nada os torna, ao contrário,
De todo ser humano differentes.
Oh tyrannico Amor, oh caso vario,
Que obrigas a hum querer que sempre seja
De si contínuo e áspero adversario!
E qu'outr'hora nenhuma alegre esteja,
Senão quando do seu despojo amado
Sua inimiga estar triumphando veja.
Quero fallar com este, qu'enredado
Nesta cegueira está sem nenhum tento.
Acorda ja, pastor, desacordado.

ALMENO

Oh porque me tiraste hum pensamento,
Que agora estava aos olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce mantimento?

AGRARIO

Nesta imaginação estás gastando
O tempo e vida, Almeno? Perda grande!
Não vês quão mal os dias vás passando?

ALMENO

Formosos olhos, ande a gente e ande;
Que nunca vos ireis dest'alma minha,
Por mais qu'o tempo corra, a morte o mande.

AGRARIO

Quem poderá cuidar que tão asinha
Se perca o curso assi do siso humano.
Que corre por direita e justa linha?
Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno meu, não he por certo aviso;
He só doudice grande, grande engano.

ALMENO

Ó Agrario meu, que vendo o doce riso,
E o rosto tão formoso, como esquivo,
O menos que perdi foi todo o siso.
E não entendo, desque sou captivo,
Outra cousa de mi, senão que mouro:
Nem isto entendo bem, pois inda vivo.
Á sombra deste umbroso e verde louro
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louvores dos cabellos d'ouro.
Se perguntares porque são choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Revolvendo memorias magoadas;
Desque perdi da vida o claro lume,

E perdi a esperança e causa della,
Não chóro por razão, mas por costume.
   Jamais pude co'o fado ter cautella;
Nem houve nunca em mi contentamento,
Que não fosse trocado em dura estrella.
   Que bem livre vivia e bem isento,
Sem qu'ao jugo me visse submettido
De nenhum amoroso pensamento!
   Lembra-me, amigo Agrario, que o sentido
Tão fóra d'amor tinha, que me ria
De quem por elle via andar perdido.
   De várias cores sempre me vestia;
De boninas a fronte coroava;
Nenhum pastor cantando me vencia.
   A barba então nas faces me apontava;
Na luta, na carreira, em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.
   Da minha idade tenra, em tudo estranha,
Vendo (como acontece) affeiçoadas
Muitas Nymphas do rio e da montanha;
   Com palavras mimosas e forjadas,
De solta liberdade e livre peito,
As trazia contentes e enganadas.
   Mas não querendo Amor, que deste geito
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle criou tão puro affeito;
   Pouco a pouco me foi de mi levando
Dissimuladamente ás mãos de quem
Toda esta injúria agora está vingando.

AGRARIO

   Deste teu caso, Almeno, eu sei mui bem
O princípio e o fim; que Nemoroso

Contado tudo isso, e mais, me tem.
Mas (quero-te dizer) se este enganoso
Amor he tão usado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso;
Ja que nelle estes casos são tão certos,
Porqu'os estranhas tanto, que de mágoa
Te chórão valles, montes e desertos?
Vejo-te estar gastando em viva fragoa,
E juntamente em lagrimas; vencendo
A grã Sicilia em fogo, o Nilo em ágoa.
Vejo que as tuas cabras, não querendo
Gostar as verdes hervas, se enmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos, que co'o tempo reverdecem,
Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo, parece, se entristecem.
De todos teus amigos e parentes,
Que lá da serra vem por consolar-te,
Sentindo na alma a pena, que tu sentes,
Se querem de teus males apartar-te,
Deixando a choça e gado vás fugindo,
Como cervo ferido, a outra parte.
Não vês que Amor, as vidas consumindo,
Vive só de vontades enlevadas
No falso parecer d'hum gesto lindo?
Nem as hervas das aguas desejadas
Se fartão; nem de flores as abelhas;
Nem este Amor de lagrimas cansadas.
Quantas vezes, perdido entr'as ovelhas,
Chorou Phebo de Daphne as esquivanças,
Regando as flores brancas e vermelhas?
Quantas vezes as ásperas mudanças
O namorado Gallo tẽe chorado

De quem o tinha envolto em esperanças?
  Estava o triste amante recostado,
Chorando ao pé d'hum freixo o triste caso,
Que o falso Amor lhe tinha destinado.
  Por elle o sacro Pindo e o grão Parnaso,
Na fonte de Aganippe destillando,
Se fazião de lagrimas hum vaso.
  O intonso Apollo o vinha alli culpando,
A sobeja tristeza perigosa
Com ásperas palavras reprovando.
  Gallo, porqu'endoudeces? que a formosa
Nympha, que tanto amaste, descobrindo
Por falsa a fé, que dava, e mentirosa;
  Pór as Alpinas neves vai seguindo
Outro bem, outro amor, outro desejo;
Como inimiga, emfim, de ti fugindo.
  Mas o misero amante, que o sobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fé vergonha ou pejo;
  Da falsífica Nympha não sentia
Senão que o frio do gelado Rheno
Os delicados pés lhe offenderia.
  Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
Que d'Amor os desastres são de sorte,
Que para matar basta o mais pequeno,
  Porque não pões hum freio a mal tão forte,
Qu'em estado te põe, que sendo vivo,
Ja não se entende em ti vida nem morte?

ALMENO

  Agrario; se do gesto fugitivo,
Por caso de fortuna desastrado,
Algum'hora deixar de ser captivo:

Ou sendo para as Ursas degradado,
Adonde Boreas têe o Oceano
Co'os frios Hyperboreos congelado;
Ou donde o filho de Climene insano,
Mudande a côr das gentes totalmente,
As terras apartou do trato humano;
Ou se ja por qualquer outro accidente
Deixar este cuidado tão ditoso,
Por quem sou de ser triste tão contente;
Este rio, que passa deleitoso,
Tornando para traz, irá negando
Á natureza o curso pressuroso.
As cabras por o mar irão buscando
Seu pasto; e andar-se-hão por a espessura
Das hervas os delfins apascentando.
Ora se tu vês, n'alma quão segura
Deste amor tenho a fé, para qu'insistes
Nesse conselho e prática tão dura?
Se de tua porfia não desistes,
Vae repastar teu gado a outra parte;
Qu'he dura a companhia para os tristes.
Huma só cousa quero encomendar-te,
Para repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo, emfim, de mi te aparte:
Que s'esta fera, qu'anda em traje humano,
Por a montanha vires ir vagando,
De meu despojo rica e de meu dano,
Com os vivos espritos inflammando
O ar, o monte e a serra, que comsigo
Continuamente leva namorando;
Se queres contentar-me, como amigo,
Passando, lhe dirás: Gentil pastora,
Não ha no mundo vicio sem castigo.

Tornada em puro marmore não fôra
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto angelico algum'hora.
Foi bem justo o castigo rigoroso:
Porém quem te ama (Nympha) não queria
Nódoa tão feia em gesto tão formoso.

AGRARIO

Tudo farei, Almeno, e mais faria
Por algum dia ver-te descansado,
Se s'acabão trabalhos algum dia.
Mas bem vês como Phebo ja empinado
Me manda que da calma iniqua e crua,
Recolha em algum valle o manso gado.
Tu nessa phantasia falsa e nua,
Para engano maior de teu perigo,
Não queres companhia mais que a sua.
Vou-me d'aqui, e fique Deos comtigo;
E ficarás melhor acompanhado.

ALMENO

Elle comtigo vá, comó comigo
Me fica acompanhando o meu cuidado.

EGLOGA III

INTERLOCUTORES

ALMENO E BELISA

Passado ja algum tempo que os amores
D'Almeno, por seu mal, erão passados,
Porque nunca Amor cumpre o que promette;
Entr'huns verdes ulmeiros apartado,

Regando por o campo as brancas flores.
Em lagrimas cansadas se derrete:
Quando a linda pastora, que compete
Co'o monte em aspereza,
Co'o prado em gentileza,
Por quem o pastor triste endoudecia,
Por a praia do Tejo discorria
A lavar a beatilha e o trançado:
O sol ja consentia
Que sahisse da sombra o manso gado.

Ja acordado daquelle pensamento
Que tão desacordado sempre o teve,
Vio por acêrto o bem, que incerto tinha.
E porque donde amor a mais se atreve,
Alli mais enfraquece o entendimento,
Não lhe soube dizer o que convinha.
Como homem que á aprazada briga vinha,
A quem de fóra engana
A confiança humana,
E despois, vendo o rosto a quem resiste,
Treme, e teme o perigo e não insiste;
Ja se arrepende, a audacia lhe fallece:
Dest'arte o pastor triste
Ousa, receia, esforça e enfraquece.

E tendo assi ja attonito o sentido,
Cometteo com furor desatinado,
E tirou da fraqueza coração.
Commettimento foi desesperado:
Qu'huma só salvação tẽe hum perdido,
Perder toda a esperança á salvação.
As mágoas, que passárão, se dirão:

Mas as qu'ella dizia,
Lembrando-lhe que via
As aguas murmurar do Tejo amenas.
Remetto a vós, ó Tagides Camenas;
Qu'eu, de mágoa, não posso dizer tanto;
Porqu'em tamanhas penas
Me cansa a penna, e a dor m'impede o canto.

BELISA

Que alegre campo e praia deleitosa!
Quão saudosa faz esta espessura
A formosura angelica e serena
Da tarde amena! Quão saudosamente
A sesta ardente abranda, suspirando,
De quando em quando o vento alegre e frio!
No fundo rio os mudos peixes sáltão;
Os ceos se esmaltão todos d'ouro e verde,
E Phebo perde a fôrça da quentura.
Por a espessura levão, passeando,
O gado brando ao som das çanfoninas,
Pizando as finas e formosas flores,
Os Guardadores, que cantando o gesto
Formoso e honesto das pastoras qu'amão,
Por o ar derramão mil suspiros vãos.
Hum louva as mãos, louva outro os raios bellos,
Outro os cabellos d'ouro, em som suave:
E a amorosa ave leva o contraponto.
Mas oh que conto e saudosa historia
Que na memoria aqui se m'offrece!
Se não m'esquece, ja deste lugar
Ouvi soar os valles algum dia,
E respondia o eço o nome em vão
N'hum coração, *Belisa* retumbando.

Estou cuidando como o tempo passa,
E quão escaça he toda alegre vida;
E quão comprida, quando he triste e dura.
Nesta 'spessura longo tempo amei:
Se m'enganei com quem do peito amava,
Não me pezava de ser enganada.
Fui salteada, emfim, d'hum pensamento,
Que hum movimento tinha casto e são.
Conversação foi fonte dest'engano
Que, por meu dano, entrou com falsa côr.
Porque o amor na Nympha, que he segura,
Entra em figura de vontade honesta.
Mas que me presta agora dar desculpa?
Pois se houve culpa, foi do firme amor
Só, n'hum pastor, que nunca sol nem lũa,
Ou serra algũa, desde o Ibero ao Indo,
Outro tão lindo vírão, tão manhoso.
Nest'amoroso estado, e fé que tinha
Nest'alma minha tão secretamente,
Vivi contente, amando e encobrindo.
Elle fingindo mentirosos danos,
Que são enganos que não custão nada;
Tendo alcançada ja no entendimento
A fé e intento meu só nelle posto;
(Que logo o rosto mostra os corações,
E as affeições co'os olhos se praticão
Que mais publicão muito, que palavras)
Com suas cabras sempre á parte vinha,
Ond'eu mantinha os olhos do desejo.
Tu, manso Tejo, e tu, florído prado,
Do mais passado, emfim, que aqui não digo,
Sereis, m'obrigo, testimunho certo;
Pois descoberto vos foi tudo e claro.

Oh tempo avaro! oh sorte nunca igual!
Quão grande mal quereis á humana gente!
Porque hum contente estado assi trocastes?
Vós me tirastes do meu peito isento
O pensamento honesto e repousado,
Ja dedicado ao côro de Diana;
Vós n'huma ufana vida me puzestes,
E alli quizestes que gozasse o dano
Do doce engano, que se cháma amor,
Com cujo error passava o tempo ledo:
E vós tão cedo me tirais hum bem,
Que Amor ja tem impresso n'alma minha,
Despois qu'a tinha envolta em esperanças;
E com lembranças tristes me deixais?
Mal me pagais a fé que sempre tive.
Mas assi vive quem sem dita nace.
Mas ja a face alegre o sol esconde;
E não responde alguem a tantas mágoas,
Senão as aguas, que dos olhos sahem.
As sombras cahem; vão-se as alimarias,
Fartas das várias hervas, seu caminho;
Buscão seu ninho os passaros sem dono:
Ja por o sono esquecem o comer.
Quero esquecer tambem tão doce historia,
Pois he memoria que traz mór cuidado.
Isto he passado; e se me deo paixão,
Os dias vão gastando o mal e o bem;
E não convém querer-me magoar
Do qu'emendar não posso ja com mágoas.
Nas claras aguas deste rio brando,
Que vão regando o valle matizado,
Este trançado lavar quero emfim;
Que ja de mim m'esqueço co'a lembrança

Desta mudança, qu'esquecer não sei:
Bem qu'eu verei mudar a opinião,
Pois homens são: a quem o esquecimento
Depressa faz mudar o pensamento.

ALMENO

Se a vista não m'engana a phantasia,
Como já m'enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me soffria:
Parece-me, que vejo estar lavando
Huma Nympha algum véo no claro Tejo,
Que se m'está Belisa figurando.
Não póde ser verdade isto que vejo:
Que facilmente aos olhos se figura
Aquillo que se pinta no desejo.
Oh acontecimento, qu'a ventura
Me dá para mór damno! Esta he, certo;
Que não he d'outrem tanta formosura.
Se poderei fallar-lhe de mais perto?
Mas fugir-me-ha. Não póde ser; qu'o rio
Para acolá não tẽe caminho aberto.
Oh temor grande! oh grande desvario,
Qu'a voz m'impede, e a lingua negligente
Assi m'está tornando, e o peito frio!
De quanto me sobeja, estando ausente,
Que para lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta quando estou presente.
Oh aspecto suave e peregrino!
Pois como? tão asinha assi s'esquece
Huma fé verdadeira, hum amor fino?

BELISA

Oh altas semideas! pois padece
Em vosso rio a honra delicada
De quem tamanha fôrça não merece:
Ou seja por vós, Nymphas, preservada;
Ou em arvore alguma, ou pedra dura
Me deixai velozmente transformada.

ALMENO

Ah Nympha! não te mudes a figura:
Nem vós, deosas, queirais qu'eu seja parte
De se mudar tão rara formosura.
Porqu'a quem falta a voz para fallar-te,
E a quem falta o despejo da ousadia,
Tambem faltarão mãos para tocar-te.

BELISA

Que me queres, Almeno, ou que porfia
Foi a tua tão áspera comigo?
Minha vontade não to merecia.
Se com amor o fazes, eu te digo,
Qu'amor, que tanto mal me faz em tudo,
Não póde ser amor, mas inimigo.
Não es tu de saber tão falto e rudo,
Que tão sem siso amasses, como amaste.

ALMENO

Onde viste tu, Nympha, amor sisudo?
Porque ja não te lembra que folgaste
Com meus tormentos tristes, e algum'hora
Com teus formosos olhos ja m'olhaste?
Como t'esquece ja (gentil pastora)

Que folgavas de ler nos freixos verdes
O que de ti 'screvia cada hora?
Porqu'a memoria tão á pressa perdes
Do amor que me mostravas, qu'eu não digo,
Se o vós, ó altos montes, não disserdes?
E como te não lembras do perigo,
A que só por m'ouvir t'aventuravas,
Buscando horas de sesta, horas d'abrigo?
Co'a maçãa da discordia me tiravas;
Qu'a Venus, qu'a ganhou por formosura,
Tu, como mais formosa, lha ganhavas.
E escondendo-te logo na 'spessura,
Hias fugindo, como vergonhosa
Da namorada e doce travessura.
Não era esta a maçãa d'ouro formosa
Com qu'encoberta assi d'astucia tanta
Cydippe s'enganou por cubiçosa,
Nem a que o curso teve d'Atalanta;
Mas era aquella, com que Galathêa
O pastor captivou, como elle canta.
Se más tentações puzerão nodoá fêa
Em nosso firme amor, d'inveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alhêa?
Quem desta fé, quem dest'amor não cura,
Nunca teve sujeito o coração;
Que o firme amor com a alma eterna dura.

BELISA.

Mal conheces, Almeno, huma affeição;
Que s'eu desse amor tenho esquecimento,
Meus olhos magoados to dirão.
Mas teu sobejo e livre atrevimento,

E teu pouco segredo, descuidando,
Foi causa deste longo apartamento.
   Vês as Nymphas do Tejo, que mudando
Me vão ja pouco a pouco, o claro gesto
N'outra mais dura fórma traspassando.
   Hum só segredo meu te manifesto:
Que te quiz muito em quanto Deus queria;
Mas de pura affeição, d'amor honesto.
   E pois de teus descuidos e ousadia
Nasceo tão dura e áspera mudança,
Folgo; que muitas vezes to dizia.
   Fica-te embora, e perde a confiança
De ver-me nunca mais, como ja viste:
Que assi se desengana huma esperança.

ALMENO

   Oh duro apartamento! oh vida triste!
Oh nunca acontecida desventura!
Pois como, Nympha? assi te despediste?
   Assi s'ha d'ir tornando (ah sorte dura!)
Nesta sylvestre e áspera rudeza
Tão branda e excellente formosura?
   Tua nunca entendida gentileza,
E teus membros assi se transformárão,
Negando-se-lhe a propria natureza?
   Dest'arte os teus cabellos se tornárão
(Deixando ja seu preço ao ouro fino)
Em folhas, que a côr tẽe do que negárão?
   S'este consentimento foi divino,
Consinta-me tambem que perca a vida,
Antes que a mais m'obrigue o desatino.
   Pois se a fortuna sempre embravecida

Em meu tormento tanto se desmede,
Não viva mais hum'alma tão perdida.
  E vós, feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartae ja de meu sangue vossa sêde.
  E vós, pastores rudos deste outeiro,
Porque a todos, emfim, se manifeste
Que cousa he amor puro e verdadeiro;
  Á sombra deste funebre cypreste
Me fareis hum sepulchro sem arrêo
De boninas que o prado ameno veste.
  As desusadas musicas de Orphêo
Aqui me cantareis; e desta sorte
Não haverei inveja ao mausolêo.
  E porqu'a minha cinza se conforte,
Em vossos metros doces e suaves
As exequias direis de minha morte.
  Alli responderão as altas aves,
Não módulas no canto nem lascivas,
Mas de dor ora roucas, ora graves.
  Não correrão as aguas fugitivas,
Alegres por aqui, mas saúdosas,
Que pareça que vem dos olhos vivas.
  Nascerão por as praias deleitosas
Os ásperos abrolhos em lugar
Dos rôxos lirios, das pudicas rosas.
  Não trarão as ovelhas a pastar
De redor do sepulchro os guardadores;
Pois nada comerião de pezar.
  Virão os Faunos, guarda dos pastores,
Se morri por amores, perguntando;
Responderão os ecos: *Por amores.*
  Dos que por aqui forem caminhando,

Hum epitaphio triste se lerá,
Qu'esteja minha morte declarando.
  E no tronco de huma arvore estará,
N'huma rude cortiça pendurado,
Escripto co'huma fouce, e assi dirá:
  Almeno fui, pastor de manso gado,
Em quanto o consentio minha ventura,
De Nymphas e pastores celebrado.
  Se algum dia, por caso, na espessura
Se perder o amor e a affeição,
Tirem a pedra desta sepultura,
  E em figura de cinza os acharão.

EGLOGA IV

INTERLOCUTORES

FRONDOSO E DURIANO

Cantando por hum valle docemente
Descião dous pastores, quando Phebo
No reino Neptunino se escondia:
De idade cada qual era mancebo;
Mas velho no cuidado, e descontente
Do que lh'elle causava parecia.
O que cada hum dizia
Lamentando seu mal, seu duro fado,
Não sou eu tão ousado,
Que o pretenda cantar sem vossa ajuda:
Porque se a minha ruda
Frauta deste favor vosso for dina,
Posso escusar a fonte Caballina.

Em vós tenho Helicon, tenho Pegáso;
Em vós tenho Calliope e Thalia;

E as outras sete irmãas, co'o fero Marte;
Em vós deixou Minerva sua valia;
Em vós estão os sonhos do Parnaso;
Das Pierides em vós s'encerra a arte.
Com qualquer pouca parte,
Senhora, que me deis d'ajuda vossa
Podeis fazer, qu'eu possa
Escurecer ao sol resplandecente:
Podeis fazer, que a gente
Em mi do grão poder vosso s'espante;
E que vossos louvores sempre cante.

Podeis fazer que cresça d'hora em hora
O nome Lusitano, e faça inveja
A Esmirna, que d'Homero s'engrandece.
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na ruda frauta o que a sonora
Cithara Mantuaná só merece.
Ja agora me parece,
Que podem começar os meus pastores
A cantar seus amores.
Porqu'inda que presentes não estejão
As qu'elles ver desejão,
Mudança de lugar, menos d'estado,
Não muda hum coração do seu cuidado.

Ja deixava dos montes a altura,
E nas salgadas ondas s'escondia
O sol, quando Frondoso e Duriano,
Ao longo d'hum ribeiro, que corria
Por a mais fresca parte da verdura,
Claro, suave e manso, todo o ano,
Lamentando seu dano,

Vinhão ja recolhendo o manso gado.
Hum estava callado,
Em quanto hum pouco o outro se queixava;
Apoz elle tornava
A dizer de seu mal o que sentia;
E em quanto este fallava, aquelle ouvia.

Vinhão-se assi queixando aos penedos,
Aos sylvestres montes e á aspereza,
Que quasi de seus males se doião.
Alli as pedras perdião a dureza;
Alli correntes rios estar quedos,
Promptos ás suas queixas parecião.
Sómente as que podião
Estes males curar, pois os causavão,
O ouvido lhes negavão,
Por perderem de todo a esperança:
Mas elles, que mudança
D'amor com tantos damnos não fazião,
Com ellas fallando inda, assi dizião:

PRONDOSO

Isto he o que aquella verdadeira
Fé, com que t'amei sempre, merecia,
Sem nunca te deixar hum só momento?
Como (cruel Belisa) t'esquecia
Hum mal, cuja esperança derradeira
Em ti só tinha posto o seu assento?
Não vias meu tormento?
Não vias tu a fé, com que t'amava?
Porque não t'abrandava
Est'amor, que me tu tão mal pagaste?

Mas pois ja me deixaste
Co'a esperança de ti toda perdida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Se os males que por ti tenho soffrido
(Oh Silvana, em meus males tão constante!)
Quizesses que algum'hora te dissera,
Inda que, qual durissimo diamante,
Fôra o teu cruel peito endurecido,
Creio que a piedade te movêra.
Ja agora em branda cera
Os montes são tornados e os penedos;
E os rios, qu'estão quedos,
Sentírão meus suspiros, minhas queixas.
Tu só, cruel, me deixas,
Qu'es mais, que montes e penedos, dura,
E fugitiva mais qu'a fonte pura.

FRONDOSO

Ond'está aquella falla, que sohia
Só com seu doce tom, que me chegava,
Avivar-me os espiritos cansados?
Onde está o olhar brando, que cegava
O sol resplandecente ao meio dia?
Ond'estão os cabellos delicados,
Que ao vento espalhados
Escurecião o ouro, a mi matavão;
E a quantos os olhavão,
Causavão tambem novos accidentes?
Porque, cruel, consentes
Qu'outro goze da gloria a mi devida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Nenhum bem vejo, que a meu mal espere,
Senão fosse esperar que morte dura
Me venha emfim a dar a saudade.
Vejo faltar-me a tua formosura;
A vontade me diz que desespere,
Còntradiz-me a razão esta vontade.
Diz qu'em huma beldade,
Em quem mostrou o cabo a natureza,
Não ha tanta crueza,
Qu'hum tão constante amor desprezar queira,
E fé tão verdadeira;
Mas tu, que de razão jamais curaste,
Porqu'era dar-me a vida, ma tiraste.

FRONDOSO

A quem, Belisa ingrata, t'entregaste?
A quem déste, cruel, a formosura,
Qu'a meu tormento só, só se devia?
Porqu'huma fé deixaste, firme e pura?
Porque tão sem respeito me trocaste,
Por quem só nem olhar-te merecia?
O bem que t'eu queria,
E que não perderei senão por morte,
Não he de maior sorte,
Que quanto a cega gente estima e preza?
Só a tua crueza
Foi nisto contra mi endurecida.
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Levaste-me o meu bem n'hum só momento;
Levaste-me com elle juntamente

De cobrá-lo jamais a confiança:
Deixaste-me em lugar delle sómente
Huma contínua dor, hum grão tormento,
Hum mal, de que não póde haver mudança.
Tu, qu'eras a esperança
Dos males que, cruel, tu me causaste,
De todo te trocaste,
Com Amor conjurada em minha morte.
Porém se a minha sorte
Consente que por ti seja causada,
Morte não foi máis bem-aventurada.

FRONDOSO

Não nasceste d'alguma pedra dura;
Não te gerou alguma Tigre Hyrcana;
Não te criaste, não, entre a rudeza.
A quem, cruel, sahiste deshumana?
No Ceo formada foi tal formosura,
Onde a mesma brandura he natureza.
Pois, logo, essa dureza
Donde teve princípio, ou a tomaste?
Porque, dura, engeitaste
De hum verdadeiro amor, que tu bem vias,
A fé, que conhecias,
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Vai-se co'o seu pastor o manso gado,
Porque d'amor entende aquella parte,
Qu'a natureza irracional lh'ensina.
O rustico leão sem algum'arte,
Do natural instincto só ensinado,

Aonde sente amor, logo se inclina.
E tu, que de divina
Não tens menos que Venus e Cupido,
Porque sequer co'o ouvido
Hum amor verdadeiro não soccorres?
Ah! porque te não corres
De que o leão te vença em piedade,
Senão te vence Venus na beldade?

FRONDOSO

A mi não me faltava o que se preza
Entre os celestes deoses, que formárão
A tua mais que humana formosura:
Em mi os voluntarios ceos faltárão;
Em mi se perverteo a natureza
D'huma cruel formosa creatura.
Mas, pois, Belisa dura,
Que do mais alto Ceo a nós vieste,
E em teu peito celeste
Hum tal contrário póde aposentar-se,
Não he contrário achar-se
Tamanha fé, tão mal agradecida.
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Por ti a noite escura me contenta;
Por ti o claro dia m'aborrece;
Abrolhos me parecem frescas flores;
A doce Philomela m'entristece:
Todo contentamento m'atormenta
Com a contemplação de teus amores;
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza.

Em mi tua crueza
Faz que o mal cada hora vá dobrando.
Oh cruel! até quando
Ha de durar em ti tal pensamento,
E a vida em mi, que soffre tal tormento?

FRONDOSO

Fugiste d'hum amor tão conhecido,
Fugiste d'huma fé tão clara e firme;
E seguiste a quem nunca conheceste,
Não por fugir d'amor, mas por fugir-me;
Pois bem vês, quanto eu tinha merecido
Esse amor que tu a outro concedeste.
A mi não me fizeste
Alguma semrazão; que bem conheço
Que tanto não mereço:
Fizeste-a áquelle bem firme e sincero
Que sabes que te quero,
Em lhe tirar a gloria merecida.
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Cresce cad'hora em mi mais o cuidado,
E vejo qu'em ti cresce juntamente
Cad'hora mais de mi o esquecimento.
Oh Silvana cruel! porque consente
Esse peito formoso e delicado
Que s'esqueça hum tão aspero tormento?
Tal aborrecimento
Merece hum capital teu inimigo:
Não eu, que só comtigo
Estou contente, e nada mais desejo,
Se algum'hora te vejo.

Tu és hum só meu bem, huma só gloria,
Que nunca se m'aparta da memoria.

FRONDOSO

Olhos que vírão tua formosura;
Vida, que só de ver-te se sostinha;
Vontade, qu'em ti 'stava transformada;
Alma, qu'ess'alma tua em si só tinha,
Tão unida comsigo, quanto a pura
Alma co'o debil corpo está liada;
E que agora apartada
Te vê de si com tal apartamento,
Qual será seu tormento?
Qual será aquelle mal que tẽe presente?
Maior he que o que sente
O triste corpo em ultima partida.
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Regendo em outro tempo o manso gado,
Tangendo a minha frauta nestes vales,
Passava a doce vida alegremente:
Não sentia o tormento destes males;
Menos sentia o mal deste cuidado;
Que tudo então em mi era contente.
Agora não sómente
Desta vida suave m'apartaste,
Mas outra me deixaste,
Que ao duro mal que sinto cá no peito,
Me tẽe ja tão affeito,
Que sinto ja por gloria a minha pena,
Por natureza o mal, que me condena.

FRONDOSO

Juntamente viver compridos anos,
Os fados te concedão, que quizerão
Ajuntar-te com tal contentamento.
Pois os bens para ti todos nascêrão,
Nascêrão para mi todos os danos,
Logra tu tua gloria, eu meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me fará deixar d'amar-te;
Porqu'em nenhuma parte
Poderás nunca estar sem mi hum'hora.
Consente pois agora,
Qu'em pago desta fé tão conhecida,
Percà, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Veja-t'eu, crua, amar quem te desame,
Porque saibas que cousa he ser amada
De quem tanto aborreces e desprezas.
Veja-t'eu ser ainda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Porque sintas em ti tuas cruezas,
Sintas tuas durezas,
E quanto póde o seu cruel effeito
N'hum coração sujeito.
Porqu'em sentindo o mal, qu'eu sinto agora,
Espero qu'algum'hora
Faça o teu proprio mal de mi lembrar-te,
Ja que não póde o meu nunca abrandar-te.

FRONDOSO

Mil annos de tormento me parece
Cad'hora que sem ti, sem esperança

Vivo de poder mais tornar a ver-te.
A vida só me dá tua lembrança;
A vida sobre tudo m'entristece;
A vida antes perdêra, que perder-te.
Mas eu se, por querer-te
Hum bem qu'em ti só tẽe seu firme assento,
Padeço tal tormento,
Qu'esperará de ti quem te desama,
Ou quem ao menos te ama
Com algum falso amor, ou fé fingida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Então, cruel, verás se te merece
Com tamanho desprezo ser tratada
Hum'alma, que d'amar-te só se preza.
Mas como poderás ser desprezada,
Se o menos qu'em ti fóra se parece,
Póde abrandar dos montes á aspereza?
Porque se a natureza
Em ti o remate poz da formosura,
Qual será a pedra dura,
Qu'a teu valor resista brandamente?
Que fará a fraca gente,
Se ao humano parecer não se defende,
E a mesma Venus deosa ao teu se rende?

FRONDOSO

E pois fé verdadeira, amor perfeito,
Tormento desigual e vida triste,
Junta com hum contino soffrimento,
E hum mal, em que o mal todo, emfim, consiste,
Não podérão mover teu duro peito

A mostrares sequer contentamento
De ver o meu tormento;
Antes tudo, soberba, desprezaste,
E a outrem t'entregaste
Por nada me ficar em qu'esperasse,
Senão quando acabasse
A vida, a pezar meu, ja tão comprida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO

Longo curso de tempo, e apartado
Lugar a hum coração, que vive entregue,
Não podem apartar de seu intento.
Porque foges, cruel, a quem te segue?
Não vês que teu fugir he escusado,
Pois sem mim não estás hum só momento?
Nenhum apartamento,
Inda que a alma do corpo se m'aparte,
Poderá ja ausentar-te
Dest'alma triste, que continuamente
Em si te tẽe presente.
Torna, cruel; não fujas a quem t'ama:
Vem a dar vida, ou morte a quem te chama.

A noite escura, triste e tenebrosa,
Que ja tinha estendido o negro manto,
D'escuridade a terra toda enchendo,
Fez pôr a estes pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa
Vinhão seu manso gado recolhendo.
Se aquillo, qu'eu pretendo
Deste trabalho haver, que he todo vosso,

Senhora, alcançar posso;
Não será muito haver tambem a gloria
E o louro da victoria,
Que Virgilio procura e haver pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vós se rende.

EGLOGA V

FALLA UM SÓ PASTOR

A quem darei queixumes namorados
Do meu pastor queixoso e namorado?
A branda voz, suspiros magoados,
A causa porque n'alma he magoado?
De quem serão seus males consolados?
Quem lhe fará devido gasalhado?
Só vós, Senhor famoso e excellente,
Especial em graças entr'a gente.

Por partes mil lançando a phantasia,
Busquei na terra estrella, que guiasse
Meu rudo verso, em cuja companhia
A santa piedade sempre andasse
Luzente e clara, como a luz do dia,
Que o rudo engenho meu m'allumiasse;
E em vossas perfeições, grão Senhor, vejo
Ainda além cumprido o meu desejo.

A vós se dão, a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho e arte,
D'hum esprito divino acompanhado,
Dos sobrehumanos hum em toda parte:
Em vós as graças todas se hão juntado;

De vós em outras partes se reparte.
Sois claro raio, sois ardente chamma;
Gloria e louvor do tempo, azas da fama.

Em quanto eu apparelho hum novo esprito,
E voz de cysne tal, que o mundo espante,
Com que de vós, Senhor, em alto grito
Louvores mil em toda parte cante;
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
Entre vaccas e gado petulante:
Que quando tempo for, em melhor modo
Ha de m'ouvir por vós o mundo todo.

As vãas querellas, brandas e amorosas,
Sejão de vós tratadas brandamente;
Verdades d'alma pouco venturosas,
Sahidas com suspiro vivo e ardente:
Em vossas mãos s'entregão valerosas,
Porqu'ao futuro vivão entr'a gente,
Chorando sempre a antigua crueldade,
Para mover as almas a piedade.

Já declinava o sol contra o Oriente,
E o mais do roxo dia era passado,
Quando o pastor co'o grave mal que sente,
Por dar allívio em parte a seu cuidado,
Se queixa da pastora docemente,
Cuidando de ninguem ser escutado.
Eu que o escutei, n'huma arvore escrevia
As mágoas que cantou; e assi dizia:

Ou tu do monte Pindaso és nascida,
Ou marmor te pario formosa e dura:

Não póde ser que fosse concebida
Dureza tal de humana creatura:
Ou quiçá qu'és em pedra convertida,
Ou tens da natureza tal ventura;
Porém não fez em ti boa impressão,
Só de marmor tornar-te o coração.

Ja, ja com minha voz roüca e chorosa
A gente mais austera moveria;
E com esta corrente lagrimosa
Os tigres em Hyrcania amansaria.
Se não fosses cruel, quanto formosa,
Meu longo suspirar t'abrandaria:
Mas suspirar por ti, mas bem querer-te,
Que fazem senão mais endurecer-te?

Se deixáras vencer a crueldade
De tua tão perfeita formosura;
Hum pouco víras bem minha vontade,
E víras a fé minha, limpa e pura,
Por ventura, que houveras ja piedade,
E tivera eu quiçá melhor ventura:
Mas nunca achou igual tua belleza,
Se não se foi em ti tua dureza.

Ja hum peito abrandára, que não sente,
Este meu gravè mal, segundo he forte;
Se descêra do inferno ao Polo ardente,
A piedade movêra a propria morte.
Pois se huma gotta d'agua brandamente
Torna brando hum penedo, duro e forte,
Tantas lagrimas minhas não farão
Hum pequeno sinal n'hum coração?

Na testa fonte viva tenho d'agua,
Que por meus olhos tristes se derrama;
E no peito de fogo viva fragoa,
Que tudo em si converte, tudo inflama:
Amor em de redor, por maior mágoa,
Voando mais accende a ardente chama. . .
Se queres ver se ardentes são seus tiros,
Olha se são ardentes meus suspiros.

Quando grita e rumor grande se sente,
Porque fogo se ateia em casa, ou torre,
De pura compaixão vai toda a gente,
Agua ao fogo gritando; e cada hum corre.
Dest'arte anda o meu peito em chamma ardente,
E com a agua dos olhos se soccorre;
Que quem me abraza, outra agua me defende,
Porque com esta o fogo mais se accende.

Quando vemos que sahe lá no Oriente
O sol, seu curso antigo começando,
Formoso, intenso, puro, refulgente,
O monte, o campo, o mar, tudo alegrando;
Quando de nós s'esconde no Ponente,
E em outras terras sahe, allumiando,
Sempre, em quanto vai dando ao mundo giro,
Chórão por ti meus olhos, e eu suspiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
E, emfim, lhe chega a noite, em que descança;
Trabalha na tormenta o navegante,
Traz-lhe a clara manhãa feliz bonança;
Recobra o fructo fertil e abundante
Da terra o lavrador, se nella cança:

Mas eu de meu cuidado e mal tão forte
Tormento espero só, só crua morte.

D'ouvir meu damno as rosas matutinas,
Condoidas se cerrão, s'emmurchecem;
Com meu suspiro ardente as cores finas
Perdem o cravo, o lyrio, e não florecem.
Co'a rôxa aurora as pallidas boninas,
Em vez de se alegrarem, s'entristecem:
Deixão seu canto Progne e Philomena;
Que mais lhes doe, que a sua, a minha pena.

Responde o monte concavo a meus ais,
E tu como aspid, cerras-lhe o ouvido;
Os indomitos feros animais,
Sem humano sentir, mostrão sentido:
Mas em ti minhas dores desiguais
Nunca movem o peito endurecido:
Por muito que te chame, não respondes;
E quanto mais te busco, mais t'escondes.

Naquella parte donde costumavas
Apascentar meus olhos e teu gado;
Alli donde mil vezes me mostravas,
Qu'era o pastor de ti mais desejado,
Vezes mil te busquei, por ver se davas
Algum breve descanso a meu cuidado.
Busco-te em vão no valle, em vão no monte,
Qual o ferido cervo busca a fonte.

Este lugar de ti desamparado,
Com cujas sombras frias ja folgaste,
Agora triste, escuro he ja tornado;

Que todo o bem comtigo nos levaste.
Eras tu nosso sol mais desejado;
Não temos luz, despois que nos deixaste.
Torna, meu claro sol; torna, meu bem:
Qual he o Josué que te detém?

Despois que deste valle t'apartaste,
Não pasce ja algum gado, com seccura;
Seccou-se o campo, des que lhe negaste
Dos teus formosos olhos a luz pura;
Seccou-se a fonte, donde ja te olhaste,
Quando menos, que agora, aspera e dura;
Nega sem ti a terra, ouvindo gritos,
Ás cabras pasto e leite aos cabritos.

Sem ti, doce cruel minha inimiga,
A clara luz, escura me parece:
Este ribeiro, quando a dor m'obriga,
Com meu chorar por ti contino crece.
Não ha fera, a que a fome não persiga;
Algum prado sem ti ja não florece:
Cegos estão meus olhos; nada vem,
Porque não podem ver seu claro bem.

O campo, como d'antes, não s'esmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas;
Falta agua ao pasto, e sentem d'agua a falta
As candidas pacíficas ovelhas:
Bem conhecem tambem que o Ceo lhes falta
As doces e solícitas abelhas:
Com lagrimas, que manão dos meus olhos,
A terra nos produz duros abrolhos.

Torna pois ja, pastora, ao nosso prado,
Se restituir-lhe queres a alegria:
Alegrarás o valle, o campo, o gado,
E aquelle espelho teu da fonte fria.
Torna, torna, meu sol tão desejado,
Farás a noite escura, claro dia;
E alegra ja esta vida magoada,
Em que só tua ausencia he Parca irada.

Vem, como quando o raio transparente
Deste nosso horizonte, qu'escondido,
Deixa hum certo temor á mortal gente,
Causado de ver o Orbe escurecido;
E quando torna a vir claro e luzente,
Alegra o mundo todo entristecido:
Que assi he para mi tua luz pura
Claro sol, como a ausencia noite escura.

Mas tu'squecida ja do bem passado,
E do primeiro amor, que me mostraste,
Teu coração de mi tẽes apartado,
Não menos que do valle t'apartaste.
Não te quero eu a ti mais qu'a meu gado?
Não sou eu mesmo aquelle que tu amaste?
Onde o meu êrro viste, ou desvario,
Que pôde merecer-te hum tal desvio?

Bem vês que por Amor se move tudo,
E que delle não ha quem seja isento;
O mais simples animal, mais baixo e rudo,
O de mais levantado pensamento:
Debaixo d'agua fria o peixe mudo
Tambem lá tẽe d'ardor seu movimento.

Pois as aves, que no ar cantando vôão,
Não menos humas d'outras s'affeiçôão.

A musica do leve passarinho
Que sem concêrto algum sólta e derrama,
De hum raminho saltando a outro raminho,
Mostra que por amor suspira e chama.
Em quanto no secreto amado ninho
Não acha aquelle, que só busca e ama,
No canto, a nós alegre, triste chora,
Porque teme perder a quem namora.

A fera, que he mais fera, e o leão,
Sempre acha outro leão, sempre outra fera,
Em quem possa empregar huma affeição,
Que o conversar no peito seu lhe gera:
Tambem sabe sentir sua paixão,
Tambem suspira, morre, desespera;
Acena, salta, brada, ferve e geme;
E não temendo a nada, a Amor só teme.

O cervo, qu'escondido e emboscado,
Temendo ao cobiçoso caçador,
Está na selva, monte, bosque, ou prado,
Alli donde anda e vive, vive amor.
De temor e d'amor acompanhado,
Com justa causa amor tẽe e temor:
Temor a quem para feri-lo vinha,
Amor a quem ja, ja ferido o tinha.

Pois se a fera insensivel, que não sente,
Tambem sente d'Amor a frecha dura,
Porqu'a ti não t'abranda hum fogo ardente,

Que procede da tua formosura?
Porqu'escondes a luz do sol á gente,
Que nesses olhos trazes bella e pura?
Mais pura, mais suave, mais formosa,
Que lyrio, que jasmim, que cravo e rosa.

Póde ser, se me visses, que sentíras
Ver liquidar hum peito em triste pranto;
E bem pouco fizeras, se me víras,
Pois eu só por te ver suspiro tanto:
As mágoas, os suspiros, que m'ouvíras
Te puderão mover a grande espanto,
A dor, a piedade, o sentimento,
E a mais, que para mais he meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leve;
O suspirar em vão tambem ao vento;
Hum esperar á calma, á chuva, á neve,
E nunca poder ver-te hum só momento;
Tormento he, que sómente a ti se deve.
E se póde inda haver maior tormento,
Quem te vio, e se vê de ti ausente,
Muito mais passará mais levemente.

Faz mossa a pedra dura em sua dureza
Com a agua que lhe toca brandamente;
Abranda o ferro forte a fortaleza,
Se lhe toca tambem o fogo ardente:
Em ti só desconheço a natureza;
Que, a ser de pedra ou ferro totalmente,
Ja teu peito cruel fôra desfeito
Das aguas e das chammas do meu peito.

Quando a formosa Aurora mostra a fronte,
Alegra toda a terra, vendo o dia;
Quando Phebo apparece no horizonte,
Manifesta tambem grande alegria;
Contente pasce o gado ao pé do monte,
Contente a beber vai na fonte fria:
Está tudo contente, alegre tudo;
Eu só, só pensativo, triste e mudo.

Se ja d'alma e do corpo tens a palma,
E do corpo sem alma não tens dó,
Ha dó do corpo só, qu'está sem alma,
Pois sem alma não vive o corpo só.
Nas chammas e no ardor, no fogo e calma,
Na affeição, no querer eu sou hum só:
Não acharás vontade tão captiva:
Nem outra como a tua tão esquiva.

Se te apartas por não ouvir meu rogo,
Onde estiveres te hei d'importunar:
Postoque vás por agua, ferro, ou fogo,
Comtigo em toda parte m'has d'achar;
Que o fogo em q̃ ardo, e a agua em que m'affogo,
Emquanto eu vivo for, hão de durar;
Pois o nó, que m'enlaça, he de tal sorte,
Que não se ha de soltar em vida, ou morte.

Neste meu coração sempr'estarás,
Emquanto a alma estiver com elle unida:
Tambem o meu esprito possuirás
Despois que a alma do corpo for partida.
Por mais e mais que faças, não farás
Que deixe o amar-te nesta e ess'outra vida:

Impossivel será qu'eternamente
Ausente estês de mim, estando ausente.

Cá m'acompanhará vossa memoria,
Se o rio, que se diz do esquecimento,
Da minha não bórrar tão longa historia,
Tão grave mal, tão duro apartamento.
Até quando vos veja entrar na gloria,
Viverei n'hum contino sentimento:
E ainda então vereis (s'isto ser possa)
Esta minh'alma lá servir a vossa.

Aqui com grave dor, com triste accento,
Deo o triste pastor fim a seu canto:
Co'o rosto baixo e alto o pensamento,
Seus olhos começárão novo pranto:
Mil vezes parar fez no ar o vento,
E apiedou no Ceo o coro santo:
As circumstantes sylvas s'inclinárão,
Condoidas das mágoas qu'escutárão.

Com hũa mão na face, reclinado,
Tão enlevado em sua dor estava,
Que, como em grave somno sepultado,
Não via que ja o sol no mar entrava.
Berrando andava em roda o manso gado,
Que o seguro curral ja desejava:
Nas covas as raposas, e em seus ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.

Ja sobre hum secco ramo estava posto
O mocho com funesto e triste canto:
Ao som delle o pastor ergueo o rosto,

E vio a terra envolta em negro manto.
Quebrando então o fio de seu gosto,
E o fio não quebrando de seu pranto,
Por não se descuidar de seu cuidado,
Levou para os curraes o manso gado.

EGLOGA VI

INTERLOCUTORES

AGRARIO, *pastor* — ALICUTO, *pescador*

A rustica contenda desusada
Entr'as Musas dos bosques, das areias,
De seus rudos cultores modulada;
A cujo som attonitas e alheias
Do monte as brancas vaccas estiverão,
E do rio as saxatiles lampreias;
Desejo de cantar. Que se movêrão
Os troncos ás avenas dos pastores,
E ja sylvestres brutos suspendêrão.
Não menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do fundo pégo,
E fez ouvir os mudos nadadores.
E se por sustentar-se o moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflamma,
O que he mais proprio no ocio e no socego;
Mais maravilhas dando á voz da fama,
No mesmo mar undoso e vento frio
Brazas rôxas accende a rôxa flama.
Vós, ó ramo d'hum Tronco alto e sombrio,
Cuja frondente coma ja cobrio
De Luso todo o gado e senhorio;

E cujo são madeiro ja sahio
A lançar a forçosa e larga rede
No mais remoto mar que o mundo vio;
E vós, cujo valor tão alto excede,
Que, a canta-lo com voz alta e divina,
A fonte do Parnaso move a sêde;
Ouvi da minha humilde çanfonina
A harmonia, que vós ja levantais
Tanto, que de vós mesmo a fazeis dina.
Mas se agora que affabil m'escutais,
Não ouvirdes cantar com alta tuba
O que vos deve o mundo, que dourais;
E se os Reis avós vossos, que de Juba
Os Reinos debellárão, não ouvis
Que nas azas do excelso verso suba;
Se não sabem as frautas pastoris
Pintar de Toro os campos semeados
D'armas e corpos fortes e gentis;
Por hum moço animoso sustentados,
Contra o indomito Rei de toda Hespanha,
Contra a fortuna vãa e injustos fados:
Hum Moço, cujo esforço, brio e manha,
Do Olympo fez descer o duro Marte,
E dar-lhe a quinta esphera, que acompanha;
Se não sabem cantar a menor parte
Do sapiente peito e grão conselho,
Que póde, ó Reino illustre, descansar-te;
Peito, que ao douto Apollo faz, vermelho,
Deixar o sacro Monte e as nove Irmãas,
Porque a elle se affeitem como a espelho;
Saberão bem cantar, em nada vãas,
D'Alicuto as contendas e d'Agrario;
Hum d'escamas coberto, outro de lãas.

Vereis, Duque sereno, o estylo vário,
A nós novo, mas n'outro mar cantado
De hum, que só foi das Musas secretario:
O pescador Sincero, que amansado
Tẽe o pégo de Prochyta co'o canto
Por as sonoras ondas compassado.
Deste seguindo o som, que póde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos novo estylo, novo espanto.
Partíra-se do monte Agrario insano
Para onde a força só do pensamento
Lh'encaminhava o lasso pezo humano.
Embebido em hum longo esquecimento
De si, e do seu gado e pobre fato,
Apoz hum doce sonho e fingimento,
Rompendo as sylvas horridas do mato,
Vai por cima d'outeiros e penedos,
Fugindo, emfim, de todo humano trato.
Ante os seus olhos leva os olhos ledos
Da branca Dinamene, qu'enverdece
Só co'o meneo valles e rochedos.
Ora se ri comsigo, quando tece
Na phantasia algum prazer fingido;
Ora falla; ora mudo s'entristece.
Qual a tenra novilha, que corrido
Tẽe montanhas fragosas e espessuras,
Por buscar o cornigero marido;
E cansada nas humidas verduras
Cahir se deixa ao longo d'hum ribeiro,
Ja quando as sombras vem cahindo escuras;
E nem co'a noite ao valle seu primeiro
Se lembra de tornar, como sohia,
Perdida por o bruto companheiro:

Tal Agrario chegado, emfim, se via
Onde o grão pégo horrisono suspira
N'huma praia arenosa, humida e fria.
Tanto que ao mar estranho os olhos víra,
Tornando em si, de longe ouvio tocar-se
De douta mão não vista e nova lira.
Fez-lhe o som desusado desviar-se
Para onde mais soava, desejando
D'ouvir e conversar, e de provar-se.
Muito não tinha proseguido, quando
Em a concavidade d'hum penedo,
Que pouco a pouco fôra o mar cavando,
Topou hum pescador, que prompto e quedo,
N'huma pedra assentado, brandamente
Tangendo, faz o mar sereno e ledo.
Mancebo era d'idade florecente,
Pescador grande do alto, conhecido
Por o nome de toda humida gente:
Alicuto se chama: que perdido
Era por a formosa Lemnoria;
Nympha que tẽe o mar ennobrecido.
Por ella as redes lança noite e dia;
Por ella as ondas tumidas despreza;
Por ella soffre o sol e a chuva fria.
Co'o seu nome mil vezes a braveza
D'irados ventos amansou co'o verso,
Que remove das rochas a dureza.
E agora em som de voz, suave e terso,
Está seu nome aos ecos ensinando
Por estylo do agreste som diverso.
Ouvindo Agrario, attonito, affrouxando
Da phantasia hum pouco seu cuidado,
Suspenso esteve os numeros notando.

Mas Alicuto, vendo-se estorvado
Por hum pastor da musica divina,
O rosto levantou bem socegado,
E disse assi: Vaqueiro da campina,
Que vens buscar ás arenosas praias,
Onde a bella Amphitrite só domina?
Que razão ha, pastor, para que saias
A este nosso escamoso e vil terreno
Dos teus floridos myrtos e altas faias?
Pois s'agora o mar vês brando e sereno,
E estender-se estas ondas por a areia,
Amansadas das mágoas, com que peno.
Logo verás o como desenfreia
Eolo o vento por o mar undoso,
De sorte que Neptuno se receia.
Responde Agrario: Oh musico e amoroso
Pescador! eu não venho a ver o lago
Bravo e quieto, ou vento brando e iroso;
Mas o meu pensamento, com que apago
As flammas ao desejo, me trazia
Sem ouvír e sem ver, suspenso e vago:
Até que a tua angelica harmonia
M'acordou, vendo o som, com que aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.
Mas se de ver-me cá no mar t'espantas,
Eu m'espanto tambem do estylo novo
Com que as ondas horrisonas quebrantas.
Porém se com verdade o louvo e approvo,
Desejo de o provar contra o sylvestre
Antigo pastoril, qu'eu mal renóvo.
E tu, que no tocar pareces mestre,
Bem julgarás se ha clara differença
Entr'o canto maritimo e o campestre.

Não ha (disse Alicuto) em mi detença:
Alvoroço antes ha, por mais que veja
Que a tua confiança só me vença.
Mas, porque saibas que nenhuma inveja
Os pescadores temos aos pastores
Do som que pelo mundo se deseja,
Toma a lyra na mão, que os moradores
Do vitreo fundo vendo estou juntar-se
Para ouvir nossos rusticos amores.
Bem vês por essa praia presentar-se
Nas conchas varia côr á vista humana;
E o mar vir por entr'ellas e tornar-se.
Socegada do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o ameno rio,
Que seu licor aqui mistura e dana.
Este penedo concavo e sombrio,
Que de cangrejos vês estar coberto,
Nos dá abrigo do sol, quieto e frio.
Tudo nos mostra, emfim, repouso certo,
E nos convida ao canto, com que os mudos
Peixes sahem ouvindo ao ar aberto.
Assi se desafião estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes;
Nos engenhos porém subtis e agudos.
Eis ja mil companheiros circumstantes
Estavão para ouvir, e apparelhavão
Ao vencedor os premios semelhantes.
As bem sonantes lyras se tocavão;
Agrario começava, e da harmonia
Os pescadores todos s'admiravão;
E dest'arte Alicuto respondia.

AGRARIO

Vós semicapros deoses do alto monte,
Faunos longevos, Satyros, Sylvanos;
E vós, deosas do bosque e clara fonte,
E dos troncos que vivem largos annos;
Se tendes prompta hum pouco a sacra fronte
A nossos versos rusticos e humanos,
Ou me dae ja a capella de loureiro,
Ou penda a minha lyra d'hum pinheiro.

ALICUTO

Vós humidas deidades deste pégo,
Tritões ceruleos, Próteo, com Palemo;
Vós, Nereidas do sal em que navego,
Por quem do vento as furias pouco temo;
Se ás vossas sacras aras nunca nego
O congro nadador na pá do remo,
Não consintais, que a musica marinha
Vencida seja aqui na lyra minha.

AGRARIO

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
Que do sol as carretas move e guia;
Ouvio o rio Amphriso a lyra d'ouro,
Que o seu claro inventor alli tangia,
Io foi vacca; Jupiter foi touro:
Mansas ovelhas junto d'agua fria
Guardou formoso Adonis; e tornado
Em bezerro Neptuno foi ja achado.

ALICUTO

Pescador ja foi Glauco, e deos agora
He do mar; e Protêo Phocas guarda.

Nasceo no pégo a deosa, que he senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda.
Se foi bezerro o deos, que cá se adora,
Tambem ja foi delfim. Se se resguarda,
Vê-se que os moços pescadores erão,
Que o escuro enigma ao primo Vate derão.

AGRARIO

Formosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores já furtei
Á doce Philomela; e dos murtinhos
Para ti (fera!) as flores apanhei;
E se os crespos medronhos nos raminhos
Com tanto gosto ja te presentei,
Porque não dás a Agrario desditoso
Hum só revolver d'olhos piedoso?

ALICUTO

Para quem trago d'agua em vaso cavo
Os curvos camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo
Na praia, os brancos buzios apanhando?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral vou arrancando,
Senão para a formosa Lemnoria,
Que co'hum só riso a vida me daria?

AGRARIO

Quem vio o desgrenhado e crespo Inverno
D'atras nuvens vestido, horrido e feio,
Ennegrecendo á vista o Ceo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheio;
Raios, chuvas, trovões, hum triste inferno,

Que ao mundo mostra hum pallido receio:
Tal o amor he cioso, a quem suspeita
Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

ALICUTO

Se alguem vê, se alguem ouve o sibilante
Furor lançando flammas e bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos:
A braços derribando o já nutante
Mundo, co'os elementos destruidos:
Assi me representa a phantasia
A desesperação de ver hum dia.

AGRARIO

Minha alva Dinamene, a primavera,
Que os deleitosos campos pinta e veste,
E rindo-se huma côr aos olhos gera,
Qu'em terra lhes faz ver o Arco celeste;
As aves, as boninas, a verde hera,
E toda a formosura amena agreste
Não he para os meus olhos tão formosa,
Como a tua, que abate o lirio e rosa.

ALICUTO

As conchinhas da praia, que presentão
A côr das nuvens, quando nasce o dia;
O canto das Sirenas, que adormentão;
A tinta, que no Murice se cria;
O navegar por ondas, que se assentão
Co'o brando bafo, com que o sol s'enfria,
Não podem, Nympha minha, assi aprazer-me,
Como o ver-te, se em tanto chego a ver-me.

AGRARIO

A deosa, que na Lybica lagôa
Em fórma virginal appareceo,
Cujo nome tomou, que tanto sôa,
Os olhos bellos tẽe da côr do Ceo:
Garços os tẽe; mas huma, que a corôa
Das formosas do campo mereceo,
Da côr do campo os mostra graciosos.
Quem diz, que não são estes os formosos?

ALICUTO

Perdoem-me as deidades; mas tu, diva,
Que no liquido marmore és gerada,
A luz dos olhos teus, celeste e viva,
Tẽes por vício amoroso atravessada:
Nós petos lhe chamâmos; mas quem priva
De luz o dia, baixa e socegada
Traz a dos seus nos meus, qu'eu o não nego;
E com toda esta luz sempre estou cego.

Assi cantavão ambos os cultores
Do monte e praia, quando os atalhárão;
A hum pastores, a outro pescadores.
E quaesquer a seu Vate coroárão
De capellas idoneas e formosas,
Que as Nymphas lhes tecêrão e ordenárão:
A Agrario de murtinhos e de rosas;
A Alicuto d'hum fio de torcidos
Buzios, e conchas ruivas e lustrosas.
Estavão n'agua os peixes embebidos
Com as cabeças fóra; e quasi em terra
Os musicos delfins estão perdidos.

Julgavão os pastores que na serra
O cume e preço está do antigo canto;
Que quem o nega, contra as Musas erra.
Dizem os pescadores, que outro tanto
Tẽe na sonora frauta, quanto teve
O monte pastoril da antigua Manto.
Mas ja o pastor d'Admeto o carro leve
Molhava n'agua amara, e compellia
A recolher a rôxa tarde e breve:
E foi fim da contenda o fim do dia.

EGLOGA VII

INTERLOCUTORES

SATYRO I E SATYRO II

As doces cantilenas, que cantavão
Os semicapros deoses, amadores
Das Napêas, que os montes habitavão,
Cantando escreverei: que se os amores
A sylvestres deidades maltratárão,
Ja ficão desculpados os pastores.
Vós, Senhor Dom Antonio, aonde achárão
O claro Appollo e Marte hum ser perfeito,
Em quem suas altas mentes assinárão;
Se o meu engenho he rudo, ou imperfeito,
Bem sabe onde se salva, pois pretende
Levantar com a causa o baixo effeito.
Em vós minha fraqueza se defende;
Em vós instilla a fonte do Pegáso,
O que o meu canto por o mundo estende.
Vêdes que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estão na doce lira,
Tomando-me das mãos tão alto caso.

Vêdes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estirpe, e escurece
O que a vosso louvor meu canto aspira.
Ou por me haver inveja me fallece,
Ou por não ver soar na frauta ruda
O que a sonora cithara merece.
Pois sei dizer, Senhor, que a lingua muda,
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmãa co'o pranto ajuda;
E em quanto Galatea ao manso vento
Sólta os cabellos louros da cabeça,
E Tityro nas sombras faz assento;
E em quanto flor aos campos não falleça,
(Se não recebeis isto por affronta)
Fará que o Douro e o Ganges vos conheça.
E ja que a lingua nisto fica pronta,
Consenti que a minha Egloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.
No cume do Parnaso, duro monte,
De sylvestre arvoredo rodeado,
Nasce huma crystallina e clara fonte,
Donde hum manso ribeiro derivado,
Por cima d'alvas pedras mansamente
Vai correndo suave e socegado.
O murmurar das ondas excellente
Os passaros incita, que cantando
Fazem o verde monte mais contente.
Tão claras vão as aguas caminhando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem, huma e huma, estar contando.
Não se verão em derredor pizadas
De fera ou de pastor, que alli chegasse,
Porque de espesso monte são vedadas.

Herva se não verá, que alli criasse
O monte ameno, triste ou venenosa,
Senão que lá no centro as igualasse.
O rôxo lirio a par da branca rosa,
A cecem pura, a flor que dos amantes
A côr tẽe magoada e saudosa;
Alli se vem os myrtos circumstantes
Que a crystallina Venus encobrírão,
Escondendo-a dos Faunos petulantes.
Hortelãa, mangerona, alli respirão,
Onde nem frio inverno, ou quente estio,
As murchárão jamais, ou seccas vírão.
Dest'arte vai seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado e o deserto
Sempre com verdes arvores sombrio.
Aqui huma linda Nympha, por acêrto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este lugar era encoberto:
Cansada ja da caça vindo hum dia,
Quiz descansar á sombra da floresta,
E tirar nas mãos alvas d'agua fria.
A novidade vendo manifesta
Do sitio, e como as arvores co'o vento
As calmas defendião da alta sesta;
Das aves o lascivo movimento,
Qu'em seus modulos versos occupadas
As azas dão ao doce pensamento;
Tendo notado tudo, ja passadas
As horas da grã sesta, se tornou
A buscar as irmãas, no centro, amadas.
Despois que largamente lhes contou
Do não visto lugar, que perto estava
E tanto por extremo a namorou,

Que ao outro dia fossem, lhes rogava,
A lavar-se em aquella fonte amena,
Que tão formosas aguas distillava.
Ja tinha dado hum giro a luz serena
Do grão pastor d'Admeto, e ja nascia
Aos ditosos amantes nova pena,
Quando as formosas Nymphas em porfia
Para o lugar do monte caminhavão,
Rompendo a manhãa roxa, alegre e fria.
D'huma os louros cabellos s'espalhavão
Por o formoso collo sem concerto,
E com mil nós suaves s'enlaçavão;
Outra, levando o collo descoberto,
Por mais despejo em tranças os atára,
Havendo por pezado o desconcêrto.
Dinamene e Ephyre, a quem topára
Nuas Phebo em um rio, e encobrírão
Seus delicados corpos n'agua clara;
Syrinx e Nyse, que das mãos fugírão
Do Tegêo Pan; Amanta e mais Elisa,
Destras nos arcos mais que quantas tirão;
A linda Daliana, com Belisa,
Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhuma tão formosa as hervas pisa:
Todas estas angelicas donzellas,
Por o viçoso monte alegres hião,
Quaes no Ceo largo as nitidas estrellas.
Mas dous sylvestres deoses, que trazião
O pensamento em duas occupado,
A quem de longe mais que a si querião,
Não lhes ficava monte, valle ou prado,
Nem arvore, por onde quer que andavão,
Que não soubesse delles seu cuidado.

Quantas vezes os rios, que passavão,
Detiverão seu curso ouvindo os danos,
Que aos proprios duros montes magoavão!
Quantas vezes amor de tantos anos
Abrandára qualquer vontade isenta,
Se em Nymphas corações houvesse humanos!
Mas quem de seu cuidado se contenta,
Offereça de longe a paciencia,
Que Amor d'alegres mágoas se sustenta.
Que o moço Idalio quiz nesta sciencia
Que se compadecessem dous contrários.
Diga-o quem tiver delle experiencia.
Indo os deoses, emfim, por montes varios
Exercitando os olhos saudosos,
Ao crystallino rio tributarios;
Topárão dos pés alvos e mimosos
As pizadas na terra conhecidas,
As quaes forão seguindo pressurosos.
Mas, encontrando as Nymphas que despidas
Na clara fonte estavão, não cuidando
Que d'alguem fossem vistas ou sentidas,
Deixárão-se estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira
Que vissem, sem ser vistos, espreitando.
Porém a espessa mata, mensageira
Da cilada dos dous, com o rugido
Dos raminhos d'huma aspera aveleira,
Manifestando claro o escondido,
Todas huma alta grita levantárão,
Que o monte pareceo ser destruido.
Assi despidas logo se lançárão
Por a espessura tão ligeiramente,
Que mais que o proprio vento então voárão.

Qual o bando das pombas quando sente
A rapida aguia, cuja vista pura
Não obedece ao sol resplandecente;
Empresta-lhe o temor da morte dura
Nas azas novo alento; e, não parando,
Veloz rompendo o ar fugir procura:
Dest'arte as deosas timidas, deixando
De seu despojo os ramos carregados,
Nuas por entre as sylvas vão voando.
Mas os amantes ja desesperados,
Que para as alcançar, emfim, se vião
Nada dos pés caprinos ajudados;
Com amorosos brados as seguião.
Hum só (que o outro ainda não tomava
Folego algum da pressa que trazião)
Desta sorte sentido se queixava:

SATYRO PRIMEIRO.

Ah Nymphas fugitivas,
Que só por não usar humanidade
Os perigos dos matos não temeis!
Para que sois esquivas?
Qu'inda de nós não peço piedade,
Mas dessas alvas carnes, que offendeis.
Ah Nymphas! não vereis
Que Eurydice, fugindo dessa sorte,
Fugio do amante, e não da fera morte?
Tambem assi Eperie foi mordida
Da vibora escondida.
Olhae a serpe occulta na herva verde.
Quem o rigor não perde, perde a vida.

Que tigre, ou que leão,
Que peçonhenta fera venenosa,
Ou qu'inimigo, emfim, vos vai seguindo?
D'hum brando coração,
Que preso dessa vista rigorosa
De si para vós foge, andais fugindo?
Olhae que em gesto lindo
Não se consente peito tão disforme;
Se não quereis que tudo se conforme.
Postoque bellas n'agua vos vejais,
Á fonte não creais,
Que vos traz enganadas por vingança
Desta nossa esperança, que enganais.

Mas ah! que não consinto
Que nem palavra minha vos offenda,
Postoque me desculpe a mágoa pura.
Digo, Nymphas, que minto:
Pois mal póde haver nunca quem pretenda
Negar-vos essa rara formosura.
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tão pouco bem merece,
Não estranheis, minh'alma se endoudece:
Que se doudices falla d'improviso,
Sem tento e sem aviso,
Queira Deos, que dureza tão crescida
Me não prive da vida alem do siso.

Cousas grandes e estranhas
Por o mundo tẽe feito e faz natura,
Que a quem vos não vio, Nymphas, muito espantão.
Nas Libycas montanhas
As Scitales são feras, de pintura

Tão singular, que só co'a vista encantão.
As hienas levantão
A voz tão natural á voz humana,
Que a quem as ouve, facilmente engana.
E vós (ó gentis feras) cujo aspeito
O mundo tẽe sujeito,
Tendes de natureza juntamente
A vista e voz de gente, e fero o peito.

Das amorosas leis,
Com que liga natura os corações,
Andais fugindo (ó Nymphas) na espessura?
Como? E não vos correis
D'haver em vós tão duras condições,
Que possão mais que a próvida natura?
Se vossa formosura
He sobrenatural, não he forçado
Que assi tenha tambem o peito irado:
Antes ao puro Amor, em cuja mão
Os corações estão,
Por vossa gentileza tão formosa
Lhe deveis amorosa condição.

Amor he hum brando affecto,
Que Deos no mundo poz e a natureza,
Para augmentar as cousas que creou.
De Amor está sugeito
Tudo quanto possue redondeza:
Nada sem este affecto se gerou.
Por elle conservou
A causa principal o mundo amado,
Donde o pae famulento foi deitado.
As cousas elle as ata e as conforma

Com o mundo, e reforma
A materia. Quem ha que não o veja?
Quanto meu mal deseja sempre forma.

Entre as plantas do prado
Não ha machos e femeas conhecidas,
Que junto huma da outra permanece?
Não estão carregados
Os ulmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?
Não vêdes que padece
Tanta tristeza a rôla por a morte
Da sua amada e unica consorte?
Pois lá no Olympo, a quantos captivou
Cupido, e maltratou?
Melhor qu'eu o dirá a subtil donzella,
Que ja na sua téla o debuxou.

Ah caso grande e grave!
Ah peitos de diamante fabricados,
E das leis, absolutas, naturais!
Aquelle amor suave,
Aquelle poder alto, que forçados
Os deoses obedecem, desprezais?
Pois quero que saibais,
Que contra o fero Amor nunca houve escudo:
Costume he seu tomar vingança em tudo.
Eu vos verei lançar em hum momento
Suspiros mil ao vento,
Lagrimas, triste pranto e nova dor
Por quem tenha outro amor no pensamento.

Mais quizera dizer
O desditoso amante, que ajudado
Se via então da mágoa e da tristeza;
Mas foi-lho defender
O outro companheiro, como irado
Com tão disforme e aspera dureza.
Aquillo que a rudeza
D'huma sciencia agreste lh'ensinára,
Disse, qual se em tal ponto despertára
D'horrendo sonho com pezado grito.
O mais que alli foi dito,
Vós, montes, o direis, e vós penedos;
Qu'em vossos arvoredos anda escrito.

SATYRO SEGUNDO

Nem vós nascidas sois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamastes,
Mas de alguma disforme fera Hyrcana:
Lá no Caucaso horrendo vos criastes:
Daqui trouxestes a aspereza insana;
Daqui os calidos peitos congelastes.
Sois Esphinges nos gestos naturais,
Que de humanas os rostos só mostrais.

Se vós fostes criadas na espessura,
Onde não houve cousa que se achasse,
Agua, pedra, arbor, flor, ave, alma dura,
Qu'em seu passado tempo não amasse,
Nem a quem a affeição suave e pura
Nessa presente fórma não mudasse;
Porque não deixareis tambem memoria
De vós em namorada e longa historia?

Olhae como, na Arcadia soterrando
O namorado Alpheo su'agua clara,
Lá na ardente Sicilia vai buscando
Por debaixo do mar a Nympha chara.
Assi tambem vereis passar nadando
Atys, que Galatêa tanto amára,
Por onde do Cyclope a grande mágoa
Converteo do mancebo o sangue em agua.

Virae os olhos, Nymphas, á Erycina
Espessura; vereis alli mudar-se
Egeria, e em fonte clara e crystallina
Por a morte de Numa distillar-se.
Olhae que a triste Byblis vos ensina,
Com perder-se de todo e transformar-se
Em lagrimas, qu'emfim poderão tanto,
Que accrescentárão sempre o verde manto.

E s'entre as claras aguas houve amores,
Os penedos tambem forão perdidos.
Olhae os dous conformes amadores
Lá no monte Ida em pedra convertidos:
Lethêa, por cahir em vãos errores
De sua formosura procedidos;
Oleno, porque a culpa em si tomava,
Por escusar a pena a quem amava.

Tomae exemplo, e vede em Cypro aquella,
Por quem Iphis no laço poz a vida.
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Junò consumida,
E, se queixar-se quer de sua estrella,
A voz extrema só lhe he concedida.

E tu tambem, ó Daphnis, que trouxeste
Primeiro ao monte o doce verso agreste!

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,
Que em inimiga, emfim, se foi tornando:
Porque outra Nympha estranha ja o sogiga,
Suas magicas hervas vai buscando.
Olhae a quanto a crua dor obriga!
Por vingar-se, assi irada, transformando
O foi em pedra. Oh dura confusão!
Despois lhe pezaria; mas em vão.

Olhae, Nymphas, as arvores alçadas,
A cuja sombra andais colhendo flores,
Como em seu tempo forão namoradas;
Do qu'inda agora o tronco sente as dores.
Vereis, entre as de fructo matizadas,
Como a côr das amoras he de amores:
O sangue dos amantes na verdura
Testimunha de Tisbe a sepultura.

E lá por a odorifera Sabêa
Não vêdes que de lagrimas daquella,
Que com seu pae se junta e se recrêa,
Arabia s'enriquece, e vive della?
Lembrai-vos da verde arvore Penêa,
Que foi ja n'outro tempo Nympha bella,
E Cyparisso angelico mancebo;
Ambos verdes com lagrimas de Phebo.

De Phrygia vêde o moço delicado
No mais alto arvoredo convertido,
Que tantas vezes fere o vento irado;

Galardão de seus erros merecido:
Pois, da alta Berecynthia sendo amado,
Por huma Nympha baixa foi perdido;
E a deosa, a quem perdeo do pensamento,
Quiz que tambem perdesse o entendimento.

O subito furor lhe figurava
Que as arvores e os montes se cahião;
Ja dos pudicos membros se privava,
Que os horrores a tanto o constrangião:
Ja indignado no monte se lançava:
De sua morte as feras se doião.
Dest'arte perdeo Atys na espessura,
Despois de tantas perdas, a figura.

Lembre-vos quando as gentes celebravão
Em Grecia as grandes festas de Liêo,
Onde as formosas Nymphas se juntavão,
E os sacros moradores do Licêo.
Todos em doce somno se occupavão
Por o monte, despois que anoiteceo;
Mas o deos do Hellesponto não dormia;
Que hum novo amor o somno lh'impedia.

Mas ella emfim, os braços estendendo,
Em ramos se lhe forão transformando;
Em raizes os pés se vão torcendo;
E o nome Loto só lhe vai ficando.
Vêde, Napêas, este caso horrendo,
Que vos está de longe ameaçando.
Assi tambem daquella, a quem seguia
O sacro Pan, a fórma se perdia.

Que vos direi de Filis, pois perdida
Da saudosa dor com que vivia,
Á desesperação emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia?
Por desatar do corpo a triste vida
Atava ao collo a cinta que trazia.
Mas o tronco sem folha por o monte
Rhodope abraça o lento Demophonte.

Nas boninas tambem vereis Jacinto,
Por quem Phebo de si se queixa em vão;
Vereis o monte Idalio em sangue tinto
Do neto de seu pae, da mãe irmão.
Chora Venus a dor do moço extinto,
Maldiz o Ceo e a terra, com razão;
A terra, porque logo não se abrio;
O Ceo, porque tal morte permittio.

E tu, constante Clycie, a quem fallece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante, que de ti s'esquece,
S'esquecem os teus olhos saudosos.
Nenhum alegre estado permanece;
Que são do mundo os gostos mentirosos;
E á tua clara luz, por quem suspiras,
Ainda agora em herva os olhos viras.

Trago-vos estas cousas á lembrança,
Porque s'estranhe mais vossa crueza
Com ver que a criação e longa usança
Vos não perverte e muda a natureza.
Dou as lagrimas minhas em fiança,
Qu'em tudo quanto está na redondeza,

Cousa d'Amor isenta, se attentais,
Em quanto vos não virdes, não vejais.

Ja disse, que d'Amor sempre tiverão
As cousas insensiveis pena e gloria.
Vêde as sensiveis como se perdêrão.
E dir-vos-hei das aves larga historia:
As penas, qu'em su'alma se soffrêrão,
Nas azas lhe ficárão por memoria;
E aquelle altivo e leve movimento
Lhes ficou do voar do pensamento.

O doce rouxinol e a andorinha,
Donde lhes veio o ir-se transformando,
Senão do puro amor que o Thracio tinha,
Qu'em poupa ainda a amada vai chamando?
Clama sem culpa a misera avesinha,
Que n'areia de Phasis habitando,
Do rio toma o nome; e quando clama,
Cruel á mãe, ao pae injusto chama.

Vêde a que engeitou Pallas por fallar,
(Que dos amores he maior defeito)
E aquella, que succede em seu lugar,
Ambas aves, de amor usado effeito;
Huma, porque fugia ao deos do mar;
Outra, porque tentára o patrio leito:
E Scylla, que a seu pae poz em perigo,
Só por ser muito amiga do inimigo.

E Pico, a quem ficárão inda as cores
Da purpura Real, que antes vestia;
Esaco, que o seguir de seus amores

O trouxe a ver tão cedo o extremo dia:
Ou vêde os dous tão firmes amadores,
Que amor aves tornou na praia fria.
Do Rei dos ventos era genro o triste;
Mas contra o fado, emfim, nada resiste.

Estava a triste Halcyone, esperando
Com longos olhos o marido ausente;
Mas os ventos indomitos soprando,
Nas aguas o affogárão tristemente.
Em sonhos se lh'está representando;
Que o coração preságo nunca mente:
Só do bem as suspeitas mentirão,
Mas as do mal futuro certas são.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaia;
Buscando o mar com elles hia e vinha:
Quando o corpo sem alma achou na praia.
Sem alma o corpo achou, que n'alma tinha!
Ó Nereidas do Egêo, consolai-a,
Pois este pio officio vos convinha.
Consolai-a; sahi das vossas aguas;
Se consolação ha em grandes mágoas.

Mas oh nescio de mi! qu'estou fallando
Das avesinhas mansas e amorosas?
Pois tambem teve Amor natural mando
Entr'as feras montezes venenosas.
O leão e a leoa, como, ou quando
Taes fórmas alcançárão temerosas?
Sabe-o da deosa Dindymene o templo,
E a que a Adonis o dava por exemplo.

Quem fosse a mansa vacca di-lo-hia;
Mas o grão Nilo o diga, pois a adora.
Que fórma teve a Ursa, saber-se-hia
Do Pólo Boreal, onde ella mora.
O caso d'Acteon tambem diria
Em cervo transformado; e melhor fôra
Se dos olhos perdêra a vista pura,
Que em seus galgos achar a sepultura.

Tudo isto Acteon vio na fonte clara,
Onde a si d'improviso em cervo vio:
Que quem assi dest'arte alli o topára,
Que se mudasse em cervo permittio.
Mas, como o triste Principe em si achára
A desusada fórma, se partio.
Os seus, desconhecendo-o, o vão chamando;
E, tendo-o alli presente, o vão buscando.

Co'os olhos e co'o gesto lhes fallava;
Que a voz humana ja perdida tinha.
Qualquer delles por elle então chamava,
E a multidão dos cães contr'elle vinha.
Hum cervo acude a ver (qualquer gritava)
Acteon, donde estás? acude asinha,
Que tardar tanto he este? (repetia)
He este, he este, o eco respondia.

Quantas cousas em vão estou fallando
(Oh Napêas esquivas!) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando
De quem meu damno tanto só deseja.
Pois, por mais que de mi me andais tirando,
E por mais longa emfim que a vida seja,

Nunca em mi se verá tamanha dor,
Que Amor a não converta em mais amor.

Aqui (formosas Nymphas) vos pintei
Todo d'amores hum jardim suave;
D'aguas, de pedras, d'arvores contei,
De flores, d'almas, feras, de huma, oütra ave.
Se este amor, que no peito aposentei,
Que dos contentamentos tẽe a chave,
Por dita em tempo algum determinasse
Que de tão longos damnos vos pezasse,

Quanto mais devagar vos contaria
De minha larga historia e não alheia?
E com quanta mais agua regaria,
Que o rio, de contente, a branca areia?
Novo contentamento me seria
Formar de meu cuidado a nova ideia:
E vós, gostando deste estado ufano,
Zombarieis então de vosso engano.

Mas com quem fallo ja? que estou gritando,
Pois não ha nos penédos sentimento?
Ao vento estou palavras espalhando;
A quem as digo, corre mais que o vento.
A voz e a vida a dor m'está tirando,
E o tempo não me tira o pensamento.
Direi, emfim, ás duras esquivanças
Que só na morte tenho as esperanças.

Aqui, sentido, o Satyro acabou,
Com huns soluços que a alma lhe arrancavão.
Os montes insensiveis, que abalou,

Nas ultimas respostas o ajudavão.
Então Phebo nas aguas se encerrou
Co'os animaes que o mundo allumiavão;
E co'o luzente gado appareceo
A candida pastora por o Ceo.

EGLOGA VIII

PISCATORIA

SERENO

Arde por Galatêa branca e loura
Sereno pescador pobre, forçado
D'huma estrella, que quer á mingoa moura.
Os outros pescadores tẽe lançado
No Tejo as redes: elle só fazia
Este queixume ao vento descuidado:
Quando virá (formosa Nympha) hum dia,
Em que te possa dar a conta estreita
Desta doudice triste e vãa porfia?
Não vês, que me foge a alma e que m'engeita,
Buscando em hum só riso d'essa boca,
Nos teus olhos azues mansa colheita?
Se ao teu esprito algũa mágoa toca,
Se d'amor fica nelle huma pégada,
Que te vai, Galatêa, nesta troca?
Dar-te-hei minh'alma: lá ma tens roubada:
Não ta demandarei: dá-me por ella
Huma só volta d'olhos descuidada.
Se muito te parece, e minha estrella
Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as azas do Amor perdidas nella.

Que mais te posso dar, Nympha formosa,
Inda que o mar d'aljofar me cubríra
Toda esta praia leda e graciosa?
Amansão-se ondas, quebra o vento a ira:
Minha tormenta só nunca socega;
O meu peito arde em vão, em vão suspira.
Anda no romper d'alva a nevoa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto o solar raio lhes não chega.
Eu, vendo apparecer outros formosos
Raios, que a graça e côr ao Ceo roubárão,
Se os olhos cegos vi, vejo saudosos.
Quantas vezes as ondas se encrespárão
Com meus suspiros! quantas com meu pranto
As fiz parar de mágoa e me escutárão!
Se na força da dor a voz levanto,
E ao som do remo, que agua vai ferindo,
Perante a lua meu cuidado canto;
Os maviosos delfins m'estão ouvindo;
A noite socegada; o mar callado:
Tu só foges d'ouvir-me, e te vás rindo.
Estranhas, por ventura, o mar cercado
Da fraca rede; a barca ao vento solta;
E hum pobre pescador aqui lançado?
Antes que o sol no Ceo cerre huma volta
Se póde melhorar minha ventura,
Como a outros succede, n'agua envolta.
Igual preço não he da formosura
D'ouro a areia, que o rico Tejo espraia,
Mas hum amor, que para sempre dura.
Vejão teus olhos (bella Nympha) a praia;
Verás teu nome na mimosa areia.
Nunca sobre elle o mar com furia saia!

Vento algum atégora o não salteia:
Tres dias ha que escripto aqui o deixou
Amor, e o veda a toda força alheia.
Elle com suas mãos proprio ajudou
A escolher estas conchas, affirmando
Que o sol para ti só as matizou.
Hum ramo te colhi de coral brando:
Antes que o ar lhe désse, parecia
O que de tua boca estou cuidando.
Ditoso se o soubesse inda algum dia!

EGLOGA IX

PISCATORIA

PALEMO

Despois que o leve barco ao duro remo,
Onde menos das ondas se temia,
Atou o pescador pobre Palemo;
Em quanto as negras redes estendia
Seu companheiro Alcão na branca arêa,
E Lico as longas cordas envolvia;
De cima d'huma rocha, a qual rodêa
O mar, quebrando nella de contino,
Começou a chamar por Galatêa.
Deixa o molle licor e crystallino,
(Dizia) ó Nympha, ja, que o sol deseja
Enxugar teu cabello d'ouro fino.
Inda que tẽe de ti tão grande inveja,
Não temas que te queime o rosto brando:
Basta para abrandar-se que te veja.
Não te detenhas mais, vem ja cortando
Com teu candido peito as brancas ondas,
Escumas menos brancas levantando.

Dar-te-hei (com condição que não t'escondas
De mi lá nessas humidas moradas,
E que algum'hora, branda me respondas)
Mil conchas n'hum cordão verde enfiadas,
Todas d'huma feição; não d'huma côr,
Pois dellas são azues, dellas rosadas.
Indaque seja pobre pescador,
Não sei se em desprezar-me muito acertas,
Pois rico do amor teu me fez Amor.
Para ti n'outras praias mais desertas
Irei pescar por entre pedras duras,
Que sempre verde musgo têe cobertas,
As pardas ostras, onde gottas puras
De fresco orvalho, dentro endurecidas,
Não podem da cobiça estar seguras.
Porque deixas de vir? porque duvidas?
Por ventura d'algum meu companheiro?
Inda as redes ao sol têe estendidas.
Toda a noite pescárão, e primeiro
Querem dormir a sesta nesta praia,
Que o barco polo mar levem ligeiro.
Eu, vigiando aqui como atalaia,
Te chamarei, até que de cansado
Hum dia desta rocha abaixo caia,
Deixando este lugar tão infamado
Com minha morte, que dos marinheiros
Com o dedo de lá será mostrado.
Dirão os naturaes e os estrangeiros:
Alli morreu Palemo. Ai triste historia!
Guardae a náo de alli, ventos ligeiros.
Antes que tal succeda, vê que gloria
Alcanças com deixar aos navegantes
Da tua ingratidão esta memoria.

Da nossa differença não te espantes:
Tu Nympha, eu pescador: Glauco, deos vosso,
Qual eu agora sou, tal era d'antes.
Tambem eu entre as hervas achar posso
Aquella, a quem o Ceo deo tal virtude,
Que muda n'outro ser este ser nosso.
Mas este amor, qu'eu cá mudar não pude,
Inda que vá a morar lá nessas aguas,
Não temas que a mudança em mi o mude.
Serão as vivas ondas vivas frágoas,
Em que estarei ardendo noite e dia,
Se não tiveres dó de tantas mágoas.
As horas naturaes da pescaria
Não vês que vão passando? Como as passas?
Quem deste passatempo te desvia?
Ah rigorosa Nympha! ah! não me faças
Dar em vão tantos gritos: vem; iremos
Ambos a levantar as verdes naças.
Ambos os anzoes curvos cobriremos
De mentirosas iscas, com que os peixes
A todo prazer nosso prenderemos.
Assi d'Amor cruel nunca te queixes,
E dessa formosura as mais formosas
Nymphas do mar azul vencidas deixes;
Que venhas (pois por ti com saudosas
Lagrimas vou gastando a vida e alma)
A tirar-me esperanças duvidosas.
A praia está callada, o mar em calma;
Por cima desta rocha brandamente
Zephyro respirando a desencalma.
Aqui não sinto cousa certamente
Porque deixes de vir, como sohias,
Senão, que não és tu disso contente.

Se desgostas das grossas pescarias,
Marisco appetitoso aqui não falta,
Ja sejão luas cheias, ja vazias.
Polos pés desta rocha dura e alta
Irei eu despegando huns como pés
D'hum pequeno animal, que nella salta.
E vivos te darei (se delles és
Amiga) mil cangrejos vagarosos,
Que verás ir andando de revés.
Não te darei ouriços espinhosos,
Porque te quero tanto, que receio
Qu'esses teus dedos piquem tão mimosos.
Faz d'aqui perto o mar hum largo seio,
Onde de ameijoas lisas, sem trabalho,
Podemos apanhar hum cesto cheio.
Mas além de tudo isto hum crespo galho
De vermelho coral te darei logo,
Que por dita arrastou o meu tresmalho.
Mas ai! qu'em vão te chamo, em vão te rogo;
Que nem tu a meus rogos tens respeito,
Nem eu, por mais que grite, desaffogo.
Hum coração em lagrimas desfeito
Como ja não te abranda? quem encerra
Crueza tal em tão formoso peito?
Não reina Amor no mar, como na terra?
Bem sabes que mil vezes ja venceo
A Neptuno teu Rei em clara guerra.
Sua formosa mãe onde nasceo,
Senão no proprio mar em que te banhas?
Onde Thetis por Péleo em fogo ardeo?
Se das pedras nascesses nas montanhas,
Se com leite de tigres te criáras,
Mais duras não tiveras as entranhas.

Apparecêras tu, e então tornáras
Logo a esconder-te, logo, se quizeras
Nas ondas, que de ti me são avaras.
Com hũa mostra só que de ti deras,
Á vida, que me foge em não te vendo,
Co'os teus formosos olhos detiveras.
Então víras os meus, donde correndo
De lagrimas se vem dous largos rios,
Que o mar tambem em si vai recolhendo.
Ah nescio pescador! que desvarios
Me deixo aqui dizer! a quem os digo!
A surdas ondas ja, ja a ventos frios.
Elles e ellas ja crescem: ja em p'rigo
O barco vejo: ai! ei-lo combatido.
Ellas e elles o levão ja comsigo.
Olhos, que lá me tendes o sentido,
A culpa he vossa só, que me não vêdes.
Mas, pois o pescador anda perdido,
Perca-se o barco seu, percão-se as redes.

EGLOGA X

PISCATORIA

MELISO

Enchéo do mar azul a branca praia
Meliso pescador de mil querellas;
Meliso, que por Lilia arde e desmaia.
Despois que á luz da lua e das estrellas
Sobre dura fatexa o barco posto,
As redes recolheo, remos e velas:
Que gosto, ó Lilia (disse), ou que desgosto
Te move a me negar, vendo qual ando,
Teus olhos côr do Ceo, teu alvo rosto?

Se tu queres que pene desejando,
Se queres que no mar em fogo viva;
Ardendo sempre estê, sempre penando.
Mas olha, ó branda Lilia (antes esquiva),
Que não merece ser tão mal tratada
Hum'alma desses olhos tão captiva.
Vives dos meus cuidados descuidada:
Coitado de quem traz a duvidosa
Vida no mar e terra aventurada!
Bem pódes com razão ser piedosa
Com quem não quer mór bem, que bem querer-te
Não sendo tão cruel como és formosa.
Ora deixa ja, ingrata, deixa ver-te
A meus cansados olhos, que de tantas
Lagrimas são movidos, sem mover-te.
Se tu me vences, e se tu m'encantas
Com tua doce falla, doce riso,
Porque foges de mi? porque te espantas?
Lembre-te a formosura de Narciso,
E qual pago lhe deo seu desamor:
Olha que com amor disto te aviso.
Mas quando essa crueza tanta for,
Que mereça do Ceo novo castigo,
Qual herva será digna de tal flor?
Amor que me persegue, Amor que sigo,
Me faz d'hum grave mal andar temendo;
D'hum mal, qu'eu sinto na alma e que não digo.
Quanto mais ledo ja te estive vendo
Aqui as mansas ondas esperando,
Que por chegar a ti vinhão correndo,
E da molhada areia despegando
Com a candida mão rôxas conchinhas,
A fórma de teu pé nella deixando?

Daquellas, de que tu mais gosto tinhas,
Muitas te trago aqui, postoque temo
Que menos o terás por serem minhas.
Hum temor tal me chega a tal extremo,
Que, vencido d'hum triste esquecimento,
No mar me cahe da mão o duro remo.
E quando a branca vela sólto ao vento,
Tão descuidado vou do fiel leme,
Que me leva a perder meu pouco tento.
Mas quem arde por ti, quem por ti treme,
Os seus maiores riscos não receia,
Os teus que sente mais, muito mais teme.
Despois que te não vi (não sei que creia
Desta tardança tua e morte minha),
Sendo a lua vazia, he quasi cheia.
O tempo, que nos gostos passa asinha
Detem-se neste mal da saudade,
Por me dobrar a dor que d'antes tinha.
Não desprezes, ó Lilia, huma vontade,
Que por te contentar tudo despreza,
Tudo julga, sem ti, por pouquidade.
Se pretendes amor, ja tens certeza
Que não pódes ser nunca màis amada
Dos que vencidos traz tua belleza.
Se por ventura estás affeiçoada
A gentil parecer, a bom engenho,
A ninguem nestas partes devo nada.
Se fazes caso d'honra, olha que venho
De geração d'honrados pescadores;
Se de riqueza, barco e redes tenho.
Por erros julgarás estes louvores;
E oxalá não os julgues por doudice!
Mas quem siso quer ter não tenha amores.

E mais tudo foi pouco quanto disse,
Pondo os olhos no muito que meu fado
Nos teus, que ver desejo, quiz que visse.
Aconteceo-me hum caso desusado,
(Inda que d'huma cousa n'outra salto)
Digno, por ser de amor, de ser contado.
Pescando hontem á tarde no mar alto,
Suspenso nessa rara formosura,
A quem com mil lembranças nunca falto,
Comecei a cantar: Lilia, mais dura
Que a mais inculta rocha rodeada
Do mar, de cujo encontro está segura;
Mais alva que jasmins, e mais corada
Que purpureas serejas polo Maio;
Mais loura que manhãa desentrançada;
Não vês... dizer queria que desmaio,
Quando (cousa que mal me será crida)
No mar, vencido d'hum, do barco caio?
Alli tivera fim a triste vida,
Se d'hum brando delfim, que me escuitava,
Não fora, por ser tua, soccorrida.
Parece que tambem vencido estava
Do mal, de que me via andar vencido,
Quem em tamanho risco m'ajudava.
Trouxe-me sobre si adormecido,
Nadando ao som das ondas mansamente,
Até que me sentio em meu sentido.
Livre deste mortal, bravo accidente,
Tal foi o espanto meu, tal meu temor,
Que d'outro me livrei escaçamente.
Mas logo o amoroso nadador
Me poz junto do barco, que tão perto
Esteve de ficar sem pescador.

O sol era de todo ja coberto,
Quando eu, entrando nelle, sahi fóra
Do perigo, onde tive o fim tão certo.
Porém outro maior me cansa agora.
De que mal sahirei, se te não vir
Amanhecer aqui co'a nova aurora.
Não póde ella tardar em descobrir
As suas louras tranças desatadas,
Das quaes as tuas bem se podem rir.
Pois por cima das ondas, acordadas,
As Halcyoneas ouço lamentar-se,
Do seu antigo damno inda lembradas.
E sinto o fresco orvalho derramar-se
Mais congelado e frio; e Venus bella
Polo Oriente ja vejo levantar-se.
Bem pódes, Lilia, competir com ella,
E com Pallas e Juno em gentileza;
Em amor não, pois elle nasceo della:
Desterrou-o de ti tua aspereza,
Que desterra de mi prazer e vida,
Deixando em seu lugar mágoa e tristeza.
No silencio da noite, que convida
A descanso commum, tanto me cança,
Que não sei se remedio ou morte pida.
Se tu quizesses dar-me huma esperança
De te servir de mi ou tarde, ou cedo,
Nunca me negaria o mar bonança.
Polas inchadas ondas, que põe medo,
Eu só, sem mais ajuda, levaria
Sempre á força de braço o barco quedo.
Tão seguro por ellas andaria,
Como polo seu campo o lavrador
No mais quieto, claro e bello dia.

Olha que não ha destro pescador,
Que mais manhoso as redes desencolha,
Nem os tortos anzoes isque melhor.
Os peixes deixarei em tua escolha:
Aquelles de que fores mais amiga,
Nunca te faltarão de folha a folha.
Não sei, Lilia formosa, que mais diga,
Que mova amor em ti, que mova mágoa;
Sei que mágoa, e que amor a mais obriga.
Mas antes que o sol dê naquella frágoa,
Onde meus ais dilata a triste Ecco,
Vou-me segurar mais o barco na agua,
Porque de baixamar não fique em secco.

EGLOGA XI

INTERLOCUTORES

ANZINO E LIMIANO

Parece-me, pastor, se mal não vejo,
Que ja te vi mais ledo andar outr'hora
Nos largos campos do famoso Tejo.

LIMIANO

Podia ser; que muito tempo fóra
Andei desta ribeira, patria minha,
Onde triste me vês andar agora.
Tinha lá para mi, que a vida tinha
Mais socegada cá e mais segura,
Entre os meus, que com gosto a buscar vinha.
Foi d'outro parecer minha ventura:
Discordias sós achei, e achei dureza,
Em lugar de socego e de brandura.

Achei as boas leis da natureza
Vencidas do interesse; e a gente cega,
Tanto, que mais que o sangue, o gado préza.
Dizem que quando o mar bonança nega,
Correndo vai aquella não mór prigo,
Que á desejada terra mais se chega.
Assi m'aconteceo a mi comigo;
Seguro sempre ao longe, sempre ledo;
Triste ao perto, e tratado como imigo.

ANZINO

Sempre (pódes-me crer este segredo)
Desejei de te ver; mas com desgosto,
Inda te não quizera ver tão cedo.
Prestando para cousas de teu gosto,
Como camaleão não mudo cores;
Qual he meu coracão, tal he meu rosto.

LIMIANO

Não são logo assi, não, outros pastores,
Que de promessas vãas te fazem rico,
E nunca fructo dão: tudo são flores.
Mas desejo saber com quem pratíco,
Porque não caia em falta, e porque entenda
A quem tamanho amor devendo fico.

ANZINO

Antes que tempo nisso se dispenda,
Busquemos hum lugar mais fresco e frio,
Que da calma, que cahe, bem nos defenda.

LIMIANO

Vamos alli, que alli bosque sombrio
Nos dará fresco abrigo, assento o prado,
Formosa vista o valle, o monte, o rio:
O rio, que verás tão socegado,
Que te parecerá que se arrepende
De levar agua doce ao mar salgado.
Nem cabra, nem ovelha alli offende
Herva, folha, nem flor, ou ferro duro:
A planta polo ar livre se estende.
Verás cahindo em gottas crystal puro
No vão d'huma caverna carcomida,
Por entre o musgo molle, verde-escuro.

ANZINO

Quem traz á saudade a alma rendida,
A saudade busca, onde descansa;
Mas o descanso della encurta a vida.
Com tudo, quem do Ceo na terra alcansa
Poder gozar-se desta liberdade,
Que mais deseja ter? que mais o cansa?
Affirmo-te de mi esta verdade,
Que muitos valles vi, muitas ribeiras;
Mas esta me dobrou a saudade.
Oh que viçosas murtas! que oliveiras!
Que freixos! como estão d'hera cingidos!
Quantas voltas lhes dá de mil maneiras!
Os lirios junto d'agua bem nascidos
Quanta graça que tẽe entre as boninas,
Sem ordem, com mais graça entremetidos!
Vem encrespando as aguas crystallinas
A branda viração; a folha treme;
O movimento apenas determinas.

A rôla seu amor suspira e geme;
Escondida se queixa Philomella:
Parece que do campo inda se teme.
Espanta a quem se atreve, ver aquella
Rocha por cima d'agua pendurada
Como ja se não deixa cahir nella.
Ó ribeira do Lima, celebrada
De mil brandos espritos sempre sejas,
Sempre de brandas Nymphas povoada.
Fujão longe de ti duras invejas;
Peçonha de pastores, morte sua:
Tudo sintas amor, tudo amor vejas.
De dia o claro sol, de noite a lua,
Em teu favor inspirem de maneira,
Que sempre fertil seja a praia tua.
Tornando, emfim, á prática primeira,
Por dar-te, como queres, de mi conta,
Larga ta quero dar e verdadeira.
Apartar-te do gado leva em conta;
Que, pois com elle fica o pegureiro,
Que te detenha hum pouco, pouco monta.
O meu nome he Anzino: fui vaqueiro
Na grã serra da Estrella, que não tive;
Não sei se natural, ou se estrangeiro.
Hum pastor me criou, que ja não vive;
De todos por seu filho era julgado;
E eu tambem neste engano hum tempo estive.
Até que delle soube ser achado
Em huma anzina envolto em pobres panos;
E daqui veio, que Anzino fui chamado.
Neste meu desengano outros enganos
Fundou de novo a pouca dita minha.
Com que o vim a servir mais de sete ânos.

Tinha muito de seu, e mais não tinha
De filhos, que huma filha bem formosa,
Á qual por morte delle tudo vinha.
Conversação doméstica e damnosa,
Na livre formosura e tenra idade,
Em ambos accendeu chamma amorosa.
Com ella de mi soube esta verdade,
Com outro amor, com outros exercicios,
Nella ganhei de novo outra vontade.
Amor mestre me fez de mil officios
Para meio do fim que desejava;
E delle sinal davão mil indicios.
Tecia alvos cestinhos, quando andava
Com as vaccas no prado: á noite hum cheio
De fructa, outro de flores lhe levava.
Nas mangas muitas vezes e no seio
As nozes lhe levei com as castanhas,
Quer do souto do pae, quer d'outro alheio.
Nos intrincados bosques, nas montanhas,
Por seu amor as feras perseguia,
Forças agora usando, agora manhas.
Vivos os mansos cervos lhe trazia;
Vivas medrosas lebres fugitivas:
Ligeireza de pés não lhes valia.
Mas, se lhe dava as mansas feras vivas,
Mortas lhe dava as que por natureza,
Sem domar-se são bravas, ou esquivas.
Certo dia achei eu n'huma aspereza,
Sem mãe, hum cervo branco e pequenino;
Trouxe-lho; ella o criou; inda hoje o préza.
Ou ja criação seja, ou ja destino,
Tanto que não o vê, geme e suspira.
Como menos fará o triste Anzino?

Com seu chôro abrandou ao pae amigo;
Qu'emfim, deixando-a menos magoadâ,
Lhe disse que fallasse isto comigo.
Assi me disse; e que determinada
Estava a qualquer mal que lhe viesse,
Antes que ser com Tityro casada.
Que por mais de mil cabras que tivesse,
Jamais esta vontade mudaria;
Que buscava saber, não interesse.
E que de melhor mente casaria
Com hum qualquer pastor, pobre de gado,
Se nelle as partes visse que em mi via.
Por extremo de mi lhe foi louvado
O pensamento seu; e sem detença
Tal resposta lhe dei acautelado:
Se a dar meu parecer me dás licença,
Hum pastor te darei de qualidade,
Que em nada de mi tenha differença;
Nem de menos saber, nem mais idade;
Nas manhas outro tal, e em corpo e gesto:
Da fazenda não sei a quantidade.
Se esse me fazes bom, daqui protesto
De não receber outro por marido:
Me respondia com sembrante honesto.
Pois sabe (respondi) que ja admittido
Me tens com gosto teu por teu esposo;
Que com dar-te-me dou o promettido.
Não pude dizer mais, de vergonhoso,
Nem ella me deixou com ouvir tal,
Suspeitando de mi amor vicioso.
Logo me respondeo: Ah desleal!
Ah deshonesto irmão! isso pretendes?
Mas não irmão, imigo capital.

O Ceo, que com injusto amor offendes,
Tome, cruel, de ti justa vingança,
Antes que de tamanho error t'emendes.
Andavas-me enganando na esperança
Com esses falsos e indevidos meios
Ao sangue nosso e minha confiança?
Fizeste verdadeiros os receios,
A que confusamente me levavas
De sombras enganosas com rodeios.
Desejo no teu peito agasalhavas
Tão torpe, tão infame, tão alheio
Do puro amor, a que obrigado estavas?
Não te desculpes, não; que ja não creio
Lagrimas, nem palavras, nem desculpas
De quem imaginou caso tão feio.
Timido respondi: De que me culpas?
Se ouvido me não dás, não tens razão;
Acaba de me ouvir o fim das culpas.
Tẽe-me, Ulina, por teu, não por irmão:
Se me não queres crer esta verdade,
De teu pae saberás se minto, ou não.
Por filho me criou: a flor da idade
Gastei em o servir por teu respeito:
Olha o que te merece esta vontade.
Se com ser isto assi tenho erro feito
Em grangear-te; que a ti só desejo;
Eis este ferro aqui, eis este peito.
Isto ouvindo, mostrou hum ledo pejo,
Pondo os olhos no chão, formosa e branda,
E cuido qu'inda assi nos meus a vejo.
Disse-me: Em que revoltas o amor anda!
No bem, como no mal, tambem me enleia:
Inda agora o senti, ja reina e manda.

Como queres, Anzino, qu'eu te creia
Cousa que nem sonhada foi tégora?
Não sabes de quem ama, o que receia?
Fallarei com meu pae: fica-t'embora:
No desengano seu teu bem consiste;
Da palavra que dei não estou fóra.
Com isto me deixou alegre e triste.
O comêço ja ouviste de meu dano,
Amigo Limiano: o fim amargo,
Em que não serei largo, escuita agora.
Fulgencia, outra pastora, que vizinha
Era d'amada minha e grande amiga,
(Não sei como isto diga que não moura)
Pastora branca e loura, que na serra
Era a segunda guerra dos pastores,
Por mal dos meus amores me quiz bem.
Fundava-se porém em casamento;
E deste fundamento lhe nascia,
Que, como me não via, o valle, o monte,
O bosque, o rio, a fonte rodeava.
Em busca minha andava aquella sesta;
Entrou pola floresta, onde nos vio;
E tudo nos ouvio quanto fallámos,
Entre huns espessos ramos escondida.
Cruelmente ferida dos ciumes,
Foi-se a fazer queixumes (descobrindo
Mais do qu'esteve ouvindo) ao pae d'Ulina.
Eis logo desatina o triste velho;
Eis que sem mais conselho a filha entrega,
Que com chôro se nega e com palabras,
Ao simple guarda cabras, por esposa.
Ah hora desditosa! ah sorte dura!
Daquella formosura desusada,

De tantos desejada, e de mi tanto
Servida com espanto e puro amor,
Quizeste, por mais dor, enriquecer
Quem não sabe entender o preço della?
Ó tu, serra d'Estrella, que tal viste,
Como te não abriste; e no teu centro
Me não cerraste dentro, estando vivo,
Porque mal tão esquivo não sentíra?
Oh cega, oh cruel ira! oh pae fingido!
Para me ver perdido me criaste?
Porque me não deixaste no deserto?
Menos crueza, certo, então usáras,
Inda que me deixáras (não te aggraves)
Ás cruas feras e aves da montanha.
Não vês que o Ceo estranha isso que tratas?
Não vês que a ti te matas cobiçoso?
Na porta o novo esposo tropeçou;
Na casa não entrou co'o pé direito:
Gritou sobolo teito a noite inteira
A ave, qu'he mensageira de fins tristes.
O mesmo vós sentistes, cães da aldeia,
Quando por má estreia, juntos todos,
Com differentes modos huiviastes.
Serranas, qu'esperastes nestas vodas
Cantar alegres todas Hymeneos,
Dos vossos alvos seios, alvas flores,
Em lugar dos licores mais custosos,
Por cima dos esposos derramando;
Ou vendo estar bailando, estando quedas,
Ao som das gaitas ledas no terreiro
O moço tão ligeiro á maravilha,
Que quasi o pé não trilha o junco mole;
Qual será que console a triste amiga,

A quem a força obriga do pae duro,
A quem o Amor puro obriga tanto,
Que n'hum contino pranto se consume?
Assi do grande cume da esperança
Com subita mudança derribado,
Me poz em tal estado a triste nova,
Como sabe por prova quem bem ama.
Levou a leve fama a minha dor
A Sincero pastor, meu grande amigo,
Que com rogos comsigo me levou,
Do monte, onde me achou, ja noite escura,
Chorando a desventura em que me via.
As vaccas, vindo o dia, derramadas,
De mi desamparadas, vem bramando,
Sinal n'aldeia dando em seu bramido
De qu'era ja perdido o pastor seu.
Tamanha pena deo á bella Ulina
(Bella, porém mofina) a pena minha,
Sobre quantas ja tinha no seu peito,
Que mais do triste leito não s'ergueo,
Seu pae adoeceo tambem de nojo:
Da morte foi despojo ao dia quinto.
A dor que daqui sinto he sem medida.
Pois m'apartou da vida, a vida acabe,
Ou n'alma, onde não cabe, faça pausa.
Fulgencia, que foi causa destes males,
Des que montes e valles descobrio,
Despois que me não vio em toda a serra,
Deixou, deixando a terra, mágoa aos pais,
Que della nunca mais novas souberão.
Emfim, tal fim tiverão meus amores.
Chorárão os pastores juntamente
D'Ulina descontente a triste sorte,

Do pae a breve morte, e de Fulgencia
A vingadora ausencia de seu erro;
De mi este destêrro em que me pôs.
　Mas mais chorastes vós, meus olhos tristes,
Quando de vossa luz, sem a do dia,
Por terras tão estranhas vos partistes.
　Cuido que meia noite então seria;
Cantando os gallos ja na triste aldeia,
Chorava só quem della se partia.
　Casa de meus suspiros sempre cheia,
(Disse eu, quando passei pela de Ulina)
Tal fructo colhe quem amor semeia!
　Fortuna, a mi cruel, sempre benina
Em tudo seja áquella, que em ti mora,
Indaqu'em outros braços se reclina.
　Fica-te aqui, minha alma, fica embora,
Que, pois assi o quiz fado inimigo,
Jamais te não verei dia nem hora.
　Dalli nos ricos campos dei comigo,
Que das aguas do Tejo são regados;
Onde te vi mais ledo, como digo,
　Por ver se posso agora a meus cuidados
Achar algum repouso, algum socego,
Atravessando vou montes e prados.
　Passei as claras aguas do Mondego,
Das Lusitanas Musas charo ninho;
As do Douro despois em turvo pégo.
　Daqui continuando meu caminho,
Espero ver a casa aos ceos acceita,
Na terra que da nossa aparta o Minho.
　Onde vou visitar na urna estreita
Os santos ossos do Varão divino,
Que pretendeo do Mestre a mão direita.

Assi, d'hum lugar n'outro de contino,
O bem que ja cantei, chorando venho;
Tornei-me de vaqueiro, peregrino:
Tal hábito me vês, tal vida tenho.

LIMIANO

Anzino, he breve o dia
Para poder contar
O que sinto de tua desventura.
E sei bem que erraria,
Se quizesse louvar
O grave estylo teu, tua brandura.
Aquella formosura,
Por quem alegre fôras;
Que tu ledo cantaste,
E que despois choraste
Tão triste, qu'ind'agora triste choras;
Vivendo eterna nella,
Será mágoa commum, e louvor della.

As mágoas deixo emfim;
Tambem louvores deixo,
Por grandes ellas, elles por pequenos.
Tu, por amor de mim;
(Dir-te-hei de que me queixo)
Repousa hoje comigo, quando menos:
Assi vejas serenos
Esses teus tristes lumes.
Abranda a dura mágoa,
Que tira fontes de ágoa
Do fogo em que chorando te consumes;
Dar-te-hei conta mais larga
Da vida que aqui passo tão amarga.

E mais saber desejo
Se a fama nos engana,
Que diz, que o grão pastor dos Lusitaños,
Com todos os do Tejo,
E com fato e cabana,
Reside ja nos campos Africanos;
Onde mil soberanos
Triumphos, delle dinos,
Lh'ordena a fatal sorte,
Com grande estrago e morte
Dos brutos mal nascidos Sarracinos,
Que de si despejados
Os curraes deixão ja cheios de gados.

Que sendo assi, te digo
Que não espero mais
Nesta para mi sempre ingrata terra.
Quem traz guerra comsigo
Entre seus naturais,
Não deve d'estranhar estranha guerra.
Sem mi de serra a serra
(O Ceo assi o queira)
Logrem meus inimigos
Os valles e pacigos
Desta, donde nasci, fresca ribeira;
Na qual (se não m'engano)
Inda será chorado Limiano.

ANZINO

Limiano, ja bem tenho entendido
Quanto sentes meu mal; mas eu te digo
Que o teu mal he de mi menos sentido.

Ácerca de ficar hoje comtigo,
Farei pois (ja qu'assi nos detivemos)
Tudo o qüe tu quizeres, como amigo.
E, pois o dia ja passado temos,
Vamos-nos mais chegando para o gado;
E lá nas outras cousas fallaremos.
Todavia de funda e de cajado
Te vai apercebendo a som de guerra;
Que não foi tal pastor cá do Ceó dado,
Para não dar ao Ceo tão larga terra.

EGLOGA XII

INTERLOCUTORES

DELIO, ALCIDO E GALASIO

DELIO

Agora, Alcido, em quanto o nosso gado
Pasce diante nós manso e seguro,
Sentemos-nos aqui neste abrigado.
Logremos este sol sereno e puro,
Que livre se nos dá, antes que venha
A noite fria com seu manto escuro.
O rico com seu ouro lá se avenha;
Não se farta a cobiça co'a riqueza:
Mais arde o fogo quando tẽe mais lenha.
Com pouco se contenta a natureza.
Quem isto bem olhasse, certifico
Que não fugisse tanto da pobreza.

O sol tambem m'aquenta, como ao rico;
A fonte agua me dá, fructos a terra:
Com pouco mantimento farto fico.
Ah! que a má vaidade nos faz guerra!
(Para que gasto tempo em mais palabras?)
Os olhos da razão esta nos cerra.
Alcido, tens ovelhas, e tens cabras,
De que tiras da lãa, tiras do leite;
E não te faltão campos em que labras.
Inda tu queres mais? Amigo (eu hei-te
De fallar claro e sem lisongerias:
Não hajas medo tu, qu'eu as affeite)
Tu cantavas Amor, amor tangias;
Fallava a tua frauta; agora he muda:
Que mal te mudou tanto em poucos dias?

ALCIDO

Muda-se a idade, Delio; e se se muda
Com ella a condição, nada m'espanto;
O gosto m'ajudou, ja não m'ajuda.
Se ja cantei amor, se amor não canto,
Culpas do tempo são, que vai mudando
O meu cantar alegre em triste pranto.
O tempo, que tão leve vai voando,
Delio, não torna mais; e assi fugindo,
Mil claros desenganos nos vai dando.
Pouco a pouco se veio descobrindo
O mal d'huma esperança vãa e incerta,
Que me deixou chorando, e foi-se rindo.
Quem nasce sem ventura, ou quem acerta
De fazer fundamento em peito alheio,
De mil contas que faz nenhuma he certa.

DELIO

Pois se isso entendes tu, donde te veio
Sentir tão de verdade as sem-razões,
Não sendo d'outra cousa o mundo cheio?

ALCIDO

Não queres tu que sintão corações
Obrigados com dor a sentimento,
Vendo a razão vencida d'affeições?

DELIO

Emfim, todas as cousas querem tento:
Encobre a dor, e guarda-te d'extremos;
Que sempre trazem arrependimento.
Ao nosso doce canto nos tornemos:
Das nossas Nymphas, bellas inimigas,
Crueza e formosura celebremos.

ALCIDO

Como cantarei eu novas cantigas
Em terra tão esteril, cheia d'ira,
Que nega flores, e que nega espigas?
Pendurei n'hum salgueiro a minha lira:
Ouvi-la ao som do vento he hũa mágoa;
Em lugar de tanger, geme e suspira.
A Amarilia pintei, pintada trago-a
Aqui neste meu seio, e tambem chora:
Seus olhos me dão fogo, os meus dão-lhe ágoa.
Mas vejo vir Galasio.

DELIO

Venha embora.
Galasio, queres tu cantar comigo?

GALASIO

Eu nunca me roguei: menos agora.

DELIO

Cantaremos d'Amor cruel imigo,
Ou brando e amoroso, em razão posto,
Tyranno e cego, e cego até comsigo?

GALASIO

Cada qual cante do que for seu gosto;
Quer mimos, quer rigores d'Amor fero;
Ou d'olhos verdes cante, ou d'alvo rosto.

ALCIDO

Em quanto vós cantais, recolher quero
O gado; que são horas de ordenhar:
Á noite na malhada vos espero.

GALASIO

Isso não: has d'ouvir para julgar
Qual de nós melhor canta e melhor sente.

DELIO

Eu ja não cantarei, sem apostar.
Aposto o meu rafeiro, que Valente
Se chama, e com razão; que o lobo affasta,
Se não cantar mais branda e docemente.

GALASIO

Hum cervo manso aposto.

DELIO

Isso não basta:
Põe mais um par de cabras.

GALASIO

Deos me guarde;
Porque, Delio, este gado he da madrasta.

ALCIDO

Fazeis-me vós juiz? Quereis que aguarde?
Ora cantae sem preço e sem inveja:
E seja logo, porque ja he tarde.

DELIO

Learda minha, branca mais que a neve,
E muito mais corada que a grãa fina;
S'inda Amor a vencer-te não se atreve,
Que fará quem d'Amor por ti se fina?
Eu morro; e tu meu mal julgas por leve?
Não vês tu como ja me desatina?
Ai triste! que me vem valles e montes,
Regados de meus olhos feitos fontes.

GALASIO

Marfida, branca mais que o branco leite;
Vermelha muito mais que a rosa pura;
Assi descuido em ti nunca suspeite,
Assi me trates inda com brandura;
Que a cabana, que a vida e a alma engeite,
Por ti, quando tu mais que marmor dura.
Testimunhas serão montes e valles,
A quem dou larga conta de meus males.

DELIO

Quando a minha Learda desencolhe
Os seus cabellos d'ouro, longo, ondado,
O sol, de pura inveja, se recolhe,

Corrido de se ver menos dourado.
Livre pastor não ha, que bem os olhe,
Sem se achar logo nelles enlaçado.
Ai! não soltes, Learda, os teus cabellos,
Pois tanto prendem quantos ousão vellos.

GALASIO

Os tristes corações se tornão ledos,
Ouvindo de Marfida o doce canto;
Os furiosos ventos estão quedos;
Não guia o claro sol seu carro em tanto.
Converte-se a dureza dos penedos
Em brando amor: Amor desfaz-se em pranto,
Vencido dessa voz, doce Marfida;
Mas tu nunca d'Amor foste vencida.

DELIO

O campo de verdura vejo pobre;
O Ceo chuivoso sempre, e turvo o rio;
Da sua leve folha a terra cobre
O bosque, que foi ja verde e sombrio.
Mas se Learda o rosto seu descobre,
Logo desapparece o tempo frio:
Comsigo a primavera traz Learda.
Ai quem a visse ja! Ai quanto tarda!

GALASIO

A triste Progne ja despareceo;
A toda flor o frio foi imigo;
A doce Philomela emmudeceo,
Rouca de lamentar seu mal antigo.
Mas venha por aqui quem me venceo
Com hum só volver d'olhos: qu'eu m'obrigo.

Que as aves tornem logo a seus amores,
E os campos se matizem de mil flores.

DELIO

A viva chamma, aquelle vivo ardor,
Que brando sinto ja pelo costume,
De noite dá de si tal resplandor,
Que os pastores vem delle a tomar lume.
Pasmados ficão, vendo em mi d'amor
O fogo, que me queima e não consume:
E tu, por quem eu ardo noite e dia,
Quando vês tal ardor ficas mais fria!

GALASIO

Eu sempre choro, e tanto ja chorei,
Vencido da grã dor que n'alma tinha,
Que mil vezes de lagrimas fartei
Meu gado, quando a fonte a buscar vinha.
Chorando as duras pedras abrandei;
Mas nunca a ti, cruel imiga minha,
Que vendo que por ti m'estillo em ágoa,
Nenhũa magoa tens de minha mágoa.

DELIO

Quando vires, Learda, o nosso Lima,
Que lá vai de meu chôro acompanhado,
Tornar com suas aguas para cima,
De seu curso esquecido, costumado;
Então embora julga, então estima
Que tenho n'outra parte o meu cuidado.
Mas deixarão os rios de correr,
Primeiro que deixe eu de te querer.

GALASIO

Estas serras, Marfida, por certeza
De minha firme fé só quero dar-te:
Quando com espantosa ligeireza
Daqui correr as vires a outra parte,
Então cuida que falta em mi firmeza,
Qu'então deixarei eu, meu bem, de amar-te.
Mas mudar-se daqui bem podem ellas,
E eu não mudar de mi graças tão bellas.

ALCIDO

Se esta vontade minha não deseja
A vossos versos dar justos louvores,
Hora nunca na vida alegre veja.
Acceitae meu desejo, meus pastores:
Mais vos não póde dar quem traz o esprito
De todo entregue a damnos, mágoas, dores.
Mas porque dê de vós público grito
A leve fama, como vedes, deixo
O vosso canto e o meu juizo escrito
No liso tronco deste verde freixo.

Delio neste lugar doce cantou
Com Galasio, que doce respondia:
Hum Learda, Marfida outro louvou,
Com inveja de qual melhor diria.
Alcido, que o seu canto bem notou
Por ver quem a victoria levaria,
Como livre juiz, deo por sentença,
Que não havia entr'elles differença.

EGLOGA XIII

PHYLLIS

Pascei, minhas ovelhas: eu, em quanto
Aquelle passarinho canta ou chora,
Chamarei Corydon com triste pranto.
Se entre vós, bellas plantas, amor mora
(Plantas, ja vós amastes) tende mágoa
De mi, pois que m'ouvis queixar agora.
Ai cruel Corydon! cruel a frágoa
Em que vivo por ti! Não tens piedade
De ver meu peito fogo, os olhos ágoa?
Ja não amas a Phyllis? Ah crueldade!
Ai triste! E que farei? Em poucos dias
Mudaste tu de mi tua vontade.
A Phyllis ja deixaste, a quem trazias
No formoso verão formosas fruitas,
Sinal do grande bem que me querias?
Sabes, cruel, que tenho causas muitas
Para te convencer, de que queixar-me;
Por isso vás fugindo e não me escuitas.
Puderão os teus rogos abrandar-me:
Os meus (triste de mi!) mais te endurecem.
Ja não acho em que possa confiar-me.
Aquelles doces versos ja t'esquecem,
Que tu nos lisos álamos cortavas,
Onde com teus enganos inda crescem?
Arder por meu amor nelles mostravas:
Eu, crendo que era assi, não entendia
Quanto fingiste amar, quão pouco amavas.

Tristes meus fados forão, triste o dia
Em que nasci: coitada de mi triste,
Qu'em mágoa se tornou minha alegria!
Logo que a tua Galatêa viste,
Vi eu deste meu mal grandes agouros;
E tu da parte esquerda hum corvo ouviste.
E não têe Galatêa mais thesouros,
Nem têe mais formosura, inda que seja
Ou d'alvo rosto, ou de cabellos louros.
Á negra violeta têe inveja
O branco lirio, porque tal não tem
O cheiro, que vencido não se veja.
Tityro arde por mi; Tityro, a quem
Mil Nymphas dão capellas de mil flores;
Mas elle a mi só chama, a mi quer bem.
Eu desprézo por ti muitos pastores,
E tu por Galatêa me desprezas!
Tal pago dás, cruel, a meus amores?
Em que te mereci tantas cruezas,
Quantas usas comigo? Por ventura
Usei comtigo d'ira, ou d'asperezas?
Prouvera a Deos que tão isenta e dura
Me víras para ti, que nunca víras
Em mi sinal d'amor, ou de brandura!
S'eu fugíra de ti, tu me seguíras;
Por mi ardêras, não por huma ingrata,
Por quem choras em vão, em vão suspiras.
Bem me vinga de ti, pois te maltrata:
Mas eu te quero tanto, que desamo
(Por mais que tu me mates) quem te mata.
Respondem-me estes montes, quando chamo
Por ti com triste voz; Ecco responde
Das lagrimas, movida, que derramo.

E tu não me respondes, nem sei onde
Te leva esse desejo; mas bem sei
Que amor e desamor de mi t'esconde.
Ai triste Phyllis! triste! Onde acharei
Remedio a tanto mal? O fogo puro
Em que m'abrazo, com que abrandarei?
Ja fugíra daqui por mais que duro
Fosse o deixar o ninho em que nasci:
Mas não ha contra Amor lugar seguro.
A morte só (mil vezes isto ouvi
Á nossa Celia) por remedio espere
Aquelles que a Amor fez senhor de si.
Então, porque de todo desespere,
Este cego, a quem cegos nós seguimos,
A mi por ti, e a ti por outra fere.
S'eu morrêra no ponto em que nos vimos,
Não víra tanto mal. Mas que da sua
Sorte fugisse alguem, nós nunca ouvimos.
Eu me queixo de ti, e tu da tua
Galatêa te queixas; e não ves
Que mais piedosa te he, quando mais crua.
Sendo tu tão cruel (tão cego es!)
Queres achar piedade? Como queres
Que te creião teu mal, se o meu não crês?
Qu'eu viva com pezar, tu com prazeres,
Não quer o justo Ceo. Ou ambos tristes,
Ou ledos ambos, si: mais não esperes.
Selvas, que n'outro tempo nos cobristes
Com frescas sombras lá do ardor de cima,
Dizei, se a Corydon dizer ouvistes:
Primeiro ha de tornar o brando Lima
As aguas de crystal á fonte clara,
Que no meu peito novo amor s'imprima.

Primeiro qu'eu te deixe, Phyllis chara,
Me ha de deixar a mi a propria vida.
Mas quem, por não deixar-te, a não deixára!
Pois tu, Phyllis, ma dás, eu offrecida
A tenho a teu querer; tu della ordena
Como, doce amor meu, fores servida.
Por ti me será branda a dura pena;
Por ti suave a dor, leve o tormento,
A que m'inclina o fadò, ou me condena.
Ah falso Còrydon! teu pensamento
Era enganar-me: dada a fé me tinhas;
E a fé co'as palavras leva o vento.
Mas (ai triste de mi!) tambem as minhas
O vento vai levando. O sol he posto.
Porque, ligeira luz, te não detinhas,
Em quanto em meu queixume achava gosto?

EGLOGA XIV

INTERLOCUTORES

ERGASTO, DELIO E LAURENO

ERGASTO

Agora, ja que o Tejo nos rodeia,
Neste penedo, donde mansamente
Murmurando se quebra a branda veia,
Espera, Delio, até que do Occidente
D'azul deixe a ribeira matizada
O sol, levando o dia a outra gente.
Entretanto daqui verás pintada
A praia de conchinhas d'ouro e prata,
E a agua dos mansos sopros encrespada.

Verás como do monte se desata
A vagarosa fonte por penedos,
Que pouco a pouco cava e desbarata;
E como move os frescos arvoredos
Favonio, que de flóres pinta o prado;
E como s'estão rindo os campos ledos.
Ditoso o que do Ceo foi tão amado,
Que no campo alcançou passar a vida,
Livre de pena, livre de cuidado.
O rouxinol na vara, que vestida
De verdes folhas, sombra faz ao rio,
Lhe canta o doce verso sem medida.
Agora ao pé d'hum alamo sombrio
Vê como dous carneiros s'offerecem,
Os cornos inclinando, a desafio.
Como ao que vence todos obedecem
E folgão de o ver fóra de perigo;
E outros com face esquiva o aborrecem.
Ditoso aquelle, que co'o ferro antigo
Lavra os campos do pae, e se contenta,
Nos seus mólhos atando o louro trigo!
Este a furia do mar não exprimenta,
Nem corre, por achar a pedra rica,
A estranha praia, que outro sol aquenta.
Onde, quando a esperança o fortifica
Em adquirir mais ouro e mais riqueza,
Ouro, esperança, e vida a muitos fica.
Este vive quieto na pobreza;
E deste confiarei que a anteponha
A quanto o mundo mais procura e préza.
Comendo em mesa vil, não s'envergonha:
Antes bebe nas mãos a fonte pura,
Qu'em precioso metal cruel peçonha.

Oh feliz tempo d'ouro! Ind'aqui dura,
Inda conversa aqui com os humanos
A Justiça, fugindo á gente impura!
Quem visse bem tão claros desenganos,
E quanto mal nos vicios se apparelha,
No campo gastaria bem os anos.
Ao dia a nossa vida se assemelha,
Porque quando no mar o sol se banha
Se costuma tingir de côr vermelha.
Assi, se olharmos bem, sempre se ganha
Lá no occaso da mal gastada vida
Rubicunda vergonha em mágoa estranha.

DELIO

A gloria, Ergasto meu, qu'he possuida,
Nunca sabe de nós ser tida em preço:
Só despois que se perde he conhecida.
E desta vida os bens, qu'eu não mereço,
Quando os perco e o mal da outra ja m'espera,
Com grandes mágoas d'alma os reconheço.
Oh se em ditosa sorte me coubera
Por favor ou destino das estrellas,
Qu'entre pastores, eu pastor vivêra!
Muitas vezes t'ouvíra as luzes bellas
Cantar da linda Nise, nas quaes arde
Teu peito, sempre ufano d'arder nellas.
Buscáe pastor, ovelhas, que vos guarde;
Que o Ceo não quer q'eu mais vos guarde e conte,
E despois vos recolha, sobre a tarde.
Não vos verei saltar junto da fonte,
Cabras minhas, ja meu querido gado,
Nem da rocha pender no verde monte.

ERGASTO

Consente agora, ó Delio, que chorado
Em triste verso seja apartamento,
Que assi me deixa triste e magoado.

DELIO

Não: que se dobrará meu sentimento.
Mas se queres, Ergasto, que m'esqueça
Partida, que lembrada he só tormento,
Canta aquelle Soneto, que começa:
Quantas vezes do fuso s'esquecia.
Que digas hum dos teus, não sei se o peça.

ERGASTO

Se com m'ouvir, a dor se te allivia,
Eu o direi. Mas eis cá vem Laureno,
Que a cantar vezes mil me desafia.
Cantando venceo ja Tityro e Almeno:
E eu, inda que sei certo ser vencido,
Apostar a cantar com elle ordeno.

LAURENO

Ergasto, pois o tempo se ha offrecido,
Celebremos amor e formosura,
Em quanto o gado á sombra está acolhido.

ERGASTO

Postoque ja a victoria tens segura,
Não cantarei sem preço, porque saia
Mais ledo quem cantar com mais brandura.

LAURENO

Eu hum vaso porei de lisa faia,
Divina obra de Alceo, que celebrado
Será sempre por claro nesta praia.
A vide, de que em roda está cercado,
Os roxos cachos cobre; e primor teve
Em pôr no meio a Dama e Pan cansado.
Parece que a beija-la o deos se atreve,
E que ainda dos beijos mal soffridos
Inclinado lhe foge o tronco leve.

ERGASTO

Outro vaso porei d'hera cingido,
No qual Orpheo das aves esquecidas
E dos suspensos bosques he seguido.
Não cuido que de faia são sahidas
De tal arte, lavor de tal maneira:
Tambem obra he d'Alceo, das mais polidas.
Esta, das que me deo, foi a primeira;
Que a dar-ma o velho Alcido emfim s'abranda,
Ouvindo-me cantar nesta ribeira.
Ouvio-m'então, estando desta banda;
E dando-ma, dizia-me: Este seja
O premio, Ergasto, dessa Musa branda.

LAURENO

Delio o nosso cantar pondere, e veja
Qual dos dous a voz dá mais docemente;
Que huma tal causa tal juiz deseja.

DELIO

Se o meu juizo cada qual consente,
Tu, Ergasto, ao doce canto dá começo;
Tu responde, Laureno, juntamente:
E eu fico que nenhum perca o seu preço.

ERGASTO

Alcida, que na côr o leite puro,
E a rosa da manhãa deixas vencida,
Culpa he dos olhos teus, nelles o juro,
Est'amor de qu'estás tão offendida.
Castiga-os com me verem; qu'eu seguro
Que a vingança será delles sentida:
Nem temas tu d'os meus alegres serem,
Vendo tristes taes olhos por me verem.

LAURENO

Violante minha, cuja côr iguala,
Mas antes vence os cravos, vence a neve;
Desta dor, que atéqui minha alma cala,
Teu amoroso riso a culpa teve.
Se só por viver della e por ama-la,
Julgas que algum castigo se me deve,
A ver-te sempre rindo me condena,
Pois crescendo o amor mais, mais cresce a pena.

ERGASTO

Com a mãe, que maçãas colhendo andava,
Inda pequena, á bella Alcida vinha:
Eu os ramos da terra ja tocava,
Ja facil para amar o tempo tinha.
Não sei que fogo ou neve se passava

Daquelles olhos seus a est'alma minha,
Que me deixárão posto em tal extremo,
Que até de cuidar nelles ardo e tremo.

LAURENO

No bosque a Violante vi hum dia,
Doce princípio destas doces dores;
A flor cahia nella, e parecia
Dizer cahindo: Aqui reinão amores.
Humilde em tanta gloria ella se ria,
E errando hião sobre ella as várias flores:
Eu, que vencido fui d'hum error cego,
Áquelle honesto riso est'alma entrego.

ERGASTO

Pastora deste bosque, que buscais,
Anoitecendo, o lume por costume;
Chegae a mi; qu'eu fico, se chegais,
Que destes meus suspiros leveis lume.
Accesos sahem d'alma os doces ais
No ardor, que pouco a pouco me consume;
Mas nem as chammas, qu'em suspiros deito,
Accendêrão jamais hum frio peito.

LAURENO

Pastores, que buscais na sombra amada
A fonte, por fugir o ardor do estio,
Vinde a mi, porque d'agua destillada
Por meus olhos, se sólta hum largo rio;
Tal, que a sêde d'Amor nunca apagada,
Farta-la ja de lagrimas confio.
Mas com chôro de tanta quantidade
Não movo aquelles olhos a piedade.

ERGASTO

Se quando a minha Alcida est'alma visse
Nos meus olhos, d'Amor tão maltratada;
Se quando a grave dor fóra sahisse
Entre suspiros mil rôta e quebrada,
Sequer com brandos olhos m'admittisse,
Ficando de vergonha mais córada;
Ditoso fôra, vendo-a, juntamente
Com ser mais bella, deste amor contente.

LAURENO

Se á vista de Violante derramadas
As lagrimas d'amor, que vive nellas,
Tal força lhe fizessem, que orvalhadas
Lhe ficassem de dor ambas estrellas,
E as rosas entre a neve semeadas,
Co'o piedoso orvalho, inda mais bellas;
Ditoso me fizera. Hora ditosa,
Se a víra ser mais bella e ser piedosa!

ERGASTO

Claros olhos, que ao sol fazeis inveja,
Que brandos vos mostreis ja vos não peço;
Mas que poder-vos ver paga me seja,
Se por tamanho amor tanto mereço:
Armados d'esquivança então vos veja
Cheios d'hum não sei que, com que pereço;
Que doce me será tal esquivança.
Doce o morrer, qu'em olhos taes s'alcança!

LAURENO

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Que traz vós todo o mundo ides levando,

Eu não sei se tomais do Ceo luzente
O movimento seu, se lho estais dando:
Sei certo (e não m'engano,) sei sómente,
Que a vós de mi minh'alma ides passando:
Mas não posso entender como deixais
Ao descuido o que vós em vós levais.

ERGASTO

Por mais que a minha soberana Alcida
(Minha não, porque só sua belleza
Vem a ser minha em ser de mi querida)
Me trate vezes mil com aspereza;
Huma só vez que della acho admittida
Minha pequena vista na grandeza
Da luz do rosto seu, sinto tal gloria,
Que de todo o penar perco a memoria.

LAURENO

Quando a minha mais que unica Violante
(Se minha póde ser a que he tão sua)
Aquella santa luz hum breve instante
Me deixa ver, por mais que a veja crua;
A vista tanto em mi vejo a diante,
Que não he muito, não, que m'attribua
A soberba de ser hum'aguia nova,
Que do Ceo no olho claro a vista prova.

DELIO

Pastores, que alcançar pudestes tanto
Com vossa branda Musa, que ja nesta
Idade renovais o antigo canto;

Para vosso louvor, que verso presta?
Qu'hera digna será? que louro dino
Qu'em premio a cada qual adorne a testa?
Em parte paga Amor, se de contino
Por dentro a cada hum gasta os espritos,
Pois co'o divino canto o faz divino.
Nós veremos por annos infinitos
Nos altos troncos destas faias bellas
Os nomes vossos por memoria escritos.
De unicas flores mereceis capellas:
Tẽe Alcida e Violante sós taes flores;
E, pois ellas as tẽe, dem-vo-las ellas.
Os vossos premios recolhei, pastores:
Cada qual igualmente o seu merece;
E ambos d'Apollo os mereceis maiores.
Recolhamos o gado; que anoitece.

EGLOGA XV

INTERLOCUTORES

SOLISO E SYLVANO

SOLISO

De quanto alento e gosto me causava
A vista da manhãa resplandecente,
Com que toda a tristeza s'alegrava;
Que quando vinha o sol claro e luzente,
Bem claro então em mi se conhecia
Huma nova alegria differente;
Tanto agora me offende o novo dia,
Vendo que me não mostra a formosura,
De que só me mantinha e só vivia.

E não me quiz deixar triste ventura
Esperanças de mais tornar a vella!
Oh destino cruel! oh sorte dura!
Oh querida Natercia! oh Nympha bella,
Em quem, emfim, mostrou a natureza
O mais que se podia esperar della!
Se lá no assento da maior alteza
Te lembras de quem viste cá na terra,
Para te magoar sua tristeza;
Lembre-te de contino a cruel guerra,
Que contínua me faz tua lembrança,
Esquecido do gado, valle e serra.
Lembre-te que perdi a confiança
De ver os olhos teus, e juntamente
De todo o bem d'Amor toda a esperança.
Lembre-te que por ti de mi ausente
A crystallina fonte me he nojosa,
Com que ja n'outro tempo fui contente.
Que por ti a manhãa clara e formosa
Males cada momento me accrescenta;
Sendo-me em outros dias deleitosa.
Por ti o puro sol me descontenta;
Com seu canto m'offende a Philomella:
Mas, porque nelle chora, me contenta.
Por ti, Natercia pura, Nympha bella,
Na verdura suave deste prado
Os males multiplico só com vella.
Por ti não curo ja do manso gado:
Com o mesmo qu'então meu bem crescia,
Agora vai crescendo o meu cuidado.
Não sou ja, ja não sou quem ser sòhia;
Mudou-se-me a vontade co'a ventura;
Mudou-se co'os tormentos a alegria;

Trocou-se o claro dia em noite escura:
Nem he muito que tudo se mudasse,
Pois se mudou a tua formosura.
Não via outro reparo, que cuidasse
Poder aproveitar ao meu tormento,
Nem outra gloria alguma em qu'esperasse,
Senão em quanto o triste pensamento
Se punha a contemplar tua beldade,
Sem lhe lembrar tão longo apartamento.
Agora que me falta a claridade,
Que de ver-te a minha alma recebia,
Ficando-me só della a saudade;
Qual ficará hum'alma, que sabia
Sómente desta gloria contentar-se?
Gloria de que gozar não merecia!
Qual poderá ficar quem com lembrar-se
Mortalmente do bem qu'he ja passado,
Só tẽe por melhor vida á morte dar-se?
E qual se póde ver quem hum cuidado
Sostem, que he só da dor certa morada,
E nelle vive só desesperado?
Qual ha de ver-se, ó Nympha delicada,
Hum'alma que te via; e em te vendo
O fio lhe cortou a Parca irada?
A causa deste mal eu não a entendo:
Só entendo que, perdida essa luz pura,
Por perdida a não ver, vivo morrendo.
Vejo que me roubou fortuna escura
Hum bem por quem meu mal me contentava:
Lembra-te tu de tanta desventura.
Lembra-te tu, que só de ti 'sperava
Remedio aos males meus; e então verás
Qual ficou quem em ti só confiava.

Lembre-te adonde estou, adonde estás,
E que tudo sem ti cá m'aborrece:
Dest'arte o estado meu entenderás.

SYLVANO

Não sei por que razão nos amanhece
Este dia dos outros differente,
Com que toda a alegria s'entristece.
O manso gado vejo, que contente
Buscando hia nos campos a verdura,
E dos rios a limpida corrente:
Agora triste errar pola espessura,
Alheio d'herva verde e d'agua fria;
Sinal d'alguma grande desventura.
Suspensa está das aves a harmonia;
E em certo modo mostra que lá chora
A mesma sequidão da penedia.
A candida, rosada, bella aurora,
Que sempre os altos montes vem dourando,
Com hum pallor mortal se mostra agora.
Está-se nestas hervas enxergando
Tão triste côr, que della se conhece
Que algum mal se nos vai apparelhando.
Emfim, vejo que tudo s'entristece;
A causa ignoro. O Ceo piedoso queira
Que menos seja o mal, do que parece.
Porque, desde que habito esta ribeira,
Não m'acórdo de a ver tão carregada,
Nem de a ouvir murmurar desta maneira.
Não m'acórdo que visse outra alvorada
Tão confusa sahir, como esta vejo,
De profunda tristeza acompanhada.

Agora aqui tomára quem sem pejo
A causa, se a soubesse, m'ensinasse,
Para satisfazer a meu desejo.
Porque não posso eu crer que resultasse
D'alguma baixa causa hum tal effeito,
Que até nos duros montes se enxergasse.
O coração cá dentro no meu peito
M'assegura, que tanta novidade
Não traz a origem de commum respeito.
Mas, por entre a confusa claridade,
Lá vejo vir Soliso com seu gado:
Delle espero entender toda a verdade.
Mas não posso cuidar neste cuidado,
Que nos olhos não mostre onde me chega
A dor de o ver de dores traspassado.
Mas aquelle, que a Amor cruel s'entrega,
Não he muito que passe hum tal tormento;
Porque todo mal dá, todo bem nega.
Em quanto este pastor o pensamento
Logrou, sem qu'em amores o empregasse,
Senão só em buscar contentamento;
Festa não se fazia em que faltasse
A sua frauta, qu'elle assi tangia,
Que outra nunca se ouvio que lhe igualasse.
Ja agora não he aquelle que sohia;
Vejo-o na condição todo mudado;
Mudada tambem delle está a alegria.
Não cura ja do seu querido gado;
Aborrecem-lhe as plantas, hervas, flores;
Aborrece-lhe a gente e o povoado.
Não lhe lembrão as festas dos pastores;
Apartando se vai pola espessura,
Enlevado sómente em seus amores.

Contenta-se da noite triste e escura;
Odio tẽe com o sol puro e luzente.
Quem vio nunca tamanha desventura?
  Com esta vai passando tão contente,
Que diz que, quando o mal mais o atormenta,
Se gôsto sentir póde, então o sente.
  Neste bosque huma Nympha se aposenta,
Por quem elle na vida anda morrendo;
E he causa desta dor que lhe contenta.
  E segundo o que delle agora entendo,
Se a vista não m'engana o pensamento,
Ou de vãa phantasia estou pendendo;
  Quando fôra maior o grão tormento,
Que Soliso padece, não pudera
Igualar-se com seu merecimento.
  Quero chegar-me a elle, em quanto espera
Que vá descendo o vagaroso gado:
Saberei delle o que saber quizera.
  Venho, Soliso, a ti com hum cuidado,
Que todo m'entristece; e com grão medo
De grão mal sobre nós inopinado.
  Vês tu como está agora este arvoredo
Triste e pezado, lugubre e sombrio?
Como o vento parece que está quedo?
  Vês a commum corrente deste rio
Que ora tanto se pára, ora anda tanto,
Deixando de seu curso o certo fio?
  Vês como a Philomella deixa o canto,
Com que incita os pastores namorados,
E multiplica Progne o triste pranto?
  E vês, emfim, por todos esses prados
Desmaiadas as hervas, que sohião
Viçoso pasto dar aos nossos gados?

Todos estes sinaes, que não se vião
Nas Auroras a esta antecedentes,
Algum damno mortal nos annuncião.
Eu não sinto o que seja: se o tu sentes,
Não te seja o dizer-mo mui penoso;
E entenderei por ti taes accidentes.

SOLISO

N'outro tempo me fôra deleitoso
Por extremo, Sylvano, gôsto dar-te;
Mas todo gôsto agora me he nojoso.
Bem quizera poder communicar-te
A causa deste horror; mas antes quero
Anojar-me a mi proprio, que anojar-te.
Porém ja sinto o fado tão severo,
Que quanto mais me ponho a declara-lo,
Mais então d'entendê-lo desespero.
E se acaso o entender para contá-lo,
Se quero começar, quer a ventura
Á força de soluços atalhá-lo.
Que despois que me falta a formosura
Daquella illustre Nympha, que contente
Pudera bem fazer a noite escura,
Foi-me faltando o esprito juntamente:
Em suspirar só gasto a noite e dia,
Sem me fartar de ver-me descontente.

SYLVANO

Novidade maior em mi seria
O espantar-me de ver-te estar queixando,
Que o ver em ti desejos d'alegria.

Responde-me ao que t'hia perguntando
Da causa desta singular tristeza:
Não gastes todo o tempo lamentando.

SOLISO

Sempre em ti conheci huma dureza,
E austera inclinação, que bem declara
Quão conforme he teu nome á natureza.
Porque se o meu tormento t'alcançára,
O mór bem para ti o mór mal fôra;
E todo o mal maior te contentára.
Deixa que chore quem com gosto chora:
Deixa-me lamentar meu triste fado;
Que a hum triste a hora de chôro he melhor hora.
Tu não trazes agora outro cuidado
Mais que buscar no valle a sombra fria,
Quando te offende o sol mais empinado.
Coitado de quem passa à noite e dia
Porfiando em morrer, e a sorte dura
Em fugir-lhe co'a morte só porfia!
Oh formosa Natercia! a excelsa altura
Do glorioso Olympo andas pizando;
E eu ausente da tua formosura!

SYLVANO

Qu'he isso, que do Ceo estás fallando?
Parece-me que ja não és Soliso,
Ou que de puro amar vás delirando.

SOLISO

Quem ja perdeo aquelle doce riso,
Que siso produzia e dava vida,
Não he muito que perca a vida e siso.

SYLVANO

Declara-me que cousa tens perdida,
De que tanto te queixas; que ao que sento,
Natercia destes valles he partida.

SOLISO

Quão livre falla aquelle que o tormento
Alheio vê de fóra, mas não sente
Onde chega tamanho sentimento!
A gloria qu'eu perdi não me consente
Palavras naturaes, razões expertas,
Que possão declarar a dor presente.
Mas nesse teu error vejo que acertas;
Porque com nenhum mal deve turbar-se
Quem só delle esperanças logra certas.

SYLVANO

A quem, Soliso meu, de declarar-se
Com outro em casos taes falta vontade,
Nunca faltão razões para escusar-se.
Não sei donde te vem tal novidade;
Pois negando-me agora o que te peço,
Suspeito que me negas a amizade.
Se pola que te guardo te aborreço,
Sabe que só hum cego entendimento
Ás amizades faz perder o preço.
Eu te deixarei só com teu tormento;
Mas não sem dor de ver que tanto a peito
Tomes hum tão damnoso pensamento.

SOLISO

Outra he, certo, a razão, outro o respeito
Que negar-te me fez o que pedias:
Não creias que de ti tão mal suspeito.
  Bem sei que o meu descanso pretendias;
E a mesma confiança faz negar-te
O que destes sinaes saber querias.

SYLVANO

  Não queiras mais, Soliso, prolongar-te;
Pois pende o gosto meu da tua vida:
Se corre risco, dá-me delle parte.

SOLISO

  De todo a sinto ja desfallecida
Nas lembranças daquella breve historia,
Que foi para meus males tão comprida.
  Ja me vence a tristissima memoria
Da gloria que presente me animava.
Quem pudera voar traz tanta gloria!
  Natercia qu'estes montes alegrava,
E que á casta Diana fez inveja,
E que com sua vista o sol cegava;
  Aquella a quem render-se só deseja
Aquelle que de bella mãe presume,
E a quem as armas dá com que peleja;
  Natercia, que no mundo foi hum lume,
Onde a belleza de maior estado
Incendios aprendia por costume:
  Natercia, por quem ando acompanhado
De mágoa tal, que só da morte dura
Espero o feliz fim de meu cuidado;

Ao Ceo se foi co'aquella formosura,
Qu'era mostra do Ceo, gloria da terra;
Qu'era o sogeito mór da mór ventura.
Ja não fará no prado ás almas guerra
Com a vista, senão com a lembrança;
Guerra em que o damno mais cruel s'encerra.
Ja de vê-la não tenhas esperança;
Qu'esta vida trocou de mal cercada
Por outra, em que do bem não ha mudança.
E a causa vês aqui de que a alvorada
Visses desta manhãa tão differente
De outra qualquer, de ti mais ponderada.
Dizer-te o mais não posso, porque sente
Est'alma no que disse tal tormento,
Qu'esta memoria apenas me consente.
O espirito ja debil, sem alento,
No pouco que te tenho referido,
Nas azas se sostem do pensamento.
Oh mundo! qual he aquelle tão perdido.
Qu'em ti crê, qual aquelle tão insano.
Vendo-te todo em damno instituido?
Deixas passar hum gosto d'anno em anno,
Porque, com nosso opprobrio e tua gloria,
Nos faças mais patente o teu engano.
Sempre assi vai comtigo a mór victoria,
Deixando-nos sómente por herança
D'hum possuido bem triste memoria.
Quem faz de ti alguma confiança,
Sabendo ja que quem de ti confia,
D'hum engano penoso emfim se alcança?
Aquelle da belleza novo dia
Cegaste, quando mais resplandecente
Triumphos mil d'Amor nos promettia.

De qual tigre cruel peito inclemente
Não se rompe de mágoa, morta aquella,
Que a tristeza mil vezes fez contente?
Quem, que vê eclipsada a vista bella,
Despois de visto haver sua beldade,
E não sabe morrer por hir traz ella?
Como não te applacou tão tenra idade
Aó cortar do seu fio, ó Parca dura,
Que agora o mundo matas de saudade?
Deixae, deixae, pastores, a verdura;
As frautas deixae ja, e os mansos gados;
E chorae todos vossa desventura.
E vós, sylvestres Faunos namorados,
Tambem chorar podëis, pois ja perdêrão
O objecto mais gentil vossos cuidados.
Nymphas, a quem os deoses concedêrão
Destes sagrados bosques a morada,
E em quem tamanhas graças escondêrão;
Se aquella piedade costumada,
De que mais vos prezais, não esquecestes,
Que sempre foi de vós tão venerada;
Se ja d'alheio damno vos doestes,
Do vosso proprio vos doei agora,
Pois com Natercia todo o bem perdestes.
Oh Naiades! das aguas sahi fóra;
E de vós agua saia em mal tão forte,
Pois de vê-lo tambem o monte chora.
Oh Napêas! chorae a triste sorte
Dos miseros pastores, a quem nega
O fado por mais pena o mortal córte.
Oh Dryas! vós, a quem Amor s'entrega,
Tomae todo o cuidado deste pranto,
Pois sabeis onde a causa delle chega.

Deixae, ó Amadryas, entretanto
As plantas que guardais, por ajudar-me,
Pois deixa a Philomella o doce canto.
E vós, ó vida minha, pois curar-me
Ja não podeis, deixae-me juntamente,
Porque lembranças taes possão deixar-me.
Mas se dellas morreis, morro contente.

EGLOGA XVI

(INEDITA)

Nas ribeiras do Tejo, a huma area
De rochas coroada, cada dia
Vinha Ergasto chamar por Galatea.
Não tinha que esperar, mas não queria
Perder sua esperança, e dos penedos,
Que o Tejo gasta aprende, e aporfia.
Depois de discorrer por seus segredos
Huma vez começou, e em tanto teve
O rio socegado, os ventos quedos.
Que fica por provar? ou que mais deve
Fazer, quem por salvar d'um risco a vida
Muito comette, a muito mais se atreve?
Roguei, chorei, e a fera embravecida
Tão firme em odio tem posta a vontade,
Quanto de amor mudada, e arrependida.
Por ventura mostrou qualquer saudade
Depois de minha ausencia? por ventura
Teve de minhas lagrimas piedade?
Segue pois fera, segue aquella dura
Condição que t'ensina, que esperança
Tenho de teu castigo bem segura.

Prove suas mesmas leis tua esquivança,
E o Ceo que a meu pezar te vê mudada,
Ordene sobre ti cruel vingança.
Ja póde ser que tendo experimentada
A seta de que tantas vezes usas,
Dês a furia passada por passada.
Receberás melhor minhas escusas,
E ouvindo-me queixar, dirás comigo,
Que sem razão minhas razões accusas.
Que fallo, ou onde estou? a que perigo
Me põe esta cruel? se eu vivo nella
Pera mim peço logo este castigo?
Vive, pastora, alegre, e huma estrella
Benigna, influa em ti tantos favores
Que sejas tão ditosa como és bella.
Ouças sempre soar em teus louvores
Esta nossa ribeira, e largamente
Te dêem as plantas fruto, o prado flores.
Comigo corra tudo differente,
Não me refresque a viração no estio,
Nem nos frios do inverno o sol me aquente.
Quero aqui n'hum lugar ermo, e sombrio,
Como nocturno passaro ficar-me,
De meus olhos fazendo hum largo rio.
Pastores, que virão por consolar-me
Vendo que seu trabalho em vão me cansa,
Por remedio melhor terão deixar-me.
Galatea cruel tambem descansa
Na tempestadẽ o vento furioso,
Tua furia sómente se não amansa.
O nosso campo quem te fez odioso?
Que tu quando por elle passeavas
A todo o tempo o achavas gracioso.

Não lhe negues a graça que lhe davas,
Que o gado ja sem ella o não conhece,
E nascem tojos, onde flor criavas.
Vem Galatea ver quando amanhece,
As aves saudar a fresca aurora,
Tanto a ausencia do sol as aborrece.
Verás o Tejo que indinado outr'ora,
Sobre esta area sae lançando escuma,
E escassamente as ondas move agora.
E tu cruel não queres que presuma
Inda alguma hora ver teu peito brando,
Se não que sem remedio me consuma.
Os passaros pelo ar de quando em quando
Párão a meu cantar, mas em ouvindo
Teu nome, vôão logo, e o vão cantando.
Estão estes salgueiros repetindo,
Co' som de murmurar da verde rama,
Os versos que em seu tronco estive abrindo.
Tu Galatea, surda a quem te chama,
Ingrata a quem te serve, em pago déste
Desprezo a quem t'adora, odio a quem t'ama.
E tanto em cruel ira t'acendeste,
Que para me deixar tambem deixaste
O surrão que a teus hombros ja trouxeste.
Porque o mandei fazer o desprezaste,
Porém nunca vejas, que d'outrem seja,
Basta que a teu pescoço o penduraste.
Não falta outra pastora que o deseja;
Foi feito para ti, ninguem o traga,
Quem quer que o desejar morra d'inveja.
Quando o vejo comigo, huma mortal chaga
Renovo com lembranças saudosas,
Que o decurso do tempo não apaga.

Tambem tenho guardadas aquellas rosas
Que te offreci, que m'engeitaste logo,
Parece que ainda estão de ti queixosas.
Secou-as tua ausencia, e aquelle fogo,
Que acendes em meu peito com fugir-me
E com mais dura estar quanto eu mais rogo.
Como poderei eu de ti partir-me?
Se tua imagem dentro em mim faz guerra,
Sem nunca mais deixar de perseguir-me.
Buscarei com meu gado estranha terra,
Habitarei onde outro sol mais arde,
Ou onde a neve tem cuberta a serra.
Mas manda Amor dentro n'alma guarde
Esta dor, porque a traga na memoria
Quando amanhece, e quando se faz tarde.
Quem me dissera estando em minha gloria,
Que avia ainda de ver tão desprezados
Estes despojos da passada historia.
Doces despojos por meu mal guardados
Alegres n'outro tempo, agora tristes,
Que no seio d'amor fostes criados.
Quando a minha Pastora irada vistes
Disse-vos o mal, que juntos padecemos,
Como partir-vos della consentistes?
Fizereis-lhe por mim grandes extremos,
E quando eu pena alguma merecêra,
Por vós dissereis, nos que merecemos?
Solitario sem vós melhor vivêra,
E as discordias crueis qu'esta alma minha
Quando vos vejo tem, não n'as tivera.
Ah cruel Galatea tão asinha
S'esquece amor, que tanto fundamento,
Tantas raizes em teu peito tinha.

Aquelle tão contino pensamento,
Aquelles sonhos sempre em meu proveito,
Tudo lanças furiosa ao vento?
Aquelle monte de firmezas feito,
Que me val ja comtigo, ou que me presta,
Se tudo em nuvens vans vejo desfeito?
Tanto segredo alegre, tanta festa,
Tanta conversação, sem prejuizo,
Em que passaste ja comigo a sesta.
As historias, as praticas de rizo,
As dissimulações por poder ver-te,
Aquellas zombarias tão de cizo,
Podem deixar agora de mover-te?
Ou com fingido esquecimento queres
Aprender pouco a pouco a esquecer-te.
S'isto pertendes, nunca tal esperes,
Que minha fé voando como esprito,
Lá t'hade perseguir como estiveres.
Inda agora m'ensaio e m'exercito,
Pera seguir, pera soffrer durezas,
Que este meu soffrimento he infinito.
Chovão sobre mim furias e asperezas,
Que as fachas, que n'esta alma estão ardendo,
Fogo que não s'apaga as tem accezas.
Ah rustico Pastor, que andas fazendo,
Tu buscas Galatea, ella s'esconde,
E essas tuas razões que estás dizendo,
Ouve-tas muito bem, mas não responde.

ELEGIAS

ELEGIA I

O sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates apartado;
Sua chara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando;
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes ja, ja aos rios se queixava
De seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrellas contemplava,
E aquella ordem com que discorria
O ceo e o ar, e a terra adonde estava.
Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte procedendo
Como o seu natural lhes permittia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
Á sua natureza obedecendo.

Assi só, de seu proprio natural
Apartado, se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha
Nos soidosos versos qu'escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.
Dest'arte me figura a phantasia
A vida com que morro, desterrado
Do bem qu'em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gosto ja passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.
Aqui vejo caduca e debil gloria
Desenganar meu erro co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.
Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e m'entristece
Ver sem razão a pena que m'alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento della;
Mas muito doe a que se não merece.
Quando a rôxa manhãa, dourada e bella,
Abre as portas ao sol e cahe o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomela;
Este cuidado, que co'o somno atalho,
Em sonhos me parece; que o que a gente
Por seu descanso tẽe me dá trabalho.
E despois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acôrdo logra hum descontente)
Daqui me vou, com passo carregado,
A hum outeiro erguido, e alli m'assento,
Soltando toda a redea a meu cuidado.

Despois de farto ja de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
Á parte donde tinha o pensamento.
Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça e sem flor os campos vejo,
Que ja florídos víra, e graciosos.
Vejo o puro, suave e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.
Humas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando.
D'alli fallo com a agua que não sente
Com cujo sentimento est'alma sae
Em lagrimas desfeita claramente.
Ó fugitivas ondas, esperae;
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levae.
Até que venha aquelle alegre dia
Qu'eu vá onde vós ides, livre e ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria?
Não póde tanto bem chegar tão cedo:
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degredo.
Mas essa triste morte que virá,
S'em tão contrário estado me acabasse,
Est'alma assi impaciente adonde irá?
Que se ás portas Tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.
Que se a Tantalo e Ticio for notoria
A pena com que vai, e que a atormenta,
A pena que lá tẽe, terão por gloria.

Essa imaginação, emfim, me augmenta
Mil mágoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na gloria possuida.
Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado
Em que a Fortuna faça o que costuma;
Se nella ha hi mudar-se hum triste estado.

ELEGIA II

Aquella que d'amor descomedido
Por o formoso moço se perdeo,
Que só por si d'amores foi perdido;
Despois que a deosa em pedra a converteo
De seu humano gesto verdadeiro,
A ultima voz só lhe concedeo.
Assi meu mal do proprio ser primeiro
Outra cousa nenhũa me consente,
Qu'este canto qu'escrevo derradeiro.
E se huma pouca vida, estando ausente,
Me deixa Amor, he porque o pensamento
Sinta a perda do bem d'estar presente.
Senhor, se vos espanta o soffrimento
Que tenho em tanto mal para escrevê-lo,
Furto este breve espaço a meu tormento.
Porque quem tẽe poder para soffrê-lo,
Sem se acabar a vida co'o cuidado,
Tambem terá poder para dizê-lo.

Nem eu escrevo hum mal ja acostumado;
Mas n'alma minha triste e saudosa
A saudade escreve, e eu traslado.
Ando gastando a vida trabalhosa,
E esparzindo a contínua soidade
Ao longo d'huma praia soidosa.
Vejo do mar a instabilidade,
Como com seu ruido impetuoso
Retumba na maior concavidade.
De furibundas ondas poderoso,
Na terra, a seu pezar, está tomando
Lugar, em que s'estenda, cavernoso.
Ella, como mais fraca, lh'está dando
As concavas entranhas, onde esteja
Sempre com som profundo suspirando.
A todas estas cousas tenho inveja
Tamanha, que não sei determinar-me,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal desesperar-me,
Não posso, porque Amor e saudade
Nem licença me dão para matar-me.
Ás vezes cuido em mi, se a novidade
E estranheza das cousas, co'a mudança
Poderião mudar huma vontade.
E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira progenie, a estranha usança.
Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterrano;
D'alli 'stou tenteando adonde vio
O pomar das Hesperidas, matando
A serpe que a seu passo resistio.

Estou-me em outra parte figurando
O poderoso Anteo, que derribado
Mais força se lhe vinha accrescentando;
Porém do Herculeo braço sobjugado,
No ar deixando a vida, não podendo
Dos soccorros da mãe ser ajudado.
Mas nem com isto, emfim, qu'estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
D'amorosas lembranças me defendo.
Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Qu'estejão de firmeza acompanhadas.
Vi ja que a Primavera, de contente,
Em variadas cores revestia
O monte, o campo, o valle, alegremente.
Vi ja das altas aves a harmonia,
Que até duros penedos convidava
A algum suave modo d'alegria.
Vi ja que tudo, emfim, me contentava,
E que, de muito cheio de firmeza,
Hum mal por mil prazeres não trocava.
Tal me têe a mudança e estranheza,
Que se vou por os prados, a verdura
Parece que se sécca de tristeza.
Mas isto he ja costume da ventura;
Porque aos olhos que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhes figura.
Oh graves e insoffriveis accidentes
Da Fortuna e d'Amor! que penitencia
Tão grave dais aos peitos innocentes!
Não basta examinar-me a paciencia
Com temores e falsas esperanças,
Sem que tambem me tente o mal de ausencia?

Trazeis hum brando espirito em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado
De lagrimas, suspiros e lembranças.
E s'estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal não consentis firmeza,
Para que nunca viva descansado.
Ja quieto m'achava co'a tristeza;
E alli não me faltava hum brando engano,
Que tirasse desejos da fraqueza.
Mas vendo-me enganado estar ufano,
Deo á roda a Fortuna; e deo comigo
Onde de novo chóro o novo dano.
Ja deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que calo
A quem ja vio tão aspero perigo.
E se nos brandos peitos faz abalo
Hum peito magoado e descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolá-lo;
Não quero mais senão que largamente,
Senhor, me mandeis novas dessa terra;
Que alguma dellas me fará contente.
Porque se o duro Fado me desterra
Tanto tempo do bem, que o fraco esprito
Desampare a prisão onde s'encerra;
Ao som das negras aguas do Cocito,
Ao pé dos carregados arvoredos
Cantarei o que n'alma tenho escrito.
E por entre estes horridos penedos
A quem negou Natura o claro dia,
Entre tormentos asperos e medos,
Com a tremula voz, cansada e fria,
Celebrarei o gesto claro e puro,
Que nunca perderei da phantasia.

O Musico de Thracia, ja seguro
De perder sua Eurydice, tangendo
Me ajudará ferindo o ar escuro.
As namoradas sombras, revolvendo
Memorias do passado, me ouvirão;
E com seu chôro o rio irá crescendo.
Em Salmonêo as penas faltarão,
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vasos s'encherão.
Que se amor não se perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura:
Porque, emfim, a alma vive eternamente,
E amor he effeito d'alma, e sempre dura.

ELEGIA III

O poeta Simonides fallando
Co'o Capitão Themistocles hum dia,
Em cousas de sciencia praticando;
Hum'arte singular lhe promettia,
Qu'então compunha, com que lh'ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia;
Onde tão subtis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merecia, certo, fama e gloria
Quem dava regra contra o esquecimento,
Que sepulta qualquer antigua historia.
Mas o Capitão claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia
Do passado as lembranças por tormento;

Oh illustre Simonides! (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras á memoria nova via;
Se me désses hum'arte, qu'em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias!
S'este excellente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado;
Oh como bradaria justamente,
Simonides, inventa novas artes;
Não midas o passado co'o presente!
Que se he forçado andar por varias partes
Buscando á vida algum descanço honesto,
Que tu, Fortuna injusta, mal repártes;
E se o duro trabalho, he manifesto
Que por grave que seja, ha de passar-se
Com animoso esprito e ledo gesto;
De que serve ás pessoas o lembrar-se
Do que se passou ja, pois tudo passa,
Senão d'entristecer-se e magoar-se?
S'em outro corpo hum'alma se traspassa,
Não como quiz Pythagoras na morte,
Mas como quer Amor na vida escassa;
E s'este Amor no mundo está de sorte,
Que na virtude só d'hum lindo objecto
Tẽe hum corpo, sem alma, vivo e forte;
Onde este objecto falta, qu'he defecto
Tamanho para a vida, que ja nella
M'está chamando á pena a dura Alecto;
Porque me não criára a minha Estrella
Selvatico no mundo, e habitante
Na dura Scythia, e no mais duro della?

Ou no Caucaso horrendo, fraco infante
Criado ao peito d'huma tigre Hircana,
Homem fôra formado de diamante;
Porque a cerviz ferina e inhumana
Não submettêra ao jugo e dura lei
Daquelle que dá vida quando engana.
Ou em pago das aguas qu'estilei,
As que passei do mar, forão do Lethe,
Para que m'esquecêra o que passei.
Porque o bem que a esperança vãa promette,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que he mal que hum'alma em lagrimas derrete.
Ja, Senhor, cahirá como a lembrança,
No mal, do bem passado he triste e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.
E se quizer saber como se apura
Em almas saudosas, não s'enfade
De ler tão longa e misera escriptura.
Soltava Eolo a redea e liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha ja solta á saudade.
Neptuno tinha posto o seu tridente;
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.
O côro das Nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galatêa
Comsigo socegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopêa
Andava por o mar fazendo mólhos,
Melanto, Dinamene, com Ligêa.
Eu, trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos n'agua socegada,
E a agua sem socego nos meus olhos.

A bem-aventurança ja passada
Diante de mi tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
E com o gesto immoto e descontente,
Co'hum suspiro profundo e mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente,
Dizia: Oh claras Nymphas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o não tendes esquecido;
Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Tethys, que vós tendes por Senhora;
Ou ja por ver o verde prado enxuto,
Ou ja por colher ouro rutilante,
Das Tagicas areias rico fruto;
Nellas em verso erotico e elegante
Escrevei co'huma concha o qu'em mi vistes;
Póde ser que algum peito se quebrante.
E contando de mi memorias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouvião,
Oução de vós as mágoas que me ouvistes.
Ellas, que ja no gesto m'entendião,
Nos meneios das ondas me mostravão
Qu'em quanto lhes pedia consentião.
Estas lembranças, que me acompanhavão
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavão.
Porque chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade que renova,
Lembrando a longa e aspera mudança;
Debaixo estando ja da estrella nova
Que no novo Hemispherio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;

Eis a noite com nuvens s'escurece;
Do ar subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano s'embravece.
A machina do mundo parecia
Qu'em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.
Lutando Boreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavão,
Das náos as velas concavas rompendo.
As cordas co'o ruido assoviavão;
Os marinheiros, ja desesperados,
Com gritos para o Ceo o ar coalhavão.
Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.
Amor alli, mostrando-se possante,
E que por algum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho, mais constante;
Vendo a morte presente, em mi dizia:
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.
Emfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco daquelle
Em quem alguma vez de siso entrasse.
Huma cousa, Senhor, por certa asselle,
Que nunca amor se affina, nem se apura,
Em quanto está presente a causa delle.
Dest'arte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós s'encerra.
E nos proprios quão pouca; contra quem
Foi logo necessario termos guerra.

Huma Ilha que o Rei de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lha, e succedeo-nos bem.
Com huma grossa armada, que juntára
O Viso-Rei, de Goa nos partimos
Com toda a gente d'armas que se achára.
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada:
Com morte, com incendios os punimos.
Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Emfim, outra Veneza trasladada.
Nella nos detivemos sós dous dias,
Que forão para alguns os derradeiros,
Pois passárão da Estyge as ondas frias.
Qu'estes são os remedios verdadeiros
Que para a vida estão apparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros.
Oh Lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara d'agua pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grã cobiça d'ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado:

Se não têe as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltão,
O pyropo, a esmeralda e o jacinto;
Se suas casas de ouro não s'esmaltão,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo sáltão.
Alli lhe mostra o campo várias cores;
Vem-se os ramos pender co'o fructo ameno;
Alli se affina o canto dos pastores.
Alli cantára Tityro e Sileno.
Emfim, por estas partes caminhou
A sãa Justiça para o Ceo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou!
Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa;
Como se gera a chuva e neve fria:
Os trabalhos do sol, que não repousa;
E porque nos dá a lua a luz alhêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:
E como tão depressa o Ceo rodêa;
E como hum só os outros traz comsigo;
E se he benigna ou dura Cytherêa.
Bem mal póde entender isto que digo,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte;
Que sempre os olhos traz em seu perigo.
Porém seja, Senhor, de qualquer arte,
Pois postoque a Fortuna possa tanto,
Que tão longe de todo o bem me aparte:
Não poderá apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quanto a morte
Me não entrega ao duro Radamanto;
Se para tristes ha tão leda sorte.

ELEGIA IV

Despois que Magalhães teve tecida
A breve historia sua, que illustrasse
A Terra Santa Cruz, pouco sabida;
Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro d'algum zoilo que ladrasse;
Tèndo nisto occupada a phantasia,
Lhe sobreveio hum somno repousado,
Antes que o sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe apparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez quem o vio todo enfiado;
Dizendo em voz pezada e temerosa:
Não he justo que a outrem se offereça
Obra alguma que possa ser famosa,
Senão a quem por armas resplandeça
No largo mundo com tal nome e fama,
Que louvor immortal sempre mereça.
Disse assi: quando Apollo, que da flama
Celeste guia os carros, de outra parte
Se lhe presenta, e por seu nome o chama,
Dizendo: Magalhães, postoque Marte
Com seu terror t'espante, todavia
Comigo deves só de aconselhar-te.
Hum Varão sapiente, em quem Thalia
Poz seus thesouros, e eu minha sciencia,
Defender tuas obras poderia.
He justo que a escriptura na prudencia
Ache só defensão; porque a dureza
Das armas he contrária da eloquencia.

Assi disse: e tocando com destreza
A cithara dourada, começou
A mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercurio, que sempre costumou
Pacificar porfias duvidosas,
Co'o Caducêo na mão, que sempre usou,
Determina compor as perigosas
Opiniões dos deoses inimigos
Com suaves razões e ponderosas.
E disse: Bem sabemos dos antigos
Heroes, e dos modernos, que provárão
De Belona os gravissimos perigos,
Como tão bem mil vezes concordárão
As armas com as letras; porque as Musas
A muitos na milicia acompanhárão.
Nunca Alexandre, ou Cesar, nas confusas
Guerras o estudo deixão grande espaço;
Que as armas jamais delle são escusas.
N'huma mão livros, n'outra ferro e aço;
Aquella rege e ensina; est'outra fere:
Mais co'o saber se vence, que co'o braço.
Pois, logo, hum Varão grande se requere,
Que com teus dões (Apollo) illustre seja,
E de ti (Marte) palma e gloria espere.
Este vos darei eu, em quem se veja
Saber e esforço no sereno peito,
Que he hum Leoniz que faz ao mundo inveja.
Deste as Irmãas em vendo o bom sogeito,
Todas nove nos braços o tomárão,
Criando-o co'o seu leite no seu leito:
As Artes e as Sciencias lh'ensinárão;
Inclinação divina lh'influírão
Ás virtudes moraes, que logo o ornárão.

Daqui nos exercicios o seguírão
Das armas no Oriente, onde primeiro
Hum soldado gentil instituírão.
Alli taes provas fez de Cavalleiro,
Que, de Christão magnanimo e seguro,
Á si mesmo venceo por derradeiro.
Despois, ja Capitão forte e maduro,
Governando toda a Aurea Chersoneso,
Lhe defendeo co'o braço o debil muro.
Porque vindo a cercá-la todo o peso
Do poder dos Achens, que se sustenta
De alheio sangue, em furia todo acceso;
Este só que a ti, Marte, representa,
O castigou de sorte, que vencido
De ter quem vivo fique se contenta.
E logo qu'este Reino defendido
Deixou, segunda vez com maior glória
Para o ir governar foi elegido.
Mas não perdendo ainda da memoria
Os amigos o seu governo brando,
Os imigos o damno da victoria;
Huns com amor intrinseco esperando
Estão por elle, e os outros congelados
O estão com frio medo receando.
Vêde pois se serião debellados
Por seu claro valor, se lá tornasse,
E dos Indicos mares degradados.
Porqu'he justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olympo alto e subido
Favor è ajuda com que pelejasse.
Aqui só póde ser bem dirigido
De Magalhães o estudo: este só deve
Ser de vós, claros deoses, escolhido.

Assi Mercurio disse; e em termo breve
Conformados se vem Apollo e Marte;
E voou juntamente o somno leve.
Acorda Magalhães, e ja se parte
A offerecer-vos, Senhor claro e famoso,
Tudo o que nelle poz sciencia e arte.
Tẽe claro estylo, e engenho curioso,
Para poder de vós ser recebido,
Com mão benigna, de animo amoroso.
Pois se só de não ser favorecido
Hum alto esprito fica baixo e escuro;
Este seja comvosco defendido,
Como o foi de Malaca o debil muro.

ELEGIA V

Aquelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo espirito inflammado
Do crystallino rosto transparente;
Aquelle gesto immoto e repousado,
Qu'estando n'alma propriamente escrito,
Não póde ser em verso trasladado;
Aquelle parecer, que he infinito
Para se comprender d'engenho humano;
O qual offendo em quanto tenho dito;
Tanto a inflamar-me vem d'hum doce engano,
E tanto a engrandecer-me a phantasia,
Que não vi maior glória que meu dano.
Oh bem-aventurado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia!

E bem-aventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento!
Faça-me quem me mata, o mal que ordena,
Trate-me com enganos, desamores;
Qu'então me salva, quando me condena.
E se de tão suaves desfavores
Penando vive hum'alma consumida,
Oh que doce penar! que doces dores!
E se huma condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer! que doce vida!
E se me mostra hum gesto lindo humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que doce mentir! que doce engano!
E s'em querer-lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir! que doce cacha!
Assi que ponho ja no soffrimento
A parte principal de minha glória,
Tomando por melhor todo tormento.
Se sinto tanto bem só co'a memoria
De ver-vos, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais que ser vossa victoria?
Se tanto a vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecer-vos;
Que quero eu mais que ter-vos por senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
S'em meu proveito faz qualquer partido,
Só na vista d'huns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?

Se, emfim, os meus espritos, de pequenos,
A merecer não chegão seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais não seja menos?
A causa, pois, m'esforça o soffrimento;
Porque, a pezar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razão faz a pena alegre, ou triste.

ELEGIA VI

Entre rusticas serras e fragosas,
Compostas d'asperissimos rochedos,
De salitradas lapas cavernosas;
Onde gretando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca e fria,
Brotando estão de si mil arvoredos;
Huma floresta fez verde e sombria
A natureza experta, que rodeia,
Como elevado muro, a serrania.
Neste formoso sítio se recreia
O lascivo Cupido entre as boninas,
Que sempre hum brando Zephyro meneia.
Da candida cecem, das clavellinas,
Da salva, mangerona e das mosquetas,
Das rubicundas flores hyacinthinas,
Muitas capellas tece, que de setas
Lhe servem contra peitos de donzellas,
A quem d'inveja traz sempre inquietas.
Não são d'huma só côr as flores bellas;
Que humas esmalta verde, outras rosado,
Entre as azues crescendo as amarellas.

Dos agrestes loureiros rodeado,
Faz o valle huma sombra deleitosa,
Quando apparece o sol mais levantado.
E por cima da relva bem graciosa
As gottas de crystal quasi imitando
Estão do aljofar puro a luz formosa.
As crystallinas fontes, que brotando
Por entre alvos seixinhos se derivão,
Das arvores os troncos vão banhando.
Entre as limpidas aguas, qu'inda esquivão
O formoso pastor que se perdeo,
Preso das falsas mostras que o captivão,
Cresce a por cuja causa s'esqueceo
A linda Cytherêa de Vulcano,
Quando presa d'Amor se lhe rendeo.
Na brancura do rosto soberano,
Inda as crueis feridas apparecem
Do javali cerdoso e deshumano.
As rosas que de sangue resplandecem,
As candidas boninas marchetadas,
Qual rôxo esmalte á vista bem se offrecem.
Do matutino orvalho rociadas,
As flores rutilantes e cheirosas
Estão como por cima prateadas.
Os humidos botões abrindo as rosas,
Que os agudos espinhos vão cercando,
No prado se vem rindo deliciosas.
A mellifera abelha, susurrando
Por cima das boninas que rodeia,
Está co'o som das aguas concertando.
Do trémulo regato a branda areia
De jacinthos se cobre e de vieiras,
Qu'encrespão da corrente a branca veia.

Os álamos s'abração co'as videiras
De sorte, que s'enxérga escassamente
Se são os cachos seus, se das parreiras;
E pendendo por cima da corrente,
Outro formoso bosque debuxando
Estão no fundo della brandamente.
Ouve-se o rouxinol aqui, lembrando
Do perfido cunhado a crueldade,
Mágoas em melodias transformando.
A solitaria rôla com soidade
Desfaz o rouco peito, ja cansada
De que não move a morte a piedade.
A domestica Progne anda banhada
No sangue de seus filhos, em vingança
Da triste Philomela profanada.
De competir co'o merlo não descança
O garrulo calhandro, qu'enrouquece
Por não perder callado a confiança.
Em quanto o pobre ninho ajunta e tece
O sonoro canario, modulando
Engana a grave pena que padece.
Alguns versos s'escuta derramando
O vário pintasirgo, tão saudaveis,
Que produzem memorias d'amor brando.
Por os direitos troncos ha notaveis
Epigrammas; alguns d'antigua historia,
Que contra o duro tempo são duraveis.
Huns de cruel tormento, outros de gloria,
Conforme a liberdade do qu'escreve,
Estranhos casos mostrão á memoria.
O que neste lugar contente esteve,
Contente declarou seu pensamento,
E os prazeres tambem que nelle teve.

Mas outros, declarando o sentimento
Que dos olhos destila tristes ágoas,
Deixárão mil lembranças de tormento.
Abrazando-se alguns em vivas frágoas,
Escrevêrão do bosque em muitas partes
Gostos d'Amor agora, agora mágoas.
Porque, cruel menino, o premio partes
A quem serás tyranno se lho negas,
E injusto e desigual, se lho repartes?
Porqu'enganas as almas que tão cegas
Arrastas apoz ti, de error captivas?
Porque a crueis rigores as entregas?
Para que contra hum peito assi t'esquivas,
Que humilde se sujeita a teu cuidado,
Com enganos de sombras fugitivas?
Levas, como a menino, hum pobre a nado,
N'huma apparencia falsa embevecido,
Quando co'os braços corta o mar inchado.
Querendo-se tornar, vê-se perdido;
Ja grita que se affoga; e tu zombando,
Da praia entre os penedos escondido!
O triste, que conhece ir-se affogando,
No meio da arriscada zombaria
Por divino soccorro está clamando.
Mas eu de que m'espanto, se dizia
Hum sabio que d'enganos se temesse
O que tomasse a hum cego tal por guia?
Nunca nelle a firmeza permanece;
Se nos dá gosto algum, muda-se logo;
Ja chora, ja se ri, ja s'enfurece.
Anda co'os corações sempre em hum jogo;
Humas vezes os faz de pedra fria,
Outras os faz de neve, outras de fogo.

Tornando ao bosque meu que descrevia,
Despois de ter contado da frescura
Que nelle tão pomposa apparecia,
Referir quero agora huma aventura
Que nelle ao vão Narciso aconteceo,
Digna de se chorar com mágoa pura.
Castigo foi que o moço mereceo
Por se mostrar esquivo com aquella,
Qu'em viva pedra Juno converteo.
Ardia em fogo d'alma a vãa donzella,
Soffrendo hum duro peito; que a Narciso,
Quando ella mais se abraza, mais congela.
E quando a fraca Nympha mais de siso
Mostrava hum signal certo de firmeza,
Então se provocava o moço a riso.
Ja d'huma profundissima tristeza
A descora o rigor que a consumia.
Como diz desfavor mal com belleza!
O gelado pastor folgava e ria;
Mas vendo-a de seu gosto andar contente,
Por não a contentar s'entristecia.
He tal o seu rigor, que não consente
Que seja o gosto proprio festejado;
Antes disso se mostra descontente.
Mas o cego Cupido, d'affrontado,
Em vingança da fé que desprezou,
Fez que fosse de si mesmo enganado.
Casualmente hum dia se chegou
A beber n'huma fonte crystallina,
Que de si nova sêde lhe causou.
Vendo a sua figura peregrina
Que a fonte dentro em si representava,
Se perdeo por imagem tão divina.

Como ja, d'enlevado, não cuidava
Nos enganos que a sombra lhe fazia,
Vendo o formoso rosto, suspirava.
Por as avaras aguas se metia;
E quanto mais molhava os tenros braços,
Então mais vivamente o fogo ardia.
Vendo-se assi prender em duros laços,
Ao sentimento obriga a paciencia,
Dando, fóra de si, ao vento abraços.
Embevecido todo n'apparencia,
Sem saber de cuidado o que sentia,
Não fez ao doce engano resistencia.
Ao ver-se longe mais, mais perto via
O peregrino gesto; e se chegava,
Então para mais longe lhe fugia.
Vendo, emfim, como em tudo o remedava,
Cahio no torpe engano que tivera,
A tempo que de si ja preso estava.
A belleza que a tantas morte dera,
De si mesma se abraza e se captiva.
Quão longe então de si ver-se quizera!
Ella se abranda propria; ella se esquiva;
E sendo ella sómente a que se amava,
Ella se chama ingrata e fugitiva.
A formosura, pois, que namorava,
Com tal difficuldade era seguida,
Qu'estando dentro em si, mui longe estava.
A solitaria Nympha, qu'escondida
Ja nas cavernas concavas se via,
Dos males que lhe ouvio foi commovida.
Das namoradas mágoas que dizia
O namorado moço, ella sómente
Os ultimos accentos repetia.

Elle vendo-se estar alli presente,
As crystallinas aguas accusava
De que ellas o fazião descontente.
Outras vezes á fonte, quando a olhava,
Ja cego, e sem juizo, agradecia
A figura que dentro lhe mostrava.
Mas vendo qu'ella em nada se dohia
De seu grave tormento, grita e chora.
Quanto erra quem de sombras se confia!
Ja lhe pede que saia para fóra,
Ignorando que sempre fóra esteve
A belleza que nelle proprio mora.
Despois que longo espaço se deteve
Nestes queixumes seus tão lastimosos,
Que com tão longo ser, julgou por breve;
Co'os olhos, bellos si, mas lagrimosos,
Do valle se despede e da espessura,
Dando soluços da alma vagarosos.
Entregue na vontade da ventura,
Ou, por melhor dizer, de seus enganos,
Ao centro se arrojou da fonte pura.
Dest'arte feneceo em tenros anos
Narciso, dando exemplo á formosura
De que tema, se he tal, tambem seus danos.
Sentimento mostrou da sorte dura
O namorado Jupiter, mudando
Ao moço em flor purpurea, qu'inda dura.
Aquellas claras aguas rodeando,
Onde por seus amores se perdeo,
Está despois da morte acompanhando.
Tanto no seu engano procedeo,
Que não sabe na morte inda apartar-se
Dos erros que na vida commetteo.

Bem póde o coração desenganar-se,
Que o fogo d'hum querer, n'alma inflammado,
Não costuma na morte resfriar-se.
Porque despois do corpo sepultado,
Prisão onde s'encerra o fraco esprito,
Eternamente chora o seu cuidado.
E das escuras aguas do Cocito
A rapida corrente refreando,
Celebra o lindo gesto n'alma escrito.
Lá se está co'os favores recreando;
E se foi desprezado, lá padece,
As duras esquivanças lamentando.
Nem dos avaros olhos lá s'esquece,
Que de formoso verde a terra esmaltão,
Por não ver os do triste qu'endoudece.
Assi que os desfavores nunca faltão,
Até despois da morte perseguindo.
Hum triste coração que desbaratão.
Triste de quem em vão lhe vai fugindo!

ELEGIA VII

Ao pé d'hum'alta faia vi sentado,
N'hum valle deleitoso e bem florido,
A Almeno, pastor triste e namorado.
Outro no mundo póde haver nascido
Mui queixoso de Amor; porém não tanto,
Como este amante, por amar perdido.
Ja Venus hia recolhendo o manto
Escuro com que a terra se mostrava,
Para ajudar d'Almeno o triste pranto.

Apollo sobre os montes derramava
Seus dourados cabellos, que fazião
Ao triste inda mais triste do qu'estava.
As flores por o prado s'estendião.
E das que finas mais erão as cores,
Brancas, rôxas, as Nymphas mais colhião.
Ja guiavão seus gados os pastores,
Que, deixando-os no campo deleitoso,
Com ellas praticavão só d'amores.
Mas era esta alegria hum perigoso
Estado para Almeno entristecido;
E por isso a deixava pressuroso,
Buscando outro lugar: contra Cupido
Claramente exclamava, e o arguia
De contrário, d'astuto e fementido.
De quando em quando a frauta que tangia,
Numeros dava ao ar tão docemente,
Que as aves provocava a melodia.
Cego assi desta dor, deste accidente,
Com os olhos em lagrimas banhados,
Postos no Ceo, dizia tristemente:
Se, Amor, eu te offendi com meus cuidados,
Porque mos déste tu para offender-te,
Quando livre vivia nestes prados?
Não vês quanto me negas merecer-te
O bem que me mostravas, se deixasse
Ferir meu coração para soffrer-te?
Qual bem me has dado, Amor, que me durasse?
Ou qual me has promettido, que hajas dado?
Ou qual déste, que muito não custasse?
Mostra-me quem puzeste em tal estado,
Que pudesse viver de ti contente,
Ou quem de ti não fosse lastimado?

Inimigo cruel de toda a gente,
Ja não quero teu bem, só meu mal quero;
Se de ti nem meu mal se me consente.
Inda que de teus bens ja desespéro,
Não desprézo dos males o tormento;
Antes o prézo mais, quando he mais fero.
Arrebatado deste pensamento
Hia o triste pastor com hum contino
Pranto, que lhe avivava o sentimento.
Quando entrou n'hum vergel d'esmalte fino,
Qu'era de Amor plantado; e parecendo
Lhe está menos humano que divino.
Nelle a dor sua esteve suspendendo:
Porém não, como cervo, está ferido,
Reparo ao mal que leva pretendendo.
Apparecia o sítio tão florído,
Que provocavá a não vulgar espanto,
Entre huns altos ulmeiros escondido.
D'hum crystallino orvalho tinha o manto,
Quando entrou nelle o misero pastor,
E as tenções explicou neste seu canto.
Ó bellas rosas, vós que sois amor,
He por dita humildade, ou he baixeza,
O ter apar de vós murta, que he dor?
Papoulas conversais, que são tristeza!
Não desprezais o cardo, que he tormento!
Admittis a hortelãa, sendo crueza!
Dos goivos longe vejo o sentimento;
Dos jasmins perto estou vendo o perigo;
Do malmequeres vejo o sofrimento.
Deste me temerei como inimigo;
Mas traz por armas salva, que he razão:
Com ella acabará tambem comigo.

As minhas vem a ser huma affeição,
Que são os puros cravos misturados
Co'a vontade sujeita, que he limão.
Ai mosquetas, que sois d'amor cuidados!
Ai crespa mangerona, que és prazer!
Vós sós devieis adornar os prados.
Não pódem dous oppostos juntos ser:
Onde se põe giesta, que he lembrança,
Junto do rosmaninho, que he 'squecer?
Bem peza do leve álamo a mudança;
Do rôxo goivo anima o pensamento
Do cypreste odorifero a esperança.
O trevo, que he sentido apartamento,
Cérca o mangericão, que se interpreta
Memoria a quem offende o esquecimento.
Mais importuna que o jardim de Creta,
A ameixieira a flor está soltando:
A segurelha vejo, que he discreta.
As hervas que daqui irei tomando,
São a pura cecem, que he saudade;
Cravos, medo de ver qual de amor ando.
E, de ter mui perdida a liberdade,
Tomarei madresylva entendimento;
Legação tomarei, porqu'he verdade.
Marmeleiro me dá arrependimento:
Por a salva, que he gosto, tomarei
Coentro opposto ao meu contentamento.
Conhecimento firme nunca achei,
Que violetas são; e, quando o houvera,
Qual meu damno então fôra, bem o sei.
Oh quem, herva cidreira, oh quem pudera
Ver-vos aqui menor, pois sois victoria,
Que de mi alcançou chamma severa!

Mas se quereis que tenha alguma gloria,
Por galardão d'amar e ser sujeito,
Perderei de tormentos a memoria.
Porém, pois mo negais, de todo engeito
A palma, qu'he ventura; e na parreira,
Qu'he 'sperança perdida, me deleito.
Entretanto co'a flor da laranjeira,
Qu'he desafio duro e arriscado,
Posso arguir da hora derradeira.
Ja não se quer deter o meu cuidado
Com a romãa descanso: a brevidade
Das maravilhas só tẽe desejado.
E vós, ovelhas minhas, sem piedade
Vos apartae de mi, se algum desejo
Tendes de ter do pasto mais vontade.
Se muita de me verdes em vós vejo,
Toda a minha de ver-vos-hei perdido
Á força do poder d'amor sobejo.
Lograe do Tejo o placido ruido;
Sós lograe estas veigas florecidas:
Pois se perde o pastor vosso querido,
Não gosteis de com elle ser perdidas.

ELEGIA VIII

Belisa, unico bem desta alma triste,
Descanso singular de minha vida,
Throno donde o poder d'Amor consiste;
Formosa fera, a quem está rendida
D'Amor a que he mais livre liberdade,
Ganhada mais, se mais por ti perdida;

Quão contrario parece na beldade,
Que os corações captiva com brandura,
Alguma nodoa haver de crueldade!
Quão contrario parece em formosura,
Que deixa muito atraz quanto he humano,
Esquiva condição, ou alma dura!
Quão mal parece em quem só co'hum engano
Póde dar vida ao coração sujeito,
Dar-lhe, em lugar de vida, hum mortal dano!
Quão mal parece que hum amor perfeito
Não seja d'outro igual remunerado,
Inda que seja, acaso, contrafeito!
Quão mal parece estar desesperado
Quem tanto por ti soffre e tẽe soffrido,
Devendo estar de penas alliviado!
Porém peor parece quem rendido
Não for a hum parecer que tudo rende,
Por mais qu'em seu rigor viva offendido.
E inda peor parece quem defende
O ser essa belleza sempre amada,
Por mais qu'em vão se canse o que a pretende.
Se quem te mostra amor te desagrada,
Só pódes pretender o não ser vista,
Mas não despois de vista o ser deixada.
Quão mal sabe o valor de tua vista
Quem cuida que o que della acaso alcança
Póde achar coração que lhe resista!
Quão bem pareceria huma esperança
Ja concedida a meu amor ardente,
Não sempre huma mortal desconfiança!
Se hum padecer por ti constantemente
Pudesse ser reparo a quem mais te ama,
Inda esperar pudera o ser contente.

Mas eu temo que aquella immensa chama
Com que a teu bello imperio me levaste,
Te enfrie tanto a ti, quanto m'inflama.
Se a Olympica belleza assi imitaste,
Que brandamente move hum amor puro,
Porque tão dura condição tomaste?
Qual elevado, qual soberbo muro
Este mal, que m'occupa o pensamento,
Contado, não tornára menos duro?
Tu, qu'és a causa só de meu tormento,
Tu, que sómente pódes gloriar-me,
Queres que as minhas queixas leve o vento?
Tu, que me pagarias com matar-me,
Inda a morte me negas vezes tantas?
Ai, que me deras vida em morte dar-me!
Usa piedade, tu, que o mundo espantas
Co'os bellos olhos, com que o douras tanto,
Se acaso a vê-lo brandos os levantas..
Estende-se na terra o negro manto,
E á noute dá alegria a luz alheia;
Mas nos meus olhos tristes dura o pranto.
Torna a manhãa despois alegre e cheia
Da luz que o chôro enxuga á bella Aurora;
Mas do meu chôro nunca enxuga a veia.
Lagrimas ja não são qu'esta alma chora,
Mas amor he vital que dentro arde,
E por a luz dos olhos salta fóra.
Como inda a morte quer que mais aguarde?
Não tarda ja, mas corra a mal tão fero.
Mas ja por mais que corra virá tarde.
Nem no supremo trance de ti 'spero
Qu'inda com ver o estado em que me has posto
Queiras, crua, entender quanto te quero.

Ai! se volveres esse bello rosto
Ao lugar triste em que morrer me vires,
Não por desgosto teu, mas por teu gosto,
Não quero de ti, não, que alli suspires,
Nem que de dar-me a morte te arrependas,
Mas que os olhos de ver-me então não tires.
Assi nunca pastor a quem te rendas,
Te faça conhecer o que me fazes,
Para que com teu mal meu mal entendas!
Como ja agora não te satisfazes
Das penas deste amor, que por querer-te,
De teu merecimento são capazes?
Pois quem com outro merito render-te
Presume (oh raro monstro de belleza!),
Muito mais longe está de merecer-te.
Este si, que merece a grã crueza
Com que tu d'acabar-me a vida tratas,
Pois diante de ti, de si se preza.
Se cuidas que com isto desbaratas
O meu constante amor, porque não viva,
Elle mais vive quando mais me matas.
Se o dar-me morte tens por glória altiva,
Eu m'inclino a que mates; tu t'inclina
A matar mais de branda que d'esquiva.
S'esta alma tua julgas por indina
Daquelle grande bem qu'em ti s'esconde,
Do descoberto mal a faze dina.
Onde (ai!) voz acharei que baste (ai!), onde,
A poder reduzir-te a ser piedosa?
Ou m'acaba de todo, ou me responde.
Mas por mais que te mostres rigorosa,
Deixar meu pensamento m'he impossivel,
Igualmente que a ti não ser formosa.

E por mais qu'esta dor seja terrivel,
Sómente o contemplar a causa della,
Inda que a faz maior, a faz soffrivel.
Porém chegando a não poder soffre-la,
Perdendo a vida; quando a morte chame,
Não perderei o gosto de perde-la.
He justo qu'eu por ti mil mortes ame:
Mas vê tu se te illustra, quando offensa
Minha mortal o teu valor se chame.
Bem vês que huma beldade tão immensa
De vencer-me tẽe gloria bem pequena,
Pois só render-me tomo por defensa.
Mas ja que amor tão puro me condena,
Contente fico assaz desta victoria;
Que não me dão meus males tanta pena,
Quanto o serem por ti me dá de gloria.

ELEGIA IX

A vida me aborrece, a morte quero:
Será eterno o meu mal, segundo entendo,
Pois na mór esperança desespéro.
Sem viver vivo, por morrer vivendo
Por não verdes, Senhora, como eu vejo,
Quanto de mi por vós me ando esquecendo.
Seja-me agradecido este desejo;
Ingrata não sejais a quem vos ama
Com puro e honestissimo despejo.
A culpa que me pondes, ponde-a á fama,
Que pregôa de vós celeste vida
Que os corações d'amor divino inflama.

Humana, quando não agradecida,
Vos mostrae ao mal meu, que me faz vosso,
Antes que a alma do corpo se despida.
Mas que posso eu fazer, pois ja não posso
Hum tormento domar tão forte e duro,
Homem formado só de carne e de osso?
Em minha fé segura me asseguro;
Porqu'esta, quando he grande, jamais erra,
Se resultar d'amor sincero e puro.
Essa beldade santa me faz guerra;
Por ella hei de morrer, inda que veja
Tornar o brando rio em dura serra.
Que cousa tenho eu ja que minha seja?
Quem não deseja a vossa formosura,
Não póde assegurar que o Ceo deseja.
De qu'eu sempre a deseje estae segura:
Neste desejo meu nunca mudança
Hão de ver as mudanças da ventura.
A vida tenho posta na balança
Da gloria singular, do damno esquivo;
Que o perde-la por vós he mór bonança.
Se vos offendo, cuido que não vivo:
Olhae se muito mais que de offender-vos,
Das esperanças do viver me privo.
O que temo sómente he só perder-vos;
O que quero sómente he só adorar-vos;
O que sómente adoro he só querer-vos.
Querer-vos sem deixar de venerar-vos:
Desejar-vos sómente por servir-vos;
Por servir a amor vil não desejar-vos:
Sómente ver-vos, e sómente ouvir-vos
Pretendo; e pois sómente isto pretendo,
Deveis a estes sentidos permittir-vos.

Isto sómente (oh cego!) estou dizendo,
Como se fôra pouco isto sómente!
Que mais que ouvir-vos ha? qu'estar-vos vendo?
Se o não merece o meu amor decente;
Se morte por amar-vos se merece,
Morra eu, Senhora; e vós ficae contente.
Se vos aggrava quem por vós padece;
Se vos vêe a offender quem vos quer tanto,
Quem desta sorte errou não desmerece.
Que quando os olhos da razão levanto
Ao ceo d'essa rarissima belleza,
De não morrer por ella só m'espanto.
Deixae-me contentar desta tristeza,
E fazer de meus olhos largo rio;
Se algum póde abrandar vossa dureza.
Correndo sempre as lagrimas em fio,
Farei crescer as hervas por os prados,
Pois ja d'outra alegria desconfio.
No monte darei pasto a meus cuidados;
E serão de mi sempre entre os pastores
Esses divinos olhos celebrados.
Aprenderão de mi os amadores
Aquillo que se chama amor sublime,
Ouvindo o rigor vosso, e minhas dores.
E nenhum haverá que a pena estime
Mais soberana por a causa della,
Que a que teve até então não desestime;
E qu'inveja não mostre á minha estrella.

ELEGIA X

Que tristes novas, ou que novo dano,
Qu'inopinado mal incerto sôa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo? as praias humidas de Goa
Ferver com gente attonita e turbada
Do rumor que de boca em boca vôa!
He morto D. Miguel (ah crua espada!)
E parte da lustrosa companhia
Que alegre s'embarcou na triste Armada:
E d'espingarda ardente e lança fria
Passado por o torpe e iniquo braço,
Que nossas altas famas injuria.
Não lhe valeo escudo, ou peito d'aço,
Não animo d'avós claros herdado,
Com que temer se fez por longo espaço.
Não ver-se em de redor todo cercado
D'irados inimigos, qu'exhalavão
A negra alma do corpo traspassado.
Não as fortes palavras que voavão
A animar os incertos companheiros,
Que timidos as costas lhe mostravão.
Mas ja postos, nos termos derradeiros,
(Rotos por partes mil e traspassados
Os membros, no valor sómente inteiros)
Os olhos (de furor acompanhados,
Qu'inda na morte as vidas amedrentão
Dos duros inimigos espantados)
Postos no Ceo, parece que presentão
A alma pura á suprema Eternidade,
Por quem os ceos e a terra se sustentão.

E pedindo dos erros, que na idade
Immatura e innocente ja fizera,
Perdão á pia e justa Magestade,
As rosas apartou da neve fria;
E, como debil flor, a quem fallece
O radical humor de que vivia,
Nas mãos do Coro Angelico, que dece,
S'entrega; e vai lograr a vida eterna,
Que com morte tão justa se merece.
Vai-te, alma, em paz á gloria sempiterna;
Vai, que quem por a Lei sacra e divina
A sólta, áquelle a dá que o Ceo governa.
Mas se de tal valor foi morte dina,
A ausencia que do gosto nos saltêa,
A perpétua saudade nos inclina.
Deixa pois tu, formosa Cytherêa,
Do gentil filho e neto de Cyniras
O pranto por a morte horrida e fêa.
E tu, dourado Apollo, que suspiras
Por o crespo Jacintho, moço charo,
Por quem a clara luz ao mundo tiras;
Vinde e chorae hum moço em tudo raro,
Não de ferino dente vulnerado,
Nem de risco sujeito a algum reparo:
Mas só de ferro imigo traspassado;
Que sem duvida incerta, ou frio medo,
A vida poz nas mãos de Marte irado.
Tambem tu, moço Idalio, assiste quedo;
Deixa de dar o venenoso mel
A beber por os olhos, triste e ledo.
Pois os formosos olhos de Miguel
Ja cobertos se vem do escuro manto
Da lei geral a todos mais cruel.

E vós, filhas de Thespis, que co'o canto
Podeis bem mitigar a dor immensa
Dos irmãos generosos e alto pranto;
Não consintais que fação larga offensa
Á grande integridade, a que se devem
Aguas não só, do damno recompensa.
Que ja diante os olhos me descrevem,
Quando as bocas da Fama voadora
Ao patrio e claro Tejo as novas levem,
A profunda tristeza; qu'em hum'hora
Tal posse tomará dos altos peitos,
Que delles o discurso lance fóra.
Alli de dor os corações sujeitos
Hão de lançar de si toda a memoria
D'exemplos claros, solidos respeitos.
Mas, porém se igualais a vida á gloria,
Ó claro Dom Philippe, e pretendeis
Deixar-nos de acções vossas larga historia;
Eu não vos persuado a que estreiteis
O coração na Estoica disciplina,
Onde livre d'affectos vos mostreis.
Que mal a natureza determina
Medo, esperanças, dores e alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.
Immanidade estupida (dizia
O Sulmonense canto) e vil rudeza,
He não sentir affectos que a alma cria.
Porém se o sentir nada for bruteza,
E se paixão devida se consente,
Tambem o sentir muito he ja fraqueza.
Em vós hum soffrer alto s'exprimente,
Qual nos fortes Varões foi conhecido,
Como em estranha, em Lusitana gente.

Bem conheço que o corpo assi perdido,
Como de illustre tumulo carece,
Será de brutas feras consumido.
Mas consola-me, emfim, que se parece
Ao grande bisavô, que por a vida
Real, a sua á Maura lança offrece.
Em pedaços a gente enfurecida
O corpo alli lhe deixa; e com mão dura
Lhe nega a sepultura merecida.
Facil he a perda aqui da sepultura:
Diogenes prudente, e Theodoro
Pouco sentem do corpo essa jactura.
Assi formoso e inteiro, assi decoro
Adorna quem o têe, como o tomou,
Quando se ouvir o extremo som canoro.
Mas ai! qual terror subito occupou
O vosso claro peito, ó Portuguezes?
Qual pavido temor vos congelou?
Que lançadas, que golpes, que revezes
Vos fizerão fazer tamanha injuria
Aos fortes Lusitanicos arnezes?
Ou ja de Capitão sobeja incuria,
Ou fraqueza? Não: qu'elle sustentava
Com seu peito dos barbaros a furia.
Ou ja do ferreo cano a força brava
Com estrondos que atroão mar e terra,
Os corações ardentes congelava?
Ah! quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustentasseis com valor ousado,
Desprezando o temor que a vida encerra?
A vida por a Patria e por o Estado
Pondo nossos avós, a nós deixárão,
Em terra e mar, exemplo sublimado.

Elles a desprezar nos ensinárão
Todo temor. Pois como agora os netos
Subitamente assi degenerárão?
Não pódem, certo, não, viver quietos
Com feia infamia peitos generosos,
Ja em publicos lugares, ja em secretos.
Mortos d'Esparta os Heroes valerosos
Da fera multidão, fazendo extremos,
Taes epitaphios tinhão gloriosos:
Dirás, Hóspede, tu, que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro, em quanto
Ás santas Leis da Patria obedecemos.
Fugindo os Persas vão com frio espanto,
Mas achão as mulheres no caminho,
Mostrando-lhes o ventre, em terror tanto.
Pois do damno fugís, vendo-o visinho,
Fracos! vinde a esconder-vos (lhes dizião)
Outra vez no materno e escuro ninho.
Vêde quaes com mais gloria ficarião,
Se aquelles que morrêrão por o Estado,
S'estes a quem mulheres injurião?
Mas tu, claro Miguel, que ja acordado
Deste sonho tão breve, estás naquella
Torre do Ceo, seguro e repousado;
Onde, com Deos unida a forte e bella
Alma, com teus Maiores reluzindo,
Trocaste cada chaga em clara estrella;
Co'os pés o crystallino Ceo medindo,
Nada d'essas altissimas Espheras,
Nèm da terreste aos olhos encobrindo;
Agora hum curso e outro consideras,
Agora a vaidade dos mortaes,
Que tu tambem passáras se viveras,
. . . .

ELEGIA XI

Se quando contemplamos as secretas
Causas, por que este mundo se sustenta,
E o revolver dos ceos e dos planetas;
E se quando á memoria se presenta
Este curso do sol tão bem medido,
Que hum ponto só não míngua, nem s'augmenta;
Aquelle effeito, tarde conhecido,
Da lua na mudança tão constante,
Que minguar e crescer he seu partido;
Aquella natureza tão possante
Dos ceos, que tão conformes e contrarios
Caminhão, sem parar hum breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que não mente,
Co'os effeitos da terra necessarios;
Se quando, emfim, revolve subtilmente
Tantas cousas a leve phantasia,
Sagaz escrutadora e diligente;
Bem vê, se da razão se não desvia,
Aquelle unico Ser, alto e divino,
Que tudo póde, manda, move e cria.
Sem fim e sem principio, hum Ser contino;
Hum Padre grande, a quem tudo he possibil,
Por mais que o difficulte humano atino:
Hum saber infinito, incomprehensibil;
Huma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visibil e invisibil.
Esta potencia, emfim, que tudo manda,
Esta Causa das causas, revestida
Foi desta nossa carne miseranda.

Do amor e da justiça compellida,
Por os erros da gente, em mãos da gente
(Como se Deos não fosse) deixa a vida.
Oh Christão descuidado e negligente!
Pondera-o com discurso repousado;
E ver-te-has advertido facilmente.
Olha aquelle Deos alto e increado,
Senhor das cousas todas, que fundou
O ceo, a terra, o fogo, o mar irado;
Não do confuso caos, como cuidou
A falsa Theologia, e povo escuro,
Que nesta só verdade tanto errou;
Não dos atomos leves d'Epicuro;
Não do fundo Oceano, como Thales,
Mas só do pensamento casto e puro..
Olha, animal humano, quanto vales,
Pois este immenso Deos por ti padece
Novo estylo de morte, novos males.
Olha que o sol no Olympo s'escurece,
Não por opposição de outro Planeta;
Mas só porque virtude lhe fallece.
Não vês que a grande machina inquieta
Do mundo se desfaz toda em tristeza,
E não por causa natural secreta?
Não vês como se perde a natureza?
O ar se turba? o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?
Não vês que cahe o monte, a terra treme?
E que lá na remota e grande Athenas
O docto Areopagita exclama e teme?
Oh summo Deos! tu mesmo te condenas,
Por o mal em qu'eu só sou o culpado,
A tamanhas affrontas, tantas penas?

Por mi, Senhor, no mundo reputado
Por falso, e violador da sacra Lei?
A fama a ti se põe do meu peccado?
Eu, Senhor, sou ladrão, tu justo Rei.
Pois como entre ladrões eu não padeço?
A pena a ti se dá do qu'eu errei?
Eu servo sem valor, tu immenso preço,
Em preço vil te pões, por me tirares
Do captiveiro eterno que mereço?
Eu por perder-te, e tu por me ganhares
Te dás aos soltos homens, que te vendem,
Só para os homens presos resgatares?
A ti, que as almas sóltas, a ti prendem?
A ti summo Juiz, ante Juizes
Te accusão por o error dos que te offendem?
Chamão-te malfeitor; não contradizes:
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizem que quem te fere prophetizes.
Rim-se de ti; tu choras a crueza
Que sobre elles virá: a gente dura,
Por quem tu vens ao mundo, te despreza.
O teu rosto, de cuja formosura
Se veste o ceo e o sol resplandecente,
Diante quem pasmada está a Natura,
Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue está banhado,
Cuspido, atropellado cruelmente.
Aquelle corpo tenro e delicado,
Sobre todos os Santos sacrosanto,
A açoutes rigorosos desangrado;
Despois coberto mal d'hum pobre manto,
Que se pegava ás carnes magoadas
Para dobrar-lhe as dores outro tanto.

Magoavão-no as chagas não curadas,
Hum tormento causando-lhe excessivo
Ao despir por as mãos crueis e iradas.
As venerandas barbas de Deos vivo
De resplandor ornadas, s'arrancavão
Para desempenhar a Adão captivo.
Com cordas por as ruas o levavão,
Levando sobre os hombros o trophéo
Da victoria qu'as almas alcançavão.
Ó tu, que passas, homem Cyrenêo,
Ajuda hum pouco a est'Homem verdadeiro,
Que agora, como humano, enfraqueceo.
Olha que o corpo afflicto do marteiro,
E dos longos jejuns debilitado,
Não póde ja co'o peso do madeiro.
Oh não enfraqueçais, Deos incarnado!
Essas quédas, que tanto vos magôão,
Supportae Cavalleiro sublimado.
Aquellas altas vozes, que lá sôão,
Dos Padres são, que o Limbo tẽe escuro,
E ja de louro e palma vos corôão.
Todos vos bradão que subais o muro
Da cidade infernal, e que arvoreis
Em cima essa bandeira mui seguro.
Oh Santos Padres! não vos apresseis;
Pois muito mais a Deos, que a vós, custárão
Essas duras prisões em que jazeis.
Aquellas mãos que o mundo edificárão,
Aquelles pés que pízão as estrellas,
Com durissimos pregos s'encravárão.
Mas qual será o humano qu'as querellas
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover a dor e mágoa dellas?

E que dos olhos seus não destillasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto sinalasse?
Oh quem lhe víra os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, e regando
Aquellas faces bellas e excellentes!
Quem a ouvíra com vozes ir tocando
As estrellas, a quem responde o Ceo,
Co'os accentos dos Anjos retumbando!
Quem víra quando o puro rosto ergueo
A ver o Filho, que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeo!
Que mágoas tão chorosas que diria!
Que palavras tão miseras e tristes
Para o Ceo, para a gente espalharia!
Pois que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, e com vinagre amaro
Matar a sêde ao Filho que paristes?
Não era este o licor suave e claro,
Que para o confortar então darieis
A quem vos era, mais que a vida, charo.
Como, Virgem Senhora, não corrieis
A dar as puras tetas ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com sêde vieis?
Não era só, não, esse o verdadeiro
Poto, que vosso Filho desejava,
Morrendo por o mundo em hum madeiro;
Mas era a salvação que alli ganhava
Para o misero Adão, que alli bebia
Na fonte que do peito lhe manava.
Pois, ó pura e Santissima Maria,
Que, emfim, sentistes esta mágoa, quanto
A grave causa della o requeria;

D'essa Fonte sagrada e peito santo
M'alcançae huma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava e pesa tanto.
Do licor salutifero e suave
M'abrangei, com que mate a sêde dura
Deste mundo tão cego, torpe e grave.
Assi, Senhora, toda criatura
Que vive e vivirá, e não conhece
A Lei de vosso Filho, a abrace pura;
O falsissimo herege, que carece
Da graça, e com damnado e falso esprito
Perturba a Santa Igreja, que florece;
O povo pertinaz no antiguo rito,
Que só o desterro seu, que tanto dura,
Lhe diz qu'he pena igual ao seu delito;
O torpe Ismaelita, que mistura
As Leis, e com preceitos tão viciosos
Na terra estende a seita falsa e impura;
Os idolatras máos, supersticiosos,
Varios de opiniões e de costumes,
Levados de conceitos fabulosos;
As mais remotas gentes, onde o lume
Da nossa Fé não chega, nem que tenhão
Religião alguma se presume;
Assi todos, emfim, Senhora, venhão
A confessar hum Deos crucificado,
E por nenhum respeito se detenhão.
E d'hum e d'outro o vicio ja deixado.
O seu nome, co'o vosso nesse dia,
Seja por todo o mundo celebrado;
E respondão os Ceos: Jesus, Maria.

ELEGIA XII

(ACROSTICA)

Juizo extremo, horrifico e tremendo,
E Juiz sempiterno, alto e celeste,
Significará a terra, humedecendo.
Ver-se-ha nella hum suor que manifeste
Como em carne vem Deos, para que o veja
Homem toda esta machina terreste;
Rei justo, que dos corpos e almas seja
Juiz; e quando o mundo cego e inculto
Sobre espinhos crueis deitado seja,
Todo vão simulacro e gentil culto
Ousará engeitar a gente; e guerra
Fará co'o mar o fogo, e cru tumulto.
Immensa luz, que as carnes desenterra,
Lançará fóra as portas vãas do Averno,
Hum Justo e outro alçando á santa terra.
Outros, que são os máos, no fogo eterno
Deitará, descobrindo-se os segredos,
E sendo claro todo feito interno.
Desfeitos serão montes e penedos,
E será tudo pranto e estridor duro;
Obras de grande dor e tristes medos.
Será tornado o sol de todo escuro,
E destruida a machina do mundo,
Sem luz as luzes todas do Orbe puro;
Altos serão os valles, e em profundo
Lugar se abaterão os altos montes;
Vibrará mares vento furibundo:
Averá só de chammas vivas fontes:

De trombeta tremenda som terribil,
Ouvido, fará pallidas as frontes.
Responderá dos máos gemido horribil.

ELEGIA XIII

Se obrigações de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez maior espanto;
Se tambem de Lucrecia a Livia historia,
Inda que ja passada, cá florece,
E por fama, e triumpho hoje tẽe gloria;
Se a perfeição de Laura nunca esquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarcha, e hoje crece;
E se aquella cruel Troyana espada,
Deo com a morte vida á formosura
De Dido, por Virgilio celebrada:
E se Venus formosa, hoje segura
Se apresenta em mil versos, e Diana
Com as nove Irmãas d'Apollo tẽe ventura;
Que fará a formosura soberana
De Figueiroa illustre, de quem quero
Cantar com doce Lyra, e Mantuana?
Mas se me ella não falta, della espero
Cantar, não destas ja, que ja acabárão;
Destas cante Virgilio, cante Homero:
Que se outras com seus versos celebrárão,
Foi, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) não'na alcançárão.

Mas tinha-lhe a ventura Oriental cama,
Guardada lá em Damão, porque nascendo,
Perder fizesse ás outras gloria e fama.
E em quanto alegre declarar pretendo,
Vós, Pae de tal thesouro, dae-me ouvidòs,
Para delle dizer, mais do que entendo.
Não reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes dae-lhe louvor, para que sejão
De tal dama, e de vós favorecidos:
Que milagres d'amor farei que vejão?
Direi os olhos bellos, boca e riso,
Mil partes, que outras damas ter desejão.
Cabellos d'ouro, emfim seu grande aviso,
Sua arte, perfeição, e formosura,
Que na terra nos mostra hum paraiso?
Que mais? O grave aspeito, e a brandura,
A boca de rubis, cheia de perlas,
Das crystallinas mãos a neve pura?
Senhora Dona Maria, entre as mais bellas,
Vós sois, quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas sois qual sol entre as estrellas.
Por vós Damão, Senhora, hoje florece,
Por vós as Musas ja do sacro monte,
Donde contino o louro verde crece,
Vos vem apresentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
As pegaseas flores de Heliconte.
A vós se vem cantando, rodeadas
Das Nymphas, que o dourado Tejo cria,
Com suas doces Lyras temperadas.
E com seu suave canto, e melodia,
Chegadas a vós ja dizem cantando,
Esta he por quem Apollo emmudecia.

Esta he por quem Vertumno desprezando
Pomona, de contino se abrasava,
Na menos parte sua imaginando.
Esta he por quem em fonte se tornava
O avô de Phaetonte, e porque Orpheo
As furias infernaes aquebrantava;
Esta he por quem só Troya se perdeo,
Esta he a quem Paris deo a maçãa d'ouro,
E esta por quem Orlando endoudeceo.
Esta he quem desd'o Ganges até o Douro,
Só sem falta compoz a natureza,
Do Indico Oriental todo o thesouro;
Esta-he quem trouxe a luz toda á nobreza
Dos de Lião Fajardos, que descende
Do Real tronco Ingrez, na mór alteza.
Esta he a flor do Lago, que se estende,
E em quem do novo nasce a Real planta,
Esta he a quem o mesmo Amor se rende.
Esta he por quem a Aurora se levanta,
Na parte Oriental, mais clara e pura,
Esta he por quem morrendo o Cisne canta.
Esta he por quem nos dotou só a ventura,
De mil primores cheia, collocada,
Em rara perfeição de formosura.
Esta será de nós sempre cantada,
E dos novos Poetas mil louvores
Terá com fama eterna e sublimada.
Na festa de Deos Pan cem mil pastores
Desta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levarão cheios de flores.
A ti as suas lutas dedicando,
Seus jogos pastoris de cem mil partes,
Com versos te estarão sempre louvando.

E tu, que de teu ser nunca te partes
Com formosura e graça de contino,
Com que por fama ao mundo te repartes;
Com rosto branco, alegre e peregrino
Acceitarás seus versos, coroada
De rosas e de louro a ti só dino.
D'alli do nosso choro venerada
Terás cargo da selva de Diana,
E entre nós tu serás mais estimada.
D'alli, ó alta Dea e soberana,
Governarás o Indico Oriente,
E todo Estado além da Taprobana.
D'alli correndo irá de gente em gente
Tua fama, fazendo esquecida
A das antigas Damas do Occidente,
Ganhando teu louvor immortal vida.

ELEGIA XIV

Não porque de algum bem tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado,
Que sei, que em vós fará pouca mudança.
Mas ja perdido, triste e magoado
Para remedio tomo escrever dores;
Esperar de vós outro he escusado.
O que não faz amor em meus amores,
O que lagrimas tristes não fizerão,
Bem menos o farão causas menores.
Pois onde as mais tégora se perdêrão,
Percão-se estas palavras de meu ser,
Que pouco me doem ja, ja me doerão.

Sempre deste meu mal tive suspeita,
Não que de todo em todo me faltasse
Hũa esperança vãa em fim desfeita.
Fazia-me o desejo que esperasse,
A rasão d'outra parte, que temesse,
E de esperanças vãas não confiasse.
Que olhasse, que por ellas não perdesse
A doce liberdade, o riso, o canto,
De que depois em vão me arrependesse.
Amor, que tudo póde, pôde tanto,
Que para ver o mal em que me vejo,
Me não deo olhos mais que para pranto.
Não curei a rasão, segui o desejo,
Outras cousas segui, de qualidade,
Que choro, e callo, por não ser sobejo.
Pela vossa neguei minha vontade,
Logo como vos vi, no mesmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade.
O que passou despois, não vo-lo conto:
De que serve contar cousas sobejas,
A quem lhe soube dar hum tal desconto.
Ah esperanças minhas, ja perdidas!
Agora, para mais ter que contar,
Soube que fostes vãas, fostes fingidas.
Em que posso, ou que devo hoje esperar?
Onde acharei de novo outros enganos,
Que possão desenganos enganar?
Mas he vento cuidar enganar danos,
Ó triste, que nem na alma tem alento,
Tẽe seu remedio só no fim dos anos!
Ja não espero ver contentamento,
Perdi quanto esperei n'huma só hora,
E não perdi em muitas o tormento.

E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vos a vós queixar-me,
Não mo consente Amor, que na alma mora.
Põe-se diante, a fim só de estorvar-me,
Que vos offenderei, mostrando aqui,
Que tanta fé pagaes com maltratar-me.
E então este temor deixa-me assi,
Além de magoado, frio, e mudo,
Rependido de quanto escrevi.
Cousas de vosso gòsto ainda cudo,
Como se não cuidasse, o que não creio,
Não perder isto, como perdi tudo.
Mas vá-se o medo ja, pois que ja veio
O desengano, sem se ter sabida,
Que a certeza podia ter receio.
Agora não me dá perder a vida,
Nem a deve receiar quem a despreza,
Matai-me, se de mim sois offendida.
Senão mate-me ja minha tristeza,
Que este só bem me fica, este me val,
Se mo não estorvar vossa crueza.
Quem se não espantará, vendo-me tal?
Temer, que o triste fim, que me ordenastes,
Mo negueis por remedio de meu mal.
Entre silvestres feras vos creastes,
Pois dais por galardão do que esperava
Cruezas desusadas do que usastes.
Quantas lagrimas triste derramava,
Quantos suspiros dava noite e dia,
Se vos não via, e em quanto vos olhava?
Tremia diante vós, ausento ardia,
Abrandava este mal, ter para mim
Que sentia meu fogo essa alma fria.

Mas muito differente foi o fim
De tudo o que cuidava no começo,
Por onde de hum mal n'outro, a tantos vim.
Vida para tal vida não vos peço,
Morte para tal morte qual me mata
Me podeis dar, que bem vo-lo mereço.
Porque com a dor a lingua se desata,
E com gritos vos chama, e com rasão
Sem fé, desamoravel, cruel, ingrata.
Por isso acabai ja vossa tenção,
Fartai, Senhora, ja vossas cruezas
No sangue deste triste coração.
Acabai de acabar tantas tristezas;
Pois acabastes ja vãas esperanças,
Acabem ja tambem minhas firmezas.
Acabe a vida, acabarão lembranças,
Mas tudo está por vós tão acabado,
Como muitas em mim as confianças,
Que tanto me trouxerão enganado.

ELEGIA XV

Foi-me alegre o viver, ja me he pesado,
Que do contentamento que sentia
Á minha custa estou desenganado.
Ao regaço da morte a dor me guia,
Porém, porque com vida mais me mata,
Dilatando-ma vai de dia em dia.
Manda-me amor fugir da morte ingrata,
(Pois não soffre limite em vós amor)
Que elle os laços ordena, elle os desata.

Lancei contentamentos a voar,
Tarde os espero ver, que he seu costume
Ter azas ao fugir, freio ao tornar.
O pensamento posto em alto cume,
Para sacrificar-se á vossa vista,
No coração me guarda eterno lume.
Com o pensamento os olhos tẽe conquista,
Pois sempre em vós está, porque os não leva,
Que elle muro não tẽe, que lhe resista.
Ainda que minha alma em vós se enleva,
Em todo tempo não deixa de arder,
Quando o monte arde em calma, ou quando neva.
Vivei, cuidados, em quanto eu viver,
Ou porque em sombras vossas sempre viva,
Ou porque me apresseis para morrer.
Vontade minha, sempre sois captiva,
Meu pensamento, nunca sois mudado,
Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.
Suave captiveiro, doce estado,
Brando fogo de amor, que em vós guardais
A fim de meu desejo retratado;
Nunca nesta alma a minha, aonde estais
Falteis, porque então falta a esperança,
Sem quem me falta a vida muito mais.
Senhora, em cujo peito odio e mudança
Lanção fóra o Amor, e sua firmeza,
Que daes esquecimento por lembrança.
Armada dos espinhos da crueza,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto, a qual o peito pouco preza.
Mostrou-me hum leve bem minha ventura,
Paguei-o logo com longo tormento,
Que o gosto foge sempre, e a pena dura.

A tanta dor hum leve sentimento
Nunca em vós pude ver, quanto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o daes ao vento.
No principio meu Fado me foi amigo,
Naveguei pelo mar deste desejo,
Que leva de hum perigo a outro perigo.
Em vós he pouco o amor, em mim sobejo,
Cresce em mim, falta em vós, e de maneira,
Que de quanto em vós vi, ja nada vejo.
Mostrou-se-me o tormento na primeira
Com rosto alegre, para que o seguisse,
E lancei-me ao seguir nesta cegueira.
Fortuna, porque quiz que eu o sentisse,
Mostra-se, por mostrar qual dentro era,
Eu choro meu engano, e ella risse.
Quem em contentamentos vãos espera,
Espere cedo de desenganar-se,
Que tẽe breves limites sua espera.
Porém quem ha, que mais queira livrar-se
De tão doce prisão? ou quem deseja
Dos nós desses cabellos desatar-se?
Os olhos, a quem as luzes tẽe inveja,
Que em vós o Amor de amor tendes vencido,
Quem ha que vos não ame, e vos não veja?
Rosto formoso, em quem está esculpido
O mór bem, que se póde ver na terra,
Quem ha, não queira ser por vós perdido?
Olhai, Senhora, as horas apressadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, e torna as rosas descoradas.
Ireis ver ao crystal os olhos bellos,
E ja os não vereis quaes d'antes erão,
Pois quaes então serão, não queiraes vellos.

Usai dos bens, que vão como nascêrão,
Olhai, que tudo desce de alto estado,
Que tambem os prazeres meus descêrão,
Mas não descerá nunca meu cuidado.

ELEGIA XVI

Nunca hum apetite mostra o dano
Antes de ser de todo effeituado,
Mas no fim vem mostrar o desengano.
Dureza a causa, e eu desesperado,
Pelo que imaginou o pensamento,
Ando por esta serra desterrado.
Espalhando a voz ao leve vento,
Delle só consolado, delle ouvido,
O faço sabedor de meu tormento.
Que monte ha, que não tenha ja movido,
Que aspera montanha, ou roca dura,
A força de meu mal não merecido.
Nas duras pedras acha-se brandura,
Falta nesse cruel humano peito.
Quem vio nunca maior desaventura!
Pouco póde em ti amor perfeito,
Quando de hum movimento vive indino,
Que jamais se negou a hum sogeito.
Da ventura, de vós, de meu destino,
Pois todos contra mim são conjurados,
Este valle farei de meu mal dino.
Com elle a noite, e o dia meus cuidados
Passarei em acerba e longa vida
Em queixas, e em suspiros desusados.

Porque sei que serás disso servida.
Não deixarei dos montes a dureza,
Até tua vontade ser movida.
Aqui me subirei na mór alteza
Da serra, onde logo contemplada
Será tua perfeição, tua crueza.
A alma em ti só prompta e occupada
Estando de tormento esquivo e duro,
Opprimida será de ti levada.
Discorrendo hum passo, e outro escuro,
De mal em mal, de hum em outro dano,
A paga tal verá de hum Amor puro.
E vendo aqui tão claro o desengano,
C'os olhos feitos fontes mudará
Lugar tão infelice, e deshumano.
E o que mór tormento lhe dará
A lembrança de algum contentamento,
Que inda que pequeno, magoará.
Fará por divertir o pensamento
Desta parte tristissima mudando
Hũa lembrança cheia de tormento.
Alli algum espaço porfiando,
Tendo por impossivel esquecer-te,
Ficará ao vento vozes dando.
Alli se queixará de conhecer-te,
Alli dura, cruel, despiedosa
Dirá: Dize, que pódes ja mover-te.
Mais que Venus (dirá) dize, formosa,
Quando nessa belleza pura e rara
Se verá hũa hora piedosa.
Alli dirá, cruel, e quem cuidára
De hum espirito tão resplandecente
Tão fera condição, e tão avara?

Alli vivirá triste, alli ausente,
O costumado mal por si soffrendo,
De o quereres tu tanto contente,
Como o mundo está ja conhecendo.

ELEGIA XVII

La sierra fatigando de contino
Los passos vagarosos voy moviendo,
Perdiendo de la vida todo el tino,
De mis suspiros tristes no pudiendo
El alma apartar, e el pensamiento
De aquella por quien yo estoy muriendo:
Que aunque la ausencia es grave tormiento,
Que te olvide en ello es impossible,
Que con amor no puede apartamiento.
Veote con espirito invisible:
En el muy vivo tengo aquel meneo
Tan fiero para mi, y tan terrible.
Todo lo más alegre triste veo,
El fresco valle, el monte, la espessura,
La clara fuente enoja aun el deseo.
El dia se me buelve en noche escura,
No puede amanecer de dó ausente:
Tus claros ojos son, de tu hermosura.
Permitte ya, Señora, que presente,
Do quiera que tu luz es detenida
Sean el alma, y vida juntamente.
En tu servicio alli prompta la vida
Porné en alma sola en contemplar-te,
Aunque me seas siempre endurecida.

El mal que hazes dulce en toda parte,
Sabroso es el tormiento, yo lo quiero,
Pues es tu voluntad no ablandarte.
Que quando una hora venga, que no espero,
Piedosa, y blanda màs que las passadas,
Y me quieras oir, viendo que muero.
Las tristes no seran de mi dexadas,
Que no sabré vivir sin el estado
De penas, tanto tiempo ya provadas.
Hablo como furioso, y transportado,
Pido lo que me es más enojoso,
Holgando de me ver tan olvidado.
Quien fatigado es, no dà reposo,
Que sufras con paciencia te conviene,
Las quexas del, que a si se es odioso.
Al tiempo que bolando ya màs viene
Mis desusadas bozes encomienda,
Que assi la triste boz en ti detiene.
La fuerça del dolor ninguna emienda
Puede tomar em mi, que satisfaga
Lo menos que la quexa em mi te ofienda.
Incurable parece una llaga,
Y lo es, que reciba de tu mano,
No quiera Amor, que yo jamás deshaga
Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA XVIII

De peña en peña muevo las passadas,
La tristissima boz al ayre dando
Voy cantando mis quexas desusadas:

Incierto en el camino, que pisando
De un monte esquivo, 'al otro me encamina,
En medio dél estoy en ti pensando,
Ó rigoroso passo, y quan indigna
El alma veo aqui de sola una hora
Poder en ti pensar cosa tan digna.
Si el alma aun no es merecedora
Purissima, e perfecta, y que me puede
De esperança quedar en ti, Señora?
Mas que puedo querer, Fortuna ruede,
Llevando-me de un triste en otro estado,
Y si es tu voluntad un bien no quede.
En mi no vive ya, es transformado
En ti, el triste espirito, que tenia
De ti sola se quiere ver mirado.
Que aunque eñ fatigas passe noche y dia
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho
La firme voluntad no mudaria.
Y si por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho.
Adó'me llegaria aquel sonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al valle, al monte empedernido.
Dó no se cantaria tu blandura,
En que region estraña, o nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura.
Quien no pusiera estudio, ingenio y arte,
Y quando todo nó, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.
Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas vozes no oyera.

Mas no quiere Amor, que la usada
Quea, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.
Ni tu querrás que yo dexe la vida,
Para me dar tormiento aun más fierò.
Ni con tan luenga usança interrompida.
Cada hora más aspera te espero,
Que vengas pido, el mal sea mas duro,
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.
Pruevase este amor perfecto y puro
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es más seguro.
Excedes en las fieras en dureza,
Quando se ha visto, en esta pura y rara
Gracia, del duro monte la aspereza.
De los bienes que puedes dar avara.
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el mundo no pensara,
Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELEGIA XIX

Illustre e nobre Silva, descendido
Do grão filho de Anchises valoroso,
Por armas, e por sangue esclarecido.
Que como forte, ousado, e piedoso
Ás costas salvou o pae de longos anos
E o filho pela mão tenro e mimoso.
E os Penates, que tinhão os Troyanos,
Tirou no mór conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizerão tantos danos.

Crescendo foi de hũa em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra, e bondade.
Até chegar á nossa tão ditosa,
Pois nelle o Ceo a ti Silva nos deu,
Que a fazes com tuas obras mais formosa.
Aonde o inclito Rei de motu seu,
Movido pelo 'spirito, que o guia
A maiores proesas, que a Theseo.
Pelas partes, que em ti ja conhecia,
Ou decreto de cima te escolheo
Por começo do fim que pretendia.
De Capitão de Tanger te proveo
Em tempo que o Maluco assaz valente
O grande Imperio de Africa venceo.
E sendo esta eleição do Rei valente,
Da cega inveja foste murmurado,
Porque ninguem escapou ao maldizente.
Não te negárão seres esforçado,
Mas dizião, que á guerra em tal idade
Servia Capitão exprimentado.
E que em tempo de tal necessidade
Convinha velho amparo, e forte escudo,
Em quem não possa haver temeridade.
Mas bem ao contrario se vio tudo,
Pois prudencia, e esforço juntamente
Em ti exprimentou o Mouro rudo.
Quando com grão conselho, e pouca gente
Atravessaste os campos Africanos,
Como grão Capitão, velho, valente.
E foste a parte, onde os Mauritanos
Não tinhão visto lança de Christãos
Havia longos tempos, longos anos.

Tomaste descuidado hum Capitão
No tempo, e assi na guerra exprimentado,
Em quem se confiava Tetuão.
Alafe, irmão de Alafe, nomeado,
Que não só o seu campo defendia,
Mas entrava no nosso confiado.
Este, que toda a grande Barberia
Tinha por mui prudente e animoso,
Agora o tens na tua estrebaria.
Que póde aqui dizer pois o invejoso,
Onde tão claro vê, que nessa idade
Suppre o nobre sangue generoso.
Não te dirá, que foi temeridade
Para feito como este tão valente,
Com ter seguro o campo e a cidade.
Nem te póde negar seres prudente,
Pois tempo e conjunção foste escolher
Em que não arriscaste a tua gente.
Mas assi te soubeste recolher
Com grão despojo feito, denso dano,
Sem hum dos que levaste se perder.
Ó felice Varão, Silva Troyano,
Quem te póde louvar, como venceste,
Pois no dia menor, que tinha o ano
O maior feito em Africa fizeste.

ELEGIA XX

Saião desta alma triste e magoada
Palavras magoadas de tristeza,
E seja ao mundo a causa declarada.

Saia do peito a voz, com que a graveza
Sogiga, doma, e as gentes move tanto,
Por mais e mais que tenhão de dureza.
E vós meus olhos tristes entre tanto
Em lagrimas esta alma derretida
Chorai, que amargo choro è o meu canto.
Quanto de mim a causa foi sentida,
Seja de vós chorada, e juntamente
Choremos hũa morte, e hũa vida.
A bondade choremos innocente,
Cortada em flor, que pela acerba morte
Nos foi arrebatada d'entre a gente.
E aquella immensa dor, e dura sorte
Da magoàda mãe, cuja alma triste
Tambem cortada foi com agudo corte.
Ó espirito gentil, que ao Ceo subiste,
Porque engeitaste a minha companhia,
E acompanhar-te eu não consentiste.
Este he o canto heroico, e de alegria,
Que eu ja em teu louvor apparelhava,
Como o tornou a morte em Elegia?
Esta he a esperança, que nos dava
De ti, tua tenra è alegre mocidade,
De quem tão grandes cousas se esperava?
O Hymineo, que em mais perfeita idade
Com honras mil te andava apparelhando
A mãe, de quem não houveste piedade:
Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buscando em vão a casa em toda a parte:
Amado filho meu, por ti bradando?
Quem me vedou os olhos teus cerrar-te,
Que em tão amarga e triste despedida
Pudera esta alma minha acompanhar-te?

Quem te privou da chara e doce vida,
Meu filho tão formoso e mal logrado,
Dous corações passou hũa só ferida.
Em terra de desterro, ai filho amado,
Deixando-me sem ti desamparada,
Quizeste ser de estranhos sepultado.
Se hias para fazer tão grão jornada,
Não leváras em tuà companhia
Esta misera mãe desconsolada?
Quiçá que algum soccorro te seria,
Que vendo vir a espada em alto erguida,
Filho, com hum grito meu te avisaria.
Ou recebêra o golpe nesta vida,
Mettendo-me no meio, e tu vivêras,
Fartára de meu sangue esse homicida.
Ai filho, meu amor, que tu só eras
Quem com tua vida alegre algum descanço
A meu viver cançado dar puderas.
E tu serás tambem quem manço a manço
Me acabarás a vida, que eu querìa
Sem ti ver acabada de hum só lanço.
E vós tambem, mulheres, que paristes
Ajudai-me a chorar, por que em mal tanto
Não satisfazem só meus olhos tristes.
Assim com grave dor de canto a canto
Até nos corações de mór dureza
Soa hũa voz confusa, hum amargo pranto.
Ó tu, honra e primor da natureza,
Illustre e formosissima Maria,
Não trates mal, Senhora, tal belleza.
Pois só custodia és, d'onde alegria
Defunta, e tal chorada em dia amargo
Resurgirá em outro alegre dia.

Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
De alegrares a mãe chorosa e triste,
Que alegre vivirá por tempo largo.
Posto que a dor do irmão muito sentiste
Não destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio nisso não consiste.
Não trates mal as nitidas estrellas
Dos olhos teus com lagrimas ardentes,
Pois têe mais resplendor que todas ellas.
Não offendas as faces refulgentes,
Obra de Deos, com mão despiedosa,
Da patria honra, e louvor das gentes.
Mas vai com doce voz, branda e amorosa
Consola a triste mãe desconsolada
Com tua vista alegre, e tão formosa.
Promette-lhe, que em si resuscitada
Verá sua alegria ja perdida,
De todos tão sentida, e tão chorada.
Pois teu remedio está só em sua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Não dê tanto lugar á dor crescida.
Bem se permitte á fraca humanidade
Por filho tal, e tanto tempo ausente
Hum moderado pranto, huma saudade.
Mas tão contínua dor, que espante a gente,
E põe em tal estremo a vida amada,
Nem o mundo o quer, nem Deos não o consente.
Não foi a morte de Heitor sempre chorada
Da triste mãe, que além de filho amado,
Era por elle só Troya amparada.
Mas ja despois de morto, e arrastado
Com Grego applauso, vozes e alarido,
O corpo houve ás mãos desconjuntado.

Perdida a côr, o collo recahido,
Não parecia Heitor, que d'antes era,
De pó, de sangue, e de suor tingido.
Com seus olhos lavou-lhe a chaga fera,
Com suas mãos o rosto lhe alimpava
Sem alma e sangue, ja de côr de cera.
Mas vendo em fim quão pouco aproveitava
Seu choro, e nem por mais que em vão bradando
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.
De lagrimas os olhos enchugando,
Desenganada ja do filho amado
Se foi com a amada filha consolando.
Nem sempre o fero Achiles foi chorado
De Thetis sua mãe, do branco côro,
Principe Grego tão assinalado.
Tambem pagou á morte o antigo fôro,
E á Deosa não valeo ser prevenida,
Nem suspiros valêrão, nem seu chôro.
Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, e filho amado
De Deosa de Nereo tão querida.
Nas aguas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro não pudesse ser cortado.
Mas a agua não chegou áquella parte,
Que esquadrinhou a setta aguda e forte,
Que contra ella não val engenho e arte.
Chorárão as Gregas gentes sua morte,
Os Phocas e Delphins tambem chorárão,
Chorou do grão Nereo toda a corte.
Tantas lagrimas tristes derramárão,
Tanto chorou a mãe, que muito o amava,
Que o Xanto e o Simois accrescentárão.

Mas vendo que o chorar não aproveitava,
E que era dor perdida, e desatino,
Os seus formosos olhos alimpava.
E com alegre rosto de ar benino
O Ceo, a Terra, o Mar, tudo alegrando,
E os cidadãos do Reino cristalino.
Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Nymphas rodeada,
Tornando a vista atraz de quando em quando:
De Pausilipe e Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, e de Melanto,
Se foi para Nereo consolada.
Deixai pois ja, Senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal que tanto crece,
E dai lugar ao meu inculto canto.
Com grão difficuldade se offerece
A grandes desventuras; taes como esta:
A dar-lhe iguaes palavras, quaes merece.
Por tanto eu, Senhora, agora nesta
Não as hei de buscar por consolar-te,
Que aos tristes consolar só a rasão presta.
Tambem serão perdidas nesta parte
Consolações, que em choro de amargura
Força não tẽe, por mais que tenhão d'arte.
Se as lagrimas não vence a rasão pura,
Fortuna sempre a outras accrescenta,
Guarde-te Deos de mór desaventura.
Não digo, que a alma estê de mágoa isenta,
Porque humano he sentir, mas he fraqueza,
Não soffrer o que Deos nos apresenta.
Não he este mundo a nossa natureza,
Estrada si, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar á Summa Alteza.

Neste caminho hum passo estreito achamos,
Morte se chama horrenda, e desabrida,
Divida, que Adão fez, e nós pagamos.
A todos he commum esta partida,
Quem morre, não morreo, partio primeiro,
E o que ha depois da morte he eterna vida.
Todo animal que nasce está foreiro
A passar este passo estreito tanto,
Todos lá havemos de ir por derradeiro.
Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho está no Ceo resplandecente,
Ja entre os Cidadãos de Côro santo,
Nossas memorias tristes não as sente,
Ja livre, e de theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.
Da visão beatifica gozando,
Sem medo, ou sobresalto de perdella
O mundo e seus afagos desprezando.
D'alli contempla de huma e de outra estrella,
Ou fixa e errante, o curso e movimento,
Tendo, sem se mover, os pés sobre ella.
Veloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de polo a polo, e o Ceo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.
E porque o mar contínuo mingua e crece,
Comprende, e a quinta essencia pura e neta,
E com que luz a Lua resplandece.
Nem nos espanta no ar qualquer cometa,
Os pontos sabe de hum e de outro signo,
Por onde faz seu curso o grão Planeta.
Hum Anjo novo tens, santo e beninó,
Vive, Senhora, alegre e consolada,
Que, por ti roga ao Padre de contino.

Ó alma pura em alto alevantada,
Que lá estás nesse Ceo luzente e claro,
Desta mortal prisão ja desatada.
Ó Senhor meu Dom Telo, amigo charo
Que do terrèno Sol, onde viveste
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.
Se ao passar do Lethe não perdeste
A memoria de mim, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste,
Com attenção escuta o meu reclamo,
Não desprezes de ouvir lá dessa altura
A baixa e rouca voz, com que te chamo.
Que quando concedido da ventura
Me for o que eu por ti agora peço,
Não borrará o teu nome a fama escura.
Em tanto as baixas Rimas te offereço
Em penhor da vontade e amor profundo,
Até cumprir o que hora aqui profeço.
Que então te cantará por todo o mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occupará teu nome sem segundo
Do patrio Tejo além da Taprobana.

ELEGIA XXI

Não me julgueis, Senhora, a atrevimento
O que me faz fazer hum mal tão forte,
Que não me basta nelle o soffrimento.
Que tal me traz ja agora minha sorte,
Que me faz buscar vossa crueldade,
D'onde só por remedio espero à morte.

Não vos pude callar esta verdade,
Porque força não tẽe poder humano
Contra outro, que não tẽe humanidade.
Amor, que tudo faz para mór dano
Me deu mal, levou-me o soffrimento,
Ah duro Amor, cruel, e deshumano!
Não vos lembre, Senhora, meu tormento,
Que este bem o merece a ousadia
De eu empregar em vós meu pensamento.
Lembro-vos hum amor, que cada dia
Em mim tão verdadeiro e firme crece,
Que alheio me traz ja do que sohia.
Não peço que o pagueis, como merece,
Que não mereço eu tanto, mas só peço,
Que por mim não cuideis que desmerece.
Porque se só por si he de tal preço,
Que a supprir basta seu merecimento
Quanto eu de minha parte desmereço.
Bem vejo que em tomar o soffrimento
Para viver, melhor remedio fôra,
Que hum tão desordenado atrevimento.
Mas eu, que do viver menos, ja agora
Que de todo a livro, pois crescendo
Vão com a vida os males cada hora,
Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura,
Quem pretende fazer o que eu pretendo.
Quizesse, ó oxalá, minha ventura,
Que castigasseis vós esta ousadia
Com hũa cruel morte triste e dura.
Que não seria morte, mas seria
Hum suave remedio doce e brando
Deste mal, que me mata cada dia.

Até quando, Senhora, e até quando
Terá lugar em vós vossa crueza,
E a morte não em mim, que a estou chamando?
Abrande meu amor vossa dureza,
Que esta alma em si transforma com tal cura,
Que ja não he amor, mas natureza.
Abrande ja huma vida, em que só dura
A alma, porque veja, e exprimente,
Que não tẽe fim a grão desaventura.
Abrande ja huma dor, que juntamente
A vida penetrou, e a alma triste,
E lhe roubou o estado seu contente.
Mostrai-vos poderosa em quem resiste
Em desobedecer, ou enojar-vos,
E não ja contra quem vos não resiste.
Em quem cuidar que digno foi de amar-vos,
Mostrai vosso poder, pois o merece,
Em mim não, que o não sou tão só de olhar-vos.
Attentai por huma alma, que se esquece
De si, porque em vós poz sua lembrança,
E tal, que em nenhum tempo desfallece.
Nem suspeito que possa haver mudança,
N'hum coração, que mais que a si vos ama,
Dai-lhe ja morte, ou vida, ou esperança,
Que tudo será gloria por tal dama.

ELEGIA XXII

Rei bemaventurado, em quem parece
Aquella alta esperança ja cumprida,
De quanto o Ceo e a terra te offerece.

De Deos formosa planta, concedida
A lagrimas de Amor e lealdade,
Bem nosso só, de nossa vida vida.
Em quanto esta innocente e branda idade,
Por Deos crescendo vai felicemente,
Té o mundo encher de nova claridade.
Em quanto este teu Povo, e do Oriente,
Novo accrescentamento por ti esperão,
De outros Reis, d'outras terras, d'outra gente.
Taes promessas os Ceos de ti nos derão
No teu tão milagroso nascimento,
E esprito igual em ti a ellas puzerão.
Eũ levado de amor, de santo intento
(Quem ante essa brandura temeria)
Deter-te com meu verso hum pouco espero.
Depois virá hum tão ditoso dia,
Que as tuas Reaes Quinas despregadas
Na multidão de toda a Barberia.
As victoriosas frotas carregadas
Das captivas corôas e bandeiras,
De outro esprito maior sejão cantadas.
Agora ouve, Senhor, as verdadeiras
Musas, que levão os Reis a esta alta gloria,
Tendo por armas só vélas ligeiras.
Quantas armadas conta a antiga historia,
Quantos grandes exercitos perdidos,
Deixárão aos mais pequenos a victoria.
Esses tanto no mundo conhecidos,
Cujos nomes vencêrão tantos anos,
Não forão só por força obedecidos.
Não se subjugão corações humanos
De boa vontade, á força hum peito aberto
Os vence de bom amor, sem arte e enganos.

Nesta sombra, onde tudo anda encuberto,
Quem da verdade vê mais que a figura!
Quem séu passo direito leva, e certo!
Huns falsos longes de hũa vãa pintura,
Com sua côr, ao parecer lustrosa,
Quantos detem com falsa formosura!
Não tẽe cores nem dobras a formosa
Verdade, que buscaes, ó gente cega,
Humilde e nua está, não tão custosa.
Não he hum só Cupido, que almas cega,
Mais ha no mundo que huns sós vãos amores,
Que he tudo o que á vontade mal se entrega.
Aquelles, que do Amor forão pintores,
Que os olhos lhe tirárão, e o descubrírão,
Pintárão para Reis e Imperadores.
Altos engenhos, que em figura vírão
As forças deste proprio amor imigo,
Que moço, e cego, e nu, e cruel fingírão.
Cada hum traz em si mesmo seu perigo,
Herdado desta natural fraqueza,
Que tanto fazem homem de si amigo.
Iguaes somos, Senhor, na natureza,
Assi entramos na vida, assi sahimos,
O entendimento he nossa fortaleza.
Igualmente de hum só principio vimos,
Igualmente a hum fim todos corremos,
E hũa estrada commum igual seguimos.
Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,
Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
Tanto caminho do bom fim perdemos.
Cegos de nós, que nos tão mal trocamos,
Que á parte vil e baixa senhoreia,
E o mais alto ao mais baixo captivamos.

Força cruel, que dentro em nós guerreia,
Vemos a cega vontade, a rasão clara,
E leva assi de nós victoria feia.
Aquelle lume, que a alma illustra e aclara,
Apagado por nós, nelle he perdido,
Como mortos nos deixa, e a desampara.
Deu o remedio Deos, eis hum erguido
Por elle em poder alto, do que o povo
He ja por bem levado, ou constrangido.
Não he nome de Rei titulo novo,
Com elle começou o mundo, e dura,
Por fabulas antigas não me movo.
Depois que daquella alta formosura
Veio o primeiro homem, e a triste sorte
O envolveo nesta sombra grossa e escura.
Fugio a luz, entrou armada a morte,
Cumprio nova vigia, e guarda, e lei,
Que o cego mostre a luz, e obrigue o forte.
Elegeo Deos Pastor a sua Grei,
Vio tambem a rasão necessidade,
Eis-aqui eleito hum Rei, eis outro Rei.
Conforme, e junto o povo n'hũa vontade,
N'hum só por bem commum todos poderes,
Promettendo obediencia e fieldade,
Obrigárão suas vidas, seus haveres,
Prometteo o bom Rei justiça e paz,
E remedio e soccorro a seus misteres.
D'alli sujeito ao Rei o povo jaz,
D'alli sujeito o Rei á boa rasão,
Da mesma luz, que em si esta força traz.
A quem todos seus bens e vidas dão,
Por os livrar da injuria e violencia,
Se lh'as elle fizer, a quem se irão?

Será juiz a justa consciencia,
E aquelle santo e natural preceito,
Deve á lei o que a fez obediencia.
Quem o caminho ha de mostrar direito,
Se torce delle, e segue a falsa estrada,
Como terá seu Povo á lei sujeito?
Poz Deos na mão do Rei a vara alçada
Para guia do Povo errado e cego,
Mas não foi só ao seu desejo dada.
Como destro Piloto no alto pego,
Co'o leme guia a náo, hora a hũa parte,
Hora a outra a desvia do váo cego.
Não valem alli forças, val só arte,
Arte vence do mar a ira espantosa,
Arte sem ferro vence o fero Marte.
Hydra de mil cabeças enganosa,
Pégo de tantos ventos revolvido,
Não se vence, Senhor, com mão forçosa.
Em duas iguaes partes repartido
Te deu Deos teu poder, em premio, em pena,
Dê-se a cada hum o que lhe for devido.
Aquelle que á sua vontade ordena
Todas as cousas, olha com que amor
Paga o bem logo, e de vagar condena.
Não se acha alli respeito nem favor,
Tanto val cada hum, quanto merece,
Iguaes ante elle são servo e senhor.
Olha-te bem, grão Rei, e a ti conhece,
Nascido só para reger a tantos,
E dessa grande Alteza o teu fim dece.
Ver-te-has igual na humanidade a quantos
Mandas, verás o fim tão duvidoso,
Como quem tambem morre, e nasce em prantos.

Que presta ser na terra poderoso,
Se o alto fim do Ceo se põe em sórte,
Que até ao Filho de Deos foi tão custoso.
Corte o bom Rei primeiro por si, corte,
Mais vence o exemplo bom, que o ferro e o fogo,
Não póde errar quem contra si he fórte.
Nem a propria affeição, nem brando rogo
Tire a força á rasão, ou á igualdade,
Nem se lhe faça sempre falso jogo.
Sómente em Deos rasão he a vontade.
Absoluto poder não o ha na terra,
Antes fôra injustiça e crueldade.
Que vontade mortal, Senhor, não erra,
Se a justa lei, e rasão a não enfreia,
De que nasće a injustiça, e cruel guerra.
Cada hum pinta em seu peito aquella ideia,
A qual ou mal, ou bem, se se affeiçoa,
Assi lhe sahe formosa, ou lhe sahe feia.
A boa guia he a inclinação bóa,
A qual nasce do claro entendimento,
E com facil discurso ao melhor voa.
Tanto val, tanto póde o santo intento,
Que só por si a honra e louvor crece,
E a obra que val dez, faz valer cento.
E quando humanamente erro acontece,
(Quem póde acertar sempre?) a culpa he leve,
E todo o bom juizo a compadece.
Que injustiça será, que não releve
Não sahir á vontade a obra igual,
Pois pelo intento só julgar se deve.
No livre peito, e coração real,
Está o bem commum sempre fundado,
Não póde de tal fonte manar mal.

Ama o Povo o bom Rei, e he delle amado,
Ledo, e facil em crer e julgar bem,
Imigo de todo o animo dobrado.
Sempre a mão larga, sempre aberto tem
O generoso peito ao premio justo,
E triste e vagaroso á pena vem.
Este he chamado Bom, e Grande, Augusto,
Da Patria Pae, Prazer, e Amor do mundo,
Mortal imigo do tyranno injusto.
Este logo de hum alto e de hum facundo
Engenho até ás estrellas bem cantado,
Voando vai na terra sem segundo.
Tal nos cresce, grão Rei, por Deos ja dado,
Inda maior que as nossas esperanças,
Maior que sua Estrella, e alto Fado.
Cedo teu esprito vencerá as tardanças
Do tempo e idade, e cedo renovando
Irás dos santos Reis altas lembranças.
Começa-te ja agora hir costumando
A pôr em nós teus olhos reaes serenos,
O mansissimo Avô teu imitando
Inteiro e humano, aos grandes e aos pequenos.

ELEGIA XXIII

Duvidosa esperança, certo medo,
Senhora, de me não ouvir meus danos,
Fizerão que não fiz isto mais cedo.
Mil remedios busquei, busquei enganos,
Por encobrir o mal que me causais
Temendo outra mór dor dos desenganos.

Mas tudo quanto fiz, fiz por demais:
Amor, que como quer, de mi o ordena,
Não soffre que tal dor encubra mais.
A ser vosso, Senhora, me condena:
Nisto mercê me faz: se a vós offende,
A culpa ao amor dai, a mi a pena.
Não cuideis que minha alma se defende
De cousa de que vós fordes contente,
Porque só isso busca, isso pertende.
Ditosa dor a que por vós se sente:
Ditoso, pois conheço esta verdade,
Para não ser das minhas descontente.
Com tudo, a não poder huma vontade
Tão pura, e tanto a medo offerecida,
Mover-vos de meu mal a piedade;
Não quero mais viver, não quero vida:
Melhor me será morte, que desgosto
A quem tanto desejo ver servida.
Banhem pois minhas lagrimas meu rosto;
Suspire o coração, que treme, e arde;
Chorar e suspirar seja o meu gosto.
Não queirão os meus fados que me guarde
De sentir nova dor, novo tormento,
Que sinto muito mais senti-lo tarde.
Quizera, desde que tive entendimento,
Por ver se com firmeza vos movia,
Não ter em outra cousa o pensamento.
Em vós cuidar a noite, em vós o dia;
Por vós sentir prazer, por vós tristeza;
Sem vós ter para mim que não vivia.
Mas nem por isso haja inda em vós crueza:
Soffre-se mal n'hum peito delicado:
Parece cousa contra natureza.

Olhai que em vivas chammas abrazado
Por remedio, Senhora, ante vós venho:
Busca-lo n'outra parte he escusado.
Porque não val saber, força, nem engenho,
Pedras, palavras, hervas de virtude,
Contra o golpe d'amor, que n'alma tenho.
Se vossos olhos podem dar saude
Se neste grave mal me não soccorrem,
Deixem-me morrer ja, ninguem me ajude.
Ditosos são os tristes quando morrem
No começo dos damnos, que não sentem
Quão vagarosas as tristezas correm.
Porém se as esperanças me não mentem,
Espero deste conto inda ser fóra,
Que cruezas em vós não se consentem.
Emfim, a fim de tudo isto he, Senhora,
Que se me não valeis, tenhais por certo,
Que cedo verei a derradeira hora.
Ja que meu mal vos tenho descoberto,
Havei de mim dó: não seja isto, emfim,
(Como dizem) dar vozes em deserto:
Valei-me, que por vós me perco a mim.

ELEGIA XXIV

A Aonio que de amor solto fugia,
A bella Galatea em vão chamava:
E Aonio, Aonio o Eco respondia.
E agora comsigo só fallava,
Ora co'mar, ora co'a triste sorte
Ora co'o Tejo onde chorando estava.

Pois me não ouve Aonio em mal tão forte,
Ouvi ondas a propriedade que imitava
A causa porque estou chorando a morte.
Que a troco de amor puro, e de verdade
(Quem haverá no mundo que isto crea?)
Me deixa em pranto, e triste saudade.
Dizia-me, ó cruel minha Galatea,
Primeiro que eu deixe o vosso Tejo,
Tornará atraz co'o curso a rica area.
Mas ay triste de mim, que ainda vejo
Como de antes levar ao Occeano
E a ti não, que he só o que desejo!
Se com quem te deu a alma usaste engano,
Ingrato, quem espera de ti ja agora,
Tirar nunca senão vergonha e dano?
Vas-te cruel da patria..... fóra
Por esse mar entregue ao fero vento,
Fugindo de quem te ama, e quem te adora?
E deixas assi só......... isento
Esta pura corrente, este tranquillo
E socegado porto ao fresco vento?
Onde move hum som com suave estillo
Sem sobresaltos da aurora peregrina
A vontade de quem cá quer ouvi-lo.
E se a rogos mortaes o Ceo se inclina,
Peço-lhe que o mar te traga e ponha espanto,
Vingando-me da fé falsa e malina.
Porque a ninguem tão puro, honesto e santo
Amor deixar não queira, antes procure
Louva-lo com suave, e amoroso canto.
Porque não haja alguem que se assegure
A buscar por o mar injusto e fero,
Empregos em que a vida se aventura.

Mas, sem ventura ay! para que quero
A morte ver daquelle ingrato, e duro,
Se delle ja ter bem não espero?
Seja-lhe sempre o Ceo sereno, e puro
O mar, o vento brando, a sorte amiga,
O porto que tomar firme e seguro.
Para que nunca mais alguem não diga
Que minhas cousas forão causa, ou parte
De ser-lhe irado o Ceo, Fortuna imiga.
Ó quam suave tu em toda parte
Possas correr co'o Ceo doce e brando,
Levaste este que me leva a melhor parte.
Que eu por a sombra, por a luz passando
Ficarei sempre em minha dura sorte,
Sem descansar hum'hora suspirando;
Ou veja a Aonio, ou veja a dura morte.

ELEGIA XXV

(INEDITA)

Ganhei, Senhora, tanto em querer-vos,
Que nenhum desfavor me dá tormento,
Que me não dê maior gloria merecer-vos.
Não quero para meu contentamento
Senão meus olhos, pois vos vêem, Senhora,
E a vossas cruezas soffrimento.
Ditoso o dia foi, ditosa a hora
Que alcancei ver vossa gentileza,
Cujo mal não soffrer, mais mal me fôra.
Sinto com vos servir tanta estranheza,
Sinto voar tão alto o pensamento,
Que todo o outro bem julgo baixeza.

E por experimentar meu soffrimento
Vos mostrais contra mim endurecida,
Oh! que doce paixão, doce tormento.
Se vossa condição desconhecida
Me não quer dar o fim pera mor dano,
Oh! que doce morrer, que doce vida.
E se de seu favor me sinto ufano
Quando de meu mal culpada se acha,
Oh! que doce enganar, que doce engano.
E se em querer-vos tanto ponho tacha,
Mostrando refrear meu pensamento,
Oh! que doce fingir, que doce cacha.
Assim que ponho ja no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem, só na memoria
De vos ver, triumphar por vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a victoria?
Se tanto vossa vista mais namora
Quanto sou menos pera merecer-vos,
Que quero eu mais que ter-vos por Senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos
E consiste o vencer, em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em proveito faz qualquer partido
Só na vista de huns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?
Se meus baixos 'spiritos de pequenos
Ainda não merecem d'alcançar-vos,
Que quero eu mais, que o mais não seja o menos?
Fico emfim satisfeito em desejar-vos,
E se nisto tal bem tenho alcançado,
Quem póde tanto que podesse amar-vos,
Bem poderia ser de vós amado.

ELEGIA XXVI

(INEDITA)

Quando os passados bens me representa
No mais secreto d'alma o pensamento,
Que quanto mais o vê, mais se atormenta.
Tal fórma tomão neste apartamento
Que nada me dá agora mais tristeza,
Que o que me dava mór contentamento.
E quanto tive a gloria em mais largueza,
Tanto he maior agora a perda della
Que onde o poder he mór, he mór a preza.
E ja se consentíra a minha estrella
Que tivera esperança de cobra-la
Como tive receo de perde-la.
Sómente aquelle allivio de espera-la
Na força do que quero sustentada,
Me alcançará vigor para alcança-la.
Mas, segundo do tempo sou tratado,
Bem posso recear que algum descuido
Me roube o galardão de meu cuidado;
E quando aquella fé que eu nunca mudo
No mór perigo seu melhor guardada,
A quem tudo entregou merece tudo.
Então dos bellos olhos desprezada
Com tão pouca razão será esquecida,
Com quanta deve sempre ser lembrada.
E se para isto só grangeo a vida,
Muito melhor partido me seria
Antes de mais perder, vê-la perdida.

Por ventura que assim descançaria,
E metendo-me a vida em tanta affronta,
Acharia na morte cortesia.
Nestes medos amor meus bens disconta,
E não me vale a minha confiança,
Que se muito montou nada ja monta.
Cança-me o tempo, cança-me a tardança
Com que elle corre, e a alma que trabalha,
Quando elle tarda mais menos descança;
Então em vãos suspiros, vãos espalha,
E qualquer bem que póde descança-la,
Sempre amor lho atalhou, sempre lho atalha.
Pois se os males que passa accaso falla,
Não tem parelha a dor dos que descobre
Com o grão tormento dos que calla;
Antes quantos mais são mais os encobre,
Até que para crecerem juntamente
Dobrando-se o segredo, o mal se dobre;
Porém como lhe lembra que o que sente
De lá de vós lhe vem, nunca he tão triste
Que logo isso o não faça ser contente.
E como o seu bem todo em vós consiste,
Comvosco só se vale, a vós se acolhe,
Que onde vós assistís só gloria assiste.
La na luz desses olhos se recolhe,
Onde com larga mão se lhe concede
Quanto cá juntamente se lhe tolhe.
Mas depois que he forçado que se arrede
Outra vez de seus males combatida,
Em vão se queixa, em vão mercês vos pede.
Assim passo huma ausencia tão comprida,
E se ainda tenho vida desta sorte,
He por que entende amor que a propria vida
Vivendo eu como vivo, he mais que morte.

ELEGIA XXVII

(INEDITA)

Quem poderá passar tão triste vida,
Quem não espera ja contentamento
Senão quando de todo for perdida.
Quem poderá soffrer tão grão tormento,
Tão aspero, cruel, tão duro e forte,
Quem morta a esperança e soffrimento;
Quem póde imaginar tão dura sorte,
Que faz crecer o mal continuamente,
E por não dar remedio não dá a morte.
Quem ha emfim tão triste e descontente
Que sempre ande ó passado imaginando,
E em aborrecimento do presente.
Se lá onde tu estás vês qual ando,
Senhora, e o nosso amor inda lá dura,
Bem creo que meu mal estás chorando.
Que faltando-me a tua formosura.
E a tua alegre e doce companhia,
Bem vês qual será minha desventura.
Tudo ja me entristece, a noute e o dia,
E o que mais me atormenta he a lembrança
Do bem que n'outro tempo possuia.
Ja perdi de cobra-lo a confiança,
E com isto perdi de ser contente,
Quamanho mal he a falta de esperança!
Se lá nessa outra vida se consente
Sentir-se o mal que cá se anda passando,
Senhora minha, o meu não vos atormente.

Porque segundo me elle vai tratando
E o desejo de ver-te da outrá parte
Ja para ti me vai encaminhando.
Perto me vejo ja de hir a buscar-te,
Entre tanto te baste esta certeza,
Porque a mim só me basta contemplar-te.
Ali se acabará nossa tristeza,
Amor acabará de atormentar-nos
Não terá ali lugar sua crueza;
Mas te-lo-hemos nós para alegrar-nos.

ELEGIA XXVIII

(INEDITA)

Eu só perdi o verdadeiro amigo,
Eu só heide viver nesta saudade,
Sabe Deos a tristeza com que o digo.
O meu Silveira era huma vontade,
Hum amor, hum desejo, hum querer,
Ambos hum coração, e huma amizade.
Não tenho.ja razão de vos fazer
Meus castellos de vento sobre o mar,
Que cousa ha hi ja no Gange para ver?
Que cousa nelle ha que desejar?
Foi-se daquesta vida o meu Silveira,
Tudo o bom na outra se hade achar.
Que espada nas batalhas foi primeira,
Ou qual entre os imigos mais prezada,
Ou qual se achou mais na derradeira?
E ora de seus soldados ajudada
Fôra delles huma hora mais seguida,
Fôra delles melhor acompanhada.

Que aquella ilha delles tão temida,
Elle a tinha ja em tal estreiteza
Que durar não pudera hum'ora em vida.
Mas gentes que não tem de natureza
Esforço, espirito, sangue e condição,
O seu natural he mostrar fraqueza.
Deixão morrer seu proprio Capitão,
Deixão perder as forças que os sostem,
E tudo lhes consente o coração.
Não tratão da gloria deste bem,
Deste viver na fama sempre e vida,
O que lhe dizem disto não o creem.
Quem a victoria vio mais conhecida,
A não se ver dos seus desemparado
Qual esteve mais certa ou mais subida?
Com que saber o porto foi tomado
Á gente do Barem que o defendia,
Com que esforço foi tudo começado?
Que temor nos imigos ja se via,
Que victoria tão clara aquella estava,
Que cousa aquelle espirito não faria?
Que receio ja nelles se enxergava,
Que derão pelas vidas se quizera
Aquelle que tirar-lhas desejava?
Mas que ouro, que preço então podera
Fazer tornar atrás tanta ousadia,
Ou quem fôra que aquisto commettera?
Quem se atrevêra ahi, quem ousaria
Com os thesouros de Crasso accometer,
A quem só honra e fama pertendia?
Forçado neste cáso se hade crer
Que o coração lhe não dava lugar
A mais que n'aquisto podia ter.

Por onde quiz por obra começar
Aquella crua peleja receando,
Concertos que a soem desviar.
A presteza da cousa está mostrando
A vontade que tinha e o desejo
De se ver ja na patria pelejando.
Aquella hora, momento, aquelle ensejo
Quantas vezes alli desejaria
Verem-no pelejar Nymphas do Tejo.
Que vezes por ellas chamaria,
Com que esforço seria esta lembrança,
Quantas vezes a alguma invocaria.
Com que graça e arte e confiança
Se parte na praia dos primeiros,
Quão longe de fazer atrás mudança.
Aquestes bons espiritos verdadeiros,
De que não digo o terço do que callo
Que desprezar faria dos frecheiros;
Que longe de poderem enfada-lo
Aquelles insoffriveis alaridos
Daquella gente iniqua de cavallo.
Rodeado de mortos e feridos,
Que aquelle forte braço derribava,
Sendo os seus ás náos ja recolhidos,
Deo a alma a quem a desejava,
Com tanto gosto e contentamento
Que de tal esforço se esperava.
Ó bom desastre alegre esquecimento,
Por vós o meu Silveira está na gloria,
Por vós lá lhe repousa o pensamento;
Por vós eternamente na memoria
Correrá a este caso seu louvor,
De que se póde fazer larga historia,
Quem a vida sacrificou ao Redemptor.

ELEGIA XXIX

(INEDITA)

Divino almo pastor, Delio dourado
A quem de Amphrisio ja virão os prados
Guardar formoso, rico e branco gado.
Aos quaes adormentavas enlevados
No doce som da lyra, e alternando
Com versos e cantares namorados.
E as Nymphas e pastores ensinando
O caminho de Cipro e dos amores,
As ondas, feras e aves enlevando.
Ó formosura e honra dos pastores,
Que d'hum a outro polo do horisonte
A natureza pintas de mil cores.
O pai das nove Irmãas, Senhor da fonte,
A quem as ondas cedem de Lethêo,
Posta no mais excelso e sacro monte.
Por que causa me dize Almo Timbreo,
O Ceo resplandecente hoje cobriste
De tão mal assombrado e negro veo.
Se lembranças te fazem Phebo triste,
De Daphne para ti tão fera e crua,
A quem com tal vontade ja seguiste.
Tambem te lembrará como por tua
Causa foi transformada em verde rama
Por não se ver da roupa casta nua.
Por donde aquella dor e aquella chama
No insensato corpo diffundida,
Nenhum vigor nem força ja derrama.

Pois tu da praia Hesperia esclarecida
Adonde Thetis, Xanto e Gallatêa
A teus cavallos vem tirar a brida;
E a fermosa Clio e Panopêa
Com Doris sobre as ondas levantadas,
Te vem a receber com boa estrêa.
Ainda estás áquem duas jornadas,
E no outro hemispherio a noute escura
Tem as nocturnas sombras encerradas.
S'acaso a caida e má ventura
De Phaeton te lembra, cuja morte,
Te deu sempre jamais tanta tristura.
O não teres tu culpa te conforte,
Que o moço de soberbo não podia
Cair em menos miseravel sorte;
Mas vós, castas Irmãas, que noute e dia
Cantais em versos Elcyos o choro,
Com o candido Cisne em companhia.
Unidas todas ali vinde em choro,
Hum padre consolai tão descontente,
Em modulo cantar doce e canoro.
S'a dor que manifesta e mostra a gente
Desta causa procede, mas parece
Que outra pena maior he a que sente.
Pois a prenhada terra brota e crece,
De mil flores enchendo os verdes prados,
E tarda bem o tempo que anoutece.
Eolo nas montanhas encerrados,
Os crueis ventos tem mais furiosos,
De mil prisões de ferros carregados.
Só Zephiro e Phavonio d'amorosos
Spiritos cheo brandamente aspira
Por estes valles verdes e formosos.

Clais formosa por amor suspira,
E Flora em companhia d'alvorada,
Que agora o seu veneno tem mais ira.
Pois tu no Touro fazes a morada,
Deixando Aquario e Piscis de mau brio
Com Venus antre os cornos assentada.
O qual meteo Europa no mar frio,
Assim que bem olhado e bem sentido
Triumphas do inverno e secco estio.
Se mortal rogo foi jamais ouvido,
Delio immortal de ti, se n'algu'a hora
Á piedade foste commovido,
Dize-me por que causa o mundo chora,
Mostrando taes sinais e tal tristura,
Escondendo a rosada e fresca aurora;
Que segundo os segredos da natura
Nos mostrão claramente os elementos,
O mundo não será de muita dura.
Vejo o furor do mar e bravos ventos,
Das estrellas e signos e planetas
De seus lugares fóra e firmamentos.
Vejo coriscos, raios e cometas,
Relampagos, trovões mui accendidos
Sahir por differentes e altas metas.
E nos mais altos montes e subidos
De Pellio, Emo, Ossa, Pindo, Atlante,
Os robustos carvalhos destruidos.
Quer por ventura algum novo gigante
Subir por estes ao firmamento
E derrubar a Jupiter possante?
O qual movido de soberbo intento,
Qual os de Phlegra que são ja passados
Em pago de tamanho atrevimento?

Os eixos dos dous orbes ordenados
A sustentar a maquina mundana
Parecem ja desfeitos e quebrados.
Ó mente baxa de materia humana,
Cega no bem e vista na maldade
Que tão soberba vás e tão ufana,
Que vás buscando a fonte da verdade,
E cega-te a mentira de maneira
Que não vês palmo ja de claridade;
Põe os olhos da fé pura e sincera
Nas altas cimas do Calvario monte,
Por donde irás á gloria verdadeira.
Verás a crystallina e clara fonte
Da vida pura posta em hum madeiro
Por te livrar da barca de Acheronte.
Ó verdadeira luz, justo cordeiro,
Jesus benigno, manso e piadoso,
Filho do Padre Eterno e verdadeiro,
Que causa te moveo, Rei poderoso,
Tão escondida lá na mente eterna,
A padecer fim tão deshonroso;
E deixares a mais alta e mais superna
Cadeira e vida pela mais escura
De quantas a mortal fama governa?
Se te moveo, Senhor, esta feitura,
Á morte condenada eternamente
Por a lei quebrantada de natura;
Lembra-te quão malvada e má semente
He esta a quem te dás crucificado,
Que sempre te tem pago ingratamente.
Ó mundo ingrato, cego, descuidado,
Cheo de falsidades enganosas,
Em peccados e vicios occupado,

Que não derramas lagrimas chorosas
Em tanta quantidade que pareça
Mostrar siquer entranhas amorosas.
Tu, mar, que não levantas a cabeça
Por tornar a cubrir o que cubriste
Para que tudo acabe e que pereça.
Vós, ventos, a quem nada emfim resiste,
Que não transtornais tudo em desconcerto,
Tu, dura terra, porque não te abriste.
Vós, plantas, feras e aves do deserto,
Que não chorais, pois chora a natureza
Vendo-se posta em tamanho aperto.
Vós, altos Ceos, de lá da mór alteza,
Bem sei quanto sentis a Divindade
Em tal miseria posta e tal baxeza.
Pois vêdes o Senhor da magestade,
Que vos criou de nada, submettido
Por amor puro, aos pés da humildade.
Senhor que amor foi este tão crescido
Que tão dobradas forças faz singellas,
Só tão alto, baixo e abatido.
Ó preciosas chāgas roxas, bellas
Luminarias da noute tenebrosa,
De toda luz privada das estrellas.
Ó Cruz bemdita, chara, preciosa,
Contempla bem o passo que te derão
Ó corôa d'espinhos amargosa.
Vós, santos cravos, quando vos mettêrão
Á força de martello, logo á ora
As serpentes e dragos s'escondêrão.
Ó coração, ó alma que não chora
Vendo-te, Redemptor, com tantas dores,
Em pedra viva de diamante mora.

Que não contemplais isto peccadores,
E derramais mil lagrimas no dia
Vendo o Senhor tão triste dos Senhores.
Tu, Virgem pura, Santa Ave Maria
Cheia de graça, esposa, filha e madre
Mais formosa que o sol ao meio dia,
Que vás buscando ao esposo, filho e padre,
Qual cordeira perdida da manada
Sem guarda de pastor, nem cão que ladre;
Vai Rainha dos Anjos mui amada
E preciosa pedra diamantina,
De perfeições e graças esmaltada;
Vai estrella do mar, vai luz divina
Escolhida do Ceo, vai cordeirinha,
Branca açucena e rosa matutina;
Vai caminho da gloria, vai pombinha
Branca sem fel, bemdita antre as mulheres,
Vai mãe da lei da graça, vai asinha
Ao monte Calvario, se ver queres
Ao teu precioso filho antes de morto,
Desconsolada vai, vai, não esperes.
Ao qual acharás bem sem conforto,
Posto na Cruz por partes mil chagado,
Por nos dar socegado e manso porto.
Escarnecido, só, desemparado
Antre dous malfeitores condenados
De phariseus e armas rodeado.
Ó duros corações desatinados,
Cegos, malditos, torpes de má casta,
Lobos, no sangue justo encarniçados,
Dizei que Tigre Hircano ou que Cerasta,
Q'Aspe, Basilisco, ou que Dipsarta,
Das quaes a quente Lybia he chea e basta;

Que Thracia, Grecia, Colchos, Scythia, Sparta
De tragicos insultos nunca farta
Ou que barbara gente crua e fera,
Humana não deixára e não perdera
A crueldade toda, se te vira,
Jesus benigno, posto na Cruz vera.
Mas vós crueis, perversos, cheos de ira,
Com grita e escarneo, riso tudo mixto
Estais asidos todos na mentira;
Dizendo em alta voz: se tu és Christo,
Desce-te dessa Cruz em que estás posto;
Não bastando os milagres que haveis visto.
E tu, Senhor, metido em tal desgosto,
Estás soffrendo penas tão estranhas
Com humilde, sereno e manso rosto.
Ó algozes ingratos de más manhas,
De troncos e penedos produzidos
Nas mais altas e asperas montanhas,
Que não vos humilhais, dizei perdidos,
E não pedis perdão do que vos toca,
Que segundo he meu Deos, sereis ouvidos.
Pois elle com humilde rogo invoca
Ao Padre por vós benignamente,
Deitando o fel e sangue pela boca;
Dizendo: Padre meu Omnipotente
Pedir-te quero, antes que me acabem:
Que tudo isto perdoeis a esta gente,
Pois o que fazem, certo não no sabem,
Ó palavras altissimas celestes
Nas quaes secretos e misterios cabem:
Mas vós, malditos, como não soubestes
Senão idolatrar como gentios,
Nenhuma cousa destas conhecestes.

Que sempre caminhaste por desvios,
Deixando a lei de Deos sagrada e pura,
Desterrados por montes, selvas, rios.
Quem cuidará, Senhor, na tua brandura,
Misericordia grande e piedade
Que excede ser e ordem de natura,
Por mais duro que seja na maldade,
Que não derrame sempre noite e dia
Lagrimas, qual hum rio em quantidade.
Leitor que lendo vás esta Elegia,
Quero-te perguntar d'amor vencido
Se contemplando lá na phantesia
Alguma vez acaso no sentido,
Vendo raiar o Sol na mór altura,
De rubicundos raios accendido;
E depois que se põe a formosura
De diversas estrellas espalhadas,
Quando Hechate cobre a terra dura;
E as ondas do mar bravo salgadas
Tão sugeitas n'hum ser sem s'espalharem,
Nem de rios ou chuva acrescentadas,
Os quaes cursando sempre sem faltarem,
Digo de muitos que ha hi que são famosos,
Que correm sempre sem jamais pararem;
Se ver os campos verdes deleitosos,
Qual formoso pavão, feras e aves
Nos apartados bosques mais sombrosos;
As quaes com cantos doces e suaves
Saudão a manhãa mui prezenteiras,
Com passos ora agudos, ora graves;
Se ver os ritos, vidas e maneiras
Tão diversos, que ahi por nosso dano
Nas apartadas gentes estrangeiras;

Se ver tanta mudança n'hum só anno,
Escuro, claro, chuva, frio e calma,
E tudo para prol do bem humano,
Contemplaste lá dentro na tu'alma,
Por ventur'algu' dia separado
Da pesada mortal terreste salma,
Em tantas criaturas que ha creado
O Creador do mundo Padre Eterno,
No alto Ceo com os olhos enlevado.
E neste pensamento tão superno,
Com tão ligeiras azas desprezando
A trabalhosa vida deste inferno;
Pois olha peccador que vás nadando
Nas procellosas ondas deste mundo,
Nos misterios divinos contemplando,
E verás o mais alto sem segundo
Posto na vera Cruz, no monte Santo,
Por te livrar do lago mui profundo.
Não, aquelle que lá te punha espanto,
Fabricado na mente que sempre erra,
Coberto de mortal e cego manto,
Mas o proprio que fez o ceo e a terra,
E tantas maravilhas que cá vemos,
Afóra as outras que comsigo encerra.
Dizei, dizei mortaes, que lhe daremos,
Por mais que o amemos ou sirvamos,
Que a mais pequena parte lhe paguemos.
Este domingo atrás nos alegrámos,
Senhor, com festas, danças e alegrias
Dando-te capas e olorosos ramos;
E agora por cumprir as prophecias
Pelos prophetas santos declaradas,
Te vemos morto dentro em cinco dias,

Com as carnes feridas e chagadas,
De mil açoutes cheo, arrepelado
De couces, empurrões e bofetadas.
Estás Jesus benigno qual no prado
O lyrio branco fica descomposto,
Do homicida ferro derrubado;
Ou qual o sol se mostra antes de posto
De cores tristes, ou qual branca rosa
De frio trespassada ou mez d'agosto;
Ou qual cisne na ribeira umbrosa,
Que presago do fim brando enternece
A circumstante selva em vós melosa.
Senhor, com cuidar isto s'entristece
A minha alma de modo, e meu sentido,
Que do seo proprio alento desfallece.
Contemplo-te meu Deos na Cruz sobido,
E vejo-te com os olhos verdadeiros
Cercado de mil anjos e servido;
Os quaes voando leves e ligeiros,
Qual enxame d'abelhas pressurosos,
Trabalhão por curar os teus marteiros:
Huns cobrem com unguentos olorosos,
E outros com vasos de poção divina,
Os teus sagrados membros preciosos.
Outro com agua pura e cristalina
Está lavando as chagas, e outros prestes
Acodem com toalha rica e fina.
Outros parecem antre todos estes
Com calices do novo testamento,
Tomando as gotas de liquor celeste.
Outros batendo as azas sempre ao vento,
Parece que trabalhão quanto podem
Por te tornar a dar vital alento.

Outros de novo pelo ar acodem,
E outros feitos bizarros soldados
Com espadas na mão, postos em ordem,
Querem hir cometer mui denodados
Aquella gente torpe endiabrada;
Mas tu, Senhor, os tens só refreados.
Vendo quão pouco ganhão na jornada,
Por que se tu quizeras d'hum aceno,
Só Pedro os destruíra sem espada.
Recebe, pão de vida, este pequeno
Sacrificio de mim, á sombra escripto
D'hum alto freixo deste valle ameno.
E dá-me tanta graça e tanto espirito,
Para que sempre louve, qual espero,
O teu saber profundo e infinito.
Tomára ser Virgilio ou ser Homero,
Sómente no saber que foi divino,
Que ser que elles forão não n'o quero,
Pera poder cantar ó Rei benino,
Em puro choro as chagas que te vejo
A dor das quaes provoca a desatino:
Mas ja que ver não posso este desejo,
O qual tomára só para louvar-te
Meu Deos de dar-te pouco não me pejo;
Porque eu para dar mais, sou pouca parte.

DA CREAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO HOMEM

CANTO I

Na mais fresca e aprazivel parte do anno,
A Venus dos antigos dedicada,
Venus, amor de Marte e de Vulcano,
Formosa estrella, do ar e terra amada;
Por cujo influxo amigo e sobrehumano
Se mostra a primavera namorada,
Guiando a déstra mão da natureza
O summo Creador da redondeza:

Quando a liberal terra, e agradecida
Co'a humidade do céo e temperança,
De verde e vario esmalte revestida,
Mostra dos doces fruitos a esperança;
E em toda a planta e arvore florida
Com corôa odorifera a Avondança
Então parece mais ornada e bella
No vigor brando da amorosa estrella:

E em sua liberdade as vagas aves,
Com ledo canto o ar sereno enchendo;
As manhãas saüdosas mais suaves
E aprazíveis do fresco Abril fazendo,
Convidam a doce somno os corpos graves,
Em leves sonhos vãos os entretendo,
Ajuda o rouco som da clara fonte,
Que ao verde prado desce do alto monte:

Em huma manhã destas prompto e experto
Me detinha um profundo e são cuidado
Da estranha providencia e alto concerto
Do Creador em tudo o que ha creado:
Como despois de dar numero certo
E ordem ao mundo espherico formado,
Formou logo com seu saber profundo
D'alto artificio outro pequeno mundo.

Que assim como fez só pela virtude
De sua alta palavra lá de cima
Daquelle grande cahos desforme e rude
Da vazia e da vã materia prima
Com certa ordem, e tal, que não se mude,
Os ceos de grão vigor, virtude e estima,
E os elementos varios corruptiveis
Em suas qualidades compassiveis:

E assim tambem como em cada elemento
Formou diversos corpos de mistura,
Varios na creação e nascimento,
No ser, na condição e na figura;
Ás aves dando o ar por quasi assento,
Aos peixes agua, aos brutos terra dura,

E das quatro compostas qualidades
Tantas fez d'animaes diversidades:

Como despois de tudo ultimamente
Da terra n'um logar mais fresco e ameno
Quiz crear e formar, distinctamente
Daqueste grande mundo, outro pequeno,
Tambem em duas partes differente,
N'uma dellas caduco, vão, terreno,
N'outra esp'rito immortal, alto, divino,
De razão e do Ceo capaz e dino.

Que como no ceo quarto o illustre pharo,
Aquelle olho do mundo luminoso,
De toda luz visivel fonte e amparo,
Corre como gigante e alegre esposo:
Assi o entendimento, outro sol claro,
Neste mundo menor e artificioso
Lustra na parte delle mais superna,
Discorre com sua luz tudo e governa.

E quaes os animaes inferiores,
Seu appetito só brutal amando,
Na baixa e escura terra habitadores,
Só della os gostos vãos andam buscando:
Tal no baixo e vil homem sup'riores
A razão se os sentidos vão mandando,
Razão, que differente o faz da fera,
D'esp'ritual em bruto degenera.

Porque, em que o fez do mais baixo elemento.
Deu-lhe mil perfeições em abastança,
Deu-lhe alma racional e entendimento,

E fê-lo em fim á sua similhança:
De todo o outro animal do baixo assento
Lhe deu o senhorio e a governança;
Tudo lhe sujeitou debaixo os pés,
Deixando-o só sujeito a quem o fez.

Este pequeno mundo, homem chamado,
Prevaricando em sua obediencia,
Do paraízo, em que estava, foi lançado,
Perdendo o bom estado da innocencia:
Mas, nunca do Senhor desamparado,
De seu peccado em fim fez penitencia,
Trocando a vida alegre em morte dura,
Até vir Deos tomar sua figura.

Deos fez-se homem, Deos summo, omnipotente,
Na pessoa do Filho tão subida;
E ao mundo amou d'amor tão eminente,
Que a propria vida deu por dar-nos vida:
Mortal, humilde, em fim pobre paciente,
Soffreo pregado ser n'hũa cruz erguida,
Com mil dores, tormentos e deshonras,
Pera aos homens subir a eternas honras.

Mas d'entre os mortos logo resurgido
Com glorioso corpo triumphante,
E ao Empyreo c'os Santos seus subido
Na união da Igreja militante,
Deixou ao homem, por seu sangue remido,
De suaves remedios ja abundante,
Com que, vencendo sempre com victoria,
Podesse entrar na pura e eterna gloria.

Nesta imaginação assim passando
Estava eu a manhã d'hum fresco dia,
Quando me em licor humidó banhando
O lento somno ja me adormecia;
E daquillo, que estava imaginando,
As especies tomando a phantasia,
Sonhava hum sonho assás estranho e doce,
Dado que verdadeiro e certo fosse.

Porque quanto os sentidos interiores
Em sua figura assim me appresentavão,
Me parecia ser que os exteriores
Em tudo claramente alli o tractavão;
Cousas maravilhosas, e maiores
Que o humano entendimento, me mostravão
Como aqui mostrarei, se copia tanta
Me conceder cantando a Musa santa.

Ja todos meus esp'ritos sensitivos
Dos humidos vapores congelados
No frio cerebro, onde estavão vivos,
Parecião de todo sepultados;
E impedindo-me as obras dos motivos
Membros, quedos m'os tinha e repousados
O Somno, vindo da Cimmeria cóva,
Por me mostrar visão tão doce e nova.

Quando d'hum alto Esp'rito poderoso
Arrebatado ser me parecia,
E levado a hum jardim[1], onde o abondoso
E fresco corno a Copia diffundia:
Porque era em tudo verde e deleitoso,
De fruito e flores cheio e d'alegria;

E assim o Ceo benigno o temperava,
Que hum perpetuo verão representava.

De quatro frescos rios e caudaes
Regado era este campo tão florido,
D'arvores, plantas, hervas e animaes
De toda especie ornado e abastecido:
Pastava o manso gado sem curraes,
Do lobo ou do leão pouco temido;
Viam-se as feras de maior braveza
Com mansidão aqui e domestiqueza.

Em tamanha abondança e variedade
D'individuos em perfeição creados
Tudo era paz, amor, tranquillidade,
Huns não sendo dos outros aggravados;
Em conversação util e amizade
Sincera e pura todos conformados;
Na terra, agua, ar, o bruto, o peixe, a ave
Tinhão vida pacifica e suave.

Por este fresco e bom jardim do mundo
A vista derramando alegremente,
Hum edificio[2] vi, nobre e jucundo,
D'alta composição e obra excellente,
E tal architectura, que segundo
O que se via de fóra, e mais presente,
O de dentro seria mais perfeito,
E muito mais pera quem fôra feito.

Mostrava ser o sitio e bom assento
Inexpugnavel ao combate duro
Da guerra, e pera a paz bello aposento,

Cercado de lustroso e forte muro;
E com toda abastança e provimento
Por dentro e fóra estar firme e seguro;
E tudo em quanto a vista s'estendia,
Em obrigação contente, que o servia.

Levantava-se ao modo d'hum castello
Sobre este campo, quasi senhor delle:
Mas logo vi outro edificio[3] bello
E formoso nascer da costa delle;
E por poder melhor nota-lo e vê-lo,
Querendo-me eu chegar de perto a elle,
Ambos estes castellos parecião,
Ao desobedecer, que alli caíão.

Desta infelice quéda[4] e triste sorte
E subita mudança a mi me vinha
Hum sentimento intrinseco, e tão forte,
Como que neste mal grão parte tinha:
Cria, que me causava a mesma morte
Esta desaventura tanto minha;
E com grande pezar, que me cercava,
O fresco campo em lagrimas banhava.

Então tive por mais misera e estranha
A quéda desta grande fortaleza,
Quando de perto vi que era tamanha,
Com primor tanto obrada e tal destreza:
E logo cri, que por engano e manha,
E mais por traïção que por fraqueza,
Caíra este edificio em tal ruína,
Que ergue-lo só podia a mão divina.

Mas a este assento ja tão verde e ameno
Com pranto e dor de todo ía eu deixando,
Ja me não parecendo o àr sereno,
Mas triste, escuro e grave me aspirando:
Quando: «Não terás tu quinhão pequeno
«Nesta perda tão grande (ouvi bradando);
«Que o mal, que a todos toca geralmente,
«Insensivel será quem o não sente.

«E verás que o Divino Entendimento
«Tem de longe o remedio apercebido;
«Quem tudo vê de seu supremo assento,
«Suavemente a tudo tem provido.
«A qualquer culpa é o arrependimento
«Hum remedio ante Deos bem recebido;
«E como justo e bom, com mão amiga
«Perdôa muito mais, do que castiga.

«Os castellos, que viste em gloria tanta,
«Que com prosperidade e grão potencia
«Senhoreavão tanta terra, quanta
«Ver não pódes, a summa Providencia
«Dispoz com seu poder, com ordem santa,
«Que estivessem á sua obediencia;
«E della em qualquer tempo se saíndo,
«Perdessem o que estavão possuindo.

«Que o Senhor, a quem tem dado homenagem
«Destes castellos os Alcaides móres,
«Fê-los com grande amor á sua imagem,
«De perfeições dotados e primores:
«Mas por comer d'um fruito d'ũa pomagem
«Vedada, ficando elles transgressores,

«E offendendo o Senhor, pagão tal erro
«E má culpa em trabalhos e em desterro.

«Mas porque vejas que ama a piedade
«Mais que o rigor este Senhor, que digo,
«Como quem é toda a summa bondade,
«Não quiz ao fim chegar neste castigo:
«Porque elle mesmo em tanta adversidade
«Soccorrendo ao vassallo, como amigo,
«O remedio lhe deu, que não podéra
«Jamais alguem lhe dar, se elle o não dera.

«Consola-te, que a bom Senhor servimos,
«Que sempre quiz e quer que o homem viva:
«O bem do summo bem vir sempre vimos
«De sua perfeição e gloria altiva:
«O mal, a quem o passa, o attribuimos,
«E de sua mesma culpa se deriva:
«Tem (por o mundo ja não ser desfeito)
«Por elle o Senhor delle satisfeito.

«Olha o novo edificio reformado[5],
«Capaz d'outra maior e immortal gloria,
«Do que aquella, em que o viste situado,
«Que em fim, pois teve fim, foi transitoria;
«Mil vezes soccorrido e visitado
«Por o Senhor, que lhe alcançou victoria
«Do máo, que com engano o conquistando,
«Se andava em sua pena vangloriando.

«Foi este imigo em nossa jerarchia
«Dos principaes; mas ensoberbecendo,
«Trocou a gloria em pena, e em noite o dia.

«Em seu máo zelo vão permanecendo:
«Com isto a este edificio combatia,
«Té que enganosamente o foi vencendo.
«Fuge a soberba, e sigue a alta humildade
«Com firme fé, esperança e caridade.»

E nisto então, como eu ja claro visse
Ser este o Esp'rito bom, que me guiára:
«Ó creatura angelica, lhe disse,
«Se tua luz me não acompanhára
«Em tanta escuridão, que não caísse,
«Nenhuma humana industria me livrára:
«Pois pera ver agora esta tamanha
«Obra e maravilhosa, me acompanha.

«As bellas mostras vejo e a boa figura
«Da fortaleza, que antes via formosa;
«Mas quero notar bem sua compostura,
«Seu fundamento e traça artificiosa;
«Especular por dentro obra tão pura,
«Tão polida, excellente e sumptuosa,
«Que mostra, sendo obra em tanto extremo,
«Ser della o architecto alto e supremo.»

«É como dizes tudo; e porque sejas
«Mais prompto no que vires e notares,
«(Me respondeu o Esp'rito), pois desejas
«Ver deste assento as mais particulares
«Peças, convem sem mim que aqui te vejas,
«Mas sem mim nunca em parte alguma andares:
«Tornar-me-has ver, despois que o discorreres
«Por dentro e fóra, se o entender quizeres.»

Isto disse; e de mim ja se apartava,
Deixando-me entre confusão e medo:
Mas como sobre tudo me apertava
Desejo de saber este segredo
Deste forte, que se me appresentava,
Com quanto me pezou ir-se tão cedo
O bom Esp'rito, que me alli guiára,
Movi o passo a ver cousa tão rara.

E como ja me achava mais ao perto,
E se a vista melhor certificasse,
Maravilhou-me o sitio, a arte, o concerto
Do castello, e que assim se reformasse:
'Stava posto em um grande campo aberto,
Como que dalli tudo senhoreasse,
Alto, grande, formoso, e era em tal modo,
Que em duas columnas[6] sobreestava todo.

Mais que d'alvo alabastro e d'obra prima,
Eram lizas, polidas, torneadas,
De subtil artificio e grande estima,
Sobre dous pedestaes[7] bem assentadas:
O mais grosso e pesado estava em cima,
Do mais delgado em baixo sustentadas;
E quando os pedestaes dous se movião,
Todo o peso comsigo em si trazião.

E era tudo tão primo e tão perfeito,
Que alegremente a vista descançava;
No alto, baixo, largo, e mais estreito
Proporção ordenada se mostrava.
No chapiteo tinha hum dourado teito,
Que a todo este edificio mais ornava,

Do qual uns raios d'ouro dependião,
Que ao longe mais que o sol resplandecião.

Nunca acabára assás d'obra tão clara
Especular o engenho, arte e bondade,
Se a vista então dalli me não levára
Minha importuna e vã curiosidade:
Porque senti que então se começárá
Deste edificio quasi na metade
Dos seus materiaes huma fortaleza
Da mesma compostura e natureza.

Como nas linhas entendi e na traça
Ser este similhante ao outro assento,
E que viria a ter a mesma graça
E fórma, ao fazer delle puz-me attento:
E vi que da materia e propria massa,
De que era feito o primeiro aposento,
De tres grandes sobrados, que em si tinha,
Nó mais baixo a fazer-se est'outro vinha.

Neste sobrado baixo ũa casa havia,
De grande engenho e artificio feita,
Na qual com espantosa geometria
A uma parte quasi á mão direita
Hum gentil mestre d'obra[8] esta fazia,
Mui regulada, certa, mui bem feita,
Sendo o mestre previsto, ardido e quente,
Esperto, vivo e muito diligente.

O qual, antes que nada começasse
De pôr em perfeição e sua figura,
Tomou materiaes[9] com que cerrasse

Huma abobeda[10] alli humida e escura:
E deixou só, por onde respirasse,
Hum pequeno postigo[11] e abertura,
E por onde viesse o provimento
A toda a obra, e seu sustentamento.

E como que não 'stava ainda seguro
Porque ficasse bem fortificada,
Na abobeda fez dous pannos[12] de muro,
Que assim de fóra a tinhão mui guardada;
E por colher o mais sobejo e impuro
Da escoria, que era d'esta obra lançada,
E tudo o que pera ella era contrario,
Admittindo sómente o necessario.

Despois disto assim ter nesta ordem posto
No forte, começou perfeiçoar-se,
Tudo com tal saber e arte composto,
Que póde encarecer-se, e não contar-se;
Estando edificado, e ja disposto
Pera poder de novo povoar-se,
Com seus quartos, retretes e aposentos,
Janellas, atalaias, cataventos.

Em parte parecia inda com tudo
Faltar alguma cousa á fortaleza,
Como quem vê a estatua d'hum membrudo
Corpo, a que falta o esp'rito e a viveza;
Ou vê a hum campo solitario e mudo
Sem cousa viva mais que sua nudeza:
Finalmente este forte era acabado,
Como hum corpo sem alma afigurado.

E desejando eu ver, em que parava
Esta obra tão estranha e peregrina,
Huma donzella[13] vi, que nella entrava,
Clara, bella, immortal, pura e divina;
E d'improviso della se apossava,
Como senhora, mais que della dina,
A quem logo, no forte quanto havia,
Servindo alegremente, obedecia.

Tão perfeita vinha esta alta senhora
Á fortaleza, e assim armava nella,
Como que feita alli nella então fôra
Pera ornamento, e ser, e fórma della:
Logo as partes de dentro e as de fóra
Se começárão de mover com ella,
E se vivificárão de tal sorte,
Que o forte se refez muito mais forte.

Via-se tudo ir ja de dia em dia
Com tão nova senhora em crescimento;
A fortaleza em perfeição crescia,
Em boa ordem, concerto e regimento:
E ja que não coubesse parecia
Naquelle baixo e humido aposento,
Onde fôra composta e bem traçada
Por a mão de seu mestre delicada.

A grande fortaleza, que em si tinha
Est'outra ja tambem se carregava
Com tanto impedimento, e mal sostinha
O grande peso e pejo, que lhe dava:
E bem que quanto bom de fóra vinha,
Pera a fabrica della desejava

E mantimento, ja de si com tudo
Desejava deita-la sobre tudo.

Até que, vindo tempo conveniente,
E conjuncção pera o effeito disto,
Per natureza e industria sufficiente,
E por saber do Artifice previsto,
O forte[14] quasi milagrosamente
Fóra lançado alli de mi foi visto,
Com força e com trabalho assi arrojado
Desta torre, em que fôra principiado.

E como á luz do sol e fóra esteve
Da escura região e seu começo,
Logo outro parecer crescendo teve,
Outro ser e figura de mais preço:
A formosa donzella, a quem se deve
Deste alto crescimento o bom processo,
E louvor muito, estava satisfeita
De ter o mando em cousa tão perfeita.

Era de todos muito obedecida,
Era em tudo servida e venerada;
E com quanto em prisão quasi retida,
Estava em parte aqui nesta morada:
Não era por não ser della então tida
Por sua casa propria e muito amada,
Mas porque desta casa a origem víra
Aquella antiga torre, que caíra.

Porque as achegas e materiaes,
De que era feito este novo edificio,
Tinhão as mesmas partes integraes

D'outro primeiro, o rastro inda do vicio:
Que as primeiros duas torres principaes
Não só caíram em culpa e maleficio,
Mas deste mal deixárão por herança
Na materia e cimento a similhança.

Daqui vinha que no discurso e augmento
Da torre, que crescia sem detença,
A donzella real em seu aposento
Por vezes teve alguma desavença:
Foi bom logo em principio o regimento
Sem alguma discordia ou differença;
Mas des que a torre em forças foi crescendo,
Mal foi a gente della obedecendo.

Com tudo a bella dama amava tanto,
Em que o original mal aborrecia,
Que vezes mil dissimulava quanto
Esta rebelde gente lhe fazia:
Outr'ora ameaçava com espanto,
Que a governança della deixaria,
E que, como ella assim della se fosse,
Perderia seu ser, figura e posse.

Mas ja pela união e liança estreita,[15]
Que em casa tinha, consentia outr'ora,
E da culpa em seu mesmo damno feita
Parecia que ella era a causadora:
Porque os descobridores da suspeita
Do mal ou bem, que sentião de fóra,
Muitas vezes o mal por bem trazião,
E a senhora e os criados consentião.

Outr'ora resistia com prudencia,
Por ser d'alto e real entendimento,
E convinha a sua alta preminencia
Não ter no mal nenhum consentimento;
Que pera tudo tinha sufficiencia,
E do bem e do mal conhecimento:
Mas ja da fortaleza parecia
Que em perfeições crescer mais não podia.

Com toda a policia edificada,
De todos os primores abundante,
Em tudo parecia consummada,
E que em nada podia ir mais ávante:
Toda de fóra se mostrava ornada
D'uma viveza e graça triumphante,
Forte, nova, alta, fresca, florecente,
Rica, servida bem, léda e contente.

E como por de fóra assim estivesse
Com tanto lustre, graça e formosura,
Desejei de ver se a isto respondesse
A fabrica de dentro em compostura:
E porque nisto me satisfizesse,
Me pareceo com vista clara e pura
Que via por de dentro e com espanto
Tudo, como o direi nest'outro Canto.

CANTO II

Altas obras, soberbas e arrogantes
D'espantosa e subtil architectura
Houve em tempo passado; outras galantes
De pincel, perspectiva e d'esculptura:
Mil illustres varões, como Timanthes,
Protogenes, Polycles na pintura,
Hum Phidias, hum Lysippo, hum Praxiteles,
Zeuxis, Parrhasio, e o celebrado Apelles.

Dedalo o labyrintho embaraçado,
E Semiramis fez muro espantoso,
Chares colosso em Rhodes sublimado,
Fez-se em Epheso o templo sumptuoso:
Fez ao marido seu Mausolo amado
Artemisa sepulcro alto e honroso;
Theatros houve, e grandes edificios,
E de maravilhosos artificios.

Mas como feitos são por mão humana,
Não podem dilatar-se em infinito:
Por terra jaz o templo de Diana,
E jazem as pyramides do Egypto;
Mil columnas d'antiga obra romana,
Arcos, estatuas d'alto e vivo esp'rito,
O tempo, que consume e tudo aterra,
Os tem desfeitos ja posto por terra.

Mas aquella symetria compassada
E sobrenatural proporção viva,
Em que não póde o tempo ter alçada,
Do corpo humano e architectura altiva,
De idade a idade a vemos propagada,
Por a fazer perpetua, e que reviva,
Aquella mão divina lá de cima,
Que a fez de nada, e lhe deu ser e estima.

Os philosophos grandes com sciencia
E incançavel industria, que alcançárão
Das cousas naturaes a propria essencia,
E todas altamente especulárão,
Nenhuma de mais alta arte e excellencia
Entre todas, que o corpo humano, achárão,
De fórma e de materia um só compósto,
Com tamanho primor feito e composto.

Mas tornando a meu sonho, que contente
Me tinha, desejando eu ver de pêrto
O mais da fortaleza alta e excellente,
Que por dentro me estava inda encoberto,
Não sei como assim logo estranhamente
Me foi tudo mostrado e descoberto,
Como eu parte por parte aqui contára,
Se me a fraca memoria não faltára.

Estava a fortaleza repartida
Assim toda por riba em tres sobrados,[1]
Ou tres principaes quartos, e cingida
Por de fóra de muros bem lavrados:
Corrião-se estes quartos com medida
E justa proporção mui compassados,

E tinha cada hum delles seu mordomo,[2]
Ou veador de grande cargo e tomo.

E querendo olhar eu logo o do meio,[3]
Por lhe ver mais estado, ricamente
De tudo ataviado, ornado e cheio,
Parecendo mancebo ainda e valente;
Maravilhou-me ver hum bom meneio
E movimento seu continuamente,
E com muito ar, sem ser força ou defeito,
Mas de seu natural um dom perfeito.

Dava-lhe grande auctoridade e brio
Hum tabardo de mangas, que vestia,
Com que mostrava mando e senhorio
Em toda a gente, que na torre havia:
E por seu aposento ser d'estio
E muito quente, sempre se servia
De muitos pagens[4] seus, que o abanavão,
E d'ar sereno e frio o refrescavão.

Por estar n'uma estufa muito quente[5]
Movendo-se contino, assim convinha,
Pera o qual d'obra o mestre diligente
Bem junto delle dous abanos[6] tinha;
Aos quaes ar frio e incessantemente
E pera refrigerio seu lhe vinha,
Por huns canos[7] de fóra o admittindo,
O mais quente e fumoso despedindo.

Desta estufa era sempre bem provida
E sustentada toda a fortaleza,
Por seus canos lhe dando esp'rito e vida,

E de seu vivo fogo a tendo accesa:
Pera este fim n'ũa casa alli escondida
Com promptidão estava e com viveza
O subtil mestre da obra, que servia
D'accender este fogo, e o repartia.

E como esta grã fabrica e estranha obra
Nos aposentos tres se dividia,
Como mais principaes, o mestre[8] d'obra
Por todos providente discorria,
Fazendo sempre importantissima obra
Em todo o edificio e companhia;
E em que neste do meio mais morava,
Nos outros dous, mudando o nome, andava.

Mas com mover-se sempre, e com grã calma,
O mordomo, que disse, valeroso,
Sujeito estava aos accidentes da alma,[9]
Ora ledo, ora triste, ora medroso:
Outr'ora a ira, que tanto accende e encalma,
O dominava, outr'ora vergonhoso,
Com esperança, e sem 'sperança outr'ora,
Se alterava e mudava cada hora.

Que com conhecimento falso, ou certo,
As cousas, que de fóra procedião,[10]
Ao mestre d'obra, sempre vivo e experto,
Deste seu aposento commovião:
Fazendo-o estar as tristes encoberto,
Por toda a torre as ledas o trazião
Com tanta variação, que de tal ver-se
Estava a risco ás vezes de perder-se.

Mas como tinha, a fim de recrear-se,
Este rico mordomo os dous abanos,
Tambem delles soía aproveitar-se
N'outros serviços seus por outros canos;
Porque no meio delles vi formar-se
Huma frauta[11] coberta de dous pannos,
Que até o entrar na torre ía direita,
Fazendo varia musica e perfeita.

Huma porta subtil estava obrada,
E no fim della uma cabeça ou chave,[12]
Que dos pagens e d'outros bem tocada
Causava esta harmonia tão suave;
E no tom, que querião, temperada,
Soava ou alto ou baixo, ou agudo ou grave,
Com que gosto e proveito recebia
O veador e toda a companhia.

Tinha fortificado a este aposento
E reparado em roda um forte muro,[13]
E da parte de fóra em bom assento
Duas fontes[14] n'um quasi contra-muro,
Que, trazendo de dentro o nascimento,
O fazião ornado e mais seguro;
Mas estas duas fontes parecião
Estar seccas[15] então, e não corrião.

Despois d'eu visto ter parte por parte
Desta casa do meio a fórma bella,
A fabrica, o concerto, a ordem e arte,
A providencia e bom serviço della;
Como se alimentava cada parte
De toda a fortaleza, assim por ella

Repartindo com grande provimento
Seu liquido e apurado mantimento:[16]

Daqui ao aposento mais de cima
Me passei logo, e ao mais alto sobrado;
E se o do meio tive em muita estima,
Deste fiquei ainda mais maravilhado,
Por ver sua perfeição, sua obra prima,
E o logar, em que estava situado
Sobre a entrada da torre, com formosa
E aprazivel vista, alta e espaçosa.

Procedia com muita auctoridade
Deste quarto o mordomo nobre e antigo
D'huma abobeda forte na metade,
Por ser o logar alto e de perigo.
D'hum siso era maduro e gravidade,
Velho, branco, e das letras muito amigo;
E assi gastar philosophando o tempo
Havia por mór gosto e passatempo.

Vestida tinha huma opa roçagante,
Que por todas as partes o cobria,
N'huma casa d'abobeda galante,
E armada de gentil tapeçaria,
Atada por detraz e por diante[17]
Por junturas, que a abobeda fazia,
N'outro panno de fóra, que a guardava,
E pera o mais serviço armado estava.

E além deste grão panno, que a cercava,
Por de fóra tinha outros dous[18] em roda,
Com que provida e mais forte ficava,

E parecia estar cerrada toda:
Tambem d'hum musgo e d'hervas[19] mais s'ornava
De fóra a superficie e toda a roda,
Que estando em alto assim do sol lustrada,
Mostrava huma formosa côr dourada.

Em oito partes[20] era dividida,
Bem que contínua e junta em sua figura,
Esta abobeda, e tão cerrada e unida,
Que não se divisava ter costura:
Mas pelas em que estava repartida,
Servindo-se exhalava de mistura
Todo o fumo sobejo, que lhe vinha
Dos sobrados de baixo e da cozinha.[21]

Mas o sabio ancião[22] e bom mordomo,
Que neste alto aposento residia,
Com grão cuidado e vigilancia, como
Experto e prompto, estava noite e dia
Em sua esphera, como em celeste pomo,
Ora do mundo a grande monarchia,
Outr'ora ao fazer della e de tudo
Contemplava em contino e vario estudo.

Pera isto hũa livraria de diversos[23]
Auctores tinha grande e mui polida,
De varios casos prosperos ou adversos,
Em tres camaras juntas repartida:
A primeira ou em prosa, ou doces versos,
Continha a alegre fabula fingida;
Leis a segunda e a philosophia amiga;
A terceira a historia grave e antiga.

E desta livraria de maneira
Compassadas estavão as estantes,
Que as da segunda camara e primeira
Tinhão livros mudados e inconstantes:
Mas os outros da camara terceira
Estavão fixos quasi e mais constantes,
Onde o que mais das duas lhe aprazia,
Nesta terceira[24] sempre o recolhia.

Da sua condição e natureza
A par de si o sabio hũa filha[25] tinha,
Que a fabrica de toda a fortaleza
Quasi em logar do velho pae sustinha:
E a torre, ora inclinada, outr'ora têsa
Fazia estar, segundo lhe convinha,
Por meio d'hũa columna[26] d'artificio,
A que encostado estava este edificio.

De por detraz da abobeda descia
Esta columna até o fim dos sobrados,
Pela parte de dentro ôca e vazia,
Mas de trinta canudos[27] mui ligados:
E em que por dentro vãos, de cantaria
Erão firmes, direitos, torneados,
Ficando assi a columna desta sorte
Coberta de dous pannos[28] muito forte.

Por dentro da columna discorrendo
Do velho a filha andava diligente,
Ella e o pae nas mãos atadas tendo
Setenta e cinco cordas[29] longamente;
As quaes, por toda a torre se estendendo,
Despertavão pera o serviço a gente,

Dando força e vigor ao movimento,
Que necessario era, e ao sentimento.

Destas nervosas cordas[30] sete pares
O velho estudioso governando,
C'os cinco pares dellas os logares
Mais secretos da abobeda espertando,
Os mais criados e os familiares
Da casa, e os dous mais ía ligando;
E os trinta pares repartidos tinha
Por toda a torre a filha onde convinha.

Mas porque dos trabalhos excessivos
Da torre os servidores e exercicio
Podessem refazer-se, e andar mais vivos
E esforçados cada hum em seu officio;
Foi concedido logo aos sensitivos
E aos motivos por grande beneficio
Um repouso[31] e descanço conveniente,
A que chamamos somno vulgarmente.

Delle era a causa immediata e certa
O subtil mestre d'obra,[32] que habitava
No aposento do meio,[33] e tinha experta
Da fortaleza a gente, e alimentava;
E quando tinha alli mais encoberta
Sua virtude, e o fogo conservava,
Repousava da torre a companhia,
E o velho e a filha as cordas não movia.

Ajudava tambem, que as humidades
E fumos, que exhalavão e que subião
Da cozinha e das mais concavidades,

A esta virtude o caminho impedião:[34]
E adormecido o velho e os mais alcaides,
Da torre os servidores não bolião,
Do movimento a causa assim cessando,
E sentimento então e nada obrando.

Pela parte de fóra do edificio,
No sobrado mais alto e luminoso,
Junto do chapitel, no frontispicio,
Hum molde de janellas vi formoso:
Erão tres pares,[35] cada par seu officio
Diverso tinha, e muito proveitoso,
As mais altas de estranha formosura,
Varias no sitio, officio, e na figura.

Cada huma dellas tinha sua espia
E atalaia de grande vigilancia,
Que ao longe e ao perto d'alto descobria
Tudo o que parecia de importancia;
Apresentando logo o que sentia,
A hum atalaia mór,[36] que n'outra estancia
Desta abobeda estava aposentado,
Pera este cargo dentro deputado.

Assentadas estavão sobre fino
Marfim as duas janellas[37] alterosas,
Com vidraças d'hum puro crystallino,
Que as fazia mais claras e formosas:
E pera defender-se do ar malino
E d'outros damnos, humas proveitosas
Cortinas[38] de cadilhos se cerravão,
Quando era necessario, e a abrir tornavão.

Por cima da cortina e corrediças
Cada janella tinha sua cimalha[39]
Pera repairo, arcadas e mociças,
Cobertas d'huma curta e secca palha:
Erão como convinhão, movediças,
Ambas d'hum lavor mesmo e d'huma igualha;
E além de reparar de chuva e vento,
E do grão sol, davão graça e ornamento.

Logo em direito estavão e além destas
Outras duas janellas,[40] mas d'outra arte,
Descobertas ao vento e manifestas,
Cada huma a cada mão do baluarte:
E em caracol e em voltas duas frestas
Tinhão feitas na mais intima parte,
Das quaes duas escuitas de vigia
Cada huma aviso dava do que ouvia.

Abaixo destas quatro as outras duas[41]
Por cima do portal da torre estavão,
Com grande engenho feitas, e com suas
Espias, que do cheiro só avisavão:
Dos dous sobrados altos duas ruas
Aqui vinhão, por onde se purgavão
As superfluidades, que descião,
E dentro o fresco vento recolhião.

Das quaes hum pouco abaixo a tudo ornava
O grão portal[42] da torre e a serventia
Nesta mais alta parte, em que mostrava
Estranha architectura e geometria:
Que por aqui o necessario entrava
De tudo o de que a torre se servia;

E pera isto poder ser sem trabalho,
Se ordenou hum remedio e grande atalho.

Que sobre os dous sobrados derradeiros
E mais baixos, cada hum a sua parte,
Estavão dous robustos carreteiros[43]
De mui grande serviço, engenho e arte:
E além de grandes, erão tão ligeiros,
Que chegavão correndo a qualquer parte,
Acarretando tudo com presteza
Pera conservação da fortaleza.

Estes dous carreteiros sustentados[44]
Erão por seu serviço e provimento
Da mesma torre, sendo alli criados
Com todo o necessario mantimento,
Tendo delles cada hum cinco criados,[45]
Que a tudo davão grande aviamento;
E porque em seu trabalho sempre andavão,
As cabeças de bons cascos[46] armavão.

Servião com cuidado e diligencia
Estes criados dez continuamente,
Sendo o principal toque e experiencia
Do humido ou do secco, ou frio ou quente:[47]
Em qualquer arte e mechanica sciencia
Além d'obrarem necessariamente,
Com armas resistião a toda a offensa
Da torre, sendo della a mór defensa.

E de fóra na entrada e serventia
Da torre dous porteiros[48] sempre estavão,
Lustrosos e vestidos d'alegria,

Que as portas com cuidado bem guardavão:
Tambem o som[49] da frauta e harmonia
Com movimento seu perfeiçoavão;
E assim dos tres mórdomos dos sobrados
Erão por isto em tudo alimentados.

Das portas para dentro logo entrando,
De grande fabrica hum moinho[50] tinha,
O qual moendo estava e preparando
Tudo o que havia de ir pera a cozinha,
Moído e brando dentro assim mandando
O mantimento, que de fóra vinha,
E com justa porção e conveniente
Se repartia lá por toda a gente.

Neste moinho junto aos dous porteiros
Estavão juntamente em seu officio
Duros e rijos trinta e dous moleiros[51]
De grande força e util exercicio:
Daqui tirados fóra outros primeiros
Forão ja por fraqueza sua e vicio;
E os que agora moíão com destreza,
Todos branco vestião por limpeza.

E tinha cada hum delles sua morada
Em dous lanços de forte penedia.[52]
Entre elles uma dona[53] exp'rimentada,
Experta e prompta andava noite e dia;
E della era approvada ou reprovada
A farinha de quanto se moía,
Provando se era saborosa e alva,
Porque era ella gentil mestra da salva.

Em toda a fortaleza era importante
O cargo desta dona reverenda,
Sendo pharaute e interprete elegante
Em tudo além do mando da moenda.
Dava tambem ao som[54] doce e galante
Da frauta ar, compasso, graça e emenda:
Toda a fabrica em fim desta tão clara
Torre sem esta dona mal passára.

Mas por ser femea em fim hum quasi freio,
Por não ir longe a tinha presa e atada,
Bem que em nove criados[55] d'um arreio
E d'hũa libré andava ella encostada:
Que por ser de tal graça e bom meneio,
Servida era de todos e acatada;
E por julgar os gostos na verdade,
Cercada sempre estava d'humidade.[56]

Mas porque então ás vezes a enfadava,
Sem que a gente de dentro aproveitasse,
Duas esponjas[57] tinha, em que tomava
E recolhia o mais, que sobejasse:
E porque ainda aos de dentro importunava
Todo o humido sobejo e ar, que entrasse,
Tinha mais além uma anteporta[58]
Contra o desnecessario e ar vão da porta.

Além desta anteporta parecião
Os dous principaes cannos[59] desta torre:
Por hum delles os frescos ares íam,
Com que o veador do meio se soccorre;
Por o outro cano tudo o que moíam
Os moleiros, e que á cozinha corre;

E nella do primeiro cozimento
Se preparava todo o mantimento.

Mas ao quarto do meio e está cozinha
Huma grossa parede[60] os dividia,
Porque aqui perto sua morada tinha
O mórdomo, que nella presidia:
E porque estando delle tão vizinha,
O fogo e o fumo della o anojaria,
Co'a parede guardado e defendido
Ficava seu aposento e dividido.

Com tres canos,[61] por onde era provida
Toda a fabrica e gente, que aqui estava,
Estando esta parede entrerompida,
Nella o quarto do meio se acabava:
E n'huma grã cozinha e bem servida
Porque o quarto de baixo começava,
Eu tambem, nella logo começando,
Tudo o que nella havia, fui notando.

Capaz era a cozinha[62] e sufficiente
Pera cozer-se nella o mantimento,
Que podesse bastar a toda a gente,
E de muito artificio e provimento:
Com vivo fogo estava sempre quente
Pera todo serviço e cozimento,
N'hum vaso de duas boccas,[63] bem obrado,
Sendo tudo cozido e preparado.

Por a bocca mais alta se mettia
O que vinha a cozer-se e digerir-se;
Por a outra baixa o mais se despedia,

De que menos havião de servir-se:
E junto desta bocca baixa havia
Huns quatro canos,[64] pera repartir-se
Hum certo manjar brando, inda imperfeito,
Neste primeiro cozimento feito.

E desta mesma bocca outros maiores
Seis canos[65] juntamente procedião,
Por onde da cozinha os servidores
As fézes e superfluo despedião.
Destes canos tambem outros menores,[66]
Por mais se apurar tudo, inda nascião,
Por uma teia grossa derramados,
Com proveito e limpeza assi ordenados.

E destes seis no mais baixo sómente
Huns tres moços[67] havia de serviço,
Que, por ser este entre elles mais corrente,
Estavão nelle postos pera isso:
E no remate delle ultimamente
Estavão outros quatro tambem nisso,
Promptos em alimpar, cerrando e abrindo,
E como outros na torre bem servindo.

Presidia neste ultimo sobrado
E quarto o outro principal mórdomo,[68]
De grão negocio, muito venerado,
Muito importante, e bem servido, como
Cada hum dos outros dous, alcatruzado
Hum pouco, muito grave, e homem de tomo,
Triste no parecer, mas no vestido
Alegre, n'hum capuz de grã vestido.

Junto á cozinha tendo seu aposento,
Mandava de lá vir por ordenança
Só da primeira instancia e cozimento
De todo o manjar branco[69] em abastança:
Fazia então todo este mantimento
Outra vez recozer[70] com temperança,
Que mais puro a cada hum por sua via
Entre todos na torre se partia.

E assim despois de ja bem recozido
Este manjar, que a todos sustentava,
Sendo em quatro licores[71] convertido
Diversos, ser hum só na côr mostrava:
Mas destes, mal conforme ou desmedido,
Se algum muito minguava ou sobejava
Fóra de proporção e sem concordia,
Em toda a fortaleza havia discordia.

Pelo contrario, em justa cantidade
N'hum liquido vermelho misturado
Se este manjar se dá com suavidade,
Todo este assento está delle abastado:
Daqui deste aposento per metade
Da torre corre a hum e a outro sobrado,
E por cobertos canos[72] vai manando,
A toda a gente della alimentando.

E com quanto assim leva sua mistura
Pera abastar a todos, em chegando
Ao sobrado do meio, alli se apura
Summamente, e se vai adelgaçando:
E daqui o mórdomo com mão pura,
Despois que bem o afina, o está mandando

Purificado a toda a fortaleza
Por outros subtís canos[73] com destreza.

Mais tinha este mais baixo em sua estancia
A par de si por grande beneficio
Da torre dous criados d'importancia,
E provido cada um em seu officio:
O primeiro com summa vigilancia,
Sentindo haver seccura no edificio,
Por certos canos, que pera isso tinha,
Espertava grão sêde na cozinha.

Vestia-se d'hum verde[74] sempre escuro,
Por extremo cholerico e agastado,
E tão azedo, que por todo o muro
Se via andar ás vezes de anojado:
Tambem causava ser o manjar puro
Da cozinha e o superfluo relançado
Por hum dos canos seis da torre fóra,
Quando pera isso via tempo e hora.

O segundo criado era tristonho[75]
No corpo e no vestido, e homem baço,
Melancholizadissimo e enfadonho,
De má conversação e pouco passo:
Era medroso em si, e era medonho,
Morto de fome sempre, e muito escasso;
Mas o comer pedia pera a gente,
E nisto e em apura-lo diligente.

Abaixo destes outros dous[76] estavam
No apurar do comer tambem servindo;
No corpo, traje e idade conformavão,

N'um mesmo officio não se desavindo:
Toda a superflua agua a si chamavão
Por seus canos, dos outros geraes vindo,
Tendo nas mãos huns vasos coadores,
Que coavão esta agua e máos humores.

Em si retendo só a potagem boa,
Toda outra agua coada se mettia
Por dous canos subtís n'huma alagôa,[77]
Que de grande artificio dentro havia.
Esta agua, que salgada aqui se côa,
Da torre fóra em fim se despedia
Por outro cano[78] em voltas, e mais grosso,
O qual, quando era tempo, abria hum moço.

Este aposento baixo se cerrava
Com paredes[79] tambem, e com seu muro,
Com que amparado e quente assim ficava
Aos perigos de fóra mais seguro:
Onde era necessario, brando estava
Em parte, e n'outras partes firme e duro;
Finalmente de tudo mui provido,
De gente de serviço bem servido.

E porque esta tão bella fortaleza
Nunca o tempo de todo a desfizesse,
O mestre da obra ordenou com destreza,
Que de fóra da torre sempre houvesse
Dous naturaes irmãos,[80] cuja viveza
Outros materiaes esp'ritos désse
Pera se refazer novo edificio
Por delicados meios e artificio.

Todos tres aposentos e sobrados
Sobre duas columnas[81] se assentavão,
E ao pé d'elles, entre ellas gazalhados
Estes dous naturaes irmãos estavão.
As columnas seus pedestaes[82] pegados
Na mais delgada parte ter mostravão,
E o mais grosso por cima, como tinha
A outra torre, de que esta nascer vinha.

Sendo pois, como disse, tão formoso
Estė novo edificio e tão polido,
D'engenho tão subtil e artificioso,
Por dentro e fóra ja por mi corrido;
No artifice cuidando poderoso,
Que de tudo o fizera tão provido:
Estava eu contentando a vista nelle,
Sem de todo a poder apartar delle.

Quando enlevado assim me parecia,
Que com triste mudança, estranha e dura,
Este grande edificio descaía
De sua graça alegre e formosura:
Tanto, que pouco a pouco desfazia
Todo ornamento seu e sua frescura,
Té de todo caír por derradeiro,
Como no Canto contarei terceiro.

CANTO III

Oh vida humana, vã, caduca e breve!
Oh gloria della, ou falsa, ou imperfeita!
Que a que mais dura, he qual hum somno leve,
E ás mudanças do tempo em fim sujeita!
Quem mais conta fez della, e em mais a teve,
Com mór dor e tristeza a vio desfeita;
Passa, e seu fim remata em pranto e mágoa,
Enchendo, como o fumo, os olhos d'ágoa.

Em que parou da terra o mór tyranno?
Com próspera fortuna, ou com adversa,
Em que parou o grão sceptro Romano?
Em que o Grego, o Medo, o Assyrio, o Persa?
D'huma hora incerta hum certo desengano,
Daquella hora final, dura e perversa,
Triste e odiosa a todos, tudo enterra
Em muito esquecimento e pouca terra.

Na antiga idade d'ouro, em que avondança
Laüdavel da terra florecia,
Em que a segura e util temperança
Nos homens e elementos mais havia;
Dos innumeros annos a abastança
A muitos pouca e breve parecia,
Que o calado ladrão, que a todos furta,
A longa vida faz parecer curta.

Quem vive por viver só nesta vida
Docemente, no fim chorosa e amarga,
Bem que do Céo lhe seja concedida
Que a de Mathusalem muito mais larga;
Que mais faz, que na misera partida,
Em que ha de ir nú e só, levar mór carga?
Mas quem sómente aspira á eterna e santa,
Pera ella alegre e leve se levanta.

Levanta-se a alma leve á mór altura,
Do seu carcere amigo desatada,
Ou das obras levada clara e pura,
Ou a prisão perpetua condemnada:
Toda a inferior cousa e creatura
De materia e de fórma fabricada,
Por mais que viva, em fim seu fim espera,
Que assim o quiz quem fez a grande esphera.

Mas nunca a ninguem basta esta certeza,
Pera que a dura Parca inexoravel
Espanto lhe não cause, dor, tristeza
Com seu golpe cruel e irreparavel.
Assim vendo eu da bella fortaleza
A miseravel quéda, em que duravel
Sabía não ser nada, entristeceo-me,
E cousa estranha e grave pareceo-me.

Nem sonhava eu que via desfazer-se
Com supita ruína este edificio,
Mas que por tempo o via envelhecer-se,
Cada parte cessando em seu officio:
E o bom governo e economia perder-se,
Faltando a ordem certa e são exercicio,

Não servindo os vassallos a senhora,
Té que ella triste se saía fóra.

Triste se ía por mal obedecida,
E tambem porque mal obedecêra
Ao grão Senhor, que a esta envelhecida
Casa sua a mandára, e vir fizera:
Triste se ía, confusa e arrependida
Do máo viver; mas mais viver quizera
Na antiga ainda e clara morada,
Que só por terra jaz desamparada.

Fazendo mal os grandes e os menores[1]
Da torre seu serviço e regimento,
Nem mandando os mórdomos e veadores
A cada hum seu devido provimento:
Veio o commum manjar com seus licores
Todos quatro a um tal corrompimento,
Que as partes principaes, e as outras logo
Enfraquecerão, e s'esfriou seu fogo.

Porque daqui nasceo, que consumindo
Se foi o mestre da obra[2] diligente,
E com elle de mal em peor indo
Os capitães[3] da torre, e a outra gente:
Em tudo os servidores mal servindo,
Os de dentro e os de fóra juntamente,
Em todos s'enxergava huma frieza
D'estranha, enferma e misera fraqueza.

Os mais dos trinta e dous brancos moleiros,[4]
Que estavão no moínho, se saírão,
Debilitados ja, como os primeiros,

E sem poder moer, fóra caíão:
Outros sem seu vigor (inda que inteiros
Ficavão) por fraqueza não servião;
E por 'starem alli mais arreigados,
Como velhos ficavão aposentados.

Envelhecendo assim tanto o edificio,
De fóra a graça e lustre ía mudando,
E até do chapitéo e frontispicio
Murchas as flores[5] se íão descórando;
Porque ja não lhe sendo tão propicio
O calor e alimento, como quando
Em seu vigor e perfeição estavão,
Em fria e branca a côr d'ouro tornavão.

Aquelles dous robustos e valentes
Carreteiros[6] cançadamente andavão,
E ja mui frouxamente e negligentes
O necessario á torre acarretavão:
Tambem os dez criados[7] diligentes,
Como tolhidos, mal se meneavão;
E ja as columnas[8] grossas, que trazião
O peso sobre si, fracas tremião.

Com tal fraqueza e continos tremores
Ameaça a torre a final quéda;
Estavão sem repouso os veadores,
E toda a gente fraca e pouco léda:
Da salva a mestra[9] ja deixa os sabores,
E cada hum de seu cargo ja se arreda;
Arruinado por mil partes o muro,
Abalado se mostra e mal seguro.

Em tal extremo vendo a fortaleza,
Vigilante e sollicita acodia
A todas partes a immortal princeza,[10]
Sempre animando a toda a companhia:
Com quanto via ja sua defesa
Ser tão fraca, deixa-la não queria;
Todo o raro remedio e exquisito
Procura em vão ao forte, fraco e afflicto.

Nesta ultima agonia pois estando
A desconfortadissima senhora,
Eu tambem, triste assás, via sonhando
Desforme hum velho[11] e feio vir de fóra,
Sumida a carne, os ossos só mostrando,
Do carcomido rosto os olhos fóra,
D'espantosa e terrivel catadura,
Fraca a voz, mas soberba, e com soltura.

O qual as mãos lançando descarnadas
E torpes sobre este edificio enfermo,
Deu-lhe hum medonho abalo, e alteradas
Tremendo as partes, nelle fez grão termo.
Traz isto, com palavras mui pesadas
Á princeza fallando, disse: «O termo
«Final, e triste, e a tua hora he chegada;
«Sáe-te ja da caduca e vã morada.»

Ficou sobresaltada e temerosa
A princeza com voz tão grave e horrenda.
Mas inda assim lhe respondeo chorosa:
«Espera-me algum tempo pera emenda
«Minha, e desta morada perigosa;
«E o prazo final mais se nos estenda:

«Darei ordem que em tão triste partida
«Não deixe a casa toda destruida.»

«Grão tempo ha ja, lhe replicou o velho,
«Que nesta torre vives, e o tiveste
«Pera tudo ordenar com são conselho;
«Sabías isto bem, mal o fizeste:
«Á casa[12] esse remedio outrem cá dê-lh'o,
«E a ti o que, estando n'ella, mereceste:
«Não posso esperar mais, vem-te comigo;
«Mais tenho que fazer, que aqui comtigo.»

Isto disse, e pegando rijamente
Outra vez com mão dura e com crueza,
Cahio toda por terra finalmente
Com grande terremoto a fortaleza:
Cahio com ella morta toda a gente,
E a grão regente nella e alta princeza
Me desappareceo, e o velho a essa hora,
Sem saber mais ninguem certo onde fôra.

Attonito com grave dor e espanto
Que ficava eu então me parecia
Com tão fero espectaculo, e com tanto
Estrondo lagrimoso, como ouvia;
Porque de fóra estar n'um alto pranto
Muita gente funesta e triste via,
A mortifera quéda deste forte
Carpindo, e da sua gente a fria morte.

E o que mais me espantava sobre tudo
Da machina lançada assim por terra,
Que o material todo, e o corpo mudo

Hum vil panno de lenço dentro o encerra;
E a quem, estando em pé, foi pouco tudo,
Que em cahindo, o cobria hũa pouca terra.
Cuidoso eu nisto, e estando triste e afflicto,
Tornava a parecer-me aquelle Esp'rito.

Aquelle Esp'rito[13] bom, formoso e puro,
Que ao entrar desta torre me deixára,
Com cuja companhia eu mui seguro
Por arriscados passos ja passára:
Tornou-se-me com elle o triste, escuro
Tempo, claro e sereno, e a noite clara;
E pondo eu ledo e leve os olhos nelle,
Assim me começou de fallar elle:

«Que fazes, fraco, aqui? que cuidas, triste?
«Mortal, terreno, cego, descuidado,
«Porque não te aproveitas do que viste,
«No mal d'outrem por teu bem doutrinado?
«Não he vão sonho, não, o em que consiste
«Perderes-te, ou salvares-te, coitado:
«Os olhos abre ja, experto e prompto,
«Regula a vida só por este ponto.

«Quem te creou, e quem te fez de nada,
«Dando-te o ser e a fórma intellectiva
«Nesta terreste massa encarcerada,
«Não foi pera que nella sempre viva;
«Mas pera merecer nesta morada
«Com sãs obras a outra eterna e altiva,
«Com sãs obras, tingidas no purissimo
«Sangue do bom Cordeiro innocentissimo.

«Pera isto vive, e só pera isto estima
«Qualquer bem temporal, que este he seu preço:
«O que não for pera isto, desestima,
«E no fim o despréza e no começo:
«O bem perfeito está dos Céos em cima,
«Sem falta lá se goza, e sem excesso,
«Dá-se immenso a cada hum no claro assento,
«Mas medido por seu merecimento.

«Dá-se pena a quem isto desmerece
«Sem nenhum fim tambem, e sem medida,
«A qual por culpas suas só padece,
«Pospondo a vida eterna á breve vida:
«Esta em virtude, ou vicios envelhece,
«Até ver-se de todo consumida;
«Mas n'alma o galardão se justifica,
«E o que da terra he, só na terra fica.

«Isto he quanto tens visto, e o que notaste
«No processo e discurso deste forte,
«Que não he mais, se o bem consideraste,
«Que hum vivo homem sujeito á commum morte:
«Tu por dentro e por fóra o especulaste,
«E viste cada parte de tal sorte,
«Que, ser hum corpo humano organizado
«Declarar-te, haverei por escusado.

«Fê-lo Deos, como a ti, mortal, terreno,
«Mas fê-lo racional, capaz do Ceo;
«Fez o grão mundo, e fez este pequeno,
«E nelle por salva-lo em fim desceo:
«Desceo a fazer-se homem, c'hum aceno
«Quem póde desfazer a terra e o Ceo;

«Desceo, até n'hũa Cruz ser levantado,
«Pera trazer a si todo o creado.

«Remir-te, ó homem, quiz Deos sempiterno
«C'hum resgate d'amor maravilhoso,
«Dando por ti seu Filho co-eterno;
«O qual fazendo-se homem, piedoso,
«Por te livrar da morte e escuro inferno,
«Deu sua vida e sangue precioso:
«Pois com que vidas tu pagar-lhe entendes,
«Se com a que te deu tanto o offendes?

«Será que desça Deos de sua altura
«Á baixa terra, só por dar-te vida,
«Offerecendo a sua, santa e pura,
«Com tanto excesso e tanta dor crescida,
«A tanta injuria, a Cruz, a morte dura;
«E que seja tão mal agradecida,
«Que elle assim morra, só por vida teres,
«E tu que vivas só para a perderes?!

«Enganado, perdido, ingrato e cego,
«Como dormir, como viver te atreves,
«Como afogar-te no profundo pégo
«Não temes, carregado do que deves?
«Da má vida emenda e muda o emprego,
«Em quanto tempo tens, que as horas breves
«Se vão, sem esperar, nem·he segura
«Para a emenda a final, tão triste e escura.

«No diluvio cruel, e mar contrario
«De teus vicios, em que andas engolfado,
«Buscar do bom Noé te he necessario

«A santa arca, que o mundo tem livrado:
«No monte Gordio não, mas no Calvario,
«Monte em Jerusalem tão celebrado,
«Busca d'Adão segundo a arvore santa,
«Que elle (por salvar nella o mundo) planta.

«Colhe pois sem receio, e confiado,
«Della o fruito da vida tão jocundo;
«Não o que a Adão primeiro foi vedado,
«Mas o que deu a todos o segundo:
«Do Ceo vindo, na terra foi plantado,
«Pera que nella viva o morto mundo;
«D'hum puro lyrio nasce hũa flor tão pura
«No valle, por subir tudo á altura.

«Olha na sagrada arvore pendendo
«Do ventre virginal o fruito suave,
«Pera dar bens, os braços estendendo,
«E como rei, posta a corôa grave:
«Por te esp'rar (se da vista o vás perdendo),
«Pregados pés e mãos tem na alta trave;
«E pera recolher-te (no deserto
«Perdida ovelha), o lado tem aberto.

«Ó lado, ó fonte viva, donde mana
«Com sangue e agua a sã graça infinita,
«Que gostando-te bem a gente humana,
«Que vive vida morta, resuscita;
«Glor'ficação da Côrte soberana,
«Consola a quem se apura em fogo afflicta:
«Tu, purissima fonte, tudo regas,
«E a quem gostar te quer, nunca te negas.

«De tua perennal, clara corrente
«Nascem divinos rios sem discordia,
«E regão a Cidade refulgente
«De Deos, que tem a terra em sã concordia;
«Quatro rios, de graça sufficiente,
«De justiça, d'amor, misericordia;
«E todo o bem, que aos seus Deos communica,
«Em ti, ó fonte santa, o purifica.

«A ti os que de vida sêde trazem,
«Tua agua salutifera buscando,
«Quanto em ti della mais se satisfazem,
«Tanto com gosto a estão mais desejando:
«Por ti renasce pura; e se refazem,
«Seu bom estado em graça renovando,
«Os que te bebem, e os teus rios habitão,
«E debaixo o guião da Cruz militão.

«A tão liquida, viva e doce fonte
«Corre pois, peccador, lava-te nella;
«Levanta os baixos olhos ao alto monte,
«Áquelle monte santo, onde nasce ella:
«E vê-la ensanguentada não te affronte,
«Que assim mais formosa he, que toda estrella;
«E esse divino sangue, em que tingida
«Vês a santa agua, te he saude e vida.

«Faze tua morada nesta viva
«E angular pedra, onde a doce agua nasce,
«E donde mel e leite se deriva,
«Que o Ceo e terra alegremente pasce:
«Sube por esta escada estranha e altiva,
«Que o grande Jacob vio que ao Ceo chegasse;

«Por ella Anjos do Ceo á terra descem,
«Sobem ladrões ao Ceo se a reconhecem.

«Vai banhar-te doente e tão leproso
«Neste divino e sacro Jordão;
«Passa o da lepra ja são e formoso,
«Pera na terra entrar de promissão;
«Fuge, e sae-te do Egypto trabalhoso,
«Onde te tem teus erros em prisão:
«Livre della, e do máo peccado velho,
«Passa desta agua e sangue o mar vermelho.

«Olha a sagrada letra,[14] que Ezechias
«Em Jerusalem vio impressa e escripta
«Na testa dos que estavão d'agonias
«Cheios, e tinhão a alma triste e afflicta:
«Enche os corações esta d'alegrias
«Perpetuas, e lhes dá graça infinita
«Agora c'um signal nelles impresso,
«Escripto bem com sangue alto, e sem preço.

«De metal no deserto em cruz erguida
«Olha a medicinal morta serpente,
«Que só co'a vista dá saude e vida
«Aos que feria o venenoso dente:
«Representava ser serpe, e esculpida
«Serpe era no metal, serpe apparente:
«Assim posto na Cruz, como culpado,
«Quem nunca o póde ser, sara o peccado.

«Esta harpa de David, tão branda e santa,
«Com vozes tão divinas e accordadas,
«Se tocão na Cruz posta com dor tanta

«Os nervos seus e cordas delicadas,
«Afugenta o imigo máo, e o espanta,
«Desfaz e desbarata suas ciladas:
«Toca pois a santa harpa, adora e ama,
«Mil lagrimas d'amor nella derrama.

«Com esperança, amor e firme fé
«Os teus tão cegos olhos lava e cura
«Na clarissima fonte Siloé,
«Sairás da cegueira triste e escura:
«Verás, por onde pões o enfermo pé,
«Ser tudo engano e má desaventura
«Da vil carne, do vão mundo pobrezas,
«Do máo sempre malicias e torpezas.

«Logra-te desta certa medicina,
«Bastantissima a toda infermidade,
«Que o bom e universal medico ensina
«Com tão sincero amor e boa verdade:
«Entra nesta probatica piscina,
«E a tua paralytica maldade
«Converter-se verás (por a virtude
«Desta agua efficacissima) em saude.

«De Deos com puro amor olha o Cordeiro,
«Cujo sangue purissimo, innocente,
«Derramado com tanto e cruel marteiro,
«Do lobo te livrou e leão rugiente;
«Sangue tanto sem preço, e por dinheiro,
«Por vil preço vendido injustamente:
«Mas assim ás más culpas livramento,
«E ás obras boas dá merecimento:

«Ás obras, que assim n'elle resplandecem,
«Como n'um tão capaz e claro espelho,
«E todas perfeições sem fim parecem,
«E os santos dões do esp'rito e são conselho:
«As virtudes mais sempre aqui florecem,
«Tintas no fino esmalte e bom vermelho:
«Vê-te bem neste espelho, imita e goza,
«Verás toda a virtude aqui formosa.

«Se a sempre igual justiça, firme e forte
«Ver queres, vê que o homem, condemnado
«Por sua mesma culpa a eterna morte,
«Por elle Deos pagando, he perdoado:
«Deos fez-se homem mortal, e mata a morte;
«Morte innocente, e mata o máo peccado;
«Com suas chagas cura a antiga chaga;
«Póde e quer, como Deos; como homem, paga:

«E se misericordia branda e amiga,
«Que mais se póde ver, que a piedade,
«Com que ao bom Filho o eterno Pae castiga,
«Por perdoar do máo servo a maldade?
«Olha a que estado desce, e a que se obriga,
«Se queres ver altissima humildade;
«Se a sã modestia, vê com que estreiteza
«Nasceo, viveo, morreo, sempre em pobreza.

«Vê com que mansidão, com que innocencia
«O Redemptor do mundo se offerece
«Ao summo sacrificio e obediencia
«Até a morte tão crua, que padece:
«E em tanta injuria tanta paciencia,
«Que por seus homicidas não se esquece

« E inimigos rogar, assim os amando,
« Tudo com alto amor bem rematando.

« Amor lhe fez do Ceo que á terra desça;
« Amôr, na terra ser n'hũa Cruz subido;
« Amor, nos pés, no corpo, mãos, cabeça
« Com cravos, lança, espinhos ser ferido;
« Amor, que com tormentos mil pareça
« Hũa chaga ser, e por leproso havido;
« Amor, que assim amasse ao mundo tanto,
« Que nelle fique em carne, e em corpo santo.

« Deos, sendo amor purissimo e perfeito,
« Quiz pelo mesmo amor communicar-se,
« Fazendo Ceo d'huma alma e humano peito,
« E nelle Deos e homem agazalhar-se;
« E mais se alegra em logar tão estreito,
« Que no espaçoso e largo Empyreo achar-se;
« Que este he só corporal morada nua
« D'alma e esp'rito, e o outro imagem sua.

« Pera esta união santa e amorosa
« A divina Eucharistia instituindo
« Com discreta invenção maravilhosa,
« Dos discipulos seus se despedindo
« Naquella final cêa lagrimosa,
« Debaixo das especies se encobrindo
« De pão e vinho, em doce mantimento
« Se dá a comer neste alto Sacramento.

« Que como transformado e convertido
« Em quem o come, o mantimento fica,
« Assim a alma do homem a Deos unido

«Por amor se sustenta e vivifica:
«Que este manjar divino, recebido
«Dignamente, dá vida, e glorifica
«A quem sua carne come e sangue bebe,
«Dá morte ao indigno e impuro, que o recebe.

«Quem bem o come, em Deos fica, e Deos nelle
«Fica, em Deos, como proprio membro vivo;
«E o summo Deos, como a cabeça delle,
«Hum ser 'spiritual lhe dando altivo,
«Faz-se hum corpo assim mystico por elle
«Por este meio d'amor puro e unitivo;
«E o filho assim d'Adão, o filho d'ira,
«Fica filho de Deos, e a Deos aspira.

«Fica assim da Santissima Trindade
«Sacra custodia hum peito, della dino,
«Aposento de toda a Divindade,
«De todo o povo angelico e divino;
«Que onde o amor summo está, summa bondade,
«Está rodeado d'Anjos de contino:
«Tanto póde hum amor com Deos unido,
«Que hum mortal baixo em Deos he convertido.

«Ama, pois com amor tanto és amado
«Da cousa digna mais de ser querida,
«Daquelle summo bem, nunca contado,
«Summa de perfeições, nunca entendida:
«Do cume de virtudes sublimado,
«Saude inestimavel, luz e vida,
«Curàr-te, ver, viver pódes, se queres,
«E amar, por de tal bem amado seres.

« Não tem o alto Senhor necessidade
« De teu amor, de nada nunca a tendo;
« Mas por teu bem, por sua grande bondade
« Ama-te pera ti, teu amor querendo:
« Não podes tu pagar-lhe em quantidade,
« Nem calidade o que lhe estás devendo;
« Mas do que cabe em ti, se contenta elle
« Co'a proporção que houver de ti pera elle.

« Que este amor santo foi hum alto meio
« Pera poder a Deos o homem ajuntar-se:
« Só póde amor, se a graça lhe proveio,
« Com justo amor a Deos remunerar-se:
« Todo o outro bem, de Deos que ao homem veio,
« Não póde com retorno igual pagar-se;
« Deos dá ao homem bens com sua mão pura,
« E não ao Creador a creatura.

« O Senhor por teu bem só quiz amar-te,
« Por dar-te o bem, que a ti melhor viesse;
« Que por suave amor a si quer dar-te,
« E ao seu reino, sem paga, ou interesse.
« Amado e venerado assim desta arte
« Quer elle ser de ti, como merece,
« Com amor d'amizade e firme fé,
« Principalmente amado por quem he.

« Tambem por outro fim deves ama-lo,
« Menos principal que este, e n'alma tê-lo:
« Por te crear do nada, venera-lo;
« Por teu Redemptor só reconhece-lo;
« Pelas mercês, que delle tens, louva-lo,
« Pelas que esperas ter, engrandece-lo;

«Em todo o tempo, e cousa, sempre, e em tudo,
«N'alma, e na vida, àma-lo sobre tudo.

«Vive constante amando, e persevera
«Na fonte do amor puro a alma embevida;
«Abraça (qual amiga e fiel hera)
«Da saüdavel Cruz a arvore erguida:
«Come o bom pão de vida, e a vida fera
«Perdendo irás, ganhando a eterna vida
«O pão sobresubstancial de graça,
«Que, de terreno, angelico te faça.

«Esperta ja, Christão dormente, esperta
«Pera este bem, que tanto te convinha,
«Que a satisfação tem tão boa e certa,
«Cavando do Senhor sempre na vinha:
«Do máo peccado á chaga n'alma aberta
«Applica esta suave e sã mézinha;
«Os bens do mundo tem por sonho e riso,
«E o que me ouviste em sonho, por aviso.»

Assim me estava o bom Anjo fallando,
Que ao doce som da sua voz divina
Dormia mui quieto, repousando
Na visão deleitosa matutina,
Não crendo eu que isto fosse sonho; quando
C'hũa branda vara e inspiração divina
No coração tocar me parecia,
E despertar do somno me fazia.

Fiquei confuso, attonito e assombrado,
Ja de todo acordado, e só em meu leito,
Daquelle Esp'rito bom desemparado,

De seu colloquio santo, e brando aspeito;
E do que víra e ouvíra, inda lembrado,
Que impresso me ficou dentro em meu peito,
Comecei a fazer contas comigo,
Quaes todo homem fazer deve comsigo.

Misero peccador, mortal, terreno,
De pó, de cinza e terra um triste sacco,
Que quero abraçar eu, bicho pequeno,
A terra e ceo, como outro zodiáco?!
Eu m'engano, eu me perco, eu me condemno,
Culpado, vão, perdido, cego e fraco,
Nascido em dor, em lagrimas, peccado,
E nelle, e em mil miserias enterrado.

Que espero mais, que não me desengano
Com tanta inspiração, tanta doutrina,
Que vou de dia em dia, d'anno em anno
A cura dilatando a esta alma indina?
Ah! cruel a mi mesmo e deshumano,
Que tão presente e santa medicina,
Qual se me offerecendo está tão certa,
Deixo de pôr na mortal chaga aberta!

A viva fonte vejo permanente,
Sempre manancial, nunca escorrida,
De que manando está perpetuamente,
E sem cessar, saude, luz e vida:
Vejo-me a mim, mortal, cego e doente,
Chegar não quero á cura offerecida;
E com damnosa sêde, e em triste estrago
A beber vou no venenoso lago.

A fortaleza, que eu sonhando via
Florente edificar-se, e em tanto ter-se,
Té que por tempo em fim me parecia
Caír por terra, e nella desfazer-se;
Donde a immortal senhora se saía,
E sem pera onde fosse então saber-se;
Se era o meu triste e fragil corpo humano,
E o de todos, que não me desengano?

Ah! não seja assim ja, não durma tanto
Minha vida no grave e máo lethargo,
Que, esquecido da eterna, com espanto
A perca, e sem fim moura em pranto amargo!
Daquella santa fonte e rio santo,
Sempre alto, copioso, doce e largo,
Ja quero agua gostar, e pão da vida,
Que m'a conserve e dê comsigo unida.

Por ti quero viver, ó pão divino,
Que dás a vida, e és vida por essencia;
Por ti, com tua graça, eu fraco e indino
Quero e posso fazer sã penitencia;
E com ella mais limpo, de contino
Quero amar-te e gozar com mais frequencia
A ti, que és amor summo, e bem supremo,
Sem quem mouro, com quem morte não temo.

E bem que eu merecer tanto não possa,
Nem por mim ao que devo satisfaça,
Teu purissimo amor a tudo adoça,
Tua misericordia tudo abraça:
Tu queres sempre a conversação nossa
Amiga, se tua graça nos dá graça;

Se o rico, ou pobre, ou alto, ou baixo póde
Chamar-te, logo o teu poder lhe acode.

Tu, ó Senhor, usar tal piedade
Só podes, e o remedio dar seguro;
Tu, altissimo Deos, tanta humildade,
Que hum servo communicas baixo e escuro;
Tu, que vestindo nossa humanidade
No ventre virginal e sangue puro,
Tu, que por nós na Cruz o teu derramas,
Te nos dás a comer: tanto nos amas!

Pois se ha de haver desagradecimento
De tal mercê, a mi e a todos feita;
Se justo não se achar conhecimento
Dentro em minha alma, em que entrar Deos acceita;
Se eu tiver della algum esquecimento,
De mim se esqueça a minha mão direita;
E a lingua em fim se me apegue á garganta,
Se eu não louvar e amar mercê tão santa.

NOTAS EXPLICATIVAS, PERTENCENTES AOS TRES CANTOS DA CREAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO HOMEM

Canto I

[1] *Jardim:* — Paraiso terreal.
[2] *Edificio:* — Adão, o primeiro homem.
[3] *Edificio:* — Eva.
[4] *Quéda:* — Peccado original.
[5] *Edificio reformado:* — O homem remido.
[6] *Columnas:* — Pernas.
[7] *Pedestaes:* — Pés.
[8] *Mestre de obra:* — O espirito genitivo, ou o calor natural.
[9] *Materiaes:* —Venalis sanguis et seminalis.
[10] *Abobeda:* — Secundina, chamada prima matricis.
[11] *Postigo:* — Umbilicus.
[12] *Pannos:* — Panniculi alii matricis.
[13] *Donzella:* — Alma racional.
[14] *O forte:* — O filho nascido.
[15] *Liança estreita:* — Sentidos exteriores.

Canto II

[1] *Tres sobrados:* — Cabeça, peito, ventre.
[2] *Mordomo:* — Miolo, coração, figado.
[3] *O da meio:* — Coração.
[4] *Pagens:* — Musculos que movem os bofes.
[5] *Estufa muito quente:* — O calor natural, ou espirito genitivo.
[6] *Abanos:* — Os bofes.
[7] *Canos:* — O gargalo dos bofes e cano.
[8] *O mestre:* — Chama-se por tres nomes: espirito vital, calor natural, espirito genitivo.
[9] *Accidentes da alma:* — Paixões do coração.
[10] *As cousas, que de fóra procediam:* — Sobejo prazer, ou sobeja paixão podem matar, movendo os espiritos sobejamente.
[11] *Uma frauta:* — Trachi arteria, ou gargalo.
[12] *Cabeça ou chave:* — A noz da garganta.
[13] *Forte muro:* — Ossos e carne.
[14] *Duas fontes:* — Peitos e têtas.
[15] *Estar seccos:* — Seccos, por serem de varão.
[16] *Mantimento:* — O sangue venal.
[17] *Atada por detraz e por diante:* — Pericraneo.
[18] *Outros dous:* — Couro e musculos da cabeça.
[19] *Musgo e d'hervas:* — Cabellos.
[20] *Em oito partes:* — Oito ossos, de que está composto o casco.
[21] *Cosinha:* — Estomago.
[22] *Mas o sabio ancião:* — O miolo, e sentidos interiores.
[23] *Pera isto hũa livraria de diversos:* — Tres ventriculos do cerebro, em que estão as tres potencias sensitivas: a 1.ª,

imaginativa; a 2.ª, estimativa; a 3.ª, memorativa.

[24] *Nesta terceira:* — Na memoria.
[25] *Filha:* — Nuca.
[26] *Columna:* — O espinhaço.
[27] *Trinta canudos:* — Trinta ossos, ou vinte e oito espondylos, de que se compõe o espinhaço.
[28] *Coberta de dois pannos:* — Couro e panniculo carnoso.
[29] *Setenta e cinco cordas:* — Os nervos, que nascem da nuca e miolo.
[30] *Nervosas cordas:* — Os nervos, que nascem do cerebro para os cinco sentidos exteriores.
[31] *Um repouso:* — O somno.
[32] *O subtil mestre d'obra:* — Calor natural.
[33] *No aposento do meio:* — No coração.
[34] *A esta virtude o caminho impedião:* — O calor natural recolhido faz no miolo impotencia de sentimento e movimento.
[35] *Eram tres pares:* — Sentidos exteriores.
[36] *A um atalaia mór:* — Sentido commum.
[37] *Duas janellas:* — Olhos.
[38] *Cortinas:* — Palpebras e pestanas.
[39] *Cimalha:* — Sobrancelhas.
[40] *Outras duas janellas:* — Orelhas e ouvidos.
[41] *As outras duas:* — Narizes e ventas.
[42] *O grão portal:* — A bocca.
[43] *Robustos carreteiros:* — Braços.
[44] *Sustentados:* — De sangue e nervos.
[45] *Cinco criados:* — Dedos.
[46] *Cascos:* — Unhas.
[47] *Do humido ou do secco, ou frio ou quente:* — Qualidades tangiveis.
[48] *Porteiros:* — Beiços.
[49] *O som:* — Voz.
[50] *Um moinho:* — A bocca por dentro.
[51] *Trinta e dois moleiros:* — Os dentes.
[52] *Dois lanços de forte penedia:* — Queixadas e dentuça.
[53] *Uma dona:* — Lingua.
[54] *Som:* — Voz.
[55] *Nove criados:* — Musculos da lingua.
[56] *De humidade:* — Saliva e cuspo.
[57] *Duas esponjas:* — As galhas.
[58] *Uma ante-porta:* — O gôto e campainha.
[59] *Os dois principaes canos:* — Respiradouro e tragadeiro da garganta.
[60] *Uma grossa parede:* — Panniculo chamado diaphragma.
[61] *Com tres canos:* — Tragadeiro, veia cava, arteria aorta, são os tres canos que trespassam o diaphragma.
[62] *A cozinha:* — O estomago.
[63] *Vaso de duas boccas:* — Por onde entra a comida ao estomago, e vae para o figado.
[64] *Uns quatro canos:* — Quatro veias, que vão do estomago para o figado, e levam o chylo.
[65] *Seis canos:* — Seis intestinos ou tripas.
[66] *Outros menores:* — Musculos ou tripas.
[67] *Uns tres moços:* — Musculos do fundamento.
[68] *Principal mordomo:* — O figado.
[69] *Manjar branco:* — Chylo.
[70] *Outra vez recorrer:* — Segunda estancia.
[71] *Quatro licores:* — Quatro humores misturados no sangue, sc., sangue, cholera, phlegma, melanconia.
[72] *E por cobertos canos:* — Veias.
[73] *Por outros subtis canos:* — Por veias e arterias do coração.
[74] *Vestia-se de um verde:* — O fel.
[75] *Tristonho:* — O baço.
[76] *Outros dois:* — Os rins.
[77] *A lagôa:* — A bexiga.
[78] *Por outro cano:* — Collo da bexiga.
[79] *Paredes:* — Panniculos, pelle e musculos.
[80] *Dois naturaes irmãos:* — Genitalia.
[81] *Columnas:* — Pernas.
[82] *Pedestaes:* — Pés.

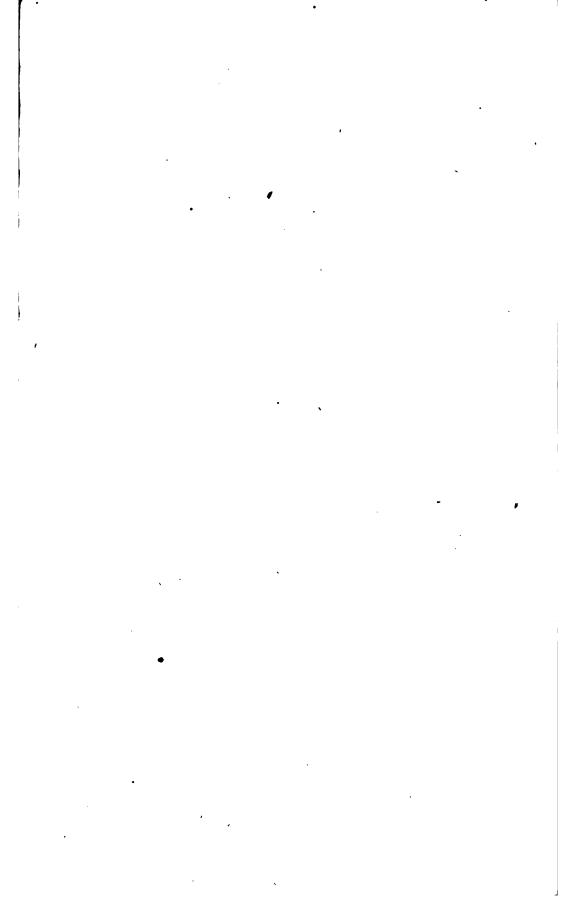
Canto III

[1] *Fazendo mal os grandes e os menores:* — Declinatio ætatis.
[2] *Mestre da obra:* — Calor natural.
[3] *Os capitães:* — Os principaes membros, e menores.
[4] *Trinta e dois brancos moleiros:* — Dentes.
[5] *As flores:* — Os cabellos e cãs.
[6] *Carreteiros:* — Braços.
[7] *Dez criados:* — Dedos.
[8] *Columnas:* — Pernas.
[9] *Mestra:* — Lingua.
[10] *Princeza:* — Alma.
[11] *Um velho:* — A morte.
[12] *A casa:* — Ao corpo.
[13] *Aquelle Esp'rito:* — Anjo bom.
[14] *A sagrada letra:* — A letra *T*.

PEÇAS RELATIVAS

AOS

TRES CANTOS

DA CREAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO HOMEM

SEXTINA

EM QUE O AUCTOR DIRIGIU A OBRA AO DUQUE DE AVEIRO, QUE MORREU EM AFRICA[1]

Illustrissimo Duque, em cujo nome
Tão claro e caro, e em cujo real *sangue*[2]
A fama resplandece pelo mundo
Da Cas' de Villa Real de immortal *vida;*
Virtudes d'alma clara, nunca o tempo
As escurece, nem consume a morte.

Despois que o pae primeiro á herdada *morte*
Deu tanta jurdicção, poder e nome,
O fratricida máo sem dó, sem tempo
Do bom e innocente Abel derrama *o sangue;*
Mas morte em fim lhe acaba a *longa vida,*
Que breve aos máos parece e ao *cego mundo.*

[1] Na batalha de Alcacer Quibir com El-Rei D. Sebastião. Este é o segundo duque de Aveiro, D. Jorge de Lancastre, filho de D. João de Lancastre, neto de D. Jorge, duque de Coimbra, e bisneto d'El-Rei D. João II. (Nota do sr. Freitas.)

[2] As palavras, completas ou incompletas, escriptas em italico, são as que se não liam no MS., e foram suppridas conjecturalmente pelo sr. Freitas, mediante o auxilio da critica, ou da rima. (Nota do Editor.)

O que mal edifica neste mundo
Por se livrar do esquecimento e m*orte,*
Erra o caminho certo da outra *vida:*
Prosapia antiga, casas d'alto *nome,*
Copiosos mórgados, claro sangue,
Titulos vãos, tudo em fim gasta *o tempo.*

Só fóra desta alçada são do tempo
As sãs obras fundadas no outro *mundo,*
Tintas do bom Cordeiro em puro *sangue,*
Que nos segurão da perpetua m*orte;*
Obras, a que Deos dá sempre honra *e nome,*
E a quem as faz, sem fim gloriosa *vida.*

Tu, clarissimo Duque, em cuja vida
Tão piàs obras vê este nosso tempo,
Que te acquire na terra immortal nome,
E no Ceo gloria ante o Senhor do mundo,
Vês que elle tambem morre, e mata a morte,
Por nos lavar em seu precioso sangue.

E pois vemos que a ferro, a fogo, a sangue
Assi consume a toda humana vida
A mão cruel da irreparavel morte,
Notemos a fraqueza em todo o tempo
Desta nossa prisão e menor mundo,
Que he nosso corpo humano n'outro nome.

Debaixo de teu nome e illustre sangue
Este Pequeno Mundo tenha vida,
E a todos com bom tempo lembre a morte.

SONETO

AO MESMO DUQUE DE AVEIRO

Do magnanimo e invicto João Segundo,
Do santo Rei, bisneto, a nós primeiro
Da Casa de Coimbra e da d'Aveiro
*Pri*meiro e bem nascido sol jucundo:

*Illus*trissimo Duque, em todo o mundo
Honra, luz delle, e espelho verdadeiro;
A ti, a quem se deve o mundo inteiro,
Favor pede, e se dá o Pequeno Mundo.

Neste pouco, que dou, mostro o que dera,
E o muito, que a hum tão alto Senhor se deve
Se á sã vontade a obra respondêra:

Mas neste menor mundo se descreve
Quanto se póde ver na grande Sphera,
O bem da eterna vida, e o mal da breve.

EPISTOLA

QUE MANDOU AO MESMO DUQUE DE AVEIRO, QUANDO LHE DIRIGIU A OBRA

Do mundo o máo saber e vã doutrina,
Clarissimo Senhor, ser ignorancia,
O fazedor de tudo no-lo ensina.

Medindo os altos ceos com vigilancia
Sophistas vãos da terra e diligentes,
Dos Ceos os desviou sua arrogancia:
E pelos ermos sós fugindo ás gentes,
Ao mundo e seu saber, vão conquistando
O reino dos Ceos' simpres e insipientes.
Dos humildes a voz está soando
O bom louvor de Deos, que assim nos clama,
Que o temamos e amemos ensinando.
Temer e amar a Deos, que a todos ama,
Que tudo tem e póde, e que vê tudo,
Verdadeiro saber e bom se chama.
Que bruto terá ser, que animal rudo,
Que corpo elemental, que creatura,
Se o Creador o não prover em tudo?
Toda a cousa em seu ser e compostura
Conhece e dá devido acatamento
A Deos por lei, ou natureza pura;
As que têm ser, ou vida, ou sentimento,
E o homem, que sobre isto juntamente
Tem livre alvedrio e alto entendimento.
Mas este, mais que as outras excellente,
Errando o fim, pera que foi creado,
Se mostra ingrato e desobediente.
Nosso appetite vão desordenado,
Traz quem confusamente ir-nos deixamos,
E consentimos, he nisto o culpado.
Traz nosso proprio amor cegos andamos,
Que nossas obras sempre á morte guia;
E o de Deos, que dá vida, não provamos.
Deste bem nasce fructo d'alegria,
E em summa perfeição descanço eterno;
E do outro mao trabalhos noite e dia:

Deste quietação e bom governo
Pera a alma e vida; e daquell'outro pena:
Deste em fim Ceo; e daquell'outro inferno.
*N*esta tão breve vida e tão pequena
Duas cousas se amão só principalmente,
Huma nos salva, e outra nos condemna:
Ou se ama o Creador omnipotente;
Ou se ama alguma baixa creatura
Das a quem mais cada hum inclinar-se sente.
*Ass*im nossa vontade errada, impura,
A si mesma o amor proprio dar podendo,
Amar-se só mais que a ninguem procura.
Então nenhuma cousa nossa tendo,
Que nossa mais com mais razão ser possa,
Que o amor, mal delle o emprego imos fazendo.
Nenhuma cousa outra ha, que seja nossa,
Nem bens do corpo, ou da fortuna, ou terra,
De que nossa cubiça assim se apossa.
Isto tudo c'o corpo vil se enterra,
E fica em fim, tudo acaba e perece,
Quanto no mundo cego e vão se encerra.
O que mais nosso he, mais nosso parece,
Isto á vontade nossa offerecemos,
Que he nosso amor, que com ella entorpece.
E amor só sendo o que de nosso temos,
Quanto temos, he mao, elle mao sendo;
E não sendo elle bom, bons não seremos.
E assim tambem de nosso mais não tendo,
Que aqueste amor, se a cousa indigna o damos,
Ou se o perdemos, tudo imos perdendo.
Ter bom amor, virtude lhe chamamos;
Ter mao amor, pelo contrario he vicio:
Taes em fim somos logo, como amamos.

Amar a Deos he hum summo beneficio,
Que só nos enriquece e beatifica;
O proprio amor he summo maleficio.
O amor de Deos em tudo multiplica;
Sua infinita e universal bondade
A todos dar-se póde e communica.
D'aqui aos bons, que o têm, nasce a*mizade,*
Concordia, paz, amor, contentamento,
Avondança de tudo, e boa verdade:
E nasce hum bem de firme fundamento,
Que a todos tem unidos, satisfeitos
Em justo, igual e são conte*ntamento.*
A cada hum tocão os mais *geraes respeitos,*
Sendo mais seus, quanto mais *são de todos,*
Alegrão-se nos rostos e nos peitos.
O proprio amor por differentes *modos,*
Como he particular e insufficiente,
Satisfazer não póde nunca a t*odos:*
Antes se quem o tem, algum bem *sente,*
He brevissimo, falso e misturado
De males e temor forçadamente.
Nunca vive quieto e socegado,
Sollicito do bem d'outrem lhe pêza,
Por crer que o seu lhe tem sempre usurpado.
E assim de amor de Deos como (em firmeza
Sempre o bem possuindo) o plazer nasce,
Assim do proprio amor nasce tristeza.
De vão desejo, d'odio e inveja pasce,
No mal alheio busca seu int'resse,
E nunca no bem proprio satisfaz-se.
Lembra-lhe o mundo só, de Deos se esquece,
Seu mesmo damno trabalhando alcança,
E d'outrem o proveito lhe aborrece.

D'aqui rancor procede, ira, vingança;
E se em vão cumpre seu falso appetito,
Cuida triste em trabalhos que descança:
Que além que he temporal, fraco, finito
O gosto possuido com maldade,
Sempre he no fim hum desgosto infinito.
E como o plazer quer ociosidade.
Do falso bem pera poder lograr-se,
Foge do são exercicio e honestidade.
Não quer no bom trabalho exercitar-se;
E porque o esp'rito traz de todo morto,
A carne em nada quer mortificar-se.
Alagando-se em fim no proprio porto
Dos vicios, que he morrer em sua torpeza,
*Até o pro*fundo vai do desconforto.
. . . .[1] a falsa honra, a gloria, a riqueza
Não lhe val p'ra mais que p'ra accrescentar-lhe
A pena, a dor sem fim, sempre em pobreza.
A Lazaro o pedinte, que molhar-lhe
Queira a abrazada lingua, o rico pede;
Cá nada deu, lá tudo vio faltar-lhe.
De todo pejo e pêso se despede
Quem corre, ou quem caminha algũa jornada,
E de si deita tudo o que lhe impede.
E pera esta da vida trabalhada,
Por onde de contino caminhamos,
Buscamos sempre a carga mais pesada.
. . . .[2]

[1] Na copia do sr. Freitas não vem supprida a palavra, que aqui se não lia no MS. Será —*Alli*—? ou —*Então*—? (Nota do Editor.)
[2] Nada mais se lia, porque faltava aqui no MS. ao menos uma folha, que o reclamo —*D'encar-*— accusava. (Nota do sr. Freitas.)

DOCTORIS AC MEDICI ERUDITISSIMI

PETRI GUOMEZII

CARMINA

IN OPERIS LAUDEM

Doctiloqui quondam cantabat Musa Maronis,
Ut Danaûm cecidit flammis incensa dolisque
Troia, fuit quanto demum populata furore;
Inque novas Naso mutabat corpora formas,
Lucanusque fremens civilia bella canebat;
Multaque sic vario versu cecinere poëtae.
Cunctorum verum sileant jam carmina, namque
*T*ectus Apollineis noster Resendius armis
Apparet viridi devinctus tempora lauro:
*C*ui dedit ipse suum plectrum Thymbraeus Apollo,
*Cal*liopea deditque lyram, nectarque dedere
*Pi*erides gustare suum, quo corporis omnes
*De*pingit partes, mutato nomine in arcem,
*Qu*am fingit media fundatam in valle virente.
Hanc arcem mira fabricator maximus arte
*Con*didit, et muro totam valloque sepivit.
*Illic*o constituit dominam, quae legibus illam
*I*mperet, et gentem posset fraenare superbam.
*I*nstituit famulos dispersos ordine multos,
*Mu*nia qui celeres statuto tempore complent.

. . . .[1] noster cecinit praeclara voce poëta:
. . . .[2]
Carmina Virgilius, nec quae[3] facundus Homerus,
Quam quae, Lysiadum totius gloria gentis,
Andreas clarus diserto[4] protulit ore.

[1] Tambem se não acha supprida na copia do sr. Freitas a palavra, que aqui se não lia no MS. Será —*Haec*—? (Nota do Editor.)

[2] Na copia do sr. Freitas vem indicada com pontos a falta, que no MS. havia n'este logar, de algum ou alguns versos, que certamente escaparam ao copista, como o contexto claramente demonstra. Ficaria supprido o sentido, intromettendo aqui este verso ou outro equivalente: —*Nec tam dulcia doctaque sunt quae cecinit olim*—. (Nota do Editor.)

[3] No MS. lê-se —*necque*—. O sr. Freitas, ao copiar, emendou para —*nec quae*—; porém depois tornou a substituir á margem —*quae*— por —*que*—; emenda, que rejeitámos, por se não compadecer nem com a metrificação, nem com o sentido grammatical. (Nota do Editor.)

[4] No MS. vem —*claro diserto*—. O sr. Freitas emendou para —*clarus disserto*—. Rejeitámos tambem a emenda de —*disserto*—, aproveitando a de —*clarus*—. (Nota do Editor.)

NOTAS ÁS RIMAS

Eram sómente oito as eglogas de Camões que possuiamos impressas nas primeiras edições; o padre Thomás José de Aquino na que publicou no anno de 1779 addicionou mais sete que encontrou nos MSS. de Manuel de Faria e Sousa, a saber: cinco que o commentador das obras do Poeta assevera serem usurpadas por Diogo Bernardes, e mais duas entrando n'estas ultimas a decima quinta escripta á morte de D. Catharina de Athaide. Que o Camões escreveu mais que as oito primeiras eglogas, me parece a mim, senão certo, pelo menos muito verosimil, porquanto na primeira carta escripta da India a um amigo enviando-lhe a egloga I, se expressa por esta fórma: «Huma Egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Principe, que me parece melhor que quantas fiz». Este modo de se explicar parece referir-se a uma collecção mais copiosa.

Mas foram ou não estas eglogas que se addicionaram furto litterario, plagiato do poeta do Lima? É isto questão que divide os criticos, encostando-se entre outros á opinião de Manuel de Faria e Sousa, que primeiro denunciou a supposta fraude, Thomás José de Aquino editor das mesmas eglogas, os da edição de Hamburgo de 1834, José Maria da Costa e Silva, e, seguindo a opinião controversa, o Morgado de Matheus e o sr. bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo na sua memoria critica sobre Camões. Uma asserção porém de uma tal natureza, era forçoso que fosse corroborada com argumentos deduzidos de maneira que podessem plenamente convencer; assim julgou o zeloso commentador articular um arresoado apontando os fundamentos para a accusação, e com que fez preceder estas poesias que intentava dar á luz publica. Julgámos pois do nosso dever, para perfeito esclarecimento do leitor, expor aqui os argumentos pro e contra, encetando estes com o prologo da edição de 1779, onde vem inserida a dissertação de Faria e Sousa, a qual addicionaremos nos logares proprios com algumas outras observações do mesmo commentador que encontrámos nos seus manuscriptos; pelo lado opposto apresentaremos as observações do Morgado de Matheus e sr. bispo de Vizeu, pedindo licença para rematar com algumas observações nossas sobre este delicado assumpto, prevenindo desde já que, sem seguirmos uma opinião inteiramente decisiva, de alguma maneira nos encostámos em parte ao parecer do illustre prelado.

Thomás José de Aquino, no prologo do tomo III da sua edição, que só extractâmos na parte que diz respeito ao nosso assumpto, depois de haver declarado como por intervenção do padre fr. Vicente Barbosa, bibliothecario do real con-

vento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, podera extrahir copia das eglogas novamente publicadas, passa a declarar-nos os logares em que Manuel de Faria e Sousa allude a ellas nos commentarios impressos. — Em varios logares (diz) dos seus commentarios impressos affirma e prova Manuel de Faria que Luiz de Camões compozera mais de oito eglogas, o que tambem nos instigou a fazer toda a diligencia para conseguirmos ver os referidos originaes. Expondo a sextina III, diz sobre a primeira estancia: « *El assunpto desta Sextina és el mismo de la Egloga* XV., *que el Poeta escriviò a la muerte de su querida Natercia; y en essa se hallaran todos los terminos que se ven usados nesta Sextina* ». Aqui mesmo sobre a estancia II diz: « *Todo esto se vè en la Egloga* XV ».

« Commentando o primeiro verso da egloga VIII, faz o mesmo Faria menção da egloga IX. No discurso que nos commentarios impressos precede as oito eglogas, pag. 160, col. 2.ª n.º 6, fallando de Luiz de Camões diz: « *Fue su contiemporaneo Diego Bernardes, que publicò muchas Eglogas, razonables en lo rustico, las que puedèn ser suyas; por que las màs dellas usurpò el a Luis de Camões; como lo mostrarè en un Discurso; que precederà a la nona* ». Não só n'este discurso, em muitos outros logares dos commentarios aos sonetos, e sobre as oitavas a Santa Ursula (usurpadas a Luiz de Camões, por este mesmo versejador), põe Manuel de Faria patente o plagiato de Bernardes. Tambem achámos este discurso, que Faria diz que havia de preceder a Egloga IX, o qual damos aqui gostosamente ao publico, para que se veja a animosidade com que o bom Bernardes se aproveitou do trabalho alheio, para vender como proprio. E para que não perca nada na nossa traducção, ou nos digam que se traduziu menos fielmente, irá na mesma energia castelhana, em que seu auctor o escreveu. Aqui conhecerão os nossos leitores, que não têem o conhecimento necessario em materia de estylos, o quanto até agora viveram enganados com os poemas de Diogo Bernardes..... Cremos que os nossos leitores, com o que até aqui temos dito, ficam sufficientemente informados; e por não molesta-los mais, passâmos a dar-lhe o discurso que Faria escreveu para preceder a esta primeira egloga, que tambem n'esta nossa edição é nona, fazendo conta com as oito que vão no fim do tomo antecedente. É pois o referido discurso como se segue:

« Las ocho eglogas antecedentes son las que asta agora anduvieron impressas, desde la primera edicion que se hizo destos Poemas varios de mi Poeta. Las siete que se siguen, por la misma orden que llevan, hallè yo en un manuscripto, que casi todo és de obras suyas; aunque notablemente viciadas de los copiadores. Entre ellas ay algunas agenas, pero tan pocas, que (segun los titulos con que se hazen conocer) no exceden de las que nombrarè, porque sirve esto a lo que luego he de dezir. En la hoja 1. aparece la carta septima de Diego Bernardes a Pedro de Lemos, secretario de la marqueza de Alcanizas. Del mismo, adelante, la egloga que entre las suyas es la XIV. En la hoja 45. un soneto, que dize ser del duque de Aveiro; e es el CXXXIII de mi Poeta. En la hoja 48. unas estancias, que son de la egloga II de Bernardes: en la 50, un soneto de Luis de Crasto al Rei D. Sebastian; y otro amoroso de Luis Franco; e el de Garcilasso, que empieça: *Ó dulces prendas*, etc. En la 54 otro de Luis Franco a un desafio que tuvo en Castilla D. Martin de Castelobranco. En la 55 otro, que dize ser de Simon de Veyga a D. Luis de Ataide; y siempre fue impresso por de Luis de Camões, y es el LXIV entre los suyos: y a el se sigue otro del mismo D. Luis, en respuesta, que es el CXCVI de mi Poeta. Esto es lo que en este manuscripto se halla con otros nombres, que no sea el de mi Poeta: y tambien sin el, se hallan otras cosas (pocas) que claramente se vè, que no son suyas, por ser disparates. Todo lo otro es suyo; aunque no todo tiene su nombre. Sin su nombre està la egloga III, y la cancion I, y muchos sonetos que indubitablemente son suyos: con el està por suya la egloga XV. Mas porque las IX, X, XI, XII, XIII y XIV estan sin nombre alguno, y las IX, X, XI, XII y XIII andan impressas por de Diego Bernardes (en su livro intitulado el Lima, que consta de veinte eglogas, y de trinta e tres cartas), y yo tengo por cierto que son de Luis de Camões, y las pongo aqui por suyas, soy obligado a dar la razon porque lo hago, para que no parezca, que sin ella quiero quitar a alguno su gloria; y mas quando con esto no se puede añadir alguna a Luis de

Camões: porque la que el no mereciere por lo impresso (que fue lo que se halló mas correto) mal la podria merecer por lo que se halla tan estragado. Però no es justo (sea lo que fuere) que de un tan grande hombre se pierda cosa alguna de las que se hallaren con luz de suyas; porque la suya fue tal, que aun por entre essas tinieblas se descubre.

«Digo, pues, que lo que me obliga a tener por de Luis de Camões essas cinco eglogas que andan impressas por de Diego Bernardes, és lo que se sigue distribuido por numeros de razones.

«Que para quien conoce de estylos, es cosa clara que son de Luis de Camões: y esta razon sola bastava, quando no uviesse más. Al grande Apelles, que nunca el otro pintor avia visto, conoció el solamente por una linea, que avia echado en una tabla. Quien tendrá conocimiento de los pinceles poeticos de Camões, y de Bernardes, que pueda creer, que es de los deste, lo que es de los de aquel? En Bernardes no ay erudicion; no ay affectos; no ay conceto considerable; no ay elevacion alguna; no ay constancia; porque si acaso tiene dos versos sufficientes, los ahoja con mil sin numero, y con mil desaires. Pues si en estas cinco eglogas ay todo esto tan proprio de Luis de Camões, como dexaran ellas de buena gana de ser suyas, por ser de quien nunca pudo tanto? Bernardes usó de una llaneza, que aunque mal cultivada, se hizo lugar en el vulgo.

«Que Bernardes viendo muerto a mi Poeta, y que sus obras sueltas andavan perdidas, se quiso apropriar algunas dellas: como consta claramente de sus libros intitulados: *Flores del Lima,* y *Rimas de devocion,* en que ay algunas cosas conocidamente de Luis de Camões, como en sus lugares voy mostrando.

«Que las cosas que se ven en el manuscripto, con evidencia de ser de Luis de Camões, y estampadas por Diego Bernardes en su nombre, estan menos correctas, y con mas defetos en la estampa, que en el manuscripto: y no és de creer que si ellas fueran de Bernardes avia el de estampar lo peor; sinò, que siendo de Camões, que las fue limando, Bernardes usó de las que avia hallado antes de limadas.

«Que Luis de Camões el año de 1555 escribió en la India una carta a un amigo, avisandole, de que havia compuesto la egloga primera a la muerte de D. Antonio de Noroña, y del Principe D. Juan; y en ella dize esto: *Esse soneto que hize a la muerte de D. Antonio de Noroña os embio, por señal de quanto della me pesò. Una egloga hize sobre la propria materia, que tambien trata algo de la muerte del Principe; la qual me parece mejor, que quantas hize.* Claramente dá a entender, que avia hecho muchas eglogas, y hasta oy no se han impresso ni visto suyas mas de ocho; y una dellas és essa primera de que dava quenta: y las siete, que quedan, no son tantas, que un hombre por ellas solas ubiesse de dezir, *que quantas hize:* porque este modo de hablar, denota mucho maior numero que el de siete; y mucho más si se considera, que tres dellas, que son la quarta, quinta y otava, no son capaces de que un tan gran hombre se acordasse de ellas: de la quarta y quinta por ser de sus principios de moço; la otava, porque és de ningun cuerpo: y de las quatro que quedan, para las siete, dos a lo menos son hechas despues de haver buelto de la India: de modo, que entre las siete, no quedan mas de dos ò tres que pudiessen ser escritas antes de partir para la India; y no avia de dezir Luis de Camões, que aquella le parecia mejor que quantas avia hecho, no aviendo hecho más de dós ò tres: ni este modo de hablar, en un hombre que habló siempre con tanta medida, pudo caer sinò sobre aver hecho muchas eglogas. Y pues esto és assi; y que en la India escribiria algunas, pues anduvo allá diezeseis años, y que tambien escribiria algunas en el reyno despues de bolver, aviendo vivido aun en el diez años; necessariamente hemos de creer que hizo muchas eglogas: y de todas estas no uvo hasta agora mas de ocho: y agora halló yo más siete en este manuscripto de sus obras, y cinco dellas son de las que andan impressas en nombre de Diego Bernardes, que imprimiò veinte; y dellas tengo yo por suyas solamente la primera, y la sexta, y la doze, y la catorze, y la XVI; y las XVIII, XIX y XX, dudo mucho si son suyas; porque siendo en castellano. que el hablava con mucho error, tienen mucho de aquella limpieza con que Luis de Camões le hablava, como consta de lo que

permanece suyo en castellano; además del aire proprio del estylo. Desto se sigue, que entre las veinte eglogas que Bernardes publicò, no ay más de cinco, ò seis, que parezcan suyas; y las catorze, ò quinze, en mucho estan mostrando ser de Luis de Camões, aunque faltas de la ultima lima, sobre el estrago que en todas sus Rhythmas varias hizieron los copiadores, por haver el fallecido sin darlas a la estampa. Assi, pues, las catorze que destas veinte pueden ser suyas, y las ocho que andan impressas en su nombre, y dos que yo hallè de nuevo, hazen veinte y cuatro: y aun estas no son muchas, para quien viviò 25 años, despues de aver dicho, que avia escrito muchas. Però yo no quiero poner aqui por suyas de todas las catorze, que me parecen serlo, y andan por de Bernardes, sinò las cinco que se ven en este manuscripto, sin que en ellas estè el nombre de Bernardes, estando ellas entre otras de Luis de Camões, que tambien no tienen su nombre.

«Que quando se halla un manuscripto, en que ay poemas de differentes authores, se deve presumir que los que estan sin nombre son de aquel author que tiene la mayor parte en aquel manuscripto: y en este que tiene más de cien hojas, las noventa son de obras de Luis de Camões; unas que tienen su nombre, y otras que aunque no le tienen, son conocidas por suyas, y por suyas andan impressas: y pues en este manuscripto ay siete eglogas, unas tras otras, y entre ellas una de las impressas de Luis de Camões, que és la tercera, tambien sin nombre suyo; siguese, que assi como esta no dexa de ser suya, por no tener su nombre, no lo dexan de ser las otras, por no tenerle: antes és más creible, que por ser el manuscripto casi todo suyo, se escusó el ponerse su nombre en cada poema; y que se pusiera, si fuera ageno. Agora entremos a hazer examen de cada una de las cinco eglogas que se siguen, y son las IX, X, XI, XII y XIII, y del sacaremos nuevas razones, para assegurar que son de Luis de Camões, y no de Diego Bernardes. Prosigue el numero de las razones.

«La egloga IX és del Tajo, y de Galatéa, y por esto és compañera de la otava, que tambien és de Galatéa en el Tajo; y concurren ambas en unos mismos concetos, y Diego Bernardes no cantava del Tajo, sinó del Lima, de que era natural: y por esto, de tres librillos que imprimió, los dós primeros se intitulan, uno *Flores del Lima,* que és el de los sonetos, y otro, varios poemas, y otro *Lima,* que és el de las eglogas, e cartas.

«En esta egloga IX dize que irá a pescar en playas remotas las perlas para offrecer a Galatéa: y esto dá claramente a entender, que escribiò esta egloga al tiempo que andava de partida para la India, adonde las perlas se cogen: pues en algunos lugares destas Rhythmas confiessa, que por mejorarse de algun caudal avia hecho este viage; para el qual estuvo alistado el año de 1550, aunque no partiò sinó el de 1553. Y assi pudo esta egloga ser hecha en este tiempo; en el qual Diego Bernardes estava bien fuera de hazer tal viage; ni hizo otro, que el de Africa el año de 1578, passando con el Rei D. Sebastian.

«Ésta egloga IX en el manuscripto está sin dedicatoria, y la tiene en la impression de Diego Bernardes, adonde és la onze: y claro está, que si Luis de Camões la ubiera dedicado, no faltàra alli la dedicatoria; y tambien claro, que no faltàra la dedicatoria, si ella fuera de Bernardes: de que se sigue, que Bernardes se aprovechó della dedicandola.

«Que la dedicatoria que della hizo Diego Bernardes anda en el proprio manuscripto solamente con este titulo, *Octavas*: porque son siete octavas, sin dizir que és dedicatoria de egloga alguna: y ella está tan desviada dellas, que ellas van en la hoja 48 y ella se queda en la 3.

«Que estas otavas en el manuscripto estan puntualmente conformes con las impressas: y al contrario la egloga tiene mucha differencia de la impressa al manuscripto, estando mejor en el.

«Que por ser estas otavas dedicatoria de aquella egloga a un señor, ubieran de ser de estylo mas elevado que ella, y a lo menos igual, y parecido: y que el de la egloga és grande, y el de la dedicatoria és mui miserable. Y para que esto se vea con claridad he de copiar aqui dós otavas, que seran la primera, y la ultima:

Illustre Senhor meu, a quem me manda
Minha fatal estrella que só cante
Com Musa natural, tão doce, e branda;
Que a toda a estrangeira vença, e espante;
Apezar da cruel, que em mim desanda
A sua roda, sempre irei avante,
Seguindo pouco a pouco este desejo,
De que só digno vós, outro não vejo, etc.

Acceitai entre tanto por começo,
Do que pagar espero inteiramente,
Esta pequena offerta, que offereço
A vós, grande Senhor, devotamente.
Se por tão pouco, tanto bem mereço,
Os olhos ponde nella alegremente.
Ficarei satisfeito, e atrevido,
Para poder cumprir o promettido.

«De las siete otavas desta dedicatoria me parece que estas dós son las mejores, y en ellas no ay un verso que tenga algun adarme de espiritu: y en la egloga sin espiritu casi no ay verso. Vease allá. Las otavas, luego, son de un, y la egloga de otro: y de quien ella, y ellas pueden ser, queda claro.

«Que las otavas no declaran lo que se dedica con ellas, si és egloga, ò otro poema; y Luis de Camões no hizo dedicatoria de egloga, en que no declarasse el argumento, como se puede ver de las suyas IV, V y VI, que son dedicadas.

«Que esta egloga se escribiò a imitacion de las I, y II de Sanazzaro, como de las notas se puede ver; y Luis de Camões le tenia por maestro de las piscatorias, y se preciava de imitarle, como consta desta misma egloga, pues los dós tercetos que principian, *Deixando este lugar tão infamado,* son expressa imitacion deste lugar de Sanazzaro en la egloga II.

Scilicet! hæc olim veniens, seu littore curvo
Caietæ, seu Cumarum navalibus altis,
Dum loca transibit, raucus de puppe magister
Hortatus socius; dextrum deflectite (dicet)
In latus, ó socii, dextras deflectite in undas.

Y los quatro que empieçan:

.... Glauco, deos vosso,

tambien son clara imitacion de estotros versos del mismo Sanazzaro en la egloga I:

Quos mihi nunc divæ scopulos, quæ panditis antra
Nereides! Quas tu secreti littoris herbas
Glauce pater, quæ monstriferis mihi gramina succis
Ostendes nunc Glauce! Quibus tellure relicta:
Ah miser, & liquidi factus novus incola ponti
Te sequar in medios, mutato corpore fluctus,
Et feriam bifida spumantia marmora cauda!
Nam quid ego, (heu!) solis vitam sine Phyllide terris
Exoptem miser? etc.

Si ya no lo és de estos de la II, que és la que principalmente imita en esta:

Scilicet exiguæ videor quòd navita cymbæ,
Quodque leves hamos, nodosaque retia tracto
Despicis? an patrio non hoc quoque littore Glaucus
Fecerat? Æquoriæ Glaucus scrutator arenæ?
Et nunc ille quidem tumidarum numen aquarum.

No tratando por aora de otras imitaciones del mismo Sanazzaro, que reservamos para las notas, onde se poderan ver, y de las muchas que deste author descobrimos en todas estas rhythmas: cosa que no se hallará en todas las de Bernardes.

«Agora passamos a la egloga x, que en Diego Bernardes és la xiii, y és tambien piscatoria; y aunque piscatoria la pudo tambien hazer Bernardes, ya queda mostrado arriba, que el Camões se preciava de imitador de Sanazzaro en ellas, y hazia clara demonstracion de agradarle este genero de poemas: y esta és imitada de la tercera de aquel poeta.

«Que el Poeta en esta misma egloga dize, que trae aventurada la vida en el mar, y en la tierra; y esto no succedió a Diego Bernardes, sinò a Luis de Camões, que anduvo por muchas tierras, y navegò muchos mares, siempre con gran riesgo, como consta de todas sus obras, y de la publicidad.

«Que en esta misma egloga dize a la nympha, que si está aficionada a pescador de gentil presencia, y buen ingenio, etc. en el tiene lo que desea. Y esto son cosas de que mi Poeta se precia en estas rhythmas, como en la egloga ii. Vease tambien la Lusiada, canto ix, onde se representa en Leonardo: y luego aqui mismo la dize, que si quiere pescador noble, que tambien el lo és, porque deciende de honrados pescadores; y esto no lo podia dizir Bernardes con tanta confiança, como Camões; porque este era cavallero notorio, y essotro un escudero, de cuyos padres non ay noticia.

«La egloga ii, que en Bernardes és la xv, contiene más razones. Entra Anzino diziendo a Limiano, que ya en otro tiempo le viò alegre en el Tajo, adonde agora le vè triste: y el le responde, que assi podia ser, porque del Tajo era, y avia andado mucho tiempo ausente, y buelto alli con deseo de estar entre los suyos, y que de ellos se vè de nuevo perseguido: y esto no lo podia dizir Diego Bernardes, porque ni era del Tajo, ni avia andado tierras: y assi esta egloga fue escripta despues que Camões bolviò de la India a Lisboa; y és suya.

«En el manuscripto dize Anzino, y no peregrino, como lo dize lo impresso de Bernardes: y ay otros nombres mudados, como el de Tityro en Silvano; el de Fulgencia en Laurencia: y estes nombres serian del intento de Camões, y mudados por Bernardes al suyo.

«En esta misma egloga ii dize Limiano (que és el que representa a mi Poeta) que experimentò quan vanas eran las promessas de los Señores: y esto le sucediò a el, y principalmente con Pedro de Barreto, en la forma que se verá, de lo que diremos sobre este lugar. Aqui mismo, Limiano, que és el pastor del Tajo, y representa a mi Poeta enseña a Anzino, como a estrangero, que no sabia los sitios de aquella tierra, uno en que se pueden recoger: luego el Camões és el pastor del Tago, y autor desta egloga, en q̃ quiso tratar de sus cosas.

«Que siendo Bernardes natural del rio Lima, y pudiendo por esto llamarse Limiano, no dexára de representarse con este nombre en esta egloga, si el la ubiera escripto; y se acaso el se representa en ella, és con el nombre de Anzino; porque lo que dize Limiano, todo muestra que Limiano representa a Camões, porque dize que és del Tajo, y que anduvo mucho tiempo fuera, y que fue maltratado de su patria, y que bolviò a ella, y que halló engaños en los hombres, y todo esto sucediò puntualissimamente a Luis de Camões.

«Que aqui mismo, Anzino que és el pastor estrangero habla con Limiano, que és natural del Tajo, como con persona muy conocida; y el al estrangero le pergunta quien és, para saber a quien debe el amor, respeto, y cortezia con que le habla, y se duele de su mal: y esto era que Camões era mui conocido, y podia desconocer al otro, aunque represente al proprio Bernardes, que era conocido de pocos: y yá puede ser que no le tratasse, sinò despues de venido de la India. Esto en caso que Bernardes se represente aqui en Anzino; lo que yo no creo por las razones que se siguen.

«Dize Anzino a Limiano, que fue hallado en la sierra de la Estrella exposito; y Bernardes que se podia presumir representado en Anzino, era natural de Ponte de Lima, y alli viviò siempre; y la historia que Anzino alli cuenta no és verdadera, sinò trasladada de la de Abinderraes, y Xarifa, contada por Jorge de Montemayor en su Diana.

«Dize mas Anzino a Limiano, que vá peregrinando por el Mundo, y que desde el Tajo adonde agora se halla, ha de ir a Sant-Iago de Galicia: y si Anzino fuera Bernardes, vendria a dizir en esto un desproposito; porque Bernardes era natural y morador en Ponte de Lima, que és Villa muy cercana a Sant-Iago de Galicia, y por esso és bien creible, que no estaria sin aver visitado la Iglesia de Sant-Iago: y aqui dize, por novedad, y como peregrino, la irá a visitar: y assi esto no quedaria siendo peregrinacion, sinó seria bolverse a su patria. De todo se sigue, que Bernardes no entra en esta egloga, y que Camões entra en ella diziendo cosas que son proprias suyas, y de su vida; y assi el la escribió. Y el podia dizir de si, que andava peregrinando, y que determinava ir a visitar la Iglesia de Sant-Iago: y bien puede ser lo biziesse; porque estando ella en Galicia, sus mayores fueron Gallegos, y allá está el solar de los Camões: y los ay en Portugal, q̃ procedieron de Vasco Pires de Camões, que passò a servir en este reino al Rei D. Fernando, el ano de 1370. Y deste Cavallero, que fue gran Señor en Portugal desciende mi Poeta, deste modo: de Vasco fue hijo Juan: de Juan, que tambien fue gran Señor, fue hijo Antonio: de Antonio lo fue Simon: y de Simon lo fue mi Poeta: y puede ser que no tanto por visitar a Sant-Iago tuviesse intẽto de ir a Galicia, quanto por ver a sus parientes. De todo sacamos en limpio, que assi Anzino, como Limiano, representan en esta egloga ambos a mi Poeta; refiriendo uno unos successos suyos, y otro otros, y que no entra aqui Diego Bernardes; y por esto, no el, sinò Camões, puede ser el Author desta egloga.

«Que en esta egloga ay muchos versos más en lo impresso por Bernardes, de los que ay en el manuscripto; y assi si ella fuera de Bernardes estuviera en el manuscripto lo que está en lo impresso: mas como ella era de Camões, y el la limò despues, quitandola juntamente versos escusados, por escusar prolixidad, el Bernardes no alcançandola limada, sinò los primeros borradores, los puso todos assi como los hallò. Otras razones más se hallaran por las notas a esta egloga.

«Entramos en la egloga XII, que entre las de Bernardes és la tercera. En ella son interlocutores Alcido, Delio, y Galasio en el manuscripto; y en lo impresso está Galicio, por Galasio; aunque esto importa poco. Alcido és el proprio nombre que Bernardes tomó para si en todas sus Rhythmas, y Delio representa a Luis de Camões: y en todas las eglogas de Bernardes nò ay el nombre Delio: y ay le en la XIV, que sin duda és de Camões.

«Que esta egloga XIV, que és sin duda de Camões, és la misma que essotra, que és tercera en Bernardes, en argumentos, en concetos, en invencion, y en orden; sinò que el Camões desagradado del modo con que la escribiò la primera vez, la bolviò a escribir segunda, y la mejorò mucho; y como Bernardes no alcançò esta, sinò essotra, essotra puso: y claro és, que si hallára la mejor, no pusiera la peor, y tambien és claro, que si fueran ambas suyas las pusiera, porque el imprimiò todo lo que avia escripto; y de Camões quedò perdido todo lo que eran Rhythmas varias, porque nó imprimiò sinò el Poema heroico. Y que sea cierto que estas dós eglogas son una misma, se verá dellas proprias. Ambas entran tratando del peligro que traen consigo las riquezas, y la codicia. Ambas vienen a ser expressa imitacion de la tercera de Virgilio: y en ambas se ven los pensamientos tan unos, que las estancias que en competencia cantan los pastores, conforman en ambas mucho: y las XXIV, y XXV de la XII, que és de que se aprovechò Bernardes, son puntualmente las XXI, XXII en la XIV, que és sin duda de Camões. Dexo otras muchas señales, que por allá se veran en las notas. De todo se sigue, que quien escribiò la una, escribiò la otra. Y pues queda claro que Camões escribiò la XIV, y que esta és la mejor, y que Bernardes no tiene esta, sinò la primera, siguese que la primera és de quien la segunda, y que ambas son de Camões, pues una e otra estan juntas en su manuscripto, no estando la segunda, que es mejor en lo impresso por Bernardes.

«En esta egloga, que en Bernardes és (como yá dixe) la tercera, és Alcido uno de los interlocutores; y en ella su nombre el Lima, de donde Alcido (que és Bernardes) era natural: y en la del manuscripto (que como dixe és la misma) no ay Alcido por interlocutor, ni se nombra el Lima: y de aqui infiero yo, que Luis de Camões quando hizo la de que Bernardes se aprovechò, estava conforme

con el, y por esso (en gracia suya) se acordó del Lima: y despues (discordantes por ventura) no le introduxo en la que bolvio a hazer de nuevo. Y aun puede ser que essa discordia le hizo que hiziesse en ella esta mudança: como sucedió a T. Tasso, que haviendo dedicado su Poema de la Liberata al Principe de Parma, disgustado del, le hizo de nuevo, y le intituló Conquistada, dedicandole al Nepote de Clemente VIII.

«Agora la egloga XIII, que és la ultima de las cinco que hallo en el manuscripto de las obras de Camões, y que en Bernardes és la quarta, y que en el tiene un soneto dedicatorio, sin el qual se vè en el manuscripto: y és cierto, que si el Camões le ubiera dedicado, estuviera alli aquel soneto; y tambien és cierto que estuviera con ella, si Bernardes la ubiera escripto.

«Aquel soneto dedicatorio és del proprio estylo que son las otavas con que Bernardes dedicó la egloga XI, que aqui és la IX y ay sobre esto las mismas razones que allá dimos, para que la egloga fuesse de Camões, y la dedicatoria de Bernardes; que son, ser el estylo de la dedicatoria con gran distancia inferior al de la egloga, deviendo ser al contrario. Luego siendo proprio de Bernardes el estylo humilde, y de Camões el elevado, este hizo esta egloga, y essotro la dedicatoria. Quien lo puede negar? La egloga ahi se está para que se vea su estylo: el soneto dedicatorio pondré yo aqui, para que se vea quan inferior és a la egloga. Dize assi:

As lagrimas de amor, os tristes ais,
A fé quebrada em parte, onde segura
Devera mais estar, entre brandura,
Cruezas descobrir tantas, e tais,

Aqui vereis, Senhor, se ouvidos dais
A duas tristes Nymphas sem ventura,
Conformes em aviso, e formosura,
Nas mágoas, e nas queixas, inda mais.

Do Lima se vão ao Tejo aggravadas:
A culpa quem a tem, e sempre teve,
Senão amor, ingrato a bõos amores?

Favor por estrangeiras se lhes deve:
Não se vejam tambem lá desprezadas,
Como se víram cá de seus Pastores.

«No avrá quien tenga conocimiento de estylos, que diga que este soneto és de quien és la egloga, por ser ella elevada, y el baxissimo.

«El soneto dedicatorio dize, que se verá en la egloga dós pastoras quexosas de sus pastores; y en ella no ay más de la pastora Phyllis, quexosa de Corydon; y la pastora Galatéa, muy fuera de quexosa, antes dava causas de quexa a Corydon, por no hazer caso del, quando el por ella dexava a Phyllis.

«Phyllis en esta egloga se compara a la violeta negra, en respeto de Galatéa, por quien se via dexada, diziendo della, que era blanca: y bien puede ser q̃ esta Phyllis fuesse la negra de quien mi Poeta fue amante (como consta de su oda x) y que estuviesse quexosa del, porque la avia dexado por una blanca.

«De manera, que son treinta las razones que hallamos, para ser de Luis de Camões estas eglogas. Las que puede aver en contrario no son mas de dos: una, que se hallan impressas por de Diego Bernardes; y esso se queda facilmente deshaziendo con ser cierto que el usurpò algunas cosas a Camões; y quien lo hizo en unas, lo haria en quantas pudiesse: y no imprimiò sus obras sinò despues de la muerte de Camões. Otra, que en algunos lugares de algunas destas cinco eglogas se habla del Lima, de donde era natural Bernardes: y tampoco esta razon tiene vigor considerable, porque bien pudo Camões, en gracia de Bernardes, con quien trataria amigablemente algunos dias, hablar del Lima, y introduzir en sus obras a Alcido, q̃ és el nombre de Bernardes en sus Rhythmas. Y ya diximos

que en la egloga XIV no babla del Lima, aviendo hablado del en la XII que és la que reformò con la XIV. Vease lo que diximos sobre esto, arriba.

« Aviendo dado fin a las rasones que tengo para creer que estas cinco eglogas fueron usurpadas por Diego Bernardes a Luis de Camões; quiero dar algunas de las que me obligan a creer que le usurpò otras, aunque no las pongo aqui, por no hallarlas en el manuscripto, como hallo las cinco. Sea la primera, que en el manuscripto no estan muchos Poemas de que realmente se sabe que son de Camões, y assi lo pueden ser estas eglogas, aunque no esten en el: y despues desta, digo lo que se sigue.

« La egloga que está por primera en Diego Bernardes, és a la muerte del Principe D. Juan, a la qual és la ultima mitad de la egloga primera de Camões; y siendo este assunto de tanta grandeza, parece que en el avia Bernardes echar el resto; y aquella egloga suya és tan miserable, quanto puede ser, principalmente desde que entra en unas lyras, que alternadamente cantan Franco, y Limiano; de las quales la primera estancia és esta:

> Cansados olhos, se des que partistes
> Donde tal perda vistes,
> Nunca fizestes al, senão chorar:
> Que razão me dareis de não cegar?
> Pois para descansar,
> Vendo, não podeis ver contentamento.

« Y luego prosigue Limiano, tomando este ultimo verso, para principio de su estancia, y dize:

> Vendo não podeis ver contentamento,
> Olhos, que morrer vistes tal Pastor.
> Ah dura estrella! Ah nunca vista dor!
> Ah surdo e cego amor!
> Surdo e cego mais cego em tão grão mágoa.

« E assi van tomando estos pastores el uno del otro los versos ultimos, para principio de los suyos, con tanta frialdad, como se vè en essas dos estancias; que esse era el modo de proceder de Bernardes, como lo puede ver quien quisiere hazer examen de sus escriptos.

« Luego se sigue la segunda egloga, que és a la propria muerte del Principe D. Juan; y empieça deste modo:

> N'hum solitario valle, fresco, e verde,
> Onde com vea doce, e vagarosa,
> O Vez, no Lima entrãdo, o nome perde, etc.

« Y esta egloga és tan differente de essotra en estylo, como és la noche del dia. El Vez, que alli dize, és un rio pequeño, que muere entrando en el Lima, que és mayor: y para llorar la muerte del Principe, no era necessario que quien la llorava (antes descuido) acordarse de rios de tan poca fama, estando ahi el Tajo de tanta, y sobre cuya margen avia fallecido aquel Principe natural suyo. Y esto és tanto assi, que escribiendo mi P. la egloga primera en la India a la muerte de D. Antonio de Noroña, y del proprio Principe, ambos naturales de Lisboa, bañada del Tajo, y podendo hablar del Indo, y del Ganges, rios famosos de aquella parte del Mundo, en que escribia la egloga, haze que el theatro della sea el Tajo. Y assi yo creo que esta egloga II en Bernardes, a la muerte del Principe, és de Camões, y que alli en lugar del Lima, estava el Tajo; y en lugar del Vez, que entra en el Lima, estava alguno de los que entran en el Tajo: ò que diria el Tajo, adonde pierde el nombre entrando en el mar, que és adonde falleciò el Principe, porque en aquel paraje de Lisboa adonde falleciò el Principe se pierde en el mar el Tajo; y que Bernardes, para hazer suya la egloga, mudò los nombres de los rios.

«En esta egloga son interlocutores Tirsi, y Melibeo, llorando alternadamente esta muerte en estancias de canciones: y ay en ellas cosas tan proprias de Luis de Camões, que no puedo tenerlas por de otro ingenio, q̃ más le supiesse imitar: y destas quiero poner aqui solamente una por exemplo, y sea esta:

Porque quando deixei
De ver os verdes olhos, por quem mouro,
Rosas em viva neve, tranças de ouro,
Logo me transformou amor esquivo
Em pedra não, nem louro;
Em fonte de agua pura, e fogo vivo.

«Ay en estos pocos versos vivamente el frequente estylo de Camões: luego dos cosas propriamente suyas: una los ojos verdes de que era apassionado, como consta destas Rhythmas suyas, y en particular en la egloga VI, est.... y las redondillas..... Otra la transformacion de si en piedra con el proprio termino usado del en su Lusiad. Canto III, est. 142:

Que o coração converte que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo acceso.

«Que puntualmente és esto que ahi se queda:

Logo me transformou amor esquivo
Em pedra não, etc. em fogo vivo.

«En la egloga, que és otava en Bernardes, y empieza,

Vistes quando abrio hoje, ó Melibeo,
As rosadas janellas o Oriente
A branca Aurora ao louro amigo seo, etc.

hablando del pastor Limiano, dize del esto:

Que Phebo inspirou nelle graça tanta,
Que lá no seu Parnaso o recebeo,
De que se alegra o Tejo, antes se espanta.

«Pues si este pastor Limiano era tan grande Poeta, que le avia admittido por tal el Parnaso, y de esto no solamente si alegrava el Tajo, antes se admirava; quien avia de ser, sinò Luis de Camões natural del Tajo, y admiracion del Parnaso? Ay en esto algunas cosas dignas de reparo, y son las que se siguen: Bernardes ni se alabò jamás desta manera, ni se podia alabar: y Luis de Camões se dá a si proprio muchas vezes estas alabanças; y quando Bernardes llegára a presumir de si tanto, no se acordára del Tajo, pues no era natural del como Camões: acordárase del Lima como natural suyo, que esse era el que podia hazer caso del. Y por esto el Camões, al hazer un elogio grande a Virgilio, al fin del Canto V de su Lusiada, est. 87, dize que el Tibre está sobervio, porque Virgilio cantava a sus margenes: però el Mincio, rio a cuya margen avia nascido, mostrava un natural affecto de oirle cantar, como hijo suyo. Vease Luis de Camões se haze a si proprio algunas vezes morador del Parnaso: esto se verá claro de la egloga IV est. 2 de la VI, desde el num..... En su Lusiada Cant. III, est. 2 adonde dize que se está bañando en la fuente del Parnaso. Y és cierto q̃ avia compuesto un libro intitulado el *Parnaso de Luis de Camões*, el qual se perdiò en mis proprias manos, por la razon que luego dirè. Siendo pues tan propria de Luis de Camões esta alabança, dada por si a si mismo, y siendo cierto que Bernardes no le alabò en algun Poema suyo, alabando en ellos a aquellos Poetas de su esfera, que vivian quando el, siguese que esta egloga no es suya, sinò de mi P., que se ala-

bava a si proprio en ella, de la suerte que lo hizo en tantos lugares de sus Rhythmas, como a cada passo se encuentra. En esta misma egloga ay esto:

Quando o formoso sol appareceo
Esta fresca manhãa fóra do Gange, etc.

« Y realmente este modo de hablar és mas proprio de quien estava en la tierra por onde corre el rio Ganges, que és la India, ò la Asia: y allá estuvo mi P., y nunca pensò estar allá Bernardes.

« En la egloga, que és XVII en Bernardes, ay esto:

Inda naquelle tempo tu não eras
Tão coberto de barbas, mas de força
A ninguem lá, nem cá vantagem deras.

« Y esto no lo podia dizir de si Bernardes: y dixolo de si mi Poeta algunas vezes. Egloga II, num. 35:

A barba então nas faces me apontava:
Na luta, no correr, em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.

« Y en estos tres versos está el tiempo en que mi Poeta era aun de poca barba, y de mas fuerça que todos; que és lo que contienen èssotros tres arriba copiados. Semejantes razones pudiera traer para mostrar, que de las veinte eglogas, que andan impressas por de Bernardes, solamente parecen suyas la II, la XII, la XVI, y la XVII. Quien leyere estas con attencion, verá la differencia que ay dellas a las otras.

« Finalmente en aquellas eglogas que Bernardes imprimiò por suyas, y que yo tengo por de Camões, ay tantas cosas que observar, que lo dexo por largo: y tambien porque ni essas eglogas, ni las cinco, que solamente aqui pongo por hallarlas en el manuscripto, que casi todo és de Poemas suyos, le pueden adquirir mayor fama, que la adquirida por lo impresso. Y quien sobre todos estes fundamentos tuviere para si que yo me engaño en este juizio, tenga en hora buena por de Diego Bernardes todo lo que yo tengo por de Luis de Camões: y no quiera mudarme de mi parecer, pues yo no le vedo el suyo.

« Ni és solo Diego Bernardes el que yo creo se aprovechò de las obras de mi Poeta, viendolas andar perdidas por su muerte. Ahi arriba acabè de dizir, que en mis manos se avia perdido una, y és deste modo: Mi Abuelo Estacio de Faria concorriò con Luis de Camões en tiempo, y fue su amigo en Lisboa, despues que el vino de la India. O yá porque poco antes de la enfermedad de que muriò, le ubiesse fiado aquel libro q̃ compuso, intitulado *Parnaso de Luis de Camões;* ò yá porque despues desso le veniesse a las manos, entre las cosas que del, por su muerte, quedaron a mi madre, avia algunos papeles y libros, y entre ellos un manuscripto de prosas y versos; obra que yo tuve por de mi Abuelo, por aver el sido de grande ingenio; hasta que en una de las Decadas de Diego de Couto hallé escripto, que Camões avia hecho aquel libro, y que haziendo el mismo Couto en Lisboa mucha diligencia, despues de fallecido el Camões, por alcançarle, no le avia sido possible. Desde entonces tuve para mi que este libro (no era grande en tomo) era aquel, porque acordandome aun de algunas clausulas, hallava en ellas el aliento de Luis de Camões. Al tiempo que empecè a estudiar, que fue por los años de 1600, y los onze de mi edad, me cogió este libro un moço, que luego se fue a estudiar en Coimbra, aonde entonces florecia Francisco Rodrigues Lobo, que entonces publicò su libro intitulado *Primavera,* que consta de prosas y versos, y siempre me pareció que en el avia algunas cosas de las que estavan en aquel libro. Mas porq̃ yo no vi este de Lobo luego quando saliò, tiempo en que de essotro teria algo en la memoria, sinò mucho despues, quando ya no la tenia del, no pude assegurarme bien: però imagino que unas otavas, que alli tiene

Lobo, luego al principio, a que llama la historia de Sileno, estavan en aquel libro; y tambien unas coplillas, que estan antes della; y tambien una cancion, que se vè a la entrada de la Floresta sexta. Las otavas empieçan assi:

Sileno sou, que em fonte convertido,
Vou regando a verdura deste prado:
Nas ribeiras do Lena fui nascido,
E nas do Lis guardava manso gado:
Amor, de quem vivi mais esquecido,
Com transformar-me assi ficou vingado:
Que foi para estê mal, que me condena,
Homicida na culpa, algoz da pena.

«Dos cosas ay en esta primera estancia, de aquellas que son 22, mui proprias de Camões: una és dizir, que viviendo libre de amor, fue preso del en gran manera; y esto dize de si con gran ponderacion algunas vezes mi P., como se puede ver en algunos sonetos de los suyos; y en la est. 2 de la Cancion VII, y tambien en la egloga II. Otra lo que dize en estos dos últimos versos, que totalmente és lo que mi Poeta dize de si, en otros dos, con que fenece la est. 2 de la Cancion II, assi:

Saibam que o mesmo amor, q̃ me condena
Me fez cahir na culpa, e mais na pena.

«Las coplillas empieçan assi:

Quem poz seu cuidado
Em Pastora loura,
Nem veja a Lavoura,
Nem sirva o arado, etc.

«Y aunque ellas no sean cosa grande, porque esta suerte de composicion no dá mucho de si, no dexan de tener lances parecidos a los de Camões. La cancion empieça:

Qual o cervo ferido
Da venenosa setta atormentado,
Ligeiro corre o monte, e a espessura, etc.

«Y aunque el Lobo en sus escriptos tiene algunas canciones, ninguna iguala a esta. Las tres primeras estancias contienen tres comparaciones: la primera del ciervo; la segunda de la mariposa; la tercera de un niño; y estas son proprias de mi Poeta. És la cancion al assunto de ser vencido de la hermosura de una dama, vista en el campo: y a este mismo és la cancion VII de mi Poeta. Fenece una estancia desta cancion de Lobo con esto:

Se se foi tão asinha
Por levár como roubo huma alma alhea,
E de furtos se arrea;
Ah não ma restitua,
Que eu confessarei logo, que era sua.

«Y además de ser estè estylo tan proprio de mi P., és suyo esse pensamiento, de que aunque la amada le robò la alma, no quiere pedirsela: en la egloga VIII.

Dar-te-hei minha alma: lá ma tẽes roubada.
Não te condemnarei, etc.

«Contiene la estancia seguinte, que fue sueño aquella vista: y destos sueños de ver a su querida ay muchos en mi P. Alfin pudiera hazer en los escriptos de

Lobo muchas observaciones destas; però dexolas, porque en unos mismos pensamientos pueden concorrir los Poetas sin verse, y porque no me asseguro: però assegurome, que en todas las obras de Lobo no ay poemas que igualen a esta cancion, y a aquellas otavas; y que en ella, y en ellas, ay mucho de los modos de dizir de mi Poeta. Y de hurtos baste esto.»

Até aqui Thomás José de Aquino e Faria e Sousa; vejamos agora o que nos diz José Maria da Costa e Silva no seu *Ensaio Biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes.*

«Diogo Bernardes passou sempre por um dos nossos melhores poetas bucolicos, mas a sua reputação soffreu muito por um facto, que eu desejaria bem poder omittir. Manuel de Faria e Sousa, nos seus commentarios ás rimas de Luiz de Camões, accusou Bernardes nada menos, que de haver roubado ao cantor dos Lusiadas as eglogas que no *Lima* têem os numeros III, IV, XI, XIII e XV, e o poema de Santa Ursula, dando estes seis poemas como seus, fazendo-lhe alguns acrescentamentos e pequenas mudanças.

«Uma accusação tão grave, e vergonhosa para um auctor conhecido e estimado, não podia admittir-se sem provas, e Manuel de Faria, que não ignorava isso, não se descuidou de apoiar a sua asserção com grande apparato de rasões e de raciocinios, que pela maior parte não admittem duvida nem contradicção rasoavel. Se as eglogas de que se trata estivessem nas *Rymas Varias,* ou em qualquer dos outros volumes publicados depois da morte do auctor, assim como a Santa Ursula, ainda a culpa de plagiato podia ser imputada á ignorancia, negligencia, ou má fé dos editores, pois não é cousa nova, o admittirem estes obras alheias nas collecções posthumas dos escriptores que dão á luz; mas desgraçadamente para Bernardes as cinco eglogas estão no *Lima* que elle publicou no ultimo anno da sua vida; e se não foi elle o editor, teve conhecimento da edição, pois o teve seu irmão Frei Agostinho da Cruz, que falla do Lima, no soneto XXVI, em que dirigindo-se ao Poeta diz:

O Povo cujo aplauso recebeste
Vendo teo brando *Lima* dedicado
A Principe, Real, claro excellente,

A citação não admitte duvida, pois o *Lima dedicado*

A Principe, Real, claro excellente

não póde entender-se pelo rio Lima, mas sim pelo livro que se imprimio em Lisboa em 1596, dedicado ao duque de Aveiro D. Alvaro de Alencastro; e como podia Bernardes, vivendo em Lisboa, ignorar o que era sabido do pobre capuchinho, que fazia vida eremitica na solidão da serra da Arrabida? E não é de toda a probabilidade, que Bernardes, que muitas vezes o visitava, fosse o proprio que communicasse aquelle livro a seu irmão, que de certo se não occuparia em mandar a Lisboa comprar livros de poesia?

«O que custa a entender é: 1.º, que um poeta tão rico de seu proprio fundo, cahisse na leviandade de se attribuir obras alheias, e obras de um contemporaneo, sem receiar que tarde ou cedo fosse descoberta a fraude; 2.º, que as poesias de Luiz de Camões fossem tão pouco conhecidas, que havendo-lhe Bernardes usurpado cinco eglogas, e a Santa Ursula, ninguem desse por isso desde 1594 até 1685 em que Manuel de Faria e Sousa publicou os seus commentarios ás rimas de Luiz de Camões.

«Seja como for, a opinião de Faria e Sousa tem sido adoptada por quasi todos os bons entendedores, e especialmente pelo padre Thomás de Aquino, e por José Victorino Barreto Feio, os dóis melhores editores de Camões; e eu não posso deixar de seguir o mesmo parecer, porque tendo examinado, e confrontado aquellas eglogas com as de Bernardes com toda a attenção que em mim cabe, fiquei plenamente convencido de que o tom de composição, o colorido poetico, o estylo, a linguagem d'aquelles poemas se afastam tanto da maneira habitual de Bernar-

des quanto se approximam ao modo de compor de Camões; e para me decidir bastava a versificação, cujo apuro e harmonia não permitte attribui-la nem a Bernardes, nem a qualquer outro escriptor contemporaneo, excepto Camões. Junto a isto, que tudo o que n'estas eglogas foi acrescentado por Bernardes como a dedicatoria da egloga XI, é muito inferior pelo estylo, pensamentos e metro ao resto da obra, a que foi acrescentado.

«É evidente que d'esta fraude comprovada, resulta um preconceito muito desfavoravel contra Bernardes; pelas obras d'este, as de Ferreira, Sá de Miranda, e Caminha, nos consta que n'aquelle seculo floresceram muitos outros poetas muito estimados e admirados, como Antonio de Castilho, Francisco de Sá de Menezes, sem ser o auctor da *Malaca*, D. João de Castello Branco, Luiz de Alcaçova Carneiro, e outros de que chegaram a nós os nomes, e não as obras; e quem nos afiança, que algumas d'estas não foram usurpadas por Bernardes, e se leiam entre as suas? Respeita-las-ía elle mais do que as de Camões? Isto não é uma affirmativa que eu faço, póde ser que assim não succedesse. e eu o desejo muito por honra do cantor do Lima, mas a suspeita seria legitima, á vista do que se acaba de expor; mas deixemos já estas miserias da fraqueza humana, e digâmos alguma cousa ácerca das epistolas de Diogo Bernardes.»

Audi alteram partem: — «As rasões que allega Manuel de Faria e Sousa (diz o Morgado de Matheus) para attribuir as sete eglogas, impressas nas obras de Bernardes, a Luiz de Camões não me convencem. Á excepção da piscatoria intitulada *Lilia*, cuja poesia mais se approxima da maneira de Camões, as outras parecem-me de Bernardes, que não merece ser tratado com tanto desprezo por Manuel de Faria, o qual supposto ter feito milhões de versos, não deixou um só que se conserve na memoria, em quanto o poeta do Lima nos deixou muitos que retem os amantes da poesia. Camões era assás rico para excusar ou deixar este pequeno despojo a Diogo Bernardes.»

«Não é possivel (assim se expressa o sr. bispo de Viseu) dar juizo sobre as eglogas de Camões sem tocar primeiro a questão, que ácerca do seu numero tem feito mover a critica zelosa, ou o capricho de Manuel de Faria e Sousa. Este erudito attribue ao nosso Poeta, alem das oito em que concordam todos, outras sete, onde entram cinco que andam impressas no *Lima* de Diogo Bernardes, como obras d'este ultimo. Se Diogo Bernardes teve o pouco primor de se arrogar os bens que pertenciam a outrem, rasão é que lhe sejam tirados, e restituidos ao seu legitimo auctor. Mas por isso que o crime é muito grave pede a justiça que diga com a sua gravidade o peso e clareza das provas; para se não correr o risco de referir a um, com erro torpe, o que de bom direito toca ao outro que o possue. E quaes são as provas allegadas por Faria e Sousa n'esta causa importante de dar ou tirar a seu dono o que na verdade lhe pertence? O padre Thomás de Aquino, na edição que das obras do nosso Poeta fez em Lisboa em 1779 e 1780, nos offerece como extrahidos de um manuscripto que se conserva na livraria da Graça da dita cidade, os argumentos de Faria e Sousa; e pelas suas mesmas palavras, segundo o que elle muito de sizo attesta, e eu não tenho duvida de acreditar. Uma e outra vez, e com bastante attenção, como convinha, li estes argumentos, e considerei a força verdadeira de cada um e de todos juntos. O mais forçoso d'elles seria, sem duvida, o da identidade de estylo entre as eglogas de que se controverte e as oito de Camões. Este argumento bem sei que não é ainda de força absoluta irresistivel; porque alguns escriptores imitam muito felizmente o estylo alheio, como certos pintores arremedam com grande similhança as obras dos illustres mestres. É comtudo o mais valente entre os propostos por Faria e Sousa n'este caso: e se a identidade podesse affirmar-se com arrazoado fundamento, ficaria até certo ponto vacillante o direito de Bernardes. Mas ou eu me engano muito, ou o estylo das eglogas, de que se move questão, é todo parecido com o de Bernardes, e bastantemente diverso da usual maneira de Camões[1].

[1] A minha opinião n'esta materia é ao justo contradictoria de Faria e Sousa. Este diz que «para quien conoce de estilos, és cosa clara que son de Luis de Camões: y esta rason sola bastava, quando no uviesse mas». Eu digo acima o opposto inteiramente. O leitor que tiver essa curiosidade, faça por si a comparação e determine-se.

Na substancia tem uma ternura profunda e doce, uma propriedade pastoril ou piscatoria, certa singeleza accommodada ao genero, que diz muito e tudo com as outras producções de Bernardes, e que debalde se irão procurar nas eglogas que são indubitavelmente de Camões; e no verso tem pela maior parte um cortado de hemistichio[1], uma cadencia singularmente numerosa e branda, que Camões pelo commum não emprega na sua versificação, e que é proeminente distinctivo de Bernardes; d'onde lhe procedeu em todo o tempo o geral conceito, e até o appellido de *suave*. Não digo que Camões não é nos seus versos bem numeroso e cadenciado; quero sómente dizer que o é ao seu modo, e não ao de Bernardes; e que o numero e cadencia das cinco eglogas procedem mais de accordo com os do ultimo, do que com os de Camões. Não achando pois n'este argumento a pretendida efficacia, e tendo cada um dos outros ainda menos; nem cada um por si, nem aggregados me parecem capazes de mover um bom entendimento a favor da opinião de Faria e Sousa; e d'aqui concluo que a justiça não póde, em virtude dos seus allegados, desapossar o immemorial possuidor. Tambem me custa a comprehender como cinco eglogas de um poeta tão conhecido, e composições n'este genero de tanta valia, de tal modo se perdessem de vista, que podesse a salvo occupa-las Diogo Bernardes, maiormente indicando tanto a similhança de estylo, como suppõe Faria e Sousa, o seu verdadeiro auctor, e em um tempo, em que pessoa tão curiosa como entendida, se empenhava com diligencia em colligir as poesias de Camões; porque a edição da primeira parte das *Rimas* por Fernando Rodrigues Lobo Surrupita appareceu em 1595, e appareceu logo no seguinte a primeira edição do Lima de Bernardes. Mais de rasão me parece, por todos estes motivos, ter a opinião de Faria e Sousa por effeito mero dos seus prejuizos, que tiraram de um manuscripto de duvidoso credito, não as illações mais naturaes, porém as que lhe eram mais agradaveis. Faria e Sousa não foi affeiçoado a Bernardes; trata-o em muitos logares, ou em toda a parte, com injustiça manifesta; no seu conceito, muitas vezes declarado, não passa de um versejador ou poetastro, que nos voos mais remontados, não sobe alem do grau de mediano[2]. Os homens de mais seguro entendimento não foram n'isto do seu parecer, antes tiveram sempre o censor por poetastro, e o censurado por bom poeta; porém este juizo dos avisados não era proprio para diminuir as desaffeições de Faria e Sousa, e mais proprio era o contrario para as augmentar; e eu convirei facilmente em que ajudou a critica de Faria e Sousa a descobrir no seu manuscripto boas provas da usurpação de Bernardes, e nas eglogas o estylo *mesmissimo* de Camões.»

Taes são os argumentos *pro* e *contra* que se apresentam n'esta contestação litteraria: esperando que me não seja taxado de temeridade emittir voto, depois de tão eruditos escriptores, direi comtudo desassombrado de toda a paixão, e com imparcialidade, o que sinto sobre este assumpto. Não sou de opinião que todas estas eglogas fossem usurpadas a Camões, especialmente a XI, XII e XIII, que são no *Lima* de Bernardes as III, IV e XV, não só porque me parecem ser escriptas no proprio estylo do poeta do Lima, mas porque n'ellas ha referencias inteiramente estranhas a Camões, e que só dizem respeito áquelle poeta, e ao seu decantado *Lima*, o que se manifesta mais ás claras na egloga XI em que figura uma certa Ulina; e de nenhuma força ou antes contraproducente acho o reparo de Faria e Sousa, em que nota que sendo Bernardes natural e morador de Ponte de Lima, villa não mui distante de S. Thiago de Galliza, diga que iria em perigrinação á igreja do santo, onde é natural que tivesse ido, em rasão da visinhança, como se isto fosse uma forçosa necessidade; bem pelo contrario me parece que este projecto de romaria era proprio de quem tinha pessoa consanguinea na extrema dos dois reinos, como sabemos que acontecia a Bernardes, cujo

[1] A sexta syllaba do verso portuguez de onze, tem proeminencia, e com ella o reparte muito agradavelmente. Esta repartição, a que chamo *cortado de hemistichio*, não falta em Camões, mas ordinariamente é muito mais sensivel nos versos de Bernardes.

[2] Avia entonces en el Reyno algunos llamados poetas, y entre ellos contavan a Diogo Bernardes que propriamente era un versificador poco limado, aunque suave en lo que escrevia de estilo humilde, totalmente ageno de la grandeza heroyca. . . . El Cardinal D. Enrique tio del Rey, que como era inclinado a ingenios triviales, nunca favorecío a Luis de Camões, aviendo favorecido mucho a Francisco de Sa y Miranda, mui semejante al Bernardes. Faria e Sousa, *Segunda vida*, § 27.

sobrinho era parocho na igreja de Monção, aquelle João Pimenta a quem dirige a carta XXXIII.

Por todos estes fundamentos sou de uma opinião contraria á de Faria e Sousa e d'aquelles que o seguiram relativamente ás tres eglogas citadas; porém confesso que o meu animo vacilla muito emquanto ás outras duas, a IX e a X, que entre as de Bernardes são a IX e a XIII, não só porque a scena é differente das do poeta do Lima, isto é, se passa junto ao mar, mas porque me parece o estylo mais elevado e approximado com o de Camões, e encontro referencias apropriadas ao nosso Epico, como allusões ao desterro da patria e vida aventurosa que sabemos que elle teve, e embora Faria e Sousa assevere que o estylo da dedicatoria que acompanha a egloga IX na collecção das que temos impressas tirada de Bernardes, onde é a XI, e que o commentador, bem como Thomás de Aquino não juntaram á mesma egloga, por a ter achado o mesmo Faria em logar differente do manuscripto onde vinham, não é de Camões, por achar pouca elevação n'esta poesia, a mim me parece pelo contrario enxergar n'ella a phraseologia e estylo proprio de Camões, resentindo-se comtudo d'aquella frouxidão que necessariamente comportam assumptos tão estereis como estas dedicatorias.

Este juizo porém relativo a Bernardes eu não o faria, se, como já adverti em outra parte d'este trabalho, não tivesse a certeza, e pela propria bôca do mesmo poeta, que algumas das suas poesias andavam em nome de outro, isto é, havia duvida de propriedade entre outros poetas, como nas oitavas a Santa Ursula escriptas em vida de Camões e Bernardes, pois de lhe terem sido usurpadas se queixa na dedicatoria á infanta D. Maria, fallecida em vida dos dois poetas, no anno de 1578, quando seu sobrinho, o malfadado rei D. Sebastião, regressava da sua primeira expedição da Africa. Acresce tambem, como já adverti, a coincidencia da glosa de algumas d'estas poesias de origem duvidosa, por poetas contemporaneos, feitas sobre as lições com que foram publicadas pelos editores das poesias de Camões. Não posso descobrir a causa d'estes factos, ás vezes de pouca entidade, a não ser que certos poemetos tivessem grande voga na alta sociedade, nos circulos de damas, ou mesmo nos saraus do paço onde fossem *laureados*.

Ainda na minha mocidade estou certo que encontraria poeta que tivesse alento para a epopéa, que dispensasse a fama que lhe resultasse do complemento de tão ardua composição, a troco de uma charada que se reproduzisse de bôca a bôca de damas delicadas, ou da letra feliz para uma modinha.

EGLOGA I

Interlocutores: — *Umbrano, Frondelio e Aonia.*

Esta egloga era, como já vimos, a favorita do seu auctor; e na verdade pela limpeza de estylo e pela expressão dos affectos é uma maravilhosa poesia. Comtudo José Maria da Costa e Silva, no seu *Ensaio Biographico sobre os poetas portuguezes,* discorda da opinião de Camões, dando a preferencia á VI, que não é menos bella, e alguns notam o *implexo* do assumpto, parecendo que por este motivo forma dois poemas, pois chora n'ella as duas mortes, a do seu amigo o joven D. Antonio de Noronha, e a do principe D. João, pae d'el-rei D. Sebastião. O mesmo Faria e Sousa, seu commentador e tão seu enthusiasta, não absolve o Poeta por ter emparelhado pessoas tão desiguaes, *porque no se igualan en assientos principes e vassallos.* Mas, como são as cousas, como são differentes as apreciações! n'isto lhe acho eu a principal belleza, e uma perfeita unidade de assumpto. O Poeta teve em vista fazer sobresaír o seu pezar pela morte tão desastrada de um intimo amigo, emparelhando juntamente as duas catastrophes, e fazendo sobresaír a dor que lhe causava a do amigo, á que experimentava pela do principe, que era nem mais nem menos o primogenito do reinante; temos estricta obrigação como cidadãos de acatar os principes, mas não têem estes mais impe-

rio no coração dos seus subditos do que aquelles que o conquistam pelas suas virtudes, n'isto trocam-se as posições; o coração é que impera e os reis são os pretendentes, os aduladores; e o peior é que os reis muitas vezes não conhecem esta theoria. De mais havia entre os dois mancebos uma certa analogia para aqui os emparelhar; no celebre torneio de Xabregas, onde o principe havia tomado as primeiras armas, havia sido o seu justador o joven D. Antonio, e agora a ambos ao mesmo tempo arrebatava a morte na aurora da vida; esta similhança no primeiro acto de hombridade e na morte antecipada dava um certo jus ao duplicado lamento de duas mortes occorridas na mesma epocha.

Abre a egloga com uma pintura do estado de tristeza em que se achava a côrte, que outr'ora conhecêra tão festiva, por estas duas mortes. Discorrem os dois pastores, Umbrano e Frondelio, sobre a insolencia com que os mouros affrontavam as nossas armas, e conta o pastor Frondelio a desastrada morte de D. Antonio de Noronha. No primeiro volume dissemos quem era este D. Antonio, e transcrevemos o honroso epitaphio que conjunctamente com a ossada dos outros seus irmãos, todos mortos no campo de batalha, cobria os seus ossos. Na presente egloga relata com as mais patheticas expressões esta morte, e os motivos que o levaram á Africa onde pereceu, que foi desejar o pae desvia-lo de certos amores com D. Margarida da Silva, filha de D. Garcia de Almeida e neta de D. João de Almeida, segundo conde de Abrantes, a qual depois da morte de D. Antonio casou com D. João da Silva, herdeiro da casa de Portalegre.

A segunda parte d'esta poesia é dedicada, como já dissèmos, a chorar a morte do principe D. João, casado com a princeza D. Joanna, filha de Carlos V: havia o principe fallecido poucos dias antes do nascimento de seu filho o malaventurado D. Sebastião, e a sua morte havia enchido de luto a côrte; a princeza, que era de um genio um pouco arrebatado, não accompanhou a educação do filho, e deixando-o ainda nas fachas infantis, se retirou para Madrid onde fundou um convento, e junto a elle uma casa da misericordia, unica cousa, diz Faria e Sousa, que lhe deve Portugal, porque a fez á imitação da que viu em Portugal, inventor d'este insigne officio de piedade. Os mesmos pastores, Umbrano e Frondelio, indo já em retirada, ouvem uma toada ao longe, e subindo a uma arvore d'ella enxergam um grupo de nymphas a que preside uma que representa debaixo do nome Aonia, que é o anagramma da princeza D. Joanna, e as quaes cercam um tumulo, sobre o qual derramam flores, orvalham com lagrimas, entoam hymnos e fazem subir odoriferos aromas; a nympha que preside termina esta composição poetica com uma elegia na lingua castelhana. O quadro é mui gracioso, e tanto que, a meu ver, nada perdia em ser passado á téla. N'esta egloga já Camões faz ao principe aquelle falso vaticinio que depois repete nos seus *Lusiadas*, isto é, que estava destinado para derrubar o poder mauritano; fa-lo ainda no berço, e n'esta parte podemos absolver o mestre que carregou com a culpa de todos, e d'aqui vimos que já com o leite lhe davam a beber este grandioso pensamento, cuja má e imprudente execução só temos a lamentar. A vida de D. Sebastião, escripta com a imparcialidade necessaria, parece-me que está ainda por fazer.

Encerra esta egloga bellezas de primeira ordem; é maravilhosa a oitava com que Umbrano responde a Frondelio, que manifestava receios que os mouros se apoderassem das nossas praças da Africa:

> Em quanto do seguro azambujeiro
> Nos pastores de Luso houver cajados,
> Com o valor antiguo, que primeiro
> Os fez no mundo tão assinalados,
> Não temas tu, Frondelio companheiro,
> Qu'em algum tempo sejão sobjugados,
> Nem que a cerviz indomita obedeça
> A outro jugo qualquer que se lhe off'reça.

Não omittirei aqui a anedocta que deu logar a estes versos tão energicos do nosso Poeta. Quando el-rei D. João I ganhou aos mouros a cidade de Ceuta, que

foi no anno de 1415, quiz deixar capitão para a defender. Posto o negocio em conselho, escusavam-se os fidalgos allegando differentes motivos; e chegando a noticia d'isto a D. Pedro de Menezes, filho de João Affonso Tello de Menezes, primeiro conde de Vianna, que andava jogando a choca, acertou que o cajado com que jogava era de azambugeiro, e largando o jogo, com aquelle mesmo veiu onde estava el-rei, e alcançando-o, galhardamente lhe disse: «Com este só me atrevo a defender esta praça contra todo o poder da Africa.» Gomes Eannes de Azurara na chronica do conde D. Pedro não conta este caso tão especificadamente, mas diz: «Mettendo-lhe (o rei) logo um pau na mão dizendo: «Que o tomasse em hora, que lhe desse Deus muita honra com victoria dos infieis».

Felizes tempos em que o espirito de cavalleiro estava tão incarnado entre os portuguezes. Esta epocha de D. João I é um lindo poema historico.

Umbrano convida Frondelio a que chore aquelle desastrado caso; e a pintura que faz da tristeza da natureza que afina o sentimento com as maguadas vozes de Frondelio, é bella. Frondelio rompe abruptamente revelando os agouros que precederam tão triste caso, e nos mais tristes versos narra o acontecimento. São de uma belleza inimitavel os versos em que pinta a prematura morte do mancebo; nunca a morte foi appelidada com epithetos mais convenientes:

> A noite sempiterna,
> Que tu tão cedo viste
> Cruel, acerba e triste,
> Sequer de tua idade não te dera
> Que lográras a fresca primavera?

Os seguintes versos em que Frondelio, o Poeta personificado no pastor, exprime a tristeza que experimenta pela morte do amigo, são mais expressivos:

> A frauta que soia
> Mover as altas arvores tangendo,
> Se me vai de tristeza enrouquecendo;
> Que tudo vejo triste neste monte:
> E tu tambem correndo
> Manas envolta e triste, ó clara fonte.

Como *enrouquece* o verso! diriamos que se destemperam os clarins que acompanham o guerreiro á ultima mansão dos mortos onde se quebram todas as espadas. Que lugubre e melancholica cadencia têem especialmente os dois ultimos versos!

A pintura do estado apaixonado de D. Antonio, o empallidecer do rosto, o quebrantamento do corpo, o embrenhar-se pelas espessuras, fallar aos penedos, recusar o trato dos amigos, dava claros indicios da paixão que o dominava, e é tudo descripto pelo Poeta com aquella verdade de quem experimentou os mesmos effeitos amorosos.

É vivo e expressivo o quadro de D. Antonio montado no fogoso cavallo, anhelando por derrubar aos seus pés os mouros. O Poeta, que conhecia pessoalmente aquelle galhardo mancebo de animo tão marcial, representa estar vendo-o n'aquella actitude guerreira:

> Parece-me, Tibnio, que te vejo,
> Por tingires a lança cobiçoso
> Naquelle infido sangue Mauritano,
> No Hispanico ginete bellicoso,
> Que ardendo tambem vinha no desejo
> De atropellar por terra ao Tingitano.

Que o estatuario copie, e tereis um grupo que faria honra a Canova, Thorwaldsen ou Pradier.

Representa-o qual o mancebo Euryalo, cercado de inimigos e vendendo cara a vida; como flor a quem a terra nega o mantimento

O collo inclina languido e cansado.

Este verso é de muita belleza. Não se conforma porém Faria e Sousa que o Poeta descreva um mancebo com as cores com que se pinta uma dama, postoque elle tivesse por guia outros engenhos maiores que elle commentador. Se attendermos a que D. Antonio era um mancebo a quem devia apenas apontar a barba, e que mais de uma vez se diz proverbialmente *era una flor*, para designar as qualidades de perfeição physicas ou moraes de um mancebo, acharemos ociosa a observação do commentador.

O infeliz e apaixonado mancebo, juntamente com a alma solta da congelada bôca o nome da sua Marfida, que elle tanto amou, por quem se deu aos exercicios bellicosos de Marte, e que agora ingrata tem posto o pensamento n'outra parte e não a obriga a pranto sempiterno a morte dura do amante. Tanta ingratidão por parte da dama para com o seu amigo, o revolta; exprobra-a e lança uma epiphonema contra a inconstancia feminina:

Que emfim, emfim, dest'arte
Se muda o feminino pensamento.

Termina esta primeira parte da egloga convidando os pastores a edificar ao amigo um tumulo adornado de flores, onde se grave um epitaphio que dê testemunho

Do mais gentil Esprito
Que tirárão do mundo Amor e Marte.

A segunda parte da egloga não é tão affectuosa como aquella em que deplora a morte do amigo; porém termina com uma elegia na lingua castelhana, em que a princeza D. Joanna, mulher do principe fallecido, pranteia a morte do marido, e é esta poesia cheia de sentimento e ternura.

A esta egloga se refere, alem do proprio Poeta, o seu amigo, poeta e camarada Fernão Alvares do Oriente n'estes versos:

D'esta mudança de que já cantárão
Frondelio lá no Tejo, e Umbrano outr'ora,
Quando do seu Tionio celebrárão
Exequias que inda entoa o Echo agora.

E glosando a estancia que começa:

Toda alegria grande e suntuosa, etc.

Na egloga II do livro I da sua *Lusitania Transformada:* no MS. de Luiz Franco vem com o titulo de *egloga funerea.*

Que grande variedade vão fazendo.

Que grandes variedades vão fazendo.
MS. de Luiz Franco.

Tão differentes são na qualidade.

Tão differentes vem na qualidade.
MS. de Luiz Franco.

Adornados andar vi os pastores.

Vi andar adornados os pastores.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

De quanto por o mundo se deseja.

De quanto pello mundo se deseja.
Edição de 1595.

De quanto polo mundo se deseja.
MS. de Luiz Franco.

As pastoras, emfim, vi tão formosas.

Emfim, vi as pastoras, tão fermosas.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que move os corações a grande espanto.

Que os corações move a hum grande espanto
MS. de Luiz Franco.

E o gado, inda que a herva lhe fallece,
Mais que da falta della se emmagrece.

E o gado, em ver que a herva lhe falece,
Mais que de a não comer nos emmagrece.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ao suave verão o duro inverno.

Ao verão suave, o duro inverno.
Edição de 1595.

E ao verão suave, o duro inverno.
MS. de Luiz Franco.

E se ha cousa que saiba ter firmeza.

E se ha hi quem saiba ter firmeza.
Edição de 1595.

E se ha hi a que saiba ter firmeza.
MS. de Luiz Franco.

A porta abrindo vem ao triste estado.

Á porta vem bradando ao triste estado.
MS. de Luiz Franco.

Ah! não te engane algum contentamento.

Não te engane nenhum contentamento.
Edição de 1595.

Nem te engane nenhum contentamento.
MS. de Luiz Franco.

Não seja ora prodigio que declare.

E não seja prodigio que declare.
MS. de Luiz Franco.

Com o valor antiguo, que primeiro.

E o valor antigo que primeiro.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Não temas tu, Frondelio companheiro,
Qu'em algum tempo sejão sobjugados.

Não creas tu (Frondelio companheiro),
Qu'em nenhum tempo sejão sojugados.
Edição de 1595.

Que em nenhum tempo sejão sogigados.
MS. de Luiz Franco.

A outro jugo qualquer que se lhe off'reça.

A outro jugo algum que se offereça.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

De inimigos a torto e a direito.

Do imigo a torto e a direito.
Edição de 1595.

Do inimigo a torto e a direito.
MS. de Luiz Franco.

Não crêas tu que a fôrça repugnante.

Não creas tu que a força repunhante.
MS. de Luiz Franco.

Adonde bebe o Hydaspe tẽe sujeito.

Até onde bebe o Hydaspe tem sugeito.
Edição de 1595.

Até quem bebe o Hydaspe tem sugeito.
MS. de Luiz Franco.

Hum freio lhe está pondo e lei terribil.

Hum freio lhe está pondo a lei terribel.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que os limites não passe do possibil.

Que os lemites não passe do possibel.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E se attentares bem os grandes danos.

E se attentas bem os grandes danos.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que te está figurando a ousadia.

Que te está afigurando a ousadia.
Edição de 1595.

E não sómente os cães, mas os pastores.

E não sómente os cães, mas aos pastores.
MS. de Luiz Franco.

Pois o grande curral, seguro e forte.

E o grande curral, seguro e forte.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco

Oh triste caso! oh desastrada sorte.

Ó caso desastrado! ó dura sorte.
Edição de 1595.

Ó caso desastrado e dura sorte!
MS. de Luiz Franco.

O meu Tionio, ainda em flôr cortado.

Tionio meu ainda em flor cortado.
MS. de Luiz Franco.

Em lagrimas me banha rosto e peito.

De lagrimas me banha rosto e peito.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Desse caso terrivel a memoria.

Desse caso terribel a memoria.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Nem de juvenil sangue o fero Marte.

Nem do juvenil sangue o fero Marte.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

(Já qu'esta triste morte me lembraste).

Já que a triste morte me lembraste.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Canta-me desse caso desastrado.

Cantares desse caso desastrado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Como queres renove ao pensamento.

Como quer que renove ao pensamento.
Edição de 1595.

Como queres que renove ao pensamento.
MS. de Luiz Franco.

Mas, pois te move tanto o sentimento.

Mas pois tambem te move o sentimento.
Edição de 1595.

Mas pois tambem te toca o sentimento.
MS. de Luiz Franco.

Se a dôr me não congela a voz no peito.

Se a dor não me empedir a voz no peito.
Edição de 1595.

Se a dor me não impedir a voz no peito.
MS. de Luiz Franco.

Canta agora, pastor, que o gado pace
Entre as humidas hervas socegado.

Canta, pastor, que agora o gado pasce
Antre as humidas hervas socegado.
MS. de Luiz Franco.

Co'os seus olhos no chão, a mão na face.

Com seus olhos no chão, a mão na face.
Edição de 1595.

E com silencio triste estão as Nymphas.

E em silencio triste estão as Nymphas.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Dos olhos destillando claras lymphas.

Dos olhos estillando claras lymphas.
Edição de 1595.

Dos olhos espalhando claras linfas.
MS. de Luiz Franco.

Está suavemente presentando.

Está suavemente apresentando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Com susurro agradavel vão voando.

Com hum brando susurro vão voando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

As candidas, pacificas ovelhas.

As mansas e pacificas abelhas.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco

Das hervas esquecidas, inclinando.

De comer esquecidas incrinando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

O vento d'entre as arvores respira.

O vento d'antre as arvores respira.
Edição de 1595.

O vento d'antre as arvores aspira.
MS. de Luiz Franco.

Nas sombras a ave garrula suspira.

As sombras a ave garrula suspira.
MS. de Luiz Franco.

Sua mágoa espalhando ao vento frio.

Suas magoas espalhando ao vento frio.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ao mais saudoso canto te convida.

Ao saudoso canto te convida.

Edição de 1595.

E não se pendurárão dos salgueiros.

Não se dependurárão dos salgueiros.

Edição de 1595 e MS. do Luiz Franco.

E as arvores que ja desamparaste.

E as arvores que tu ja desemparaste.

Edição de 1595.

E as arvores que tu desemparaste.

MS. de Luiz Franco.

A noite sempiterna.

E a noite sempiterna.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Não usára comnosco tal crueza.

Não usara comnosco tal aspereza.

MS. de Luiz Franco.

Tudo, qual vês, he cheio de tristura.

Tudo, como vês, he cheo de tristura.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Como em geral sentença vão dizendo.

Como geral sentença vão dizendo.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Porqu'elle, emfim, dest'arte.

Porque assy d'est'arte.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E no rosto, que Amor com phantasia.

No rosto que o amor e fantesia.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Da pallida viola lhe tingia.

De pallida viola lhe tingia.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Exercicios do falso pensamento.

E exercicios do falso pensamento.

Edição de 1595.

Ja por as solitarias espessuras.

E pelas solitarias espessuras.

Edição de 1595.

Em longo esquecimento.

N'hum longo esquecimento.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

A causa da tristeza que mostrava.

A causa pera a pena que mostrava.
Edição de 1595.

Mas como este tormento o sinalou,

Mas como este tormento o assignalou.
MS. de Luiz Franco.

Entendendo-o ja bem o pae sisudo.

Entendendo mui bem do pai sisudo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Oh falso Marte rudo.

Mas ó falso Marte rudo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que donde o generoso.

Que aonde o generoso.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

No Hispanico ginete bellicoso.

No Hispano ginete bellicoso.
MS. de Luiz Franco.

Por as alvas espaldas, tinge a serra.

Pellas alvas espaldas tinge a serra.
Edição de 1595.

Tal te pinto, ó Tionio, dando o esprito.

Tal te pinto, Tionio, dando o espirito.
Edição de 1595.

Da congelada boca a alma pura.

Da boca congelada a alma pura.
Edição de 1595.

Quereis nas altas serras que se conte.

Quereis nas altas serras que se cante.
Edição de 1595.

Hum tumulo, de flóres adornado.

Hum tumulo de flores rodeado.
MS. de Luiz Franco.

Lendo na pedra dura o verso escrito.

Lendo na pedra dura hum verso escrito.
MS. de Luiz Franco.

Do mais gentil Esprito.

Do mais gentil Sprito.
MS. de Luiz Franco.

As areosas covas deste rio.

As arenosas covas deste rio.
MS. de Luiz Franco.

Do largo mar o antiguo senhorio.

Do largo Ceo o antigo senhorio.
MS. de Luiz Franco.

Que tão ledas aos olhos se presentão.

Que tão ledos aos olhos se apresentão.
Edição de 1595.

Levemos por o pé desta serra alta.

Levemos pello pé desta serra alta.
Edição de 1595.

Porque, se eu por acêrto não me engano.

Que se eu por acerto não me engano.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

De lá me sóa hum eco nas orelhas.

Daqui me soa hum eco nas orelhas.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E, se em contrário tu não m'aconselhas.

E se tu neste caso me aconselhas.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Eu quero descobrir que cousa seja.

Eu quero ver daqui que cousa seja.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Comtigo vou, que quanto mais me chego.

Comtigo vou que mais m'achego.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que, do canto vencido, lhe obedece.

Que do seu canto vencido lhe obdece.
MS. de Luiz Franco.

Espera, assi, dar-te-hei de pé, se queres.

Espera asi dart'ei de pé, se queres.
Edição de 1595.

E despois que subido lá 'stiveres.

E depois que subido ja estiveres.
MS. de Luiz Franco.

Mas primeiro me dize, se o puderes.

Mas primeiro me dize, se poderes.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Está perlas dos olhos destillando.

Está dos olhos perlas destilando.
MS. de Luiz Franco.

Humas, regando as humidas arêas.

Hũa, regando as humidas areas.
Edição de 1595.

Huma, que d'entre as outras se apartou.

Huma que dantre as outras se apartou.
Edição de 1595.

Este penhor charissimo ficou.

Qu'este penhor charissimo ficou.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Douro, Mondego, Tejo e Guadiana.

Douro, Mondego, Tejo, Guadiana.
MS. de Luiz Franco.

Até o remoto mar da Taprobana.

Té o remoto mar da Taprobana.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

O Tejo, agora claro e crystallino.

Qu'o Tejo, agora claro e cristallino.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Mas que, a ser conservado do Destino.

Mas se for conservado do destino.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

As benignas estrellas promettendo.

Que as estrellas benignas promettendo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Este prodigio grande a Nympha bella.

Este prodigio grande a ninfa bella.
MS. de Luiz Franco.

Porém, qual a eclipsada clara estrella.

Mas, qual a eclipsada e clara estrella.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Dá cá, Frondelio, a mão; e sobe a ver.

Dá tu cá a mão (Frondelio); e sobe a ver.
MS. de Luiz Franco.

Áquella deosa bella e delicada.

De aquella Deosa bella e delicada.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Danubio enfreia, manda o claro Ibero.

Danubio enfrea, e manda o claro Ibero.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Morreo-nos o excellente e poderoso.

Morreo-lhe o excellente e poderoso.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Doce Aonio, d'Aonia charo Esposo.

Doce Aonio, d'Aonia doce Esposo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Mas o som peregrino e piedoso.

Mas o som peregrino e piadoso.
MS. de Luiz Franco.

Ni dejará, por mas que el tiempo huya.

Ni dexaran, por mas que el tiempo huya.
MS. de Luiz Franco.

Agora te posuya Citherea.

Aora te posuya Schyterea.
Edição de 1595.

Aora te possuya Citherea.
MS. de Luiz Franco.

En el tercero asiento, ó porque amaste.

En su tercero assiento, o porque amante.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Agora el sol te admire, si miraste.

Aora el sol te admire, se miraste.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Verás una, que á ti con triste lloro.

Y verás una, que a ti con triste lhano.
MS. de Luiz Franco.

EGLOGA II

Interlocutores: — *Almeno e Agrario.*

Esta egloga parece ser escripta quando o Poeta estava deportado no Ribatejo, como se vê da sua descripção:

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
N'hum valle d'altas arvores sombrio, etc.

O Tejo com som grave
Corria mais medonho que suave, etc.

De tanta voz o accento temeroso
Na outra parte do rio retumbava, etc.

Do frio e doce Tejo
As aguas se tornárão
Ardentes e salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturárão.

Por estas e outras citações se vê que o Poeta escrevia esta composição nas margens do Tejo, onde elle se estreita e as aguas correm doces; á similhança das lagrimas misturadas com o rio, com o Hepanis e Exampêo, dá a entender que tinha presente o Zezere misturando-se com o Tejo.

N'estes versos parece o Poeta alludir aos amores do paço:

Callar-me-hei sómente;
Que o meu mal nem ouvir se me consente.

Almeno (que aqui representa o Poeta) no maior delirio de amor fallando com o seu pensamento, indica a impossibilidade ou antes prohibição de ir onde elle vae:

Não poderei eu hir onde tu vas?
Porém, pois ir não posso onde tu fores
Quando fores, não tornes onde estás.

Agrario descreve a situação delirante e apaixonada de Almeno, a quem pretende consolar:

Ó que triste successo foi de amores,
O que a este pastor aconteceo,
Segundo ouvi contar a outros pastores.

E o Poeta parece descrever, nos seguintes versos, as varias phases dos seus amores:

Amor não será amor, se não vier
Com doudices, deshonras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer e desprazer,
Perigos, linguas más, murmurações,
Ciumes, arruidos, competencias,
Temores, nojos, mortes, perdições.
....

Mas isto têe o amor, que não se escreve
Senão donde he illicito e custoso;
E donde he mais o risco, mais se atreve, etc.

Em seguimento especifica o perigo de se elevar a altos amores, exemplificando com o que aconteceu a Troia, por causa do roubo de Helena feito por Paris, e torna o Poeta a repetir a expressão de illicito:

Illicito desejo e pensamento, etc.

Novamente declara que foi privado da vista da sua amada:

Des-que perdi da vista o claro lume
E perdi a esperança e causa della, etc.

O Poeta nos seus primeiros annos andava isento de amores, e ria-se de quem por elles se perdia; vendo n'este tempo de sua tenra idade

Muitas Nynfas do Rio e da Montanha.

que se lhe affeiçoavam, as trazia enganadas com palavras mimosas e forjadas; mas tudo pagou ficando captivo da sua dama.

A esta isenção dava logar a idade e o seu merecimento, como declara:

Nenhum pastor cantando me vencia,
A barba então nas faces me apontava;
Na luta, na carreira, em qualquer manha
Sempre a palma entre todos alcançava.

Diz-lhe Agracio, que sabe d'este seu caso, o principio e o fim que Nemoroso, amigo do Poeta (sem duvida) lh'o tem contado, e intenta consola-lo. Rejeita Almeno (o Poeta) a consolação do amigo, protestando-lhe que para onde quer que seja desterrado, proseguirá firme nos seus amores.

Ou sendo para as Ursas degradado
Adonde Boreas tem o Occeano
Co'os frios Hyperboreos congelado;
Ou donde o filho de Climene insano
Mudando a côr das gentes totalmente
As terras apartou do trato humano, etc.

Pede comtudo a Agrario, como grande favor e obsequio, que quando vir a sua querida pela montanha

Com os vivos espiritos inflamando
O ar, o monte e a serra que comsigo
Continuamente leva namorada,

lhe diga que

Não ha no mundo vicio sem castigo,

e lhe aponte o exemplo de Anaxarete tornada em marmore, em castigo da morte de Iphis, seu amante, a que deu causa com os seus rigores. Mais de uma vez o Poeta allude nas suas poesias a esta fabula.

Diz Faria e Sousa no seu commentario a esta egloga, que, se a primeira é a princeza das eglogas, desejava que esta o fosse tambem; porém vistoque Camões deu sentença em causa propria, julgando-a melhor de todas, a primeira seja esta, a segunda a infanta, postoque sem segunda.

Encarece o commentador, e com rasão, a belleza da introducção; e na verdade, principalmente o ramo que começa:

A noite escura dava,

é de uma belleza inimitavel.

Co'huns ramos carregados.

C'huns ramos carregados.

Edição de 1595.

Qu'inda a noite fazião mais escura.

Que a noite faziam mais escura.

Edição de 1595.

Que a noite fazia mais escura.

MS. de Luiz Franco.

Offrecia a espessura.

Mostrava a espessura.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

N'hum charco de agua negra, e ajudavão.

N'hum charco d'agoa negra, e ajudavão.

Edição de 1595.

Com que as ondas crescião outro tanto.

Com que crescião as ondas outro tanto.

Edição de 1595.

Ao sonoroso pranto.

C'o cansado pranto.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que as aguas enfreava.

Que as aguas refreava.

MS. de Luiz Franco.

De tanta voz o accento temeroso.

Da mansa voz o acento temeroso.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ou a causa qu'a ordena.

Ou quem m'a causa ordena.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Quer qu'em pago da dor tome o soffrella.

Quer por paga de dor tome soffrella.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Causou tal esquivança.

Causou tanta esquivança.

MS. de Luiz Franco.

Pois sómente nasci.

Que para isso nasci.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Pois aqui tẽe hum'alma ao jugo atada.

Que aqui tem uma alma ao jugo atada.

Edição de 1595.

Que aqui tem sempre hum'alma ao jugo atada.

MS. de Luiz Franco.

Tu mesma (ó bella Nympha) te fizeste.

Tu mesma (bella nympha) te fizeste.

Edição de 1595.

Tu mesma ninfa bella te fizeste.

MS. de Luiz Franco.

Tão dura condição, se te formaste.

Tão crua condição se te formaste.

MS. de Luiz Franco.

Me he penoso e duro.

Me he pesado e duro.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Pasmo, porque conheço.

Pasmo, quando conheço.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Qu'inda comigo proprio me pareço.

Que inda comigo mesmo me pareço.

MS. de Luiz Franco.

São n'alma os meus cuidados.

São n'alma meus cuidados.

Edição de 1595.

As flores, que no campo sempre vejo.

E as flores que no campo sempre vejo.

Edição de 1595.

Do frio e doce Tejo
As aguas se tornárão.

As aguas frias do Tejo
De doces se tornárão.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Hyppanis co'o Exampêo sua agua pura.

Hypanis co'o Exampêo n'agua pura.

Edição de 1595.

Com o Exam e Hinopis a agua pura.

MS. de Luiz Franco.

Visivelmente errado.

Qu'estou imaginando.

Que estou afigurando.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Qu'este phantasiar, donde penando.

Que este phantasiar que imaginando.

Edição de 1595.

Que este pensamento que imaginando.

MS. de Luiz Franco.

Descobre o negro manto.

Descobre o triste manto.

MS. de Luiz Franco.

Da sombra, que as montanhas encobria.

Das sombras, que as montanhas encobria.

MS. de Luiz Franco.

Pois meu escuro canto.

Que meu cansado canto.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Esse pastor, que lá só vem fallando.

Este pastor, que lá só vem fallando.

Edição de 1595.

As Nymphas, espalhando seus cabellos.

As nuvens e espalhando teus cabellos.

MS. de Luiz Franco.

Formosa a espessura e a clara fonte.

Fermosa a espessura, e fresca a fonte.

Edição de 1595.

Fermosa a espessura e a fresca fonte.

MS. de Luiz Franco.

Mostrando em hum momento o róxo dia.

Mostrando n'hum momento o roxo dia.

Edição de 1595.

Que matiza em hum'hora, de mil cores.

Que matizas nũa ora de mil cores.

MS. de Luiz Franco.

Quão grande saudade tenho agora.

Quamanha saudade tenho agora.

Edição de 1595.

Quamanha vontade tenho agora.

MS. de Luiz Franco.

Quando em hum só querer nos igualava.

Então n'um só querer nos igualava.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Porque quando hum amava a quem queria.

Porque quando hum chamava a quem queria.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Logo eco respondia d'affeição.

O echo respondia da affecção.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Mostrava a flava Ceres por as eiras.

Mostrava a flava Ceres pelas eiras.

Edição de 1595.

Hião Zéphyro e Flora passeando.

Zefyro e a fresca Flora passeando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Nas fontes cristallinas triste estava.

Nas aguas cristalinas triste estava.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Mas Eco, namorada de tal gesto.

Mas echo namorado de seu gesto.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Do purpureo jacintho; e o destroço.

O purpureo jacinto: e o destroço.
MS. de Luiz Franco.

De Adonis bello moço; morte féa.

De Adonis lindo moço, morte fea.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Hião Nymphas formosas por os prados.

Alli as Nymphas formosas pellos prados.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ordenadas das flores que colhião.

Que fazião das flores que colhião.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

As Nymphas lhe fugião espantadas.

As Nympbas lhe fugião amedrontadas.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

As faldas levantadas per os montes.

As arvores alçadas pelos montes.
MS. de Luiz Franco.

Via-se a agua das fontes espalhar-se.

A fresca agua das fontes espalhar-se.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Pomona, que trazia os doces fruitos.

E Pomona que trazia os doces frutos.
MS. da Luiz Franco.

Gaitas, que bem se ouvião, e cantando.

As gaitas que trazião e cantando.
Edição de 1595.

Cortou inda em agraço. Ah dura sorte.

Cortara inda em agraço. Ah dura sorte.
MS. de Luiz Franco.

De quantos vida tẽe jamais perdoas.

De quantos vida tem nunca perdoas.
MS. de Luiz Franco.

Oh perversa inconstancia e tão profana.

Ó estranha inconstancia e tão profana.
Edição de 1595.

Mas eu de que me queixo? ou eu que digo?

Mas eu de que me queixo? ou que digo.
Edição de 1595.

Dá-nos fructo colhido na sazão.

Dá-nos fruto escolhido na sazão.
MS. de Luiz Franco.

Do formoso verão; e no inverno.

Do formoso verão e do inverno.
MS. de Luiz Franco.

Do sol, a terra dura lhe dá alento.

Do sol da terra dura lhe dá o alento.
MS. de Luiz Franco.

Nem aguas desejava, nem quentura.

Nem chuvas desejava, nem quentura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Fosse do Ceo lançado, onde vivia.

Fosse do ceo deitado donde vivia.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Nos veio, emfim, trazendo a este estado.

Nos veio assi trazendo a este estado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ao Tejo claro e brando; porque achar.

Ao manso Tejo e claro porque achar.
Edição de 1595.

Vou-me a elle chegando, só por ver.

Para elle vou chegando só por ver.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Oh doce pensamento! oh doce gloria!

Ó doce sentimento e doce gloria.
MS. de Luiz Franco.

Como a mi de mi mesmo só com vellos.

E a mi de mi mesmo só com vellos.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E de que toma lux o dia em vellos.
MS. de Luiz Franco.

Qu'eu nestes braços tenho, e não o creio.

Que eu nos braços tenho e não no creo.
Edição de 1595.

Ah falso pensamento, que me enganas.

Ó falso pensamento que m'enganas.
MS. de Luiz Franco.

Com palavras de doudo, ou quasi insanas.

Com palavras de doudo e quasi insanas.
Edição de 1595.

Com palavras de hereje e quasi insanas.
MS. de Luiz Franco.

Como a alçar-te tão alto assi me atrevo.

Como alçar-te tão alto assi me atrevo.
Edição de 1595.

Como tão alto alçar-te assi me atrevo.
MS. de Luiz Franco.

Quando fores, não tornes onde estás.

Quando fores não tornes donde estás.
Edição de 1595.

Tanto emfim, por seu damno se perdeo.

Que tanto por seu dano se perdeo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que póde em outra cousa estar mudando.

Que póde n'outra cousa estar mudando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

A fórma, a vida, o siso, o entendimento.

A forma, a condição, o entendimento.
MS. de Luiz Franco.

De si a propria essencia transportando.

De si sua propria essencia transportando.
MS. de Luiz Franco.

Que tẽe ja da phantastica pastora.

Que tem ja da falsifica pastora.
MS. de Luiz Franco.

Em este doce engano estava agora.

E n'este doce engano estava agora.
MS. de Luiz Franco.

Fallando como em sonho, mas achando
Ser vento o que sonhava, grita e chora
Dest'arte andavão sonhos enganando.

Fallando como em sonhos, mas achando
Ser vento o que cuidava, grita e chora.
D'est'arte andava o sono enganando.

MS. de Luiz Franco.

O vão pae dos Centauros enganava.

O vão pai do centauro contentava.

MS. de Luiz Franco.

Como este, que comsigo só fallava,
Cuidando que fallava, de enleado.

Como a este, que comsigo só fallava,
Cuidando que fallava, de enlevado.

Edição de 1595.

Com quem lhe o pensamento figurava.

Com quem lhe o pensamento afigurava.

MS. de Luiz Franco.

Este amor em doudice transformado.

O amor em doudice transformado.

Edição de 1595.

Amor não será amor, se não vier.

Não amor, amor, se não vier.

Edição de 1595.

O Amor não he amor se não vier.

MS. de Luiz Franco.

Temores, nojos, mortes, perdições.

Temores, mortes, nojos, perdiçoens.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Estas são verdadeiras penitencias.

Estas são verdadeiras experiencias.

Edição de 1595.

Estas são as verdadeiras penitencias.

MS. de Luiz Franco.

Mas isto tẽe o amor, que não se escreve.

Mas isto tem amor que não se escreve.

MS. de Luiz Franco.

E donde he mais o risco, mais se atreve.

E onde he mor o perigo, mais se atreve.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Passava o tempo alegre e deleitoso.

Passava alegre tempo deleitoso.

Edição de 1595.

Os álamos crescião, e crescia
O amor qu'elle te tinha: sem perigo.

Crescião os altos álamos e crescia.
O amor que te tinha: sem perigo.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E sem temor, contente te servia.

E sem rumor contente te servia.

MS. de Luiz Franco.

Com mortes de parentes e de irmãos.

Com morte de parentes e de irmãos.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que gastão na doçura d'hum cuidado
Apoz huma esperança muitos anos.

Gastando na doçura d'hum cuidado
Apos hum'esperança tantos anos.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Por hum só volver d'olhos todo o gado.

Por hum só mover d'olhos todo o gado.

Edição de 1595.

Em todo povoado e companhia.

E em todo o povoado e companhia.

Edição de 1595.

Sendo ausentes de si, se vem presentes.

Sendo auzentes de si estão presentes.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Como quem lhes pinta sempre a phantasia.

Como quem lhe pinta sempre a fantasia.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Co'hum certo não sei que andão contentes.

C'o hum certo não sei que, estão contentes.

MS. de Luiz Franco.

E qu'outr'hora nenhuma alegre esteja.

E outr'hora nenhũa alegre esteja.

Edição de 1595.

Sua inimiga estar triumphando veja.

Sua imiga estar triumphando veja.

Edição de 1595.

Que agora estava aos olhos debuxando.

Qu'agora estava os olhos debuxando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Nesta imaginação estás gastando
O tempo e vida, Almeno? Perda grande.

Nessa imaginação estás gastando
O tempo e a vida Almeno? ó perda grande.
Edição de 1595.

O tempo e a vida, Almeno? Ah! perda.
MS. de Luiz Franco.

Por mais qu'o tempo corra, a morte o mande.

Por mais qu'o tempo corra, e a morte o mande.
Edição de 1595.

Almeno meu, não he por certo aviso
He só doudice grande, grande engano.

Almeno irmão, não he por certo aviso
Mas mui grande doudice, e grande engano.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ó Agrario meu, que vendo o doce riso.

Ó Agrario, que vendo o doce riso.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E não entendo desque sou captivo.

E não entendo des que fui cattivo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Jamais pude co'o fado ter cautella
Nem houve nunca em mi contentamento
Que não fosse trocado em dura estrella.

Assim foi emendado este terceto, no MS. dos *Commentarios* de Faria e Sousa que o editor submetteu ao tribunal para impressão das poesias commentadas, bem como tambem foram riscadas algumas observações que o commentador fazia nos mesmos commentarios: as questões theologicas de que tanto abundaram os dois seculos, tanto aquelle em que viveu o Poeta como o commentador, davam logar a esta nimia, e hoje escusada severidade, aindaque houvesse censura, porque as idéas religiosas, postoque pareça levantar-se grande tormenta, estão fixas para os que acreditam e sujeitam sua opinião á auctoridade da Igreja, e só olham nos novos ataques apenas a repetição de erros antigos que já o tempo dissipou. Mas voltando ao terceto, como se lia no MS. era por esta fórma:

Não se póde com o fado ter cautella
Nem póde haver nenhum contentamento
Que não seja trocado em dura estrella.

E no manuscripto de Luiz Franco, por este modo:

Não se póde com o fado ter cautella,
Nem póde nenhum grande contentamento
Fugir do que lhe ordena sua estrella.

N'esta ultima lição a idéa do fatalismo estava mais pronunciada. Em poesia, as mais das vezes, a linguagem é figurada e fingida, e as asserções dos poetas não se devem ter sempre como sentenças e axiomas; por exemplo, qual é o poeta que não morre de amores; porém lá vão comendo e bebendo, e de ordinario as viandas mais appetitosas e os vinhos mais generosos.

Que bem livre vivia e bem isento.

Que eu bem livre vivia e bem isento.
MS. de Luiz Franco.

Sem qu'ao jugo me visse submetido.

Sem nunca ser ao jugo sometido.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Lembra-me, amigo Agrario, que o sentido.

Lembra-me, Agrario amigo, que o sentido.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Na luta, na carreira, em qualquer manha.

Na luta, no correr, em qualquer manha.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Mas não querendo Amor, que deste geito.

Nem consentindo Amor, que deste geito.
MS. de Luiz Franco.

Em quem elle criou tão puro affeito.

Em quem elle criou tão puro effeito.
Edição de 1595.

Toda esta injúria agora está vingando.

Tod'esta injuria agora está pagando.
Edição de 1595.

Mas (quero-te dizer) se este enganoso
Amor he tão usado a desconcertos.

Mas quero-te dizer se o enganoso
Amor é costumado a desconcertos
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que nunca amando fez pastor ditoso.

E nunca amando foi pastor ditoso.
MS. de Luiz Franco.

Te chórão valles, montes e desertos.

Te chórão as montanhas e dezertos.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

A grã Sicilia em fogo, o Nilo em ágoa.

O monte Ethna em fogo, e o Nilo em água.
MS. de Luiz Franco.

Gostar as verdes hervas, se emmagrecem.

Gostar as verdes hervas, emmagrecem.
MS. de Luiz Franco.

Em te vendo, parece, se entristecem.

Em te vendo, parece, que entristecem.
Edição de 1595.

De todos teus amigos e parentes.

Todos os teus amigos e parentes.
Edição de 1595.

Deixando a choça e gado vás fugindo.

Deixando a casa e gado, vás fugindo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Se fazião de lagrimas hum vaso.

O fazião de lagrimas hum vaso.
Edição de 1595.

O intonso Apollo o vinha alli culpando.

Vinha o intonso Apollo ali culpando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Por as Alpinas neves vai seguindo.

Polas Alpinas neves vai seguindo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Outro bem, outro amor, outro desejo.

Outro amor, outro bem, outro desejo.
Edição de 1595.

Como inimiga, emfim, de ti fugindo.

Como imiga, emfim, de ti fugindo.
MS. de Luiz Franco.

Por caso de fortuna desastrado.

Por caso da fortuna desastrado.
Edição de 1595.

Algum'hora deixar de ser captivo.

N'algum tempo deixar de ser cativo.
MS. de Luiz Franco.

Adonde Boreas tẽe o Occeano.

Onde o Bootes tem ao Occeano.
MS. de Luiz Franco.

Ou donde o filho de Climene insano.

Ou onde o filho de Climene insano.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ou se ja por qualquer outro accidente.

Ou se por qualquer outro accidente.
Edição de 1595.

Ou se por outro qualquer accidente.
MS. de Luiz Franco.

Tornando para traz, irá negando.

Tornando por de traz irá negando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

As cabras por o mar irão buscando
Seu pasto; e andar-se-hão por a espessura.

As feras pelo mar irão buscando.
Seu pasto; e andar-se-hão polla espessura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Deste amor tenho a fé, para qu'insistes.

Tenho esta fé, e amor porque insistes.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Se de tua porfia não desistes.

Se tu dessa porfia não desistes.
MS. de Luiz Franco.

Que s'esta fera, qu'anda em traje humano.

Que se esta fera, que anda em trage humano.
Edição de 1595.

Por a montanha vires ir vagando.

Vires pola montanha andar vagando.
MS. de Luiz Franco.

Com os vivos espritos inflammando.

Com os espiritos vivos inflamando.
Edição de 1595.

Nódoa tão feia em gesto tão formoso.

Dano tão feio em gesto tão formoso.
MS. de Luiz Franco.

Por algum dia ver-te descansado.

Por te ver alguma ora descansado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Tu nessa phantasia falsa e nua.

Tu nessa fantasia falsa tua.
Edição de 1595.

Não queres companhia mais que a sua.

Não queres companhia senão a sua.
Edição de 1595.

Vou-me d'aqui, e fique Deos comtigo.
Vou-me de ti, e fique Deus comtigo.
MS. de Luiz Franco.

Elle comtigo vá, como comigo
Me fica acompanhando o meu cuidado.

Esse comtigo vá, porque comigo
Abastame que fique meu cuidado.
MS. de Luiz Franco.

EGLOGA III

Interlocutores:—*Almeno e Beliza.*

Na edição de 1595 vem com este titulo: «*De Almeno e Beliza continuando com a antecedente.*» Parece ter relação esta egloga com uma entrevista que teve logar ao voltar do degredo do Ribatejo, em que a dama manifestando-lhe o seu amor, comtudo persistiu em uma ruptura postoque forçada.

Passado já algum tempo que eram passados os amores de Almeno, divagava ella junto ás margens do Tejo, espalhando as suas maguas as quaes Almeno, que lh'as ouviu, remette ás Tagides Camenas para as contar, que a dor e a pena lhe impede o canto. Começa Beliza com uma descripção da tarde: descreve a saudosa historia dos seus amores, como tiveram começo

Fui salteada, em fim, d'hum pensamento,
Que hum movimento tinha casto e são,
Conversação foi fonte dest'engano, etc.

(Sobre esta conversação vide o soneto LXXXVII) como empregou este seu amor

Só n'hum pastor, que nunca sol nem lua,
Ou serra algũa, desde o Ibero ao Indo,
Outro tão lindo virão, tão manhoso, etc.

como este lhe tirou do peito isento

O pensamento honesto e repousado,
Ja dedicado ao côro de Diana, etc.

Mas quer esquecer tão doce historia, pois não convem maguar-se do que não póde emendar com maguas. Almeno que andava phantasiando em seus amores, ao enxergar Beliza dirige-se a ella:

Oh aspecto suave e peregrino!
Pois como? tão azinha assi se esquece
Huma fé verdadeira, hum amor fino? etc.

Beliza ao julgar-se acommettida invoca as nymphas suas companheiras que lhe valham n'este aperto, e a transformem antes em pedra ou arvore do que soffra a sua honra.

Pede Almeno que não mude a figura, e ás nymphas que não ouçam o seu rogo, porquanto não dará logar a uma tão dura resolução.

Queixa-se Beliza de uma aspera porfia, causa de terem fim estes amores, e da loucura e pouca discrição com que foi amada:

Não és tu de saber tão falto e rudo,
Que tão sem siso amasses, como amaste, etc.

Onde viste tu, Nympha, amor sesudo?

lhe torna Almeno, e lhe traz á lembrança o tempo em que lia gostosa os seus escriptos e se aventurava, com risco seu, para o ouvir.

E como te não lembras do perigo,
A que só por m'ouvir t'aventuravas,
Buscando horas de sesta, horas d'abrigo?

Desculpa-se Almeno da culpa que Beliza lhe carrega, dizendo que procedeu dos invejosos, e que não é justo que elle pague a culpa alheia.

Se más tentações puzerão nodoa fêa
Em nosso firme amor, d'inveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alhêa? etc.

Beliza, sendo accusada por Almeno de se esquecer do amor que lhe tinha, lhe responde (já começando a metamorphose) que se engana, que seus olhos magoados lhe dirão quanto o amou, que não foi falta de amor, mas o seu atrevimento, a causa de o ter deixado.

Mal conheces, Almeno, huma affeição;
Que s'eu desse amor tenho esquecimento,
Meus olhos magoados to dirão.
Mas teu sobejo e livre atrevimento,
E teu pouco segredo, descuidando,
Foi causa deste longo apartamento.
Vês as Nymphas do Tejo, que mudando
Me vão ja pouco a pouco, o claro gesto
N'outra mais dura fórma traspassando.
Hum só segredo meu te manifesto:
Que te quiz muito em quanto Deus queria;
Mas de pura affeição, d'amor honesto.
E pois de teus descuidos e ousadia
Nasceo tão dura e áspera mudança,
Folgo; que muitas vezes to dizia.

Em um manuscripto, que Faria e Sousa encontrou, vinham por esta fórma estes ultimos versos:

He verdade; mas ja tenho perdida
Essa affeição que em ti mal empreguei
E n'outra mais honesta convertida,
Amor casto, divino amor tomei,
Amor, a cujo amor está sugeito
Quanto vive; por este te deixei.

Esta variante parece dar a entender que a dama teve o pensamento de se encerrar na clausura, ou que sentimentos religiosos lhe fizeram abandonar estes amores.

Aô ver a transfiguração de Beliza, e tão duro apartamento, Almeno rompe em exclamações invocando a morte; pede ás feras da espessura fartem n'elle a sua sede, e aos pastores lhe cavem sepultura á sombra de um funebre cypreste.

e para que a todos seja manifesto que cousa seja amor puro e verdadeiro, escrevam n'uma rude cortiça pendurada no tronco de uma arvore este

EPITAPHIO

Almeno fui, pastor de manso gado,
Em quanto o consentio minha ventura,
De Nymphas e pastores celebrado.
Se algum dia, por caso, na espessura
Se perder o amor e a affeição,
Tirem a pedra desta sepultura,
E em figura de cinza os acharão.

Entr'huns verdes ulmeiros apartado.

Entr'huns verdes ulmeiros apartados.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Regando por o campo as brancas flores.

Regando pelo campo as brancas flores.
Edição de 1595.

Por quem o pastor triste endoudecia.

Por quem o triste Almeno endoudecia.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Por a praia do Tejo discorria.

Pella praia do Tejo discurria.
Edição de 1595.

O sol ja consentia.

Já o sol consentia.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ja acordado daquelle pensamento.

E acordado ja do pensamento.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que tão desacordado sempre o teve.

Que tão desacordado o sempre teve.
Edição de 1595.

E porque donde amor a mais se atreve.

E porque onde amor a mais se atreve.
Edição de 1595.

Alli mais enfraquece o entendimento.

Alli mais enfraquece o atrevimento.
MS. de Luiz Franco.

E tendo assi ja attonito o sentido.

E tendo assi attonito o sentido.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E tirou da fraqueza coração.

E tirou da fraqueza o coração.
Edição de 1595.

Comettimento foi desesperado.

Cometimento faz desesperação.
Edição de 1595.

Qu'eu, de mágoa, não posso dizer tanto.

Que, de magoa, não posso dizer tanto.
Edição de 1595.

Que, de mágoa, não posso escrever tanto.
MS. de Luiz Franco.

Me cansa a penna, e a dor m'impede o canto.

Me causa a pena, e a dor m'impide o canto.
MS. de Luiz Franco.

Quão saudosa faz esta espessura.

E quão saudosa faz esta espessura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

A formosura angelica e serena
Da tarde amena! Quão saudosamente.

A fermosura angelica e serena
Da tarde amena! e quão saudosamente.
Edição de 1595.

Os ceos se esmaltão todos d'ouro e verde.

No ar se esmaltão os ceos d'ouro e verde.
Edição de 1595.

Por a espessura levão, passeando.

Polla espessura levam, passeando.
Edição de 1595.

Formoso e honesto das pastoras qu'amão.

Fermoso e honesto dos pastores que amão.
Edição de 1595.

Por o ar derramão mil suspiros vãos.

Ao ar derramão mil sospiros vãos.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Hum louva as mãos, louva outro os raios bellos.

Hum louva as mãos, e outro os olhos bellos.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E a amorosa ave leva o contraponto.

A amorosa ave leva o contraponto.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Se não m'esquece, ja deste lugar.

Se não m'esquece, ja neste lugar.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ouvi soar os valles algum dia.

Ouvi soar nos valles algum dia.
Edição de 1595.

Pois se houve culpa, foi do firme amor.

Se ahi houve culpa, pola o firme amor.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Só, n'hum pastor, que nunca sol nem lũa
Ou serra algũa, desde o Ibero ao Indo
Outro tão lindo virão, tão manhoso.

Só n'hum pastor que nunca o sol nem lũa,
Ou serra algũa desd'o Ibero ao Indo.
Virão outro tão lindo, tão manhoso.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

N'est'alma minha tão secretamente.

Qua n'alma minha tão secretamente.
Edição de 1595.

Cá n'alma minha tão secretamente.
MS. de Luiz Franco.

Ond'eu mantinha os olhos do desejo.

Onde eu mantinha os olhos e o desejo.
Edição de 1595.

Pois descoberto vos foi tudo e claro.

Que descuberto vos foi tudo e claro.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Quão grande mal quereis á humana gente.

Camanho mal quereis á humana gente.
Edição de 1595.

E vós tão cedo me tirais hum bem,
Que Amor ja tem impresso n'alma minha.

E vós tão cedo me tirastes hum bem
Que Amor tem ja impresso n'alma minha.
MS. de Luiz Franco.

Mas ja a face alegre o sol esconde.

Mas ja que a face alegre o sol esconde.
MS. de Luiz Franco.

As sombras cahem; vão-se as alimarias,
Fartas das várias hervas, seu caminho.

As sombras caem e vão-se as alimarias,
Das ervas varias fartas, seu caminho.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Buscão seu ninho os passaros sem dono:
Ja por o sono esquecem o comer.

Buscando o ninho os passaros sem dono:
Já pelo sono esquecem o comer.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Quero esquecer tambem tão doce historia,
Pois he memoria que traz mór cuidado.

Quero esquecer tambem tão triste historia,
Pois he memoria que tras mais cuidado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que vão regando o valle matizado.

Que vão regando o campo matizado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Bem qu'eu verei mudar a opinião,
Pois homens são: a quem o esquecimento.

Inda qu'eu mudarei a opinião,
Qu'emfim homens são a que o esquecimento.
Edição de 1595.

Como ja m'enganou mil vezes, quando.

Como me ja enganou mil vezes, quando.
MS. de Luiz Franco.

Huma Nympha algum véo no claro Tejo,
Que se m'está Belisa figurando.

A huma Nympha hum véo no claro Tejo,
Que se m'está Beliza afigurando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que facilmente aos olhos se figura.

Que facilmente aos olhos s'affigura.
Edição de 1595.

Para acolá não tẽe caminho aberto.

Par'acolá não tem caminho aberto.
Edição de 1595.

Qu'a voz m'impede, e a lingua negligente.

Que a voz m'impide e a lingoa negligente.
Edição de 1595.

Assi m'está tornando, e o peito frio.

D'est'arte está tornando o peito frio.
Edição de 1595.

Tudo me falta quando estou presente.

Tudo me falta agora em estar presente.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Oh altas semideas! pois padece.

Ó sacras semideas! pois padece.
MS. de Luiz Franco.

Ou seja por vós, Nymphas, preservada.

Ou seja por vós, Nymphas, reservada.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Ou em arvore alguma, ou pedra dura
Me deixai velozmente transformada.

Ou n'algũa arvore alta, ou pedra dura
Seja por vós asinha transformada.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

De se mudar tão rara formosura.

De se mudar tamanha fermosura.
Edição de 1595.

Em se mudar tam rara fermosura.
MS. de Luiz Franco.

E a quem falta o despejo da ousadia.

E a quem fallece a lingoa e ousadia.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Se com amor o fazes, eu te digo.

Se com o amor o fazes, eu te digo.
Edição de 1595.

Porque ja não te lembra que folgaste.

Porque te não alembra que folgaste.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Com teus formosos olhos ja m'olhaste.

Com teus fermosos olhos me olhaste.
Edição de 1595.

Com teus olhos angelicos me olhaste.
MS. de Luiz Franco.

Como t'esquece ja (gentil pastora)!

Como te esquece a ti gentil pastora.
MS. de Luiz Franco.

Porqu'a memoria tão á pressa perdes.

Como tão prestes asi a memoria perdes.
Edição de 1595.

Como tão prestes a memoria perdes.
MS. de Luiz Franco.

Do amor que me mostravas, qu'eu não digo.

Do amor que mostravas, qu'eu não digo.
Edição de 1595.

E como te não lembras do perigo.

Porque te não alembras do perigo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Qu'a Venus, qu'a ganhou por formosura.

Que Venus, que a ganhou por formosura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E escondendo-te logo na 'spessura.

E escondendo-te antre a espessura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Não era esta a maçãa d'ouro formosa.

Não era esta a maçãa d'ouro fermosa.
Edição de 1595.

Com que encoberta assi d'astucia tanta.

Assim emendou a censura, porém no MS. de Luiz Franco e no que serviu para a impressão das obras do Poeta commentadas por Faria e Sousa, se lia:

Com que no Templo de Diana Santa.

Cydippe s'enganou por cubiçosa.

Cydippe s'enganou de cubiçosa.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que o firme amor com a alma eterna dura.

Que o firme amor co'a alma eterna dura.
Edição de 1595.

Meus olhos magoados to dirão.

Meus olhos magoados o dirão.
MS. de Luiz Franco.

Mas de pura affeição, d'amor honesto.

Mas de pura affeição e amor honesto.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E pois de teus descuidos e ousadia
Nasceo tão dura e áspera mudança.

E pois teu máo cuidado e ousadia
Causou tão dura e aspera mudança.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

De ver-me nunca mais, como ja viste.

Que mais me não verás como ja viste.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Assi s'ha d'ir tornando (ah sorte dura!)

Assi se hade ir tornando sem ter cura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Nesta sylvestre e áspera rudeza.

Nessa sylvestre e aspera rudeza.
Edição de 1595.

Dest'arte os teus cabellos se tornárão.

Dest'arte teus cabellos se tornarão.
Edição de 1595.

Consinta-me tambem que perca a vida.

Consente-me tambem que perca a vida.
MS. de Luiz Franco.

Pois se a fortuna sempre embravecida.

Que se a fortuna dura embravecida.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Em meu tormento tanto se desmede.

Tanto em meu tormento se desmede.
Edição de 1595.

Não viva mais hum'alma tão perdida.

Não viva máis pessoa tão perdida.
MS. de Luiz Franco.

Fartae ja de meu sangue vossa séde.

Ó fartae de meu sangue vossa sede.
MS. de Luiz Franco.

Á sombra deste funebre cypreste.

Ao pé de um funereo cypreste.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

As desusadas musicas de Orphéo
Aqui me cantareis; e desta sorte.

Com às desusadas musicas de Orpheo
Que me cantareis, e desta sorte.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Não haverei inveja ao mausoléo.

Não averei inveja ao Mausoleyo.
MS. de Luiz Franco.

E porqu'a minha cinza se conforte.

E porque minha cinza se conforte.
Edição de 1595.

As exequias direis de minha morte.

As exequias fareis de minha morte.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que pareça que vem dos olhos vivas.

Que paresção que vem dos olhos vivas.
Edição de 1595.

De redor do sepulchro os guardadores.

D'arredor do sepulchro os guardadores.
Edição de 1595.

Pois nada comerião de pezar.

Que não comerão nada de pezar.
MS. de Luiz Franco.

Dos que por aqui forem caminhando.

E para os que aqui forem caminhando.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

N'huma rude cortiça pendurado.

N'hũa ruda cortiça pendurado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

De Nymphas e pastores celebrado.

De Nymphas e pastoras celebrado.
Edição de 1595.

Se algum dia, por caso, na espessura.

Se algũa hora por dita na espessura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E em figura de cinza os acharão.

E em figura de cinza se acharão.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

EGLOGA IV

Interlocutores: — *Frondoso e Duriano.*

Na primeira edição traz este titulo: «*A huma Dama*». É dedicada a uma dama, provavelmente a sua amante; diz-lhe que se o favorecer não precisa da

fonte do Parnaso ou Helicon, nem das Musas, pois ella é a sua verdadeira Musa, e que póde fazer com que engrandeça em estylo heroico a fama portugueza:

Podeis fazer que cresça d'hora emhora
O nome Lusitano, e faça inveja
A Esmirna, que de Homero s'engrandece.
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na ruda frauta o que a sonora
Cithara Mantuana só merece, etc.

A mesma promessa faz á sua dama na ode VI:

Por vós levantarei não visto canto, etc.

Nas differentes edições a egloga V traz esta declaração: «Escripta pelo auctor na sua *puericia*, continuando com a passada». Sendo assim, o Poeta concebeu de mui verdes annos o pensamento do seu poema epico; porém eu persuado-me que foi escripta em idade mais madura, não só por que faz protestos á sua dama de a amar, apesar da sua ingratidão, em qualquer parte, para onde vá, o que inculca o pensamento de uma ausencia; mas porque se queixa da vida se lhe prolongar:

A vida, apezar meu, ja tão comprida.

O argumento d'esta egloga são queixas por o deixar por outro:

Fugiste d'hum amor tão conhecido,
Fugiste d'huma fé tão clara e firme;
E seguiste a quem nunca conheceste,
Não por fugir d'amor, mas por fugir-me;
Pois bem vês, quanto eu tinha merecido
Esse amor que tu a outro concedeste, etc.

E a outrem t'entregaste
Por nada me ficar em qu'esperasse, etc.

Termina dirigindo-se á mesma senhora da invocação:

Se aquillo, qu'eu pretendo
Deste trabalho haver, que he todo vosso,
Senhora, alcançar posso;
Não será muito haver tambem a gloria
E o louro da victoria,
Que Virgilio procura e haver pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vós se rende.

Esta egloga reputa Faria e Sousa ser a composição mais frouxa que achou em todas as *Rimas*, comtudo diz que n'ella encontrou algumas estancias dignas da sublimidade do seu mestre.

No reino Neptunino se escondia.

No reino de Neptuno se escondia.
Edição de 1595.

De idade cada qual era mancebo.

De idade cada hum era mancebo.
Edição de 1595.

Que o pretenda cantar sem vossa ajuda.

Que o ouse cantar sem vossa ajuda.

Edição de 1595.

Frauta deste favor vosso for dina.

Frauta deste amor vosso dina.

Edição de 1595.

Em vós tenho Calliope e Thalia;
E as outras sete irmãas, co'o fero Marte;
Em vós deixou Minerva sua valia;
Em vós estão os sonhos do Parnaso.

Em vós tenho Calliope, tenho Thalia;
E as outras sete irmãas, do fero Marte;
Em vós perde Minerva sua valia;
Em vós estão os sonhos do Parnaso.

Edição de 1595.

Com qualquer pouca parte.

Com a mais pequena parte.

Edição de 1595.

A cantar seus amores.

Tratar de seus amores.

Edição de 1595.

Por a mais fresca parte da verdura.

Polla mais fresca parte da verdura.

Edição de 1595.

Vinhão ja recolhendo o manso gado.

Vinha ja recolhendo o manso gado.

Edição de 1595.

Hum estava callado.

E um estando calado.

Edição de 1595.

E em quanto este fallava, aquelle ouvia.

E em quanto o outro fallava, o'outro ouvia.

Edição de 1595.

Alli as pedras perdião a dureza.

Alli as pedras perdião sua dureza.

Edição de 1595.

Sómente as que podião
Estes males curar, pois os causavão,
O ouvido lhes negavão.

E só as que podião
Estes males curar, que ellas causavão,
O ouvido lhe negavão.

Edição de 1595.

D'amor com tantos damnos não fazião,
Com ellas fallando inda, assi dizião.

De amor com tantos males não fazião,
Fallando inda com ellas lhes dizião.

Edição de 1595.

Quizesses que algum'hora te dissera,
Inda que, qual durissimo diamante,
Fóra o teu cruel peito endurecido.

Quizeras que algu'hora te dissera,
Ainda que, de duro diamante,
Fôra teu cruel peito endurecido.

Edição de 1595.

E fugitiva mais qu'a fonte pura.

E fugitiva mais que agoa pura.

Edição de 1595.

Avivar-me os espiritos cansados.

A avivar-me os espiritos cansados.

Edição de 1595.

Escurecião o ouro, a mi matavão.

O ouro escurecião, e a mi matavão.

Edição de 1595.

Qu'outro goze da gloria a mi devida.

Que goze outro a gloria a mi devida.

Edição de 1595.

Senão fosse esperar que morte dura
Me venha emfim a dar a saudade.

Se não he esperar que morte dura
Em fim me venha a dar tua saudade.

Edição de 1595.

Diz qu'em huma beldàde.

Diz que n'hũa beldade.

Edição de 1595.

Qu'hum tão constante amor desprezar queira.

Qu'hum tão firme amor desprezar queira.

Edição de 1595.

E fé tão verdadeira.

E huma fé verdadeira.

Edição de 1595.

Qu'a meu tormento só, só se devia.

Que só a meu tormento se devia.

Edição de 1595.

O bem que t'eu queria.

E o bem que te queria.

Edição de 1595.

Levaste-me o meu bem n'hum só momento.

Levaste-me meu bem n'hum só momento.

Edição de 1595.

Huma contínua dor, hum grão tormento.

Huma contínua dor, e hum tormento.

Edição de 1595.

Hum mal, de que não póde haver mudança.

Hum mal, em que não póde haver mudança.

Edição de 1595.

Dos males que, cruel, tu me causaste.

Dos males que me tu, cruel, causaste.

Edição de 1595.

Não te criaste, não, entre a rudeza.

Não foi tua creação entre a rudeza.

Edição de 1595.

No Ceo formada foi tal formosura.

No Ceo formada foi tua formosura.

Edição de 1595.

Pois, logo, essa dureza.

Esta tua dureza.

Edição de 1595.

De hum verdadeiro amor, que tu bem vias.

Hum verdadeiro amor, que tu bem vias.

Edição de 1595.

A fé, que conhecias.

Huma fé, que conhecias.

Edição de 1595.

Qu'a natureza irracional lh'ensina.

Que a bruta natureza lhe ensina.

Edição de 1595.

O rustico leão sem algum'arte,
Do natural instincto só ensinado,
Aonde sente amor, logo se inclina.

O rustico leão sem nenhũa arte,
Do instincto natural só ensinado,
Aonde sente amor, alli se inclina.

Edição de 1595.

Ah! porque te não corres
De que o leão te vença em piedade.

Ou porque te não corres
Que te vença o leão em piedade.

Edição de 1595.

D'huma cruel formosa creatura.

D'hũa cruel formosa creatura.

Edição de 1595.

E em teu peito celeste.

E em peito celeste.

Edição de 1595.

Abrolhos me parecem frescas flores.

Abrolhos pera mim são frescas flores.

Edição de 1595.

Faz que o mal cada hora vá dobrando.

Faz que o mal cad'hora vá dobrando.

Edição de 1595.

Ha de durar em ti tal pensamento.

Durará em ti hum tal avorrecimento.

Edição de 1595.

Pois bem vês, quanto eu tinha merecido
Esse amor que tu a outro concedeste.

Que bem vês, que tenho merecido
O amor que tu a outro concedeste.

Edição de 1595.

Alguma semrazão; que bem conheço.

Nenhuma semrazão; que bem conheço.

Edição de 1595.

Esse peito formoso e delicado.

O teu femenil peito delicado.

Edição de 1595.

Que s'esqueça hum tão aspero tormento.

Esquecer-lhe hum tão aspero tormento.

Edição de 1595.

Tu és hum só meu bem, huma só gloria.

Tu és hum só bem meu, huma só gloria.

Edição de 1595.

Olhos que virão tua formosura.

Olhos que virão ja tua formosura.

Edição de 1595.

Vontade, qu'em ti 'stava transformada;
Alma, qu'ess'alma tua em si só tinha.

Vontade, que em ti era transformada;
Huma alma que a tua em si só tinha.

Edição de 1595.

Alma co'o debil corpo está liada.

Alma c'o debil corpo está pegada.

Edição de 1595.

E que agora apartada.

E agora apartada.

Edição de 1595.

O triste corpo em ultima partida.

O triste corpo na ultima partida.

Edição de 1595.

Regendo em outro tempo o manso gado,
Tangendo a minha frauta nestes vales.

Regendo n'outro tempo o manso gado,
Tangendo minha frauta nestes valles.

Edição de 1595.

Que sinto ja por gloria a minha pena.

Que sinto ja por gloria minha pena.

Edição de 1595.

Pois os bens para ti todos nascêrão,
Nascêrão para mi todos os danos,
Logra tu tua gloria, eu meu tormento.

Pois para ti os bens todos nascêrão,
Tormentos para mi, males e danos,
Logra tu só teu bem, eu meu tormento.

Edição de 1595.

De quem tanto aborreces e desprezas.

De quem tu avorreces e desprezas.

Edição de 1595.

Cad'hora que sem ti, sem esperança.

Cada hora que sem ti, e sem esperança.

Edição de 1595.

A vida só me dá tua lembrança.

Sustenta-me esta vida tua lembrança.

Edição de 1595.

Padeço tal tormento.

Padesce tal tormento.

Edição de 1595.

Qu'esperará de ti quem te desama,
Ou quem ao menos te ama.

Qu'inda espere de ti quem te desame,
Ou ao menos te ame.

Edição de 1595.

Mas como poderás ser desprezada.

Mas como pódes tu ser desprezada.

Edição de 1595.

Póde abrandar dos montes a aspereza.

Abrandar póde montes e aspereza.

Edição de 1595.

Que fará a fraca gente.

Quanto mais fraca gente.

Edição de 1595.

Se ao humano parecer não se defende.

Que ao humano parecer não se defende.

Edição de 1595.

E hum mal, em que o mal todo, emfim, consiste.

E hum mal, em que todo o mal consiste.

Edição de 1595.

De ver o meu tormento.

De veres o meu tormento.

Edição de 1595.

Antes tudo, soberba, desprezaste.

Mas antes isto, tudo desprezaste.

Edição de 1595.

Por nada me ficar em qu'esperasse.

Por não me ficar nada em que esperasse.

Edição de 1595.

A vida, a pezar meu, ja tão comprida.

A vida, que a meu mal he tão comprida.

Edição de 1595.

Pois sem mim não estás hum só momento.

Que sem mim nunca estás hum só momento.

Edição de 1595.

Inda que a alma do corpo se m'aparte.

Inda que a alma do corpo se aparte.

Edição de 1595.

Poderá ja ausentar-te.

Poderá ausentar-te.

Edição de 1595.

Vem a dar vida, ou morte a quem te chama.

Vem a dar morte, ou vida a quem te chama.

Edição de 1595.

E o louro da victoria.

E o lauro da victoria.

Edição de 1595.

EGLOGA V

Em todas as edições antigas, menos na primeira, traz este titulo: «*Feita do Auctor na sua puericia*», titulo que trasladaram da edição de 1598. Faria e Sousa parece seguir a opinião de que fosse escripta na *puericia*, aindaque constantemente se admira que um rapaz apresentasse um tal alento poetico. *Mirese bien si hervia todo Apollo en el pecho de un rapaz que tal cosa pronunsiava*, exclama elle commentando este verso:

E voz de cisne tal qu'o mundo espante.

Na primeira edição vem por esta fórma: «*A Dom Antonio de Noronha. Continuando com a passada*». Isto é, a IV.

Eu sou porém de uma opinião contraria, isto é, estou persuadido que esta poesia foi escripta em idade mais adulta do Poeta, não só porque a egloga está repassada de uma certa côr de saudade que inculca ausencia, mas porque, pela estancia que começa por este verso:

Em quanto eu apparelho hum novo esprito,

verso que me parece uma imitação d'este de Ariosto

Che nominar con laude m'apparechio.

se vê que o Poeta começava a tratar do poema epico, e assim é verosimil que fosse talvez escripta já da India. É, como se vê do titulo da primeira edição, dedicada a D. Antonio de Noronha; não póde porém ser este o joven amigo do Poeta, fallecido em Ceuta, cuja morte, como já vimos, deu assumpto á primeira egloga, o que não só claramente revela o teor da dedicatoria, a qual pelo epitheto de *grão Senhor* e outros accessorios bem deixa ver que é dirigida a pessoa de outra idade, e mais gravidade e importancia para dar protecção, do que um mancebo de annos tão verdes; mas porque sendo escripta, como eu supponho, já da India lhe não podia escrever, salvo se fosse para o outro mundo.

Sendo o theatro das outras eglogas antecedentes o Tejo, n'esta não marca o local, e sómente a hora do dia em que começa; igualmente não declara o nome do *pastor* nem da *pastora* objecto das suas queixas.

Ao declinar da tarde o *pastor*, julgando não ser escutado, para dar algum allivio ao seu cuidado, queixa-se em sentidos versos da dureza da sua *pastora*, a qual, ausente, o deixou sepultado na mais escura tristeza, e, endurecida, despreza o seu amor; roga-lhe que se apresente aos seus olhos, e diz-lhe que se se aparta por não ouvir seus rogos, que se engana; porque em toda a parte a ha de importunar, e por mais que faça não poderá impedir que a ame não só n'esta vida, mas ainda na outra.

Hade m'ouvir por vós o mundo todo.

D'esta maneira de dizer: *Hade-me*, tira Faria e Sousa a inducção que o Poeta era natural de Lisboa (o que hoje não padece duvida) e não de Coimbra ou Santarem, pois só os lisbonenses usam d'esta locução viciosa, em logar de *Ha-me de*.

Quando grita e rumor grande se sente, etc.

Esta estancia imitou, ou quasi trasladou o nosso Poeta da do Serafino:

Dove si sente qualche gran romore,
O ver s'accende foco in casa, o torre,
Per vera compassion, per gran dolore,
Gridando al foco ogn'un con acqua corre:
E costei che m'accese il petto, e il core
Sempre con maggior foco mi socorre.

É notavel que o celebre Ercilla, contemporaneo de Camões, d'elle ou do proprio Serafino imitou a mesma estancia na sua *Araucana:*

Como el furioso fuego de repente,
Quando en un barrio, ò vizindad se enciende,
Que con rebate subito la gente
Corre con priessa, e al remedio atiende, etc.

Torna, meu claro sol; torna, meu bem:
Qual he o Josué que te detém?

É muito curioso ver n'esta estancia o nosso Poeta imitar o auctor da *Menina e Moça,* do mavioso Bernardim Ribeiro, seu contemporaneo, e porventura amigo, em uma canção (inedita) dirigida á infanta D. Beatriz, filha d'el-rei D. Manuel, e mulher de Carlos III, duque de Saboya, a qual, segundo é fama, apaixonadamente amou, e deu logar á sua celebre novella da *Menina e Moça.* N'esta canção se liam estes versos.

Vós, Senhora, que soys esta Luz minha,
Descuidada estareys, onde ora estays,
De aquella grave dor, que por vós tem,
Quem não tem mais, que o ser que vós lhe days.
Porque tardays, meu sol? Ah vinde azinha,
Qual he o Josué que vos detém?

O ultimo verso é o mesmo em Bernardim Ribeiro e Camões. Uma imitação tão saliente, feita por um poeta como Camões a um poeta contemporaneo, equivale ao mais exagerado elogio, e é sufficiente para conservar na justa reputação em que é tido pela posteridade o poeta a quem, dizem, o mesmo Camões chamava o seu Ennio. É pena que Faria e Sousa, que nos conservou algumas poesias semsabores de outros auctores, nos não desse aqui na integra esta canção de Bernardim Ribeiro; eu possuo outro fragmento d'ella que pude descobrir na farroupagem dos manuscriptos do commentador. Depois da estancia que começa:

Neste meu coração sempre estarás,

seguia-se a seguinte estancia que Faria e Sousa encontrou em um manuscripto, e que nenhuma das edições traz; esta estancia foi eliminada pela censura.

Não podeis impedir, Ninfa excelente,
Com darme a morte o ser de mim amada.
O corpo sentirá ter-vos ausente,
Como carne que da alma está apartada.
Porém a alma que vive eternamente,
Em vós, por leys de amor he trasladada.
Amada, pois, sereys desta em eterno,
Ou ja no Ceo esteja, ou ja no inferno.

Cá m'acompanhará vossa memoria.

Assim se emendou; nos manuscriptos vinha:

Lá me acompanhará nesta memoria.

Faria e Sousa commentando este verso

Não sou eu mesmo aquelle que tu amaste?

insiste novamente em querer provar que esta egloga foi escripta aos 14 annos do Poeta; estorce-se, porém encontrando contradicções, e empurra o assumpto para o amigo, D. Antonio de Noronha, pretendendo que n'ella se descrevem os amores do joven fidalgo e da sua ingrata Marfida. Porém nada d'isto póde combinar-se, pois se fosse escripta aos 14 annos do Poeta, estaria aquelle mancebo ao collo da ama, por isso que sendo escolhido para justar no torneio em que tomou as armas o principe D. João, de 16 annos de idade, é natural que fosse o justador da mesma idade, e n'este tempo tinha já Camões 29 annos. Deve portanto abandonar-se este *embroglio* e assignar pelo menos o anno de 1549 a esta composição, por imitações visiveis que se encontram n'ella de Boscan e Garcilasso, escriptores de que o Poeta não poderia ter conhecimento antes d'esta epocha, salvo em manuscriptos.

Meu rudo verso, em cuja companhia.

Meus rudes versos, em cuja companhia.

Edição de 1595.

Ainda além cumprido o meu desejo.

Cumprido inda além o meu desejo.

Edição de 1595.

A vós se dão, a quem junto se ha dado.

A vós se dem, a quem junto se ha dado.

Edição de 1595.

Ha de m'ouvir por vós o mundo todo.

Per vós me ouvirá o mundo todo.

Edição de 1595.

Em vossas mãos s'entregão valerosas.

Qu'em vossas mãos se entregão valerosos.

Edição de 1595.

Porqu'ao futuro vivão entr'a gente.

Pera depois viverem entre a gente.

Edição de 1595.

Para mover as almas a piedade.

E os corações moverem a piedade.

Edição de 1595.

E o mais do roxo dia era passado.

E o mais do dia ja era passado.

Edição de 1595.

Eu que o escutei, n'huma arvore escrevia.

E que o ouvi, de huma arvore escrevia.
Edição de 1595.

Ou tu do monte Pindaso és nascida.

Ou tu do monte Pindaro és nascida.
Edição de 1595.

Não póde ser que fosse concebida.

Que não póde ser sejas concebida.
Edição de 1595.

Ou quiçá qu'és em pedra convertida.

Ou és quiçais em pedra convertida.
Edição de 1595.

Ou tens da natureza tal ventura.

E tens de natureza tal ventura.
Edição de 1595.

Só de marmor tornar-te o coração.

Tornar-te só de marmore o coração.
Edição de 1595.

Ja, ja com minha voz rouca e chorosa.

Ja esta minha voz rouca e chorosa.
Edição de 1595.

Os tigres em Hyrcania amansaria.

A gente mais remota amansaria.
Edição de 1595.

Se não fosses cruel, quanto formosa.

Se não fosses cruel quanto formosa.
Edição de 1595.

Mas suspirar por ti, mas bem querer-te.

Mas suspirar por ti, e bem querer-te.
Edição de 1595.

E viras a fé minha, limpa e pura.

E viras esta fé tão limpa e pura.
Edição de 1595.

Por ventura, que houveras ja piedade.

Por ventura, que ouveras piedade.
Edição de 1595.

E tivera eu quiçá melhor ventura.

E tivera eu quiçáes melhor ventura.
Edição de 1595.

Mas nunca achou igual tua belleza,
Se não se foi em ti tua dureza.

Mas nunca achei melhor tua belleza,
Senão com ver-se em ti sua dureza.

Edição de 1595.

Ja hum peito abrandára, que não sente,
Este meu grave mal, segundo he forte;
Se descêra do inferno ao Polo ardente,
A piedade movêra a propria morte.
Pois se huma gotta d'agua brandamente
Torna brando hum penedo, duro e forte,
Tantas lagrimas minhas não farão.

Ja hum peito abrandára, que não sente,
Meu duro e grave mal, segundo he forte;
Se descêra ao inferno fero e ardente,
Movera a piedade a mesma morte.
Se huma gotta de agoa brandamente
Abranda hum penedo, duro e forte,
Como lagrimas tristes não farão.

Edição de 1595.

Na testa fonte viva tenho d'agua.

Na testa tenho huma fonte viva d'agoa.

Edição de 1595.

E no peito de fogo viva fragoa,
Que tudo em si converte, tudo inflama.

No peito está de fogo huma viva fragoa
Que tudo em si converte, e tudo inflama.

Edição de 1595.

Se queres ver se ardentes são seus tiros.

E se queres ver se ardentes são seus tiros.

Edição de 1595.

Quando grita e rumor grande se sente,
Porque fogo se ateia em casa, ou torre.

Quando rumor algum grande se sente,
Que se accende fogo em casa, ou torre,

Edição de 1595.

Agua ao fogo gritando; e cada hum corre.

Gritando agoa ao fogo; e cada hum corre.

Edição de 1595.

D'est'arte anda o meu peito em chamma ardente.

Assim anda meu peito em chamma ardente.

Edição de 1595.

Quando vemos que sahe lá no Oriente
O sol, seu curso antigo começando,
Formoso, intenso, puro, refulgente,
O monte, o campo, o mar, tudo alegrando.

Quando o sol sae lá no Oriente
O seu antiguo curso começando,
Formoso, intenso, puro e refulgente,
O monte, campo, mar, tudo alegrando.

Edição de 1595.

E em outras terras sahe, allumiando.

E n'outras terras sae, alumiando.

Edição de 1595.

Sempre, em quanto vai dando ao mundo giro,
Chórão por ti meus olhos e eu suspiro.

Sempre, em quanto dá ao mundo giro,
Por ti meus olhos chorão e eu suspiro.

Edição de 1595.

E, emfim, lhe chega a noite, em que descança.

Vem, acabado a noite, em que descansa.

Edição de 1595.

Trabalha na tormenta o navegante,
Traz-lhe a clara manhãa feliz bonança;
Recobra o fructo fertil e abundante.

Trabalha na tormenta o mareante,
Gosa o dia sereno e de bonança;
Recobra o anno fertil e abundante.

Edição de 1595.

Mas eu de meu cuidado e mal tão forte
Tormento espero só, só crua morte.

Mas eu de meu trabalho e mal tão forte
Tormento espero, em fim, e crua morte.

Edição de 1595.

D'ouvir meu damno as rosas matutinas,
Condoidas se cerrão, s'emmurchecem.

Co'ouvir meu mal as rosas matutinas,
De dó de mim, se cerrão e emmurchecem.

Edição de 1595.

Os indomitos feros animais,
Sem humano sentir, mostrão sentido.

As arvores do campo, os animaes,
Mostrão sentir meu mal, sem ter sentido.

Edição de 1595.

Mas em ti minhas dores desiguais
Nunca movem o peito endurecido:
Por muito que te chame, não respondes.

E a ti as minhas dores desiguaes
Não movem esse peito endurecido:
Por mais e mais que chame não respondes.
Edição de 1595.

Naquella parte donde costumavas
Apascentar meus olhos e teu gado;
Alli donde mil vezes me mostravas,
Qu'era o pastor de ti mais desejado,
Vezes mil te busquei, por ver se davas
Algum breve descanso a meu cuidado.
Busco-te em vão no valle, em vão no monte.

Naquella parte adonde costumavas
Apascentar teus olhos e teu gado;
Alli donde mil me mostravas,
Ser eu de ti o pastor desejado,
Mil vezes te busquei, por ver se davas
Ainda algum descanso a meu cuidado.
No campo em vão te busco, e busco o monte.
Edição de 1595.

Agora triste, escuro he ja tornado.

Agora triste e escuro he ja tornado.
Edição de 1595.

Eras tu nosso sol mais desejado.

Tu eras nosso sol mais desejado.
Edição de 1595.

Não pasce ja algum gado, com seccura.

Não pasce o branco gado, com secura.
Edição de 1595.

Quando menos, que agora, aspera e dura.

Quanto melhor, que agora, aspera e dura.
Edição de 1595.

Nega sem ti a terra, ouvindo gritos,
As cabras pasto e leite aos cabritos.

Nega sem ti a terra, dando gritos,
Pasto ás cabras, e leite aos cabritos.
Edição de 1595.

Este ribeiro, quando a dor m'obriga.

Este ribeiro, quando amor m'obriga.
Edição de 1595.

Não ha fera, a que a fome não persiga;
Algum prado sem ti ja não florece.

Não ha fera, que a fome não persiga;
Nem o campo sem ti ja não florece.
Edição de 1595.

Cegos estão meus olhos; nàda vem,
Porque não podem ver seu claro bem.

Cegos estão meus olhos; ja não vem,
Pois que não podem ver meu claro bem.

Edição de 1595.

Falta agua ao pasto, e sentem d'agua a falta
As candidas pacificas ovelhas:
Bem conhecem tambem que o Ceo lhes falta
As doces e solicitas abelhas.

Não chove ao pasto, ja qu'a d'agoa falta
As mansas e pacificas ovelhas:
Sem ti perecem, e o Ceo tambem lhes falta,
Nem achão flor as melifluas abelhas.

Edição de 1595.

A terra nos produz duros abrolhos.

Produz a terra ja asperos abrolhos.

Edição de 1595.

Se restituir-lhe queres a alegria:
Alegrarás o valle, o campo, o gado.

E restituirás esta alegria:
Alegrarás o campo, o monte, o gado.

Edição de 1595.

Torna, torna, meu sol tão desejado,
Farás a noite escura, claro dia;
E alegra ja esta vida magoada,
Em que só tua ausencia he Parca irada.

Torna, vem ja meu sol tão desejado,
Faze esta noute escura, em claro dia;
E alegra ja esta magoada vida,
Toda em tua ausencia consumida.

Edição de 1595.

Vem, como quando o raio transparente,
Deste nosso horizonte, qu'escondido.

Vem, como quando o raio eminente
Do nosso Orizonte, que escondido.

Edição de 1595.

Causado de ver o Orbe escurecido.

Que causa ver o Orbe escurecido.

Edição de 1595.

Que assi he para mi tua luz pura
Claro sol, como a ausencia noite escura.

Assi he para mim tua luz pura
Claro sol, e ausente noite escura.

Edição de 1595.

Mas tu'squecida ja do bem passado.

Tu esquecida ja do bem passado.

Edição de 1595.

Não menos que do valle t'apartaste.

E o lugar tambem desemparaste.
Edição de 1595.

Onde o meu êrro viste, ou desvario,
Que póde merecer-te hum tal desvio?

Pois onde merece tão grão desvio,
Ouve-me, pois me vez ja morto e frio?
Edição de 1595.

E que delle não ha quem seja isento.

E não ha quem d'amor se veja isento.
Edição de 1595.

O mais simples animal, mais baixo e rudo.

O animal mais simples, baixo e rudo.
Edição de 1595.

Debaixo d'agua fria o peixe mudo
Tambem lá tẽe d'ardor seu movimento.
Pois as aves, que no ar cantando vôão,
Não menos humas d'outras s'affeiçôão.

Ate debaixo d'agoa o pexe mudo
Lá tem d'amor seu movimento,
A ave, que no ar cantando vôa,
Tambem por outra ave, tambem se affeiçôa.
Edição de 1595.

De hum raminho saltando a outro raminho,
Mostra que por amor suspira e chama.
Em quanto no secreto amado ninho
Não acha aquelle, que só busca e ama,
No canto, a nós alegre, triste chora,
Porque teme perder a quem namora.

Saltando de raminho em raminho,
Cantando com amor suspira e chama.
Té achar no amado e doce ninho
Aquelle a quem busca, e a quem ama,
Descansa do trabalho que tomára,
Tendo só seu descanso em quem achára.
Edição de 1595.

Sempre acha outro leão, sempre outra fera.

Sempre acha outro leão, e outra fera.
Edição de 1595.

Que o conversar no peito seu lhe gera.

Que lhe a conversação no peito gera.
Edição de 1595.

E não temendo a nada, a Amor só teme.

E não temendo nada, amor só teme.
Edição de 1595.

Temendo ao cobiçoso caçador.

Temendo o cubiçoso caçador.

Edição de 1595.

Alli donde anda e vive, vive amor,
De temor e d'amor acompanhado.

Ali onde está e vive, vive amor,
D'amor e de temor acompanhado.

Edição de 1595.

Temor a quem para feri-lo vinha,
Amor a quem ja, ja ferido o tinha.

Temor de que ali ferillo vinha,
E a amor a quem ja ferido o tinha.

Edição de 1595.

Pois se a fera insensivel, que não sente.

Se o animal insensivel, que não sente.

Edição de 1595.

Porqu'a ti não t'abranda hum fogo ardente,
Que procede da tua formosura?

Porque te não abranda o fogo ardente,
Que procede de tua formosura?

Edição de 1595.

Mais pura, mais suave, mais formosa,
Que lyrio, que jasmim, que cravo e rosa.

Mais bella, mais suave, e mais formosa,
Que o lirio, o jasmim, o cravo, a rosa.

Edição de 1595.

Póde ser, se me visses, que sentiras
Ver liquidar hum peito em triste pranto.

Póde ser se me viras que sentiras
Ver desfazer hum peito em triste pranto.

Edição de 1595.

As mágoas, os suspiros, que m'ouviras.

As mágoas e suspiros que me ouvíras.

Edição de 1595.

Hum esperar á calma, á chuva, á neve,
E nunca poder ver-te hum só momento.

O esperar á calma, á chuva, á neve,
E não te poder ver hum só momento.

Edição de 1595.

Quem te vio, e se vê de ti ausente.

Quem te vio, e se vê de si auzente.

Edição de 1595.

Com a agua que lhe toca brandamente.

Co'a agoa que lhe tóca brandamente.

Edição de 1595.

Em ti só desconheço a natureza.

Só em ti não conheço a natureza.

Edição de 1595.

Que, a ser de pedra ou ferro totalmente

Que, a ser de pedra, ferro, ou de serpente.

Edição de 1595.

Das aguas e das chammas do meu peito.

Do fogo e das lagrimas que deito.

Edição de 1595.

Contente pasce o gado ao pé do monte,
Contente a beber vai na fonte fria:
Está tudo contente, alegre tudo.

Contente cóme o gado ao pé do monte,
Alegre vai beber á fonte fria:
Tudo contente está, alegre tudo.

Edição de 1595.

Se ja d'alma e do corpo tens a palma.

Se da alma e do corpo tens a palma.

Edição de 1595.

Nas chammas e no ardor, no fogo e calma.

Na chamma, no ardor, no fogo e calma.

Edição de 1595.

Não acharás vontade tão captiva.

Não acharás vontade mais cativa.

Edição de 1595.

Postoque vás por agua, ferro, ou fogo,
Comtigo em toda parte m'has d'achar;
Que o fogo em q̃ ardo, e a agua em que m'affogo,
Emquanto eu vivo for, hão de durar;
Pois o nó, que m'enlaça, he de tal sorte.

Posto que vá por agua, ferro, ou fogo,
Comtigo em toda a parte m'hasde achar;
Que a chamma que me abraza he de tal fogo,
Que em quanto eu vivo for, hade durar;
E o nó, que me tem preso, he de tal sorte.

Edição de 1595.

Tambem o meu esprito possuirás.

Meu espirito tambem possuirás.

Edição de 1595.

Que deixe o amar-te nesta e ess'outra vida.

Que não te ame nesta e na outra vida.
Edição de 1595.

Ausente estês de mim, estando ausente.

Estás de mim ausente, estando ausente.
Edição de 1595.

Cá m'acompanhará vossa memoria.

Cá me acompanhará tua memoria.
Edição de 1595.

Até quando vos veja entrar na gloria.

Até que eu te veja entrar na gloria.
Edição de 1595.

E ainda então vereis (s'isto ser possa)
Esta minh'alma lá servir a vossa.

Inda então será, s'isto ser possa,
Servir esta alma minha lá a vossa.
Edição de 1595.

Co'o rosto baixo e alto o pensamento.

C'o rosto baixo e alto o pensamento.
Edição de 1595.

Mil vezes parar fez no ar o vento.

Mil vezes fez parar no ar o pensamento.
Edição de 1595.

As circumstantes sylvas s'inclinárão,
Condoidas das mágoas qu'escutárão.

As circumstantes selvas se abaixarão,
De dó das tristes mágoas que escutárão.
Edição de 1595.

Com hũa mão na face, reclinado,
Tão enlevado em sua dor estava.

Com huma mão na face e encostado,
Em sua dor tão enlevado estava.
Edição de 1595.

Não via que ja o sol no mar entrava.

Não vio o sol que ja no mar entrava.
Edição de 1595.

Berrando andava em roda o manso gado.

Berrando anda em roda o manso gado.
Edição de 1595.

Ao som delle o pastor ergueo o rosto.

A cujo som o pastor ergueo o rosto.
Edição de 1595.

Quebrando então o fio de seu gosto,
E o fio não quebrando de seu pranto,
Por não se descuidar de seu cuidado.

Quebrando então o fio a seu gosto,
Mas não quebrando o fio a seu pranto,
Para melhor cuidar em seu cuidado.

Edição de 1595.

EGLOGA VI

Interlocutores: — *Agrario, pastor. Alicuto, pescador.*

Dedicada ao duque de Aveiro, filho do Mestre de S. Thiago D. Jorge, e neto de D. João II. Para mostrar quanto o duque era entendido em materia de poesia, traz Faria e Sousa um soneto, composto por elle, muito bem trabalhado, que começa:

Que fiz, amor, que tanto me maltratas? etc.

e uns versos de arte menor em castelhano:

Alma mia, no te veo, etc.

Esta ègloga se não foi enviada da India, foi feita depois da chegada do Poeta a Lisboa, pois na dedicatoria o trata por duque, titulo que el-rei D. João III lhe deu, por morte de seu pae, no anno de 1557, commutando para a villa de Aveiro o de Coimbra, que era o de seu pae.

Vereis, Duque sereno, o estylo vário, etc.

Pelo teor da dedicatoria se vê que foi escripta esta egloga em idade madura do duque; louva-o, alem da clara estirpe d'onde procede, pelos seus merecimentos pessoaes, pelo seu valor, engenho, sciencia, inclinação ás musas e pela gravidade do seu conselho nos negocios do estado.

Se não sabem cantar a menor parte
Do sapiente peito e grão conselho,
Que póde, ó Reino illustre, descansar-te, etc.

Declara o Poeta ser o introductor da egloga piscatoria em Portugal.

Vereis, Duque sereno, o estylo vário,
A nós novo, mas n'outro mar cantado
De hum, que só foi das Musas secretario, etc.

Deste seguindo o som, que póde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos novo estylo, novo espanto, etc.

Pretende Faria e Sousa que o Poeta, debaixo do nome de *Alicuto,* introduz o duque, fazendo referencia aos seus amores com D. Guiomar, mulher do infante D. Fernando, e que deram logar ao longo pleito que houve antes do dito casamento; porém eu me persuado que não, porquanto eram já passados muitos annos que teve logar a morte d'esta senhora (1534), ou antes a tragedia que extinguiu a casa de Marialva; alem d'isto *Alicuto* é aqui representado como um mancebo.

Agrario, embebido nos seus amorosos pensamentos, fugindo ao trato humano, põe-se a caminho, e por entre silvas e matos vae por cima de outeiros e pene-

dos, e dá comsigo em um logar maritimo que parece ser a serra da Arrabida. Ao lançar os olhos ao mar sente uma doce musica, e vae topar com o pescador que a tangia em uma concavidade cavada pelo mar. Era este mancebo de idade florescente, seu nome Alicuto, perdido pela formosa Lemnoria

Nympha que tẽe o mar ennobrecido,

cujos louvores ali tangia sentado n'aquella gruta. Maravilhado de ver um pastor estranho, o pescador pergunta-lhe que vem ali fazer, se o traz a curiosidade de ver o largo mar? Responde-lhe Agrario que nada d'isto o move, mas que vinha perdido e embebido nos seus amores até que o acordou o suave som que cantava a sua perigosa Lemnoria, e que se elle se admira de o ver, elle não se admira menos do estylo novo com que o ouvia quebrantando ás ondas do mar; louva-o e convida-o a provar com elle o antigo canto pastoril, com o novo piscatorio, e como mestre que é, julgará se ha differença entre o canto maritimo e o campestre. Aceita Alicuto o certame, e convida-o á sombra d'aquelle concavo penedo, apto para o repouso, e que os abriga do sol, a começarem. Circumdam-no pastores e pescadores, anciosos de os ouvirem, com premios accommodados aos dois generos de canto, apparelhados para os vencedores, e começam a cantar alternadamente: Agrario as perfeições de Dinamene e Alicuto as de Lemnoria. Os ouvintes decidem que se um é um Theocrito em um estylo, o outro é um Virgilio no outro.

Perdoem-me as deidades; mas tu, diva,
Que no liquido marmore és gerada,
A luz dos olhos teus, celeste e viva,
Tẽes por vicio amoroso atravessada:
Nós petos lhe chamâmos; mas quem priva, etc.

Por esta estancia vemos que a dama de Alicuto atravessava alguma cousa os olhos, o que aqui encarece como graça, apontando o exemplo de Venus que pretendem possuia este defeito. Em algumas edições lia-se *pretos* em logar de *petos* erradamente, porque não só era absurdo dizer-se que os olhos eram pretos, tendo-se dito no terceiro verso da estancia que eram azues; mas porquanto se diz *petos*, vocabulo portuguez derivado do latim *pœtus*, e significa olhos que têem um certo piscar, um gracioso defeito, como explica Nebrissa: «*Cujus oculi sint depravati amabili vitio*»; muito differente do *strabismo*, isto é, olhos vesgos e tortos, differença que se nota n'estes versos de Horacio (satyra III, livro I), em que nos ensina que devemos encobrir os defeitos alheios:

At pater ut gnati, sic nos debemus amici,
Si quod ut vitium non fastidire: strabonem
Apellat pœtum pater; et pullum male parvus,
Si cui filuis est, etc.

Anacreonte no poema do retrato que queria da sua amante, diz que fossem ardentes como o fogo, azues como os de Minerva, e petos como os de Venus.

A exemplo da setima de Virgilio e da terceira de Sanazaro, cantam os competidores seis estancias cada um; estas eglogas, a terceira de Garcilasso e a setima de Benivieni imitou o Poeta n'esta, assim como na decima segunda e decima quarta.

Os troncos ás avenas dos pastores,
E ja sylvestres brutos suspendêrão.

Os troncos e as avenas dos pastores,
E os sylvestres brutos suspenderão.

Edição de 1595.

As ondas amansou do fundo pégo.

As ondas amansou do alto pégo.

Edição de 1595

Que, a canta-lo com voz alta e divina.

Que, canta-lo em voz alta e divina.

Edição de 1595.

Mas se agora que affabil m'escutais.

E se agora que affabil m'escutais.

Edição de 1595.

E se os Reis avós vossos, que de Juba
Os Reinos debellárão, não ouvis
Que nas azas do excelso verso suba.

Se os Reis avós vossos, de Juba
Os Reinos devastárão, não ouvis

Edição de 1595.

D'armas e corpos fortes e gentis.

De armas, corpos fortes e gentis.

Edição de 1595.

Hum Moço, cujo esforço, brio e manha,
Do Olympo fez descer o duro Marte.

Hum moço, cujo esforço, animo e manha,
Fez descer do Olympo o duro Marte.

Edição de 1595.

Se não sabem cantar a menor parte.

Se não sabem cantar a menos parte.

Edição de 1595.

Peito, que ao douto Apollo faz, vermelho.

Peito, que o douto Apollo fez, vermelho.

Edição de 1595.

Porque a elle se affeitem como a espelho.

Diz que a elle se affeitem como a espelho.

Edição de 1595.

Saberão bem cantar, em nada vãas,
D'Alicuto as contendas e d'Agrario.

Saberão só cantar as suas vãas,
Contendas de Alicuto vil e Agrario.

Edição de 1595.

Tẽe o pégo de Prochyta co'o canto
Por as sonoras ondas compassado.

Tem o canto de Procrita co canto
Pelas sonoras ondas compassado.

Edição de 1595.

Façamos novo estylo, novo espanto.

Façamos novo estylo e novo espanto.
Edição de 1595.

Embebido em um longo esquecimento.

Embebido n'hum longo esquecimento.
Edição de 1595.

Da branca Dinamene, qu'enverdece
Só co'o meneo valles e rochedos.

Da branca Diamene, que enverdece
Só co meneo os valles e rochedos.
Edição de 1595.

Ja quando as sombras vem cahindo escuras.

Ja quando as sombras vem descendo escuras.
Edição de 1595.

Perdida por o bruto companheiro.

Perdida pelo bruto companheiro.
Edição de 1595.

Muito não tinha proseguido, quando
Em a concavidade d'hum penedo.

Não tinha muito espaço andado quando
N'hua concavidade de hum penedo.
Edição de 1595.

Topou um pescador, que prompto e quedo.

Topou c'hum pescador que pronto e quedo.
Edição de 1595.

Tangendo, faz o mar sereno e ledo.

Tangendo fazia o mar sereno e ledo.
Edição de 1595.

Por o nome de toda humida gente.

Pello nome de toda a humida gente.
Edição de 1595.

Era por a formosa Lemnoria.

Era pela formosa Lemnoria.
Edição de 1595.

D'irados ventos amansou co'o verso.

Dos ventos feros amansou co'o verso.
Edição de 1595.

Ouvindo Agrario, attonito, affrouxando.

Do qual Agrario attonito afloxando.
Edição de 1595.

Por hum pastor da musica divina,
O rosto levantou bem socegado.

Pelo pastor da Musica divina,
Alevantando o rosto socegado.

Edição de 1595.

Que razão ha, pastor, para que saias
A este nosso escamoso e vil terreno
Dos teus floridos myrtos e altas faias?

Que rasão ha, pastor, porque te saias
Para o vosso escamoso e vil terreno
Dos mui floridos myrtos e altas faias?

Edição de 1595.

Amansadas das mágoas, com que peno.

Amansadas das agoas com que peno.

Edição de 1595.

Logo verás o como desenfreia
Eolo o vento por o mar undoso,
De sorte que Neptuno se receia.

Verás logo como desenfrea
Eolo o vento pello mar undoso,
De sorte que Neptuno o arrecea.

Edição de 1595.

Bravo e quieto, ou vento brando e iroso.

Bravo, quieto ou vento brando e iroso.

Edição de 1595.

A tua perigosa Lemnoria.

Aa tua perigosa Lemnoria.

Edição de 1595.

Porém se com verdade o louvo e approvo,
Desejo de o provar contra o sylvestre.

O qual posto que certo louvo e aprovo,
Desejo de provar contra o sylvestre.

Edição de 1595.

Bem julgarás se ha clara differença
Entr'o canto maritimo e o campestre.

Podes julgar se he clara differença
Entre o novo maritimo e campestre.

Edição de 1595.

Alvoroço antes ha, por mais que veja
Que a tua confiança só me vença.

Mas antes alvoroço, inda que veja
Que essa tua confiança só me vença.

Edição de 1595.

Os pescadores temos aos pastores
Do som que pelo mundo se deseja.

Os pescadores tem aos pastores
No som que pelo mundo se deseja.

Edição de 1595.

Do vitreo fundo vendo estou juntar-se.

Do vitreo fundo vejo ja juntar-se.

Edição de 1595.

Bem vês por essa praia presentar-se.

E bem vês pella praia apresentar-se.

Edição de 1595.

E o mar vir por entr'ellas e tornar-se.

E o mar vir antr'ellas e tornar-se.

Edição de 1595.

Eis ja mil companheiros circumstantes.

E ja mil companheiros circunstantes.

Edição de 1595.

As bem sonantes lyras se tocavão.

Quando ja as lyras subito tocavão.

Edição de 1595.

Ou me dae ja a capella de loureiro.

Ou me dae ja a corôa de loureiro.

Edição de 1595.

Por quem do vento as furias pouco temo.

Por que do vento as furias pouco temo.

Edição do 1595.

Se ás vossas sacras aras nunca nego.

Se ás vossas ricas aras nunca nego.

Edição de 1595.

Pescador ja foi Glauco, e deos agora
He do mar; e Protéo Phocas guarda.

Pescador ja foi Glauco, o qual agora
Deos he do mar Protheo, e focas guarda.

Edição de 1595.

Se foi bezerro o deos, que cá se adora,
Tambem ja foi delfim. Se se resguarda.

Se foi bezerro o deos que amor adora,
Tambem ja foi Delfim a quem resguarda.

Edição de 1595.

Vê-se que os moços pescadores erão,
Que o escuro enigma ao primo Vate derão.

Verá que os moços pescadores erão,
Que o escuro enigma ao Vate derão.

Edição de 1595.

Com tanto gosto ja te presentei.

A ti com tanto gosto apresentei.

Edição de 1595.

Para quem trago d'agua em vaso cavo.

Para quem trago eu d'agua em vaso cavo.

Edição de 1595.

Os ramos de coral vou arrancando.

Os ramos de coral venho arrancando.

Edição de 1595.

Que co'hum só riso a vida me daria.

Que c'hum só riso a vida me daria.

Edição de 1595.

Quem vio o desgrenhado e crespo Inverno
D'atras nuvens vestido, horrido e feio.

Quem vio ja o desgrenhado inverno
D'altas nuvens vestido, horrido e feo.

Edição de 1595.

Quando os troncos arranca o rio cheio.

Quando arranca os troncos o rio cheo.

Edição de 1595.

Que ao mundo mostra hum pallido receio.

Mostra ao mundo hum pallido receio.

Edição de 1595.

Tal o amor he cioso, a quem suspeita.

Tal he o amor cioso, a quem suspeita.

Edição de 1595.

Se alguem vê, se alguem ouve o sibilante
Furor lançando flammas e bramidos.

Se alguem vio, pelo alto o sibilante
Furor deitando flammas e bramidos.

Edição de 1595.

A braços derribando o ja nutante.

A braços derrubando o ja nutante.

Edição de 1595.

Minha alva Dinamene, a primavera,
Que os deleitosos campos pinta e veste.

Minha alva Dinamene a Primavera,
Que os campos deleitosos pinta e veste.
Edição de 1595.

Qu'em terra lhes faz ver o Arco celeste;
As aves, as boninas, a verde hera.

Com que na terra vêem o arco celeste;
O cheiro, rosas, flores, a verde hera.
Edição de 1595.

As conchinhas da praia, que presentão.

As conchinhas da praia, que apresentão.
Edição de 1595.

O navegar por ondas, que se assentão
Co'o brando bafo, com que o sol s'enfria.

O navegar pollas aguas, que se assentão
Co brando bafo, quando a sesta he fria.
Edição de 1595.

Com o ver-te, se em tanto chego a ver-me

Como verte, huma hora alegre ver-me.
Edição de 1595.

A deosa, que na Lybica lagôa.

A deosa que na Lybica alagôa.
Edição de 1595.

Que no liquido marmore és gerada.

Que no liquido marmol és gerada.
Edição de 1595.

De luz o dia, baixa e socegada
Traz a dos seus nos meus, qu'eu o não nego;
E com toda esta luz sempre estou cego.

Do dia o lume, baixa e socegada
Traz a dos seus nos meus, que o não nego;
E com tudo isso inda assim estou cego.
Edição de 1595.

O monte pastoril da antigua Manto.

O campo pastoril de antigo Manto.
Edição de 1595.

EGLOGA VII

Interlocutores: — *Satyro* I *e Satyro* II.

Na edição de 1595 traz este titulo: «*Egloga dos Faunos derigida a D. Antonio de Noronha*». Esta é, como se vê do seu titulo, a celebre egloga dos Faunos, em que a censura amputou algumas estancias.

Começa por uma dedicatoria a D. Antonio, que exalta pelo seu valor e engenho poetico, promettendo-lhe faze-lo claro pelos seus versos, e que por elles o Douro e o Ganges o conheça; por esta promessa de o fazer conhecido na India, parece ser escripta esta egloga na proximidade da partida, ou quando já estava n'aquella parte dos dominios portuguezes.

Nos versos que começam:

No cume do Parnaso, duro monte, etc.

descreve uma ribeira que nasce do cume do Parnaso, e presume Faria e Sousa que o Poeta allude aqui a Bernardim Ribeiro, fundando-se em encontrar em todos os manuscriptos escripto Ribeiro com *R* maiusculo. A esta deliciosa ribeira, que o Poeta descreve minuciosamente, tendo vindo parar por casualidade uma linda nympha perdida das companheiras que vagavam pelo monte, encantada do ameno e maravilhoso do sitio, convidou as companheiras para se irem banhar áquella fonte no dia seguinte. Os dois Faunos, que andavam perdidos de amores por duas d'estas nymphas, indo seguindo as pizadas dos delicados pés, foram topar com ellas nuas banhando-se na fonte; porém presentindo as nymphas esta cilada, se lançaram a fugir pela espessura.

Os satyros desesperados porque as não podiam seguir, porque se viam

Nada dos pés caprinos ajudados,

rompem em sentidas queixas mostrando-lhes, com o exemplo de Euridice e outras, o perigo a que se aventuraram outras nymphas por terem fugido a quem as amava. Mostram-lhes, com exemplos que as mesmas deusas, e tudo que existe na natureza, se rende ao poder do amor, por isso ellas não devem seguir a unica excepção.

Imitou o Poeta n'esta egloga a III de Garcilasso e o poema *Salices* de Sannazaro, e nos versos que começam:

Ah Nymphas fugitivas, etc.

o fragmento de uma canção de Bernardim Ribeiro; o fragmento é este:

Porque foges á vida desdenhosa?
De quem te segue e ama e te deseja?
Volve esse rostro a mim tão desejado,
Ve que o fugir mil males tem causado:
Exemplos te dirão do tempo antiguos
Quanto lhe são naturaes os perigos.
Olha bem que fugindo
Podes de huma má bicha ser mordida,
Que estará entre essas hervas escondida.
Euridice fugindo temerosa
De Aristeo pastor quando a seguia,
De huma bicha mordida venenosa.

As companheiras da nympha são oito, e a maior parte nomes a que o Poeta se refere nas suas poesias: Dinamene, Efire, Sirene, Nise, Amanta, Elisa, Daliana e Beliza. As duas ultimas porém especifica:

Ambas vindas do Tejo, que como ellas,
Nenhuma tão formosa as hervas piza.

Edição de 1595.

Quer Faria e Sousa que estas nymphas sejam as Musas, e que o Poeta quiz talvez descrever a côrte da infanta D. Maria, cuja casa era, como todos sabem,

uma academia de senhoras illustres pelo seu saber. Seriam as duas *vindas do Tejo* as duas Sigeas? Julga tambem Faria e Sousa que os interlocutores sejam o Poeta e D. Antonio de Noronha; inclino-me alguma cousa a este pensamento, bem como me quer parecer que a egloga seja uma allegoria do paço. Esta composição é recommendavel, porque parece ter sido o ensaio do canto IX dos *Lusiadas*, com o qual tem certa analogia; n'ella se entregou o Poeta ao mesmo gosto de uma descriptiva algum tanto lasciva, como no dito canto do poema epico.

Na primeira edição das *Rimas* (1595) vem a declaração que se cortaram duas oitavas, que eram as que se seguiam á que começa:

Quem fosse a mansa vaca di-lo-hia.

o que se conhece pela falta de connexão com a seguinte:

Tudo isto Acteon vio na fonte clara.

N'estas duas estancias descrevia lascivamente a Diana no banho. Faria e Sousa, referindo-se a esta amputação que soffreu a egloga n'este ponto, diz nos seus commentarios (Mss.): «Entre esta estancia e la seguiente se quitaron dòs estancias como advierte la edicion primera; e isto sin duda fue porque escrupulearon los que vieron esto para impremirse, en que el P. discribia con alguno desenfado galan a Diana desnuda en la agua, porque la estancia seguiente entra dandole a entender assi, diziendo: «*Todo esto vio en la fuente Acteon,*» e todo esto que el vio nos quitaron de la vista aquellos inportunantissimos escrupulos. De creer es que aquella discripcion ou pintura de Diana desnuda seria egual a la de la desnuda Venus en los *Lusiadas*, C. II, estancias XXXIV, XXXV, XXXVI y XXXVII, que es la mayor que asta oy se ha logrado: e assi como está nunca fue dañosa al bien publico tambien esotra no lo fuera. Zelos ignorantes son».

O mesmo Faria e Sousa, para nos indemnisar da amputação que os censores fizeram a esta poesia, roubando-nos dos olhos as mimosas fórmas da deusa transparecendo no crystal das aguas, nos quiz apresentar um quadro do mesmo assumpto traçado por escriptor que tratou a mesma fabula de Acteon, o doutor Mira de Mescava. Esta descripção porém é de um estylo exagerado e gongorico, por isso não vale a pena de a apresentar ao leitor; mas se o poeta castelhano foi exagerado na pintura da deusa no banho, é tão natural e tão habil na dos galgos fatigados que não deixa nada a desejar, e não podemos resistir ao gosto de aqui transcrever os seus naturalissimos versos, obra prima de descripção.

El pecho en tierra estan, y ensangrentadas
Las manos tienen juntas, y tendidas
Los canes, que pulsando las hijadas
Estriban en las piernas encogidas.
Las lenguas anhelando estan sacadas,
Y las orejas floxas, y caidas,
Ni al sueno, ni al manjar, ni al agua atentos
Solo con rispirar estan contentos.

Na verdade é uma descripção bem poetica, natural e verdadeira. Alem d'estas estancias da *Fabula de Acteon*, se cortou mais outra que se lia entre a que começa:

Lembre-vos quando as gentes celebravão.

e a que se segue:

Mas ella emfim, os braços estendendo,

em que o Poeta descrevia os amores de Priapo e a nympha Latho; e não só foram mandados riscar os versos, mas o commentario em que Faria e Sousa, em

prosa, fazia a descripção que o Poeta tinha feito em verso. Tambem na estancia que começa:

Tudo isto Acteon vio na fonte clara,

se mudaram o terceiro e quarto verso, que se liam assim:

Que a pura Deusa de tal vista avara,
Liberal de sua agoa o permittio.

Que nas edições se lêem:

Que quem assi dest'arte alli o topara,
Que se mudasse em cervo permittio.

Isto consta da censura que tenho á vista. É notavel que tendo eu encontrado alguns manuscriptos das poesias já impressas do Poeta, com difficuldade tenho encontrado as eglogas, isto é, as primeiras, e em um só Ms.; e nunca me foi possivel alçançar esta!

A sylvestres deidades maltratárão.

A sylvestres Deosas maltratárão.
Edição de 1595.

Em quem suas altas mentes assinárão;
Se o meu engenho he rudo, ou imperfeito.

Em que suas altas mentes assinárão;
Se meu engenho he rudo, e imperfeito.
Edição de 1595.

Levantar com a causa o baixo effeito.

Levantar co'a causa o baixo effeito.
Edição de 1595.

O que o meu canto por o mundo estende.
Vêdes que as altas Musas do Parnaso.

O que meu canto pelo mundo estende.
Vêdes que altas Musas do Parnaso.
Edição de 1595.

O que a vosso louvor meu canto aspira.

O que em vosso louvor meu canto aspira.
Edição de 1595.

Pois sei dizer, Senhor, que a lingua muda.

Pois sei-vos, Senhor, dizer que a lingua muda.
Edição de 1595.

Fazem o verde monte mais contente.

Fazem o monte verde mais contente.
Edição de 1595.

Se podem, huma e huma, estar contando.

Se póde, huma e huma, estar contando.
Edição de 1595.

Não se verão em derredor pizadas.

Não se verão em redor pizadas.

Edição de 1595.

A cecem pura, a flor que dos amantes.

A cecem branca e a flor que dos amantes.

Edição de 1595.

Escondendo-a dos Faunos petulantes.

De companhia dos Faunos petulantes.

Edição de 1595.

A quem este lugar era encoberto.

A quem este alto monte era encuberto.

Edição de 1595.

A novidade vendo manifesta.

E vendo a novidade manifesta.

Edição de 1595.

E tanto por extremo a namorou.

Que tanto por extremo a namorou.

Edição de 1595.

A lavar-se em aquella fonte amena.

A lavar-se naquella fonte amena.

Edição de 1595.

D'huma os louros cabellos s'espalhavão
Por o formoso collo sem concerto,
E com mil nós suaves s'enlaçavão.

De huma os cabellos louros s'espalhavão
Pello formoso collo sem concerto,
Com dous mil nós suaves s'enlaçavão.

Edição de 1595.

Seus delicados corpos n'agua clara.

Seus delicados corpos n'agoa clara.

Edição de 1595.

Do Tegéo Pan; Amanta e mais Elisa.

Do Tegêo Pan; Amanta e Elysa.

Edição de 1595.

Por o viçoso monte alegres hião.

Pello viçoso monte alegres hião.

Edição de 1595.

Que aos proprios duros montes magoavão.

Que até os duros montes magoavão.

Edição de 1595.

Da cilada dos dous, com o rugido.

Da futura cilada co rugido.

Edição de 1595.

Manifestando claro o escondido,
Todas huma alta grita levantárão,
Que o monte pareceo ser destruido.

Mostrando hum dos Deoses escondido,
Todas tamanha grita allevantárão,
Como se fosse o monte destruido.

Edição de 1595.

Assi despidas logo se lançárão
Por a espessura tão ligeiramente,
Que mais que o proprio vento então voárão.

E logo assi despidas se lançárão
Pella espessura tão ligeiramente,
Que mais então que os ventos avoávão.

Edição de 1595.

A rapida aguia, cuja vista pura.

A formosa aguia cuja vista pura.

Edição de 1595.

Nas azas novo alento; e, não parando,
Veloz rompendo o ar fugir procura.

Nas azas nova força; e, não parando,
Cortão o ar e rompem a espessura.

Edição de 1595.

Dest'arte as deosas timidas, deixando.

Dest'arte vão as nymphas, que deixando.

Edição de 1595.

Desta sorte sentido se queixava.

Mas depois de descançado se queixava.

Edição de 1595.

Tambem assi Eperie foi mordida
Da vibora escondida.
Olhae a serpe occulta na herva verde.
Quem o rigor não perde, perde a vida.

Tambem assi Alcithoe foi mordida
Da bibora escondida.
Olhae que toda a Nympha na herva verde.
Que a condição não perde, perde a vida.

Edição de 1595.

Postoque bellas n'agua vos vejais.

Posto que bellas n'agoa vos vejais.

Edição de 1595.

Digo, Nymphas, que minto:
Pois mal póde haver nunca quem pretenda
Negar-vos essa rara formosura.

Nymphas, digo, que minto:
Que não póde haver nunca quem pertenda
De desfazer em vossa formosura.

Edição de 1595.

Que se doudices falla d'improviso,
Sem tento e sem aviso.

Que se falla doudices d'improviso,
Sem tento nem aviso.

Edição de 1595.

Me não prive da vida alem do siso.

Que me não tire vida alem do siso.

Edição de 1595.

Por o mundo tẽe feito e faz natura.

Tem pello mundo feito e faz natura.

Edição de 1595.

As Scitales são feras, de pintura.

Os crocodilos feros, de pintura.

Edição de 1595.

As hienas levantão
A voz tão natural á voz humana,
Que a quem as ouve, facilmente engana.
E vós (ó gentis feras) cujo aspeito.

A sua voz levantão
Tão propria e natural á voz humana,
Que a quem a ouve, facilmente engana.
E vós ó gentis feras cujo aspeito.

Edição de 1595.

Andais fugindo (ó Nymphas) na espessura?
Como? e não vos correis
D'haver em vós tão duras condições.

Andais fugindo (Nymphas) na espessura?
Como não vos correis
Que aja em vós tão duras condições.

Edição de 1595.

Antes ao puro Amor, em cuja mão.

Mas antes ao amor, em cuja mão.

Edição de 1595.

Nada sem este affecto se gerou.

Nada sem este affeito se gerou.

Edição de 1595.

Entre as plantas do prado.

Entre as hervas dos prados.

Edição de 1595.

Que junto huma da outra permanece.

E junto huma da outra permanece.

Edição de 1595.

Tanta tristeza a rôla por a morte.

Tanta tristeza a rôla pela morte.

Edição de 1595.

Melhor qu'eu o dirá a subtil donzella.

Melhor qu'eu o dirá a sutil donzella.

Edição de 1595.

Costume he seu tomar vingança em tudo.
Eu vos verei lançar em hum momento.

O seu costume he vingança em tudo.
E vos verei deitar em hum momento.

Edição de 1595.

D'huma sciencia agreste lh'ensinára,
Disse, qual se em tal ponto despertára
D'horrendo sonho com pezado grito.

E huma sciencia agreste lhe ensinára,
Imaginando como que acordára
D'hum sonho arrancando d'alma hum grito.

Edição de 1595.

Mas de alguma disforme fera Hyrcana:
La no Caucaso horrendo vos criastes:
Daqui trouxestes a aspereza insana;
Daqui os calidos peitos congelastes.

Mas d'alguma fera disforme, fera Hircana:
La no Caucaso monte vos criastes:
Daqui tomastes a aspereza insana;
Daqui o frio peito congelastes.

Edição de 1595.

Que de humanas os rostos só mostrais.

Que o rosto só de humanas amostrais.

Edição de 1595.

Agua, pedra, arbor, flor, ave, alma dura.

Animal, herva verde, ou pedra dura.

Edição de 1595.

Assi tambem vereis passar nadando
Atys, que Galatéa tanto amára.

Assi mesmo vereis passar nadando
Acis, que Galathêa tanto amára.

Edição de 1595.

Espessura; vereis alli mudar-se
Egeria, e em fonte clara e crystallina
Por a morte de Numa distillar-se.

Espessura; vereis ali tornar
Egeria em fonte clara e cristalina
Pella morte de Numa distillar-se.

Edição de 1595.

E s'entre as claras aguas houve amores.

Se entre as claras agoas houve amores.

Edição de 1595.

Lá no monte Ida em pedra convertidos.

No monte Ida em pedra convertidos.

Edição de 1595.

Por escusar a pena a quem amava.

Por não ver castigar quem tanto amava.

Edição de 1595.

E tu tambem, ó Daphnis, que trouxeste.

E tu tambem (ó Daphne) que trouxeste.

Edição de 1595.

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga.

Tamanho amor tinha á branda amiga.

Edição de 1595.

Porque outra Nympha estranha ja o sogiga.

Porque outra Nympha estranha o sogiga.

Edição de 1595.

Olhae a quanto a crua dor obriga!
Por vingar-se, assi irada, transformando
O foi em pedra. Oh dura confusão.

Olhai a crua dor a quanto obriga!
Que por vingar, sua ira, transformando
Se foi em pedra, ó dura confusão.

Edição de 1595.

Do qu'inda agora o tronco sente as dores.
Vereis, entre as de fructo matizadas.

Que inda agora o tronco sente as dores.
Vereis, tambem se fordes alembradas.

Edição de 1595.

O sangue dos amantes na verdura.

Em sangue dos amantes na verdura.

Edição de 1595.

Que com seu pae se junta e se recréa.

Que com seu se ajunta e se recréa.

Edição de 1595.

Lembrai-vos da verde arvore Penéa.

Vede mais a verde arvore Penêa.

Edição de 1595.

De Phrygia véde o moço delicado.

Esta o moço de Phrigia delicado.
Edição de 1595.

Pois da alta Berecynthia sendo amado.

Que da alta Berecinthia sendo amado.
Edição de 1595.

O subito fúror lhe figurava
Que as arvores e os montes se cahião.

O subito furor lhe afigurava
Que o monte, as casas e arvores cahião.
Edição de 1595.

Que os horrores a tanto o constrangião:
Ja indignado no monte se lançava.

Qu'a Deosa e a furia grande o constrangião;
Ja no indino monte se lançava.
Edição de 1595.

Por o monte, despois que anoiteceo.

Pello monte, de que anouteceo.
Edição de 1595.

E o nome Loto só lhe vai ficando.

E o nome Lotho só lhe vai ficando.
Edição de 1595.

Assi tambem daquella, a quem seguia
O sacro Pan, a fórma se perdia.

Que assi tambem aquella, a quem seguia
O sacro Pan, a fórma só perdia.
Edição de 1595.

Que vos direi de Filis, pois perdida
Da saudosa dor com que vivia,
Á desesperação emfim trazida.

E que direis de Philis, que perdida
Da saudosa dor em que vivia,
Com desesperação emfim trazida.
Edição de 1595.

Mas o tronco sem folha por o monte.

Mas o tronco sem folha pello monte.
Edição de 1595.

E á tua clara luz, por quem suspiras.

E tu ó clara luz, por que suspiras.
Edição de 1595.

Dou as lagrimas minhas em fiança.

Dou-te estas lagrimas minhas em fiança.
Edição de 1595.

Cousa d'amor isenta, se attentais,
Em quanto vos não virdes, não vejais.
Ja disse, que d'Amor sempre tiverão.

Cousa ha de amor isenta, se attentais,
Em quanto a vós não virdes, não vejais.
Ja vos disse, que de amor sempre tiverão.
Edição de 1595.

As penas, qu'em su'alma se soffrêrão.

Que as penas, que em sua alma se soffrêrão.
Edição de 1595.

E aquelle altivo e leve movimento
Lhes ficou do voar do pensamento.

E aquelle alivio e leve movimento
Lhe ficou só por dor do pensamento.
Edição de 1595.

Donde lhes veio o ir-se transformando.

De donde ellas se forão transformando.
Edição de 1595.

Qu'em poupa ainda a amada vai chamando?
Clama sem culpa a misera avesinha,
Que n'areia de Phasis habitando,
Do rio toma o nome; e quando clama,
Cruel á mãe, ao pae injusto chama.

Que em poupa inda armado a anda chamando?
Chama sem culpa a misera avesinha,
Que nas areas de Assis habitando,
Do rio toma o nome; e assi se vay,
Chamando á mãe cruel, mouro ao Pay.
Edição de 1595.

Ambas aves, de amor usado effeito.

Ambas aves, do mar usado effeito.
Edição de 1595.

Outra, porque tentára o patrio leito.

Outra, por que temera o patrio leito.
Edição de 1595.

E Pico, a quem ficárão inda as cores
Da purpura Real, que antes vestia;
Esaco, que o seguir de seus amores

A elle lhe ficárão ainda as cores
Da purpura real, que soia;
Esaco, que segundo seus amores
Edição de 1595.

Mas os ventos indomitos soprando.

Mas os irados ventos assoprando.
Edição de 1595.

Ó Nereidas do Egéo, consolai-a,
Pois este pio officio vos convinha.

Nereidas do Egêo, consolai-a,
Pois este triste officio vos convinha.

Edição de 1595.

Pois tambem teve Amor natural mando.

Se tambem teve amor poder e mando.

Edição de 1595.

E a que a Adonis o dava por exemplo.

E a que o deu a Adonis por exemplo.

Edição de 1595.

Mas o grão Nilo o diga, pois a adora.
Que fórma teve a Ursa, saber-se-hia
Do Pólo Boreal, onde ella mora.

Mas o grão Nilo o diga, que a adora.
Que força teve a Ursa, saber-se-hia
Do Polo Boreal, donde ella mora.

Edição de 1595.

Se dos olhos perdêra a vista pura,
Que em seus galgos achar a sepultura.

Que dos olhos perder a vista escura,
Que escolher nos seus galgos sepultura.

Edição de 1595.

Onde a si d'improviso em cervo vio:
Que quem assi dest'arte alli o topára.

Aonde a si d'improviso em cervo vio:
Que assi quem desta arte ali o topára.

Edição de 1595.

Mas, como o triste Principe em si achára.

Mas, como o triste amante em si notára.

Edição de 1595.

Os seus, desconhecendo-o, o vão chamando;
E, tendo-o alli presente, o vão buscando.
Co'os olhos e co'o gesto lhes fallava;
Que a voz humana ja perdida tinha.

Os seus, que o não conhecem, o vão chamando;
Estando alli presente, o vão buscando.
Cos olhos e co gesto lhes fallava;
Que a voz humana ja mudada tinha.

Edição de 1595.

Hum cervo acude a ver (qualquer gritava)
Acteon, donde estás? acude asinha,
Que tardar tanto he este? (repetia).

Que viesse ver hum cervo, lhe gritava,
Acteon, aonde estás? acude asinha,
Que tardar tanto he este (lhe dizia).

Edição de 1595.

(Oh Napêas esquivas!) sem que veja.

Ó esquivas Napêas, sem quė veja.

Edição de 1595.

Pois, por mais que de mi me andais tirando.

Pois, por mais que de mi andeis tirando.

Edição de 1595.

Aqui (formosas Nymphas) vos pintei.

Aqui, ó nymphas minhas, vos pintei.

Edição de 1595.

D'aguas, de pedras, d'arvores contei,
De flores, d'almas, feras, de huma, outra ave.
Se este amor, que no peito aposentei.

Das aves, pedras, agoas vos contei,
Sem me ficar bonina, fera ou ave.
Se o amor, que dos peitos que deixei.

Edição de 1595.

Que o rio, de contente, a branca areia?
Novo contentamento me seria
Formar de meu cuidado a nova ideia.

De contente, que o rio, a branca area?
Entre os contentamentos me seria
Este hum não cuidado e grande ideia.

Edição de 1595.

Zombarieis então de vosso engano.
Mas com quem fallo ja? que estou gritando.

Zombareis então de vosso engano.
Mas com quem fallo? ou que estou gritando.

Edição de 1595.

A voz e a vida a dor m'está tirando,
E o tempo não me tira ó pensamento.

A voz e a vida a dor me estão tirando,
E não me tira o tempo o pensamento.

Edição de 1595.

Aqui, sentido, o Satyro acabou,
Com huns soluços que a alma lhe arrancavão.
Os montes insensiveis, que abalou.

Aqui o triste Satyro acabou,
Com soluços que a alma lhe arrancávão.
E os montes insensiveis, que abalou.

Edição de 1595.

Então Phebo nas aguas se encerrou.

Quando Phebo nas agoas se encerrou.
Edição de 1595.

E co'o luzente gado appareceo
A candida pastora por o Ceo.

E co luzente gado appareceo
A celeste pastora pelo Ceo.
Edição de 1595.

EGLOGA VIII

Interlocutor: — *Sereno.*

Quer Faria e Sousa que esta egloga seja escripta ao mesmo assumpto da egloga VI, isto é, aos amores do duque de Aveiro com D. Guiomar.

Sereno pescador expressa a Galathea, nympha formosa, quanto a adora; esta Galathea tinha olhos azues como a Lemnoria da egloga VI. Não me parece com effeito ter relação com o poeta, mas sim que diz respeito a pessoa estranha. Faria e Sousa esforça-se para provar que esta poesia é toda allusiva aos amores e celebre pleito do duque de Aveiro com D. Guiomar, filha herdeira do conde de Marialva, e com quem casou depois o infante D. Fernando, filho d'el-rei D. Manuel; diz que os poetas do tempo fizeram versos a este assumpto, e pretende que o *Crisfal* de Christovão Falcão, se referia todo a elle. Por estes versos

Anda no romper d'alva a nevoa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto o solar raio lhe não chega,

se vê que esta poesia foi escripta n'aquella serra, que pertencia á casa dos duques que faziam sua principal habitação em Setubal.

Quando virá (formosa Nympha) hum dia.

Quando virá, fermosa nympha, o dia.
Edição de 1595.

Buscando em hum só riso d'essa boca.

Buscando n'hum só riso da tua boca.
Edição de 1595.

Se ao teu esprito algũa mágoa toca.

Se a esse espirito algua mágoa toca.
Edição de 1595.

Amansão-se ondas, quebra o vento a ira:
Minha tormenta só nunca socega;
O meu peito arde em vão, em vão suspira.
Anda no romper d'alva a nevoa cega.

Amansão ondas, quebra o vento a ira:
Minha tormenta triste não socega;
Arde o peito em vão, em vão suspira.
Ao romper d'alva anda a nevoa cega.
Edição de 1595.

Em quanto o solar raio lhes não chega.
Eu, vendo apparecer outros formosos.

Em quanto a elles a luz do sól não chega.
Eu, vejo aparecer outros fermosos.
Edição de 1595.

Se os olhos cegos vi, vejo saudosos.

Ficão meus olhos cegos, mais saudosos.
Edição de 1595.

E ao som do remo, que agua vai ferindo,
Perante a lua meu cuidado canto.

E ao som do remo, que a agoa vai ferindo,
Por alta lua meu cuidado canto.
Edição de 1595.

Tu só foges d'ouvir-me, e te vás rindo.

Só Galathea foges, e vás rindo.
Edição de 1595.

Antes que o sol no Ceo cerre huma volta.

Antes que o sol dê no ceo huma volta.
Edição de 1595.

Como a outros succede, n'agua envolta.

Como acontece aos outros, na agoa envolta.
Edição de 1595.

D'ouro a areia, que o rico Tejo espraia.

Area d'ouro, que o rico Tejo espraya.
Edição de 1595.

Vento algum atégora o não salteia.

Que até agora nem vento e ar saltea.
Edição de 1595.

Amor, e o veda a toda a força alheia.
Elle com suas mãos proprio ajudou
A escolher estas conchas, affirmando
Que o sol para ti só as matizou.

Amor, guardando-o a toda força alhea.
Elle com suas mãos mesmo ajudou
Escolher estas conchas, que guardando
Huma e huma para ti só ajuntou.
Edição de 1595.

O que de tua boca estou cuidando.

O que eu de tua boca estou cuidando.
Edição de 1595.

EGLOGA IX

Interlocutor: — *Palemo.*

É esta a primeira egloga das que se suppõem usurpadas a Camões por Diogo Bernardes. Se, como já dissemos, não achâmos grande fundamento para a accusação que se formula contra o Poeta do Lima, na totalidade do furto d'estas poesias, não podemos deixar de confessar que encontrámos vehementissimos indicios para suppor que elle incorreu no crime de que é accusado n'esta egloga e na que se lhe segue. É notavel que entre todas as que escreveu Bernardes não appareçam piscatorias senão estas duas com referencias estranhas á sua vida, e que nenhum dos poetas seus contemporaneos, permitta-se-me a expressão, da sua *camarilha,* as usasse, se exceptuarmos Pedro de Andrade Caminha na egloga IV, que intitulou *Protheo,* que de piscatoria tem só o titulo. Nem Sá de Miranda ou Ferreira trataram este genero, apesar do primeiro, na egloga que escreveu á morte de Garcilasso, introduzir Sannazaro, introductor d'esta fórma de poesia na Italia, á imitação do qual as compoz, pela primeira vez em Portugal, Camões, variando na egloga VI o estylo, pela mistura do pastoril e piscatorio, como na dedicatoria da mesma egloga declara ao duque de Aveiro:

Vereis, Duque sereno, o estylo vário,
A nós novo, mas n'outro mar cantado
De hum, que só foi das Musas secretario:
O pescador Sincero, que amansado
Tẽe o pégo de Prochyta co'o canto
Por as sonoras ondas compassado.
Deste seguindo o som, que póde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos novo estylo, novo espanto.

Viria a repugnancia da parte dos poetas contemporaneos em seguir esta nova fórma de eglogas de serem introduzidas por Camões, com quem estes poetas parece que se achavam em divorcio, ou de não reputarem a vida agitada dos pescadores, cheia de trabalhos, propria para ser tratada em uma composição, na qual os actores devem discorrer sobre assumptos agradaveis e em harmonia com uma existencia tranquilla? É o que não podemos dizer, mas sim que o Camões foi quem exclusivamente tratou esta fórma de poesia. Assim apparecendo estas duas eglogas em um estylo não tratado por os outros, mas por elle, que não ajuiza temerariamente quem lh'as attribuir. É alem d'isto o argumento e theatro d'esta poesia mais analogo a Camões do que a Bernardes, que provavelmente só fez conhecimento com o mar, quando saíu na expedição com el-rei D. Sebastião, e cujas scenas bucolicas, quando muito, nunca passam de fluviaes, pela maior parte do acanhado limite do rio Lima. Aqui porém Palemo, emquanto seu companheiro Alcino estendia as redes na praia, e envolvia as longas cordas, sobe a uma rocha, e, estendendo a vista pelo vasto Oceano, começa a chamar por Galathea, e repassado da mais intima saudade, pede-lhe que se apresente aos seus olhos; procura convence-la com rogos, com rasões, e offerece-lhe dadivas; mas ella não o attende, e as suas supplicas são lançadas ás surdas ondas e aos ventos frios. Entre outras cousas lhe diz:

Para ti n'outras praias mais desertas
Irei pescar por entre as pedras duras,
Que sempre verde musgo tẽe cobertas,
As pardas ostras, onde gottas puras
De fresco orvalho, dentro endurecidas,
Não podem da cobiça estar seguras.

Se esta egloga tem referencia a Camões, parecem estes versos uma allusão á projectada viagem para a India. Tanto esta como a outra egloga, são uma constante imitação de Sannazaro.

Deixando este lugar tão infamado, etc.

Scilicet hæc olim, veniens seu litore curvo
Cajetæ, seu Cumarum navalibus altis
....
Vitemus scopulos infames morte Lyconis.

Não continuo para não me alargar mais, pois teria que o fazer em mais larga escala em toda esta poesia. Em Bernardes vem acompanhada esta poesia de uma dedicatoria que comprehende umas sete oitavas, e começa:

Illustre senhor meu, a quem me manda
Minha fatal estrella que só cante, etc.

Estas oitavas vinham separadas da egloga no manuscripto d'onde copiou Faria e Sousa, e sómente com o titulo de *Oitavas*, sem designar ser dedicatoria, e tão separada a egloga das oitavas, que aquellas vinham a folhas 48 e a egloga a fl. 3.

«Hay en toda esta egloga (termina o seu commentario (Ms.) Faria e Sousa) muchas cosas que estan en el manuscripto diferentes de lo que se ve en la impression de Bernardes, no las apunto por ser de poca importancia; esta va conforme al manuscripto, porque en el estan mejoradas algunas dellas. Esto proprio digo de las quatro que se siguen por no dizirlo en cada una, y en todas apuntaré solamente los lugares en que ubiere alguna considerable diferencia ou alteracion.»

EGLOGA X

Interlocutor: —*Meliso.*

N'esta egloga, como na antecedente, são frequentes as imitações de Sannazaro, começando por usar do mesmo nome do pescador de que usa o poeta napolitano:

Pastor Melissus ab alto.
Sannazaro, Egloga II.

O pescador Meliso, depois de ter recolhido as redes, remos e vélas, e atado o barco á fateixa, começa as suas querelas contra a sua Lilia endurecida, sentado na praia á luz das estrellas e da lua. Pinta-lhe o seu estado amoroso, diz-lhe que não despreze o seu amor, pois de ninguem será tão amada. Se pretende amor, quem tem por ella mais do que elle? Se gentil parecer e engenho, a ninguem deve nada; se honra, vem de geração de honrados pescadores.

Narra depois um facto que lhe aconteceu em uma occasião que pescava no mar alto: cantando a formosura, e ao mesmo tempo o rigor da sua bella, ao pronunciar que desmaiava, de facto desmaiou e foi salvo por um delfim; parece que o Poeta quiz applicar a si a fabula de Arion salvo por um delfim. Roga á sua Lilia que appareça ao despontar da aurora, e que não ha a quem possa ter inveja, pois vence a Venus, Pallas e Juno. Termina pedindo-lhe que lhe dê alguma esperança, pois com ella affrontará os impetos e tormentas do mar, e terá a seu serviço o mais fino e dedicado amante. Ha n'esta egloga referencias que não podem applicar-se a Bernardes, como, por exemplo, esta:

Coitado de quem traz a duvidosa
Vida no mar e terra aventurada.

Comtudo não posso assegurar que esta poesia diga respeito pessoalmente a Camões, embora seja escripta por elle, porquanto no retrato que faz de Lilia, figuram os olhos azues, sabendo nós que os da sua D. Catharina de Athaide eram verdes; pelo menos não foi dirigida á sua amante. Ha modos porém de dizer que parecem indubitavelmente de Camões. A ameaça que faz a Lilia com o destino de Narciso:

Lembre-te a formosura de Narciso,
E qual pago lhe deo seu desamor,

é frequente nas suas poesias, e por duas vezes com especialidade trata esta fabula, uma em poesia original, e outra trasladando-a de auctor italiano:

As Halcyoneas ouço lamentar-se,

é proprio do Poeta, e assim usou nos *Lusiadas:*

As Alcioneas aves, triste canto, etc.

Lembrando-se de seu passado canto.

O emparelhar a amante com Venus, Pallas e Juno, é tambem de Camões, e a este assumpto escreveu um soneto:

Se fazes caso de honra, olha que venho
De geração de honrados pescadores,

parece que teve em vista estes versos de Ovidio:.

Si genus excutias, equites ab origine prima
Usque per inumeros inveniemur avos.

Parecem-me estas eglogas feitas por occasião de alguma viagem maritima, porventura alguma expedição militar, e representam actor differente de Camões, talvez algum amigo ou personagem como em outras poesias.

EGLOGA XI

Interlocutores: —*Anzino e Limiano.*

Esta egloga é a xv de Bernardes, e n'ella, mais que em nenhuma das outras, ha alterações que desdizem do Ms. d'onde trasladou Faria e Sousa; em Bernardes os interlocutores são Peregrino e Limiano, e no Ms. Limiano e Anzino. Um dos fundamentos principaes para Manuel de Faria e Sousa a não attribuir a Bernardes, é dizer Anzino a Limiano que o vira outr'ora andar ledo

Nos largos campos do famoso Tejo,

e dar-lhe em resposta Limiano:

Podia ser; que muito tempo fóra
Andei desta ribeira, patria minha.

Porém mais abaixo se vê que Bernardes escrevia no Lima:

Affirmo-te de mi esta verdade,
Que muitos valles vi, muitas ribeiras;
Mas esta me dobrou a saudade.

Depois exclama:

> Ó ribeira do Lima, celebrada
> De mil brandos espritos sempre sejas,
> Sempre de brandas Nymphas povoada.

O dizer Anzino a Limiano que o vira andar ledo no Tejo, podia ser por se haverem encontrado na côrte, e responder-lhe Anzino que muito tempo andára fóra *desta* ribeira *patria sua,* deixaria em duvida a naturalidade, porque escrevendo Bernardes no Lima, e referindo-se ao Tejo, devêra dizer *dessa* ou d'aquella *ribeira.*

Os dois pastores Anzino e Limiano, ao abrigo de uma sombra aprazivel, contam a sua vida: Anzino foi vaqueiro na serra da Estrella, creado por um pastor como filho, e como tal por todos julgado; tinha o pastor uma filha mui formosa por nome Ulina, e com ella como irmão foi creado, vivendo na mais pura e intima amizade. Um dia, á sombra de uns medronheiros, por hora de sésta, faz-lhe ella uma triste confidencia: O pae obriga-a a casamento com um pastor, porém ella protestou-lhe que só casaria com um em quem reconhecesse as qualidades que via n'elle Anzino.

Ao ouvir isto Anzino, que tinha ficado estupefacto com tão subita e estranha nova que desfazia a sua ventura, lhe volve que se é verdade o que diz e o que sente, o remedio é prompto, pois n'elle tem marido e amante. Horrorisa-se ella julgando que lhe propõe um amor incestuoso; porém elle lhe explica como fôra falsamente tido por filho do pae d'ella Ulina, embora como tal o creasse.

A revolução que esta subita nova operou no animo de Ulina é descripta com tanta singeleza como correcção e graça:

> Isto ouvindo, mostrou hum ledo pejo,
> Pondo os olhos no chão, formosa e branda,
> E cuido qu'inda assi nos meus a vejo.
> Disse-me: Em que revoltas o amor anda!
> No bem, como no mal, tambem me enleia:
> Inda agora o senti, ja reina e manda.

Despedem-se os dois, já dois amantes, ficando ella de tudo revelar ao pae, e promettendo de fazer firme a sua promessa. N'isto Fulgencia, que amava Anzino e que espreitava esta conferencia, foi falsamente contar ao pae mais do que tinha presenciado; o pobre velho desatina, e contra vontade a entrega ao pastor rico que a pretendia. Ulina adoeceu logo para mais se não levantar da cama; o pae de nojo adoeceu tambem, e ao quinto dia falleceu, e Fulgencia, que tinha urdido o trama, desappareceu da casa paterna sem mais se lhe saber o fim. Anzino, atormentado pela sua triste sorte, abandona a terra onde se consummou a sua desventura para ver se póde achar algum repouso ou socego aos seus cuidados, e vae desatinado atravessando montes e prados, e ao saír lança uma saudosa despedida á casa de Ulina:

> Casa de meus suspiros sempre cheia,
> (Disse eu, quando passei pela de Ulina)
> Tal fructo colhe quem amor semeia!

Deu comsigo nas praias do Tejo, onde vira a Limiano; mais ledo passou as claras aguas do Mondego

> Das Lusitanas Musas charo ninho;
> As do Douro despois em turvo pégo,

e d'aqui se dirige em romaria a S. Thiago de Compostella. Onde está aqui em toda esta historia cousa que possa accommodar-se a Camões? Eu confesso que a

não encontro; comtudo, apesar de tudo isto, Faria e Sousa pretende que Anzino representa aqui Camões. Limiano (que parece personificar Bernardes) convida o pastor Anzino a pernoitar na sua pousada, procura consola-lo, e a seu turno lhe conta a vida amarga que ali passa, entre guerra de naturaes e victima da ingratidão d'elles, queixume que o poeta do Lima faz em outras poesias suas, e inquire de Anzino se póde dizer-lhe se D. Sebastião se prepara para passar á Africa, porque, sendo assim, abandonará a sua patria ingrata para o acompanhar, embora logrem os inimigos

Os valles e pacigos
Desta, donde nasci, fresca ribeira;
Na qual (se não m'engano)
Inda será chorado Limiano.

Pelos seguintes versos se vê bem que esta egloga foi escripta na proximidade da partida d'el-rei D. Sebastião:

E mais saber desejo
Se a fama nos engana,
Que diz, que o grão pastor dos Lusitanos,
Com todos os do Tejo,
E com fato e cabana,
Reside ja nos campos Africanos.

Devia pois ser escripta pelos annos de 1578, quando passou á Africa. No Ms. que copiou Faria e Sousa, está:

Reside ja nos campos Africanos,

e em Bernardes se lê:

Passa nos campos Lusitanos.

Adoptando-se a primeira versão, podia referir-se á primeira expedição do mesmo rei a Tanger. Anzino termina aconselhando-o a munir-se de cajado e funda para a guerra:

Que não foi tal pastor cá do Ceo dado,
Para não dar ao Ceo tão larga terra.

Em qualquer dos dois casos acima apontados não se refere esta poesia a Camões, porque segundo a interpretação:

Reside ja nos campos Africanos,

se póde tomar pela primeira expedição, e então não tinha que preparar-se, porque a ella, me parece, acompanhou ainda Camões o rei, como adverti na biographia; e para a segunda não tinha que preparar-se, porque se achava impossibilitado pela doença. Faria e Sousa no commentario a esta egloga não deixa de fazer um dos seus comprimentos do costume a Diogo Bernardes, referindo que se dizia que elle fôra chamado pelo rei ou pelo ministro para, como testemunha de vista, traçar um poema sobre a batalha e a victoria.

Não sei com que fundamento Faria e Sousa, commentando estes versos:

Espanta a quem se atreve, ver aquella
Rocha por cima d'agua pendurada,

diz que o Poeta, sem duvida, escrevia esta egloga á vista da altissima rocha da Nazareth.

Entre o manuscripto d'onde Faria e Sousa copiou e o impresso existem variantes; alem disto na edição das obras de Bernardes, encontram-se mais versos do que apresenta o manuscripto:

Entre irmãos de que servem comprimentos!

Pretende Faria e Sousa que o Poeta imita aqui a historia de Abendarraes e Xarifa, primorosamente escripta por Jorge de Monte Mayor, na sua *Diana*, livro IV.

EGLOGA XII

Interlocutores: — *Delio*, *Alcido e Galasio.*

Esta egloga é a terceira entre as de Diogo Bernardes e a quarta na ordem em que as encontrou Faria e Sousa no manuscripto, o qual quasi todo constava de obras que notoriamente eram de Camões, e ali se encontravam sem o seu nome. Observa Faria e Sousa que, sendo a egloga XIV indubitavelmente do Poeta, ali entra Delio em competencia com Ergasto, e Laurenio é que é o juiz.

Delio e Galasio cantam em certame, um os louvores de Learda, e o outro os de Marfida, e nomeiam Alcido arbitro, o qual dá por sentença que entre ambos não houve differença no cantar. Esta egloga é da mesma invenção da XIV, que indubitavelmente é de Camões. N'esta os dois pastores cantam alternadamente os louvores de Learda e Marfida, n'aquella os de Violante e Alcida; aqui apostam um rafeiro contra um cervo, n'aquella dois vasos de raro artificio. Pretende Faria e Sousa que o Camões, a exemplo do que praticou com a canção VII que repetiu mais de uma vez, melhorára esta egloga na XIV; porém confesso que, apesar de achar alguma similhança n'esta com o estylo de Camões, me parece comtudo mais humilde e pastoril do que o da egloga XIV. A reproducção da mesma invenção póde attribuir-se a haverem ambos imitado a Virgilio na egloga III. Alcido, que aqui parece representar Bernardes, apresenta-se passado o estio da idade, e maltratado do tempo e do amor. Pelo contrario Laurenio, na egloga XIV (variante de Lourenço de Caminha), figura um mancebo que se ensaia n'este genero de poesia.

EGLOGA XIII

Interlocutor: — *Phyllis.*

Esta egloga é a quarta entre as de Diogo Bernardes, e no Ms. que encontrou Faria e Sousa se seguia á antecedente, e a ella se seguia no proprio Ms. a III de Camões.

Phyllis, que arde de amor por Coridon, queixa-se com as mais sentidas expressões da sua crueldade e ingratidão, pois havendo-lhe jurado a fé mais pura e firme, a abandona por Galatéa que o despreza, emquanto que ella, adorada por Tityro (a quem mil nymphas dão capellas), o não attende, assim como a outros pastores que se dariam por bem pagos com o mais pequeno agrado da sua parte. Queixa-se, delirante, aos montes e bosques, e Echo responde ás suas vozes, movida das lagrimas que derrama. Leva-lhe o vento as queixas, e o sol vem pôr cobro ao mesmo prazer do seu queixume.

Este monologo é repassado de sentimento e expressão, e tem bastante belleza poetica. O estylo é visivelmente de Bernardes; o verso muito melodioso e melancholico, e o poema encerra mais vivacidade do que algumas das outras suas poesias. Apesar comtudo de n'elle encontrar differença do estylo habitual de Bernardes, não obstante as observações de Faria e Sousa, deixemos ao Poeta do Lima esta composição.

EGLOGA XIV

Interlocutores: — *Ergasto, Delio e Laureno.*

Esta egloga foi escripta no Ribatejo, como se indica em o seu principio:

Agora, ja que o Tejo nos rodeia,
Neste penedo, donde mansamente
Murmurando se quebra a branda veia.

Ergasto por meio da tarde, avistando Delio, o detem, e discorrem ambos sobre a vaidade do mundo e socego da vida do campo; Delio manifesta-lhe o desejo de ali viver e acabar seus dias, desejo que o Poeta, talvez personificado em Delio, manifesta em outras poesias; ali lhe ouvira cantar as perfeições da sua Nise:

Muitas vezes t'ouvira as luzes bellas
Cantar da linda Nise, nas quaes arde
Teu peito, sempre ufano d'arder nellas.

O professor de rhetorica Antonio Lourenço de Caminha publicou esta egloga, bem como a XVI, que tem algumas variantes, e entre ellas esta que se refere a este logar:

Muitas vezes t'ouvira as chammas bellas
Dos olhos da tua Alcida, e as louras tranças
Cantar a uso delles, preso dellas.
Muitas vezes ao som das agoas mansas
Agerio, que por Nise em amor arde,
Seu fogo, sua fé, della esquivanças.

Pelos seguintes versos claramente se vê que esta poesia foi escripta na proximidade de uma ausencia, e premeditada:

Mas se queres, Ergasto, que m'esqueça
Partida, que lembrada he só tormento.

Não posso comtudo affirmar se para Ceuta ou para a India; tem porém esta composição muita analogia com a elegia III, escripta quando partiu para a India, onde se expressam quasi identicamente os mesmos sentimentos.

Emquanto os dois pastores discorriam sobre amores, inconstancia e vaidade do mundo e socego da vida campestre, apparece Laureno que mais de uma vez desafiára a Ergasto para cantar com elle em competencia; desafiam-se tomando por arbitro a Delio, e canta Ergasto os louvores de Alcida, e Laureno os de Violante:

Cantando venceo ja Tityro e Almeno.

Na elegia III se lê:

Alli cantára Tityro e Sileno.

Não deveria talvez emendar-se assim, pois Almeno póde talvez referir-se ao Poeta, aindaque não era a primeira vez que punha o seu elogio na bôca propria:

No bosque a Violante vi hum dia,
Doce principio destas doces dores;
A flor cahia nella, e parecia
Dizer cahindo: Aqui reinão amores.

Humilde em tanta gloria ella se ria,
E errando hião sobre ella as várias flores:
Eu, que vencido fui d'hum error cego,
Áquelle honesto riso est'alma entrego.

Esta estancia imitou ainda Camões de Bernardim Ribeiro, ou antes ambos os poetas imitaram a Petrarcha na canção XXVII. Porei em seguida aos versos do nosso Poeta, os trechos dos outros dois, para mostrar como, com justiça, a palma cabe ao auctor da *Menina e Moça;* e alguma cousa é, aindaque momentaneamente, tomar o vôo a duas aguias como Petrarcha e Camões. Que pena é, repito, não possuirmos na integra esta canção que, pelos fragmentos que apresento, era das bonitas cousas que possuiamos em poesia na nossa lingua.

Estando na suavidade do cantar,
As aves, Ceo e terra tudo atento,
De huma nuvem de flor vos vi cuberta,
Derramada de hum fresco e manso vento:
Tomava na agoa e terra seu logar:
Ditosa a que cair, em vós acerta:
Entre si tinhão ellas gram referta
Sobre qual aos cabellos ha de ir ter,
Por perolas sobre ouro parecer:
E as que nelles cahião
Por certo o pareciam;
Por aqui (disse então) anda o amor,
E com o vento das azas cae a flor.

É preciso convir que ha aqui muita belleza de poesia, um modo mui delicado e gracioso de expressar, e uma maneira descriptiva excessivamente encantadora. Os versos de Petrarcha são estes:

Da' be rami scendea
Dolce nella memoria,
Una pioggia di fior sovra'l suo grembo;
Ed ella si sedea
Umile in tanta gloria,
Coverta già dell' amoroso nembo:
Qual fior cadea sul lembo:
Qual su le treccie bronde;
Ch'oro forbito e perle
Eran quel di a vederle:
Qual si posava in terra, e qual su l'onde:
Qual con un vago errore
Girando parêa dir: qui regna Amore.

Parece-me que não sou exagerado em dizer que Bernardim Ribeiro excedeu n'esta occasião os dois grandes poetas. Na edição de Antonio Lourenço Caminha, alem de outras variantes, termina esta egloga de uma maneira differente. Depois da estancia que começa:

Claros olhos que ao sol fazeis inveja, etc.

faltam as tres seguintes, que são substituidas por esta:

Laureno

Não peço eu ja, por mais que me desfaça,
A dor que á tua vista me condena,
Que a teus formosos olhos mágoa faça
Mas paga-me com rir de minha pena.

Que pois te verei rir co'aquella graça,
Que abre as flores no campo e o ar serena;
Doce me deve ser, se me não engano,
Teu riso inda que seja de meu dano.

Depois do terceto que começa:

Nos veremos por annos infinitos,

faltam os dois ultimos tercetos com que acaba nas obras de Camões, e são substituidos por este final:

Cantando amor, cantando as Ninfas bellas,
Nenhum de vós venceo nem foi vencido,
Ambos d'amor vencidos sois por ellas.
Até o peito no mar tem ja metido
O sol, não tardará, que o manto frio
Não seja sobre as terras estendido.
Vamo-nos que he ja tarde, e do sombrio
Valle, recolheremos nosso gado,
Amanhã nos achemos neste rio.

Ergasto

O meu copo, Laureno, que alcançado
Foi em premio do canto que alternei,
Em premio de cantar te será dado.

Laureno

Mas eu, ó meu Ergasto, te darei,
Não ser vencido, a mim premio me seja,
Que pois vencido aqui eu não fiquei,
Vencido de teus dons ninguem me veja.
Em quanto ao som do rio ao pé da faia
Com doce flauta tento a Musa leve,
Favorecei, Senhor, a quem s'ensaia
Para o verso, qu'a vós alto se deve.
Não queirais que a louvar-vos inda saia
Meu engenho, que a tanto não s'atreve,
E se pór não poder, vos não levanto,
Levantai, pois podeis, meu baixo canto.

Tanto esta egloga, como a XV que publicou o professor Caminha, ambas com as iniciaes de Bernardim Ribeiro, são de Camões; é preciso ser muito hospede em estylo para poder attribui-las ao auctor da ***Menina e Moça***.

A dedicatoria que vem na variante do Caminha é interessante para podermos formar um juizo, alem de ser toda, como outras, no estylo de Camões. Declara n'ella que era um mancebo que se ensaiava na poesia humilde, para cantar n'outra mais alta a pessoa a quem a dirige. Aindaque fosse escripta na velhice de Bernardim Ribeiro, não sairia tão limpa de dicção, e apresentaria certos archaismos proprios do tempo em que escreveu aquelle auctor, que alem d'isto compoz todas as outras suas eglogas em metro differente. Esta egloga é pois inteiramente propria de Camões, e bem escripta, e em nome d'elle a encontrou Faria e Sousa no Ms. d'onde a trasladou. Comparando-a com as que se dizem usurpadas, se conhece bem que n'esta ha mais nervo.

EGLOGA XV

Interlocutores: — *Soliso e Sylvano.*

Esta egloga estava no manuscripto d'onde Faria e Sousa copiou as outras; era ali a ultima e tinha este titulo: «*Egloga de Luiz de Camões á morte de D. Catharina de Ataide, Dama da Rainha.*» A esta interessantissima descoberta do commentador devemos saber o nome da amante do Poeta e a sua qualidade. Camões escreveu outras poesias á morte d'esta senhora, e entre estas o inimitavel soneto de todos conhecido, que começa:

Alma minha gentil que te partiste, etc.

Soliso rompe em queixas contra a sorte dura que lhe roubou a sua amante, que lhe fazia doce a sua pena, e de quem esperava ainda remedio aos seus males. Silvano, atemorisado dos signaes tetricos que observa na natureza e nos proprios animaes, preoccupa-se, julgando isto prognostico de grandes males, quando encontra a Soliso engolfado na mais profunda tristeza, a Soliso, que antes que fosse perdido de amor, conhecêra tão alegre em todas as festas, onde a sua frauta não havia outra que a igualasse, e desde que dedicou o seu amor a uma dama habitadora d'estes bosques, aborrece-lhe a gente, e solitario anda pela espessura, enlevado só nos seus amores e cevando-se da pena que o contenta. Pretende Sylvano inquirir do amigo a causa de uma mudança que se nota nos seres animados e inanimados; repelle elle, ao principio, a importunação do amigo, porém em seguida narra-lhe a catastrophe que o arrojou para um estado tão desesperado.

Na apostrophe final ás Naiades, Napeas, Drias e Amadrias, imitou Camões a Sannazaro; a meu ver parece-me que esta apostrophe ficaria melhor se se limitasse ás nymphas como personificando as companheiras de D. Catharina no paço. Observa Faria e Sousa, e parece-me que com rasão, que o Poeta teve grande cuidado em acabar esta poesia com uma exclamação, para evitar que Sylvano, tão desejoso de saber as causas de tanta tristeza, lhe respondesse alguma cousa; dando a entender que sendo ella tal, cerrava a bôca a todos os discursos, a todas as rasões e a todas as consolações; e assim o deixou mudo para acabar de engrandece-la, tecendo de proposito com este artefício esta poesia. A primeira vez que esta egloga apparece impressa, é na edição do padre Thomás José de Aquino (1779).

De quanto alento e gosto me causava
A vista da manhãa resplandecente,
Com que toda a tristeza s'alegrava;
Que quando vinha o sol claro e luzente,
Bem claro então em mi se conhecia.

De camanho alvoroço me causava
A vinda da manhãa resplandecente,
E quanto a clara aurora me alegrava;
Que quando via o sol claro e luzente,
Bem claramente então se conhecia.

MS. de Luiz Franco.

Tanto agora me offende o novo dia.

Tanto me mata agora o novo dia.

MS. de Luiz Franco.

De que só me mantinha e só viria.
E não me quiz deixar triste ventura
Esperanças de mais tornar a vella!
Oh destino cruel! oh sorte dura!

Oh querida Natercia! oh Nympha bella,
Em quem, emfim, mostrou a natureza
O mais que se podia esperar della!
Se lá no assento da maior alteza
Te lembras de quem viste cá na terra.

De que só me alegrava e só vivia.
E não me quiz deixar minha ventura
Esperança de mais tornar a vella!
Ó fado cruel, triste, ó sorte dura!
O formosa Natercia! nympha bella,
Em que mostrou o cabo a natureza
De quanto se podia esperar della!
Se lá onde tu estás na mór alteza
Te lembras de quem fica cá na terra.

MS. de Luiz Franco.

Lembre-te de contino a cruel guerra,
Que continua me faz tua lembrança,
Esquecido do gado, valle e serra.

Lembre da continua cruel guerra,
Em que sempre me traz tua lembrança,
Sem me lembrar do gado, nem da serra.

MS. de Luiz Franco.

De ver os olhos teus, e juntamente
De todo o bem d'Amor toda a esperança.
Lembre-te que por si de mi ausente
A crystallina fonte me he nojosa.

De poder jamais ver-te, e juntamente
De todo o outro bem a esperança.
Lembre-te que por ti a agoa corrente
Deste fermoso rio me he nojosa.

MS. de Luiz Franco.

Que por ti a manhãa clara e formosa.
Males cada momento me accrescenta;
Sendo-me em outros dias deleitosa.
Por ti o puro sol me descontenta;
Com seu canto m'offende Philomella:
Mas, porque nelle chora, me contenta.
Por ti, Natercia pura, Nympha bella,
Na verdura suave deste prado
Os males multiplico só com vella.

Por ti esta manhãa clara e fermosa
Os males cada ora me acrescenta;
Sendo-me n'outro tempo deleitosa.
Por ti o claro sol me descontenta:
Com seu canto me mata Philomella:
E Progne, porque chora, me contenta.
Por ti, casta Natercia, Nympha bella,
A verdura suave deste prado
Os males me acrescenta só com vella.

MS. de Luiz Franco.

Com o mesmo qu'então meu bem crescia,
Agora vai crescendo o meu cuidado.

E aquillo em que então meu bem crecia,
Com isso crece agora o meu cuidado.
MS. de Luiz Franco.

Não sou ja, ja não sou quem ser sohia.

Por ti não sou ja agora o que soia.
MS. de Luiz Franco.

Mudou-se co'os tormentos a alegria;
Trocou-se o claro dia em noite escura:
Nem he muito que tudo se mudasse.

Mudou-se-me c'o tormento a alegria;
Mudou-se o dia claro em noute escura;
Nem he muito que o bem se me mudasse.
MS. de Luiz Franco.

Não via outro reparo, que cuidasse.

Não via outro remedio, que cuidasse.
MS. de Luiz Franco.

Nem outra gloria alguma em qu'esperasse.

Nem outro nenhum bem em que esperasse.
MS. de Luiz Franco

Que de ver-te a minha alma recebia.

Que de te ver a minha alma recebia.
MS. de Luiz Franco.

Qual ficará hum'alma, que sabia
Sómente desta gloria contentar-se?
Gloria de que gozar não merecia!

Qual ficará hum'alma, que sohia
Desta gloria sómente contentar-se?
Gloria de que eu gozar não merecia!
MS. de Luiz Franco.

Mortalmente do bem qu'he ja passado,
Só tẽe por melhor vida á morte dar-se?
E qual se póde ver quem hum cuidado
Sostem, que he só da dor certa morada,
E nelle vive só desesperado?
Qual hade ver-se, ó Nympha delicada,
Hum'alma que te via; e em te vendo
O fio lhe cortou a Parca irada?
A causa deste mal eu não a entendo:
Só entendo que, perdida essa luz pura,
Por perdida a não ver, vivo morrendo.
Vejo que me roubou fortuna escura.

Sómente deste bem que he ja passado,
Faz que não venha a morte em mal dobrar-se?

Qual poderá fiquar quem hum cuidado
Sostem, que do mal he certa morada,
E vive ja do bem desesperado?
Qual ficará, ó Nympha delicada,
Hũa alma que vio; e em te vendo
O fio te cortou a dura fada?
A causa deste mal eu não entendo:
Entendo só, que vi tua formosura,
E que pella não ver, vivo morrendo.
Vejo que me roubou a morte dura.

MS. de Luiz Franco.

Lembra-te tu, que só de ti'sperava
Remedio aos males meus; e então verás
Qual ficou quem em ti só confiava.
Lembre-te adonde estou, adonde estás,
E que tudo sem ti cá m'aborrece:
Dest'arte o estado meu entenderás.

Lembra tu, que de ti só esperava
Remedio a meu mal; então verás
Qual ficou quem em ti se confiava.
Lembra-te onde estou! E onde tu estás,
E que sem ti o bem me aborrece:
E do mal de meu bem te lembrarás.

MS. de Luiz Franco.

Não sei por que razão nos amanhece.

Não sei porque rasão assi amanhece.

MS. de Luiz Franco.

Com que toda a alegria s'entristece
O manso gado vejo, que contente
Buscando hia nos campos a verdura,
E dos rios a limpida corrente:
Agora triste errar pola espessura
Alheio d'herva verde e d'agua fria.

Em que toda a alegria s'entristece.
Porque o manso gado, que contente
Buscava pelos campos a verdura
E nos rios a clara agoa corrente
Agora o vejo andar pella espessura
Sem lhe lembrar o campo e agoa fria.

MS. de Luiz Franco.

Suspensa está das aves a harmonia;
E em certo modo mostra que lá chora
A mesma sequidão da penedia.
A candida, rosada, bella aurora,
Que sempre os altos montes vem dourando,
Com hum pallor mortal se mostra agora.

Philomella não cura d'armonia;
Progne seu canto dobra cada hora,
Tambem se mostra triste a penedia.
Sobre tudo tambem a clara aurora,
Que os seus cabellos d'ouro vem mostrando,
Sendo sempre contente he triste agora.

MS. de Luiz Franco.

Tão triste côr, que della se conhece.

Huma tristeza donde se conhece.

MS. de Luiz Franco.

Emfim, vejo que tudo s'entristece;
A causa ignoro. O Ceo piedoso queira.

E vejo que agora tudo se intristece;
E que a causa não sei. Deus ora queira.

MS. de Luiz Franco.

Porque, desde que habito esta ribeira,
Não m'acórdo de a ver tão carregada,
Nem de a ouvir murmurar desta maneira.
Não m'acórdo que visse outra alvorada
Tão confusa sahir, como esta vejo,
De profunda tristeza acompanhada.
Agora aqui tomára quem sem pejo
A causa, se a soubesse, m'ensinasse.

Que, desde que aqui conheço esta ribeira,
Não me lembra que a visse tão pezada,
Correndo com hum tom desta maneira.
Não me lembra a que visse a alvorada
Tão triste esclarecer, como esta vejo,
Vir toda de tristeza acompanhada.
Folgára ter agora quem sem pejo
Desta causa, a razão, me declarasse.

MS. de Luiz Franco.

Porque não posso eu crer que resultasse.

Porque não posso eu crer que se gerasse.

MS de Luiz Franco.

Que até nos duros montes se enxergasse.

Que até nas duras pedras se enxergasse.

MS. de Luiz Franco.

O coração cá dentro no meu peito
M'assegura, que tanta novidade
Não traz a origem de commum respeito.
Mas, por entre a confusa claridade.

Porque o coração dentro no peito
Me diz, que esta tamanha novidade
Se mostra por algum grande respeito.
Mas, se não cega esta claridade.

MS. de Luiz Franco.

Delle espero entender toda a verdade.

De quem posso saber toda a verdade.

MS. de Luiz Franco.

Que nos olhos não mostre onde me chega
A dor de o ver de dores traspassado.
Mas aquelle, que a Amor cruel s'entrega,
Não he muito que passe hum tal tormento;
Porque todo o mal dá, todo bem nega.

Tomes hum tão damnoso pensamento.
Outra he, certo, a razão, outro o respeito
Que negar-te me fez o que pedias:

Te sugeitas a hum vão pensamento.
Outra era, razão, outro o pensamento
O que me fez negar-te o que pedias:

MS. de Luiz Franco.

Bem sei que o meu descanso pretendias;
E a mesma confiança faz negar-te
O que destes sinaes saber querias.
Não queiras mais, Soliso, prolongar-te;
Pois pende o gosto meu da tua vida:
Se corres risco, dá-me delle parte.

Bem sei que meu proveito pertendias;
Esta obrigação me fez negar-te
O que de mim saber tanto querias.
Vejo tanto em dizer-mo prolongar-te,
Que ja suspeito mal por tua vida:
Que queiras acabar de declarar-te.

MS. de Luiz Franco.

De todo a sinto ja desfallecida
Nas lembranças daquella breve historia,
Que foi para meus males tão comprida.
Ja me vence a tristissima memoria
Da gloria que presente me animava.
Quem pudera voar traz tanta gloria!

A alma sinto ja desfallecida
Lembrando-me sómente aquella historia,
Que he pera meus males tão comprida.
Porque sento em mi de novo a memoria
Daquelle bem que o meu só sustentava.
Ó quem podera hir traz tanta gloria!

MS. de Luiz Franco.

E que á casta Diana fez inveja,
E que com sua vista o sol cegava;
Aquella a quem render-se só deseja
Aquelle que de bella mãe presume,
E a quem as armas dá com que peleja;
Natercia, que no mundo foi hum lume.
Onde a belleza de maior estado
Incendios aprendia por costume;
Natercia, por quem ando acompanhado
De mágoa tal, que só da morte dura
Espero o feliz fim de meu cuidado;
Ao Ceo se foi co'aquella formosura,
Qu'era mostra do Ceo, gloria da terra;
Qu'era o sogeito mór da mór ventura.
Ja não fará no prado ás almas guerra.

E á casta Diana fez inveja,
E com sua bella vista o sol cegava;
Natercia que era em perfeição sobeja
Em que a natureza poz o cume,
De quanto em huma Nympha se deseja;

Natercia que ao mundo foi o lume,
De fermosura tal que usurpado
Tinha quasi ao amor o seu costume:
Natercia, por quem ando rodeado
De tanto mal, que só a morte dura
Espero que dê fim a meu cuidado;
Ja não amostrará aquella fermosura,
Com que alegrar sohia toda a terra;
E fazia contente a noute escura.
Aos pastores ja não fará guerra.

MS. de Luiz Franco.

Guerra em que o damno mais cruel s'encerra.
Ja de vê-la não tenhas esperança.

Guerra em que maior dano s'encerra.
Ja de vella he perdida a esperança.

MS. de Luiz Franco.

E a causa vês aqui de que a alvorada
Visses desta manhãa tão differente
De outra qualquer, de ti mais ponderada.
Dizer-te o mais não posso, porque sente
Est'alma no que disse tal tormento,
Qu'esta memoria apenas me consente.

E por esta razão esta alvorada
Das outras que passárão differente
Vêdes, de sinais tristes rodeada.
Não me atrevo a dizer-te mais, que sente
Alma, ha no que digo tal tormento,
Que quasi esta memoria não consente.

MS. de Luiz Franco.

Segue depois no manuscripto:

Sylvano

Se a mim não engana o entendimento
Natercia deste mundo he partida;
Dize-me se verdade ou fingimento.

Soliso

Não queiras renovar-me esta ferida;
Natercia he morta! Ceo tão endurecido
Que me dura sem ella a triste vida.

Em seguida continua Sylvano:

Oh mundo! qual he aquelle tão perdido,
Qu'em ti crê, qual aquelle tão insano,
Vendo-te todo em damno instituido?

Ó mundo cruel e triste, quam perdido
Anda o que em tuas mostras se confia,
E a quanta desventura offerecido?

MS. de Luiz Franco.

Continua no manuscripto este terceto:

O teu contentamento e alegria,
O teu bem que dás pera mór dano,
Que são senão de males huma guia?

Porque, com nosso opprobrio e tua gloria,
Nos faças mais patente o teu engano.
Sempre assi vai comtigo a mór victoria.

Porque, com maior mal nosso e tua gloria,
Venhas a declarar-nos teu engano.
Assim comtigo vai sempre a victoria.

MS. de Luiz Franco.

D'hum possuido bem triste memoria.
Quem faz de ti alguma confiança,
Sabendo ja que quem de ti confia,
D'hum engano penoso em fim s'alcança.

Do bem que nos roubaste a memoria.
Perdida he em ti toda a confiança,
Que só de falsidade e enganos,
Se deve ter em ti certa esperança.

MS. de Luiz Franco.

Entre este ultimo verso,

D'hum engano penoso emfim s'alcança,

e o verso:

Deixae, deixae, pastores, a verdura;

se lêem no manuscripto os seguintes versos:

Quem cuidára que huns tão tenros annos
E huma tal claridade, que excedia,
Quanto podem cuidar peitos humanos,
E aquelle olhar brando que fazia
Ao mesmo Amor guerra livremente
Podesse perecer em algum dia!
Qual he o peito duro que isto sente
Que queira vida mais, pois morta he aquella
Que fazia o viver ledo e contente?
Morta he ja aquella vista bella
Que alegrar a tristeza bem podera
E a quem não a tem tambem trazella.
Ah morte! morte dura e fera!
Como não te movia huma beldade,
Que até as duras pedras commovêra!
Como não te moveo huma tenra idade,
Como não te moveo a sorte dura
Dos que agora sentem sua saudade!

Deixae, deixae, pastores, a verdura;
As frautas deixae ja, e os mansos gados;
E chorae todos vossa desventura.

Deixai, tristes pastores, a verdura;
Deixai as frautas ja, e os mansos gados;
E vinde chorar vossa desventura.

MS. de Luiz Franco.

Tambem chorar podeis, pois ja perdêrão
O objecto mais gentil vossos cuidados.

Chorae tamanho mal, pois ja perdêrão
Seu remedio e seu bem vossos cuidados.
MS. de Luiz Franco.

Destes sagrados bosques a morada.

Destes bosques espessos a morada.
MS. de Luiz Franco.

De que mais vos prezais, não esquecestes.

De que assi vos prezais não esquecestes.
MS. de Luiz Franco.

Se ja d'alheio damno vos doestes,
Do vosso proprio vos doei agora,
Pois com Natercia todo o bem perdestes.

Pois do alheo mal sempre vos doestes,
Vinde chorar o proprio vosso agora,
Pois vossa gloria e honra ja perdestes.
MS. de Luiz Franco.

E de vós agua saia em mal tão forte,
Pois de vê-lo tambem o monte chora.
Oh Napêas! chorae a triste sorte
Dos miseros pastores, a quem nega
O fado por mais pena o mortal côrte.
Oh! Dryas! vós, a quem Amor s'entrega,
Tomae todo o cuidado deste pranto,
Pois sabeis onde a causa delle chega.

Vinde chorar comigo hum mal tão forte,
Que até o duro monte tambem o chora
Ó Nymphas! chorai a triste sorte
Dos coitados pastores, a quem nega
Amor para maior mal a triste morte.
Ó Driades! a quem Amor s'entrega,
A vós dou o cuidado deste pranto,
Pois sabeis este mal onde nos chega.
MS. de Luiz Franco.

Pois deixa a Philomella o doce canto.
E vós, ó vida minha, pois curar-me
Ja não podeis, deixae-me juntamente,
Porque lembranças taes possão deixar-me.
Mas se dellas morreis, morro contente.

Pois deixa a Philomella o alegre canto.
Que pois não podeis remediar-me
Vinde deixar-me, porque juntamente,
Lembranças deste mal possa deixar-me.
Que em quanto vos tiver, terei presente.
MS. de Luiz Franco.

EGLOGA XVI

Sendo, como indubitavelmente é, de Camões, na minha opinião, a egloga XIV, esta, escripta no mesmo local e no mesmo estylo, é igualmente sua; e, como de um mesmo auctor, estava junta no manuscripto d'onde copiou o professor Antonio Lourenço Caminha.

Ergasto nas ribeiras do Tejo, em uma area coroada de rochas, vem desafogar contra a ingratidão de Galathea, que não mostrou a mais pequena saudade pela sua ausencia, e lhe esqueceu o amor antigo; pragueja contra ella, mas termina desejando-lhe mil venturas e que só elle seja o desgraçado. Estes versos

> Tanto segredo alegre, tanta festa,
> Tanta conversação, sem prejuizo,
> Em que passaste ja comigo a sesta.
> As historias, as praticas de rizo,
> As dissimulações por poder ver-te,
> Aquellas zombarias tão de cizo.

apresentam muita similhança com est'outros da egloga III:

> E como te não lembras do perigo,
> A que só por m'ouvir t'aventuravas,
> Buscando horas de sesta, horas d'abrigo?
> Co'a maçãa da discordia me tiravas;
> Qu'a Venus, qu'a ganhou por formosura,
> Tu, como mais formosa, lha ganhavas.
> E escondendo-te logo na'spessura,
> Hias fugindo, como vergonhosa
> Da namorada e doce travessura.

Pelos seguintes versos parece que, quando escreveu esta poesia, reinava já o pensamento de se passar á India:

> Buscarei com meu gado estranha terra,
> Habitarei onde outro sol mais arde,
> Ou onde a neve tem cuberta a serra.

ELEGIA I

Esta elegia refere-se ao degredo do Ribatejo. Compara-se n'ella a Ovidio, que, desterrado no deserto do Ponto, mitigava a aspereza do exilio com a sua Musa. A aridez da terra onde o poeta latino vegetava entre barbaros uma vida solitaria, longe da patria e das mais caras raizes que prendem o homem á terra, não tem analogia com essas encantadoras e vecejantes margens do nosso Tejo, que mais de uma vez tenho percorrido; mas quem não sabe que a saudade póde tornar os logares mais aprazíveis em aridos e escabrosos, converter as flores em abrolhos? E assim acontecia ao Poeta:

> Não vejo senão montes pedregosos;
> E sem graça e sem flor os campos vejo,
> Que ja floridos vira, e graciosos.

Camões nos pinta a vida que levava n'estes sitios: ao romper do dia ía-se com passo carregado a um outeiro, e ahi se sentava entregando-se ás suas reflexões amorosas, e vendo os barcos que desciam o rio, se dirigia ás aguas d'elle,

pedindo-lhes que levassem de mistura as suas lagrimas á parte onde iam, até que elle podesse ir onde ellas chegavam. Mas não póde tanto bem chegar tão cedo, porque primeiro se lhe acabará a vida do que se acabe tão aspero degredo. Nem com a mesma morte se poderá extinguir a memoria dos seus amores; emquanto porém esta não vem cevará a sua imaginação com a gloria possuida, até que surja o dia tão desejado que ponha termo a este degredo ou o consuma a mesma morte. Temos n'esta poesia a notar duas cousas: uma, a certeza do degredo, e a outra a injustiça d'elle.

Dest'arte me figura a phantasia
A vida com que morro, desterrado, etc.

Não póde tanto bem chegar tão cedo;
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degredo.

Á injustiça do degredo se refere n'estes versos:

Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e m'entristece
Ver sem rasão a pena que m'alcança.

Aos montes ja, ja aos riòs se queixava.

Aos montes e ás agoas se queixava.
Edição de 1595.

Aos montes, ás altas agoas se queixava.
MS. de Luiz Franco.

E aquella ordem com que discorria.

E como por sua ordem discorria.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

O ceo e o ar, e a terra adonde estava.

O ceo, o ar e a terra adonde estava.
Edição de 1595.

Os peixes por o mar nadando via.

Os peixes pelo mar nadando via.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

As feras por o monte procedendo.

As feras pelo monte procedendo.
Edição de 1595.

Nos soidosos versos qu'escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.
Dest'arte me figura a phantasia.

Nos versos saudosos que escrevia,
E lagrimas com que alli o campo banha.
Dest'arte me afigura a fantesia.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

A vida com que morro, desterrado.

A vida com que vivo, desterrado.
MS. de Luiz Franco.

Do bem qu'em outro tempo possuia.

No bem que em outro tempo possuia.
Edição de 1595.

Aqui contemplo o gosto ja passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Alli contemplo o gosto ja passado,
Que nunqua passará pola memoria
De quem o tem na mente debuxado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Aqui vejo caduca e debil gloria.

Alli vejo a caduca e debil gloria.
Edição de 1595.

Alli vejo a caduca e fraqua gloria.
MS. de Luiz Franco.

Que faz a fragil vida transitoria.

Que faz a habil vida transitoria.
MS. de Luiz Franco.

Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e m'entristece.

Alli me representa esta lembrança
Quam pouca culpa tenho; e me entristece.
Edição de 1595.

Quando a róxa manhãa, dourada e bella.

Quando a rôxa manhãa fermosa e bella.
Edição de 1595.

Quando a manhãa fermosa, clara e bella.
MS. de Luiz Franco.

Por seu descanso tẽe me dá trabalho.

Para descanso tem me dá trabalho.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que pouco acórdo logra hum descontente.
Daqui me vou, com passo carregado.

Que pouco acordo tem hum descontente.
Dalli me vou, com passo carregado.
Edição de 1595.

Soltando toda a redea a meu cuidado.

Soltando a redea toda a meu cuidado.
Edição de 1595.

Estendo estes meus olhos saudosos
Á parte donde tinha o pensamento.

Dalli estendo os olhos saudosos
Á parte onde tinha o pensamento.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E sem graça e sem flor os campos vejo.

E os campos sem graça e secos vejo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Vejo o puro, suave e rico Tejo.

Vejo o puro, suave e brando Tejo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Vão pondo em doce effeito o seu desejo.

Vão em effeito pondo o seu desejo.
MS. de Luiz Franco.

Outras com leves remos brandamente.

Outras c'os leves remos brandamente.
Edição de 1595.

D'alli fallo com a agua que não sente.

Dalli falo co'a agoa que não sente.
Edição de 1595.

Com cujo sentimento est'alma sae.

Com cujo sentimento a alma sai.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Qu'eu vá onde vós ides, livre e ledo.

Que eu vá onde vós his contente e ledo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que se acabe tão aspero degredo.
Mas essa triste morte que virá.

Que se acabe este aspero degredo.
Mas esta triste morte que virá.
MS. de Luiz Franco.

Est'alma assi impaciente adonde irá?

A alma impaciente adonde irá?
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que se ás portas Tartaricas chegasse.

Quem ás portas Tartarias a chegasse.
MS. de Luiz Franco.

Temo que tanto mal por a memoria.

Temo que tanto mal pola memoria.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que se a Tantalo e Ticio for notoria.

Que s'a Tantalo e Ticio for notoria.
MS. de Luiz Franco.

A pena com que vai, e que a atormenta.

A pena com que vai, que a atormenta.
Edição de 1595.

Essa imaginação, emfim, me augmenta.

Esta imaginação me acrescenta.
Edição de 1595.

Esta imaginação me representa.
MS. de Luiz Franco.

De imaginações tristes se contenta.

De imaginações tristes se sustenta.
MS. de Luiz Franco.

Em que a Fortuna faça o que costuma.

Em que fortuna faça o que costuma.
Edição de 1595.

Se nella ha hi mudar-se hum triste estado.

Se nella ha hi mudar hum triste estado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

ELEGIA II

Esta elegia na primeira edição (1595) traz este titulo: «*A D. Antonio de Noronha, estando na India*». Do seu conteúdo porém se vê que foi escripta em Ceuta; e o Poeta formalmente o declara. É este um dos muitos erros com que andavam os manuscriptos d'onde Fernando Rodrigues Lobo Surrupita copiou, e com o seu escrupulo conservou. N'esta poesia o Poeta expressa ao seu amigo a saudade em que vive n'aquelle desterro, e como em vão procura mitiga-la com as armas e estranheza da terra, e pede-lhe novas da amante; na variante do meu manuscripto se vê que o Poeta se julgava desamado, e se mostra pungido do ciume. É curioso ver o Poeta descrever aqui um dos seus habitos, o andar em passeios solitarios, como tão apropriadamente diz em uma composição: *solitario apartado da manada*, entregando-se ás suas reflexões amarguradas.

No dégredo do Ribatejo o Poeta subia-se a um monte, e d'ahi, invejoso das barcas que navegavam pelo Tejo abaixo, pedia ás aguas do rio que levassem de mistura as suas lagrimas á sua amante. Aqui, nos intervallos que as armas lhe permittiam, subia-se ao monte que Hercules

Do altissimo Calpe devidio,

isto é, o Abila, e ahi procurava, com meditações estranhas ao seu amor, distrahir-se:

Mas nem com isto, emfim, qu'estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
D'amorosas lembranças me defendo.

A fabula das columnas de Hercules agradava ainda no tempo em que Camões aqui militou, de modo que me lembra de ver no archivo da Torre do Tombo umas instrucções para a fortificação d'esta praça, das quaes consta que uma das torres se chamava a *torre de Hercules*, e se ordenava lhe não collocassem artilharia. Faria e Sousa, commentando o verso:

Do altissimo Calpe devidio,

pretende que entre o *do* e o *altissimo* se devia, com todo o rigor, fazer synalepha, porém que o Poeta industriosamente a não fez, porque o pronunciar-se o verso sem ella, faz uma viva representação da excessiva altura do monte.

Continua o Poeta pedindo ao amigo, indirectamente, novas da amante, o que faz directamente na variante do meu MS., e termina segurando-lhe que se acabar n'aquelle desterro, entrará ainda pelo Tartaro, e ao som das aguas negras do Cocyto, e d'aquelles carregados arvoredos cantará o que na alma tem escripto, porque o seu amor é tal, que nem com a morte póde acabar:

Porque, emfim, a alma vive eternamente,
E Amor he effeito d'alma, e sempre dura.

Aquella que d'amor descomedido.

Aquella cujo peito em flama ardido.
Meu MS.

Por o formoso moço se perdeo.

Pelo fermoso moço se perdeo.
Edição de 1595.

Despois que a deosa em pedra a converteo.

Depois que amor em pedra a converteo.
Meu MS.

E se huma pouca vida, estando ausente.

E se algũa pouca vida, estando ausente.
Edição de 1595.

E se pouca algũa vida estando auzente.
Meu MS.

Senhor, se vos espanta o soffrimento.

Se, Senhor, vos espanta o sentimento.
Meu MS.

Furto este breve espaço a meu tormento.

Furto este breve tempo a meu tormento.
Meu MS.

Nem eu escrevo hum mal ja acostumado.

Nem eu escrevo mal tão costumado.
Edição de 1595.

Mas n'alma minha triste e saudosa
A saudade escreve, e eu traslado.

Mas em minha alma triste e saudosa
A grave dor escreve, e eu treslado.
Meu MS.

E esparzindo a continua soidade
Ao longo d'huma praia soidosa.

Espalhando a continua saudade
Ao longo de huma praya saudosa.
Edição de 1595.

As maguas espalhando e a saudade
Ao longo de hũa praia saudosa.
Meu MS.

Vejo do mar a instabilidade.

Do mar contemplo a instabilidàde.

Meu MS.

De furibundas ondas poderoso.

E com sua branca espuma furioso.

Edição de 1595.

E com sua branca escuma saudoso.

Meu MS.

Na terra, a seu pezar, está tomando
Lugar, em que s'estenda, cavernoso.

Na terra, a seu prazer, lhe está tomando
Lugar, onde se esconda, cavernoso.

Meu MS.

Sempre com som profundo suspirando.

Suas salgadas ondas espalhando.

Edição de 1595 e meu MS.

Ás vezes cuido em mi, se a novidade.

Ás vezes cuido em mim, se a novidade.

Edição de 1595 e meu MS.

E estranheza das cousas, co'a mudança.

Se a estranheza das cousas com a mudança.

Meu MS.

Poderião mudar huma vontade.

Se poderão mudar huma vontade.

Edição de 1595 e meu MS.

E com isto figuro na lembrança.

E com isto afiguro na lembrança.

Edição de 1595 e meu MS.

A estrangeira progenie, a estranha usança.

A estrangeira gente, e estranha usança.

Edição de 1595.

Com a estrangeira gente, estranha usança.

Meu MS.

D'alli 'stou tenteando adonde vio.

D'alli estou tenteando aonde vio.

Edição de 1595.

O pomar das Hesperidas, matando.

O jardim das Hesperidas, matando.

Meu MS.

Estou-me em outra parte figurando.

Em outra parte estou afigurando.

Edição de 1595.

O poderoso Anteo, que derribado
Mais força se lhe vinha accrescentando.

O poderoso Anteo, que derribado
Mais força se lhe estava acrescentando.
Edição de 1595 e meu MS.

Porém do Herculeo braço sobjugado,
No ar deixando a vida, não podendo
Dos soccorros da mãe ser ajudado.

Mas do Herculeo braço sojugado,
No ar deixou a vida, não podendo
Da Madre terra ja ser ajudado.
Edição de 1595 e meu MS.

Nem com as armas tão continuadas.

Nem com as armas ja tão continuadas.
Meu MS.

D'amorosas lembranças me defendo.

De lembranças passadas me defendo.
Edição de 1595 e meu MS.

Todas as cousas vejo demudadas.

Todas as cousas vejo remudadas.
Edição de 1595.

Todas as cousas vejo remendadas.
Meu MS.

Qu'estejão de firmeza acompanhadas.

Que estejão de firmezas sobjugadas.
Meu MS.

Em variadas cores revestia.

De mil cores alegres revestia.
Edição de 1595.

De terrestres estrellas revestia.
Meu MS.

O monte, o campo, o valle, alegremente.

O monte, o rio, o campo, alegremente.
Edição de 1595.

O monte, o campo, o valle, alegremente.
Meu MS.

Que até duros penedos convidava
A algum suave modo d'alegria.

Que até aos montes duros convidava
A hum modo suave de alegria.
Edição de 1595.

Que ao mesmo triste convidava
A hum suave modo de alegria,
Meu MS.

Que se vou por os prados, a verdura.

Que vou pellos campos, a verdura.
Edição de 1595 e meu MS.

Porque aos olhos que vivem descontentes.

Porque os olhos que vivem descontentes.
Edição de 1595.

Descontente o prazer se lhes figura.

Descontente o prazer se lhe afigura.
Edição de 1595 e meu MS.

Da Fortuna e d'Amor! que penitencia.

De fortuna que amor e penitencia.
Meu MS.

Não basta examinar-me a paciencia.

Não basta experimentar-me a paciencia.
Edição de 1595 e meu MS.

Sem que tambem me tente o mal de ausencia?

Sem que tambem m'atente o mal de auzencia?
Edição de 1595 e meu MS.

Trazeis hum brando espirito em mudanças.

Trazeis hum brando animo em mudanças.
Edição de 1595 e meu MS.

De lagrimas, suspiros e lembranças.

De lagrimas, suspiros e esquivanças.
Meu MS.

Ja quieto m'achava co'a tristeza.

Viviá eu socegado com a tristeza.
Edição de 1595 e meu MS.

E alli não me faltava hum brando engano.

E ali me não faltou hum brando engano.
Meu MS.

Que tirasse desejos da fraqueza.

Que tirasse os desejos da fraqueza.
Edição de 1595 e meu MS.

Mas vendo-me enganado estar ufano.

E vendo-me enganado estar ufano.
Edição de 1595 e meu MS.

Deo á roda a Fortuna; e deo comigo.

Deu a fortuna á roda e deu comigo.
Meu MS.

Em seguida ao verso

Onde de novo chóro o novo dano,

entram no meu Ms. cinco tercetos que não vem em nenhuma edição, variante muito notavel, em que o Poeta se dirige a um amigo pedindo novas da amante que tinha deixado em Lisboa, e ao dizer do Poeta, ou ao seu suspeitar, tendo variado de amor. No meu Ms. faltam os tres tercetos que começam:

Ja deve de bastar o que aqui digo, etc.

E se nos brandos peitos faz abalo, etc.

Não quero mais se não que largámente, etc.

e terminando a variante pega com o resto da elegia no verso:

Porque se o duro Fado me desterra, etc.

Os versos ineditos são os seguintes:

Mas ó vós charo fiel e doce amiguo
Que de amor fero, livre e seos errores
Nunqua vistes as maguas que aqui diguo.
Assi nunqua as vejais, nem seus ardores
Abrazem nem congelem vosso peito
Com desejo, com supitos temores.
Não passeis nunqua aquelle passo estreito
De serdes desamado e mal querido
Vendo-vos, sem remedio, ser sugeito.
Que a este amiguo, vosso amiguo fido,
Não negueis hum papel que o todo seja
Mais cheio d'antre linhas que polido,
No qual só da minha alma novas veja,
Que lá ficou vaguando nessa terra
Com quem mais que a mim ama e deseja.

E se nos brandos peitos faz abalo.

E se nos bravos peitos faz abalo.
Edição de 1595.

Que alguma dellas me fará contente.

Ao menos poderei viver contente.
Edição de 1595.

Desampare a prisão onde s'encerra.

Desampare a prisão donde s'encerra.
Meu MS.

E por entre estes horridos penedos.

E antre estes orridos penedos.
Meu MS.

O Musico de Thracia, ja seguro.

E o musico de Thracia, ja seguro.
Edição de 1595 e meu MS.

Em Salmonéo as penas faltarão,
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vasos s'encherão.

De Tantalo as maçãas não fugirão,
E as filhas de Bello juntamente
De lagrimas os vasos encherão.

Meu MS.

Porque, emfim, a alma vive eternamente,
E amor he effeito d'alma, e sempre dura.

Que, emfim, nossa alma vive eternamente,
E amor que effeito d'alma, sempre dura.

Meu MS.

ELEGIA III

O poeta Simonides, fallando um dia com Themistocles, lhe offerecia uma arte de Mnemonica, a que o capitão lhe contestou, que se lhe desse uma arte que o podesse fazer esquecer do passado, muito maior serviço lhe faria. Assim tambem de que serve ao Poeta lembrar-se do passado senão de entristecer-se e magoar-se, porque o bem que a esperança promette, ou a morte ou a mudança o estorva. A proposito d'esta arte de mnemonica, nos diz Faria e Sousa que corriam no seu tempo livros impressos, porém sem proveito, o que não acontecia com o utilissimo ensino de Manuel Ramires Carion, seu conhecido, que ensinava a fallar os mudos. «Lo que este admirable varon enseña, como Dios lo enseño, (diz Faria e Sousa) y el no revela a alguno, aparece evidentissimo em sus discipulos; mas por el arte que ay impresso no se saca alguno fruto, como ni del otro de Memoria, que nos obligò a dexar aqui esta de el Autor de tan util arte». D'onde vemos que esta tão caritativa arte tem mais antiguidade do que se suppõe. N'esta elegia o Poeta, fallando com a pessoa a quem a dirige, lhe relata o seu embarque e viagem para a India; como se arrancou da patria onde lhe ficava o coração, e com a amante a lembrança de toda a bemaventurança passada; a tormenta que passou no cabo da Boa Esperança, onde a saudade da amante lhe renova, tormenta que o Poeta já descreve com penna de mestre; a sua chegada a Goa

De todo pobre honrado sepultura;

a expedição em que logo se achou, e embarcou com o vice-rei D. Affonso de Noronha por fim de novembro de 1553, que teve o resultado de tomar uma ilha que o rei de Pimenta tinha tomado ao de Cochim, successo militar que o Poeta narra com a singeleza de um soldado veterano. Depois de haver contado a vida agitada em que o traz a fortuna, volve-se com uma apostrophe, em que imita a Virgilio, ao socego que se gosa na vida campestre, que inveja. Mas quão longe está d'este socego, elle a quem a fortuna traz peregrinando e continuamente entregue á furia de Marte; porém em qualquer condição da vida, por aspera que seja, emquanto esta lhe durar não poderá apartar o seu canto dos louvores da sua amante.

A lembrar-se de tudo o que fazia.
Onde tão subtis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria.

A se lembrar de tudo o que fazia.
Onde tão sutis regras lhe mostrasse,
Que nunqua lhe passasse da memoria.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que sepulta qualquer antigua historia.

Que enterra em si qualquer antigua historia.
MS. de Luiz Franco.

Do passado as lembranças por tormento.

As passadas lembranças por tormento.
MS. de Luiz Franco.

Se me désses hum'arte, qu'em meus dias.

Se me désses hũa arte que em meus dias.
Edição de 1595.

S'este excellente dito ponderado.

Se este excellente dito ponderado.
MS. de Luiz Franco.

Não midas o passado co'o presente.

Não meças o passadó com o presente.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

De que serve ás pessoas o lembrar-se.

De que serve ás pessoas alembrar-se.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

S'em outro corpo hum'alma se traspassa.

Se n'outro corpo hũa alma se traspassa.
Edição de 1595.

Mas como quer Amor na vida escassa.

Mas como manda Amor na vida escassa.
MS. de Luiz Franco.

Selvatico no mundo, e habitante.

Selvatica no mundo, e habitante.
Edição de 1595.

Na dura Scythia, e no mais duro della.

Na dura Scythia, ou na aspereza della.
Edição de 1595.

Na dura Scythia, na aspereza della.
MS. de Luiz Franco.

Criado ao peito d'huma tigre Hircana.

Criado ao peito d'algũa tigre Hyrcana.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

As que passei do mar, forão do Lethe.

As que passei do mar, forão de Lethe.
Edição de 1595.

As que do mar passei, forão do Lethe.
MS. de Luiz Franco.

Porque o bem que a esperança vãa promette.

Que o bem que a esperança vãa promette.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E se quizer saber como se apura.

Pois se quizer saber como se apura.
MS. de Luiz Franco.

Em almas saudosas, não s'enfade.

N'hũa alma saudosa, não se enfade.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E eu a tinha ja solta á saudade.

E eu ja tinha solta á saudade.
Edição de 1595.

E eu ja a tinha solta á saudade.
MS. de Luiz Franco.

Com a gente maritima contente.

E a gente maritima contente.
Edição de 1595.

Os ventos, namorada Galatéa.

Os ventos, namorava Galatêa.
MS. de Luiz Franco.

Das argenteas conchinhas Panopéa.

Das argenteas conchas Panopêa.
MS. de Luiz Franco.

Melanto, Dinamene, com Ligéa.

Meilanto, Dinamene, com Legêa.
Edição de 1595.

E com o gesto immoto e descontente.

Com geito immoto e gesto descontente.
MS. de Luiz Franco.

Co'hum suspiro profundo e mal ouvido.

C'hum suspiro profundo e mal ouvido.
Edição de 1595.

Com suspiro profundo mal ouvido.
MS. de Luiz Franco.

Em puro amor tivestes, e inda agora.

E puro amor tivestes, e inda agora.
MS. de Luiz Franco.

Adonde entra o grão Tejo a dar tributo.

Aonde entra o gran Tejo a dar tributo.
Edição de 1595.

Onde entra o Tejo a dar o grão tributo.
MS. de Luiz Franco.

Ou ja por ver o verde prado enxuto,
Ou ja por colher ouro rutilante.

Ou por verdes o prado verde enxuto,
Ou por colherdes ouro rutilante.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Das Tagicas areias rico fruto.

Das Tegeas areas rico fruto.

MS. de Luiz Franco.

Nellas em verso erotico e elegante.

Nellas em verso heroico e elegante.

MS. de Luiz Franco.

Qu'em quanto lhes pedia consentião.

Que aquillo que pedia concedião.

MS. de Luiz Franco.

Por a tranquillidade da bonança.

Polla tranquilidade da bonança.

Edição de 1595.

Nem na tormenta triste me deixavão.

Nem na tormenta grave me deixavão.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Porque chegando ao Cabo da Esperança.

Porque chegado ao cabo da Esperança.

Edição de 1595.

Eis a noite com nuvens s'escurece;
Do ar subitamente foge o dia.

Eis a noite com nuvens escurece;
Do ar supitamente foge o dia.

Edição de 1595.

E todo o largo Oceano s'embravece.

E o largo Occeano se embravesse.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Qu'em tormentas se vinha desfazendo.

Que em tormenta se vinha desfazendo.

MS. de Luiz Franco.

Das náos as velas concavas rompendo.

Da náo as vellas concavas rompendo.

MS. de Luiz Franco.

Amor alli, mostrando-se possante.

Aly amor, mostrando-se possante.

MS. de Luiz Franco.

E que por algum medo não fugia.

E que por nenhum modo não fogia.

Edição de 1595.

E que por nenhum medo não fogia.
MS. de Luiz Franco.

Vendo a morte presente, em mi dizia.

Vendo a morte diante, em mi dizia.
Edição de 1595.

Vendo a morte diante my, dizia.
MS. de Luiz Franco.

Nada do que passei me lembraria.

Ó a quam bom lugar a minha alma heria.
MS. de Luiz Franco.

O firme amor intrinseco daquelle
Em quem alguma vez de siso entrasse.

O firme amor do intrinseco daquelle
Em cujo peito huma vez de ciso entrasse.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Huma cousa, Senhor, por certa asselle.

Huma cousa, Senhor, por certo asselle.
MS. de Luiz Franco.

De todo pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós s'encerra
E nos proprios quão pouca; contra quem.

De todo o pobre honrada sepultura.
Vi quanta vaidade nossa encerra
E dos proprios quão pouca; contra quem.
MS. de Luiz Franco.

Huma Ilha que o Rei de Porcá tem.

Que huma ilha que o Rei de Porcá tem.
Edição de 1595 e MS. do Luiz Franco.

E que o Rei da Pimenta lhe tomára.

E que El-Rei da Pimenta lhe tomára.
MS. de Luiz Franco.

Com huma grossa armada, que juntára.

Co'huma armada grossa, que ajuntára.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Com morte, com incendios os punimos.

Com mortes, com incendios os punimos.
Edição de 1595.

Com mortes e incendios os punimos.
MS. de Luiz Franco.

Pois passárão da Estyge as ondas frias.

Pois passarão da Estyge as agoas frias.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Dá-lhes a fonte clara d'agua pura.

Da-lhes a fonte clara a agua pura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Não temem o furor da guerra dura.

Não temem o temor da guerra dura.
MS. de Luiz Franco.

Sem lhe quebrar o somno repousado
A grã cobiça d'ouro reluzente.

Sem lhe quebrar o sono socegado
O cuidado do ouro reluzente.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E da formosa côr de Assyria tinto.

E da formosa côr de Assyrica tinto.
Edição de 1595.

E da formosa côr da Siria tinto.
MS. de Luiz Franco.

Alli lhe mostra o campo várias cores.

Alli amostra o campo varias cores.
Edição de 1595.

Aly amostra o monte varias cores.
MS. de Luiz Franco.

A sũa Justiça para o Ceo sereno.

A virgem justa para o ceo sereno.
MS. de Luiz Franco.

E se he benigna ou dura Cytheréa.

E se he benigna ou dura Scytharêa.
Edição de 1595.

E se he benigna ou triste Cytherêa.
MS. de Luiz Franco.

Bem mal póde entender isto que digo.

Bem mal póde entender isto que eu digo.
MS. de Luiz Franco.

Que sempre os olhos trazem seu perigo.

Que traz os olhos sempre em seo perigo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Pois postoque a Fortuna possa tanto.

Que posto que a fortuna possa tanto.
Edição de 1595.

Que ainda que a fortuna possa tanto.
MS. de Luiz Franco.

Não poderá apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quanto a morte.

Não poderá apartar meu rudo canto
Desta obrigação, em quanto a morte.

MS. de Luiz Franco.

Me não entrega ao duro Radamanto.

Me não entrega ao duro Rhadamânto.

Edição de 1595.

ELEGIA IV

Tendo Pedro de Magalhães concluido o seu livro da *Historia de Santa Cruz*, e imaginando a quem o dedicasse, e que o amparasse, adormeceu; apparecendo-lhe depois em sonhos Marte armado, dizendo-lhe que não é justo que seja offerecida a sua obra senão a quem por armas resplandeça, de outra parte lhe apparece Apollo, dizendo-lhe que só um varão sabio a poderá defender. N'isto Mercurio compõe as opiniões dos dois deuses, dizendo que mais de uma vez, entre os antigos heroes, concordaram as armas com as letras, e que ninguem está mais n'este caso do que D. Leoniz Pereira, insigne em ambas, e de quem faz o elogio. Mercurio disse: e conformados já os deuses, acorda Magalhães, e parte a offerecer o seu livro ao heroe de Malaca. Porei aqui a resumida apreciação que Camões faz do livro:

Tẽe claro estylo, e engenho curioso,
Para poder de vós ser recebido,
Com mão benigna, de animo amoroso.

Nunca vi exemplar algum d'este livro, que é mui raro, e se imprimiu em Lisboa no anno de 1576. Faria e Sousa diz que é pouco volumoso: *será una mano en quartila.*

D. Leoniz Pereira foi filho illegitimo de D. Manuel Pereira, terceiro conde da Feira, e foi um dos nossos famosos capitães da India, o qual estando em Malaca, e sendo esta praça atacada no anno de 1568 pelo rei de Achem, com uma poderosissima armada, a soube defender valorosamente. A esta insigne victoria escreveu Camões o soneto CCXXVII, que começa:

Vós Nymphas da Gangetica espessura, etc.

A breve historia sua, que illustrasse.

A breve historia sua, qu'illustrasse.

Edição de 1598.

Tendo nisto occupada a phantasia,
Lhe sobreveio hum somno repousado,
Antes que o sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe apparece todo armado.

Tendo nisto occupada a fantasia,
Lhe sobrevêo hum sono repousado,
Antes qu'o sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lh'aparece todo armado.

Edição de 1598.

Não he justo que a outrem se offereça
Obra alguma que possa ser famosa.

Não he justo qu'a outrem s'offereça
Nem hũa obra que possa ser famosa.

Edição de 1598.

No largo mundo com tal nome e fama.

No mundo todo com tal nome e fama.
Edição de 1598.

Disse assi: quando Apollo, que da flama
Celeste guia os carros, de outra parte.

Isto assim dito: Apollo, que da flama
Celeste guia os carros, d'outra parte.
Edição de 1598.

Poz seus thesouros, e eu minha sciencia.

Por seus thesouros, e eu minha sciencia.
Edição de 1598.

He justo que a escriptura na prudencia.

He justo qu'a escriptura na prudencia.
Edição de 1598.

A cithara dourada, começou
A mitigar de Marte a fortaleza.

A cythara dourada, começou
De mitigar de Marte a fortaleza.
Edição de 1598.

Pacificar porfias duvidosas,
Co'o Caducêo na mão, que sempre usou.

Despartir porfias duvidosas,
C'o Caducêo na mão, que sempre usou.
Edição de 1598.

Com suaves razões e ponderosas.

Com razões boas, justas e amorosas.
Edição de 1598.

Como tão bem mil vezes concordárão
As armas com as letras; porque as Musas
A muitos na milicia acompanhárão.
Nunca Alexandre, ou Cesar, nas confusas
Guerras o estudo deixão grande espaço;
Que as armas jamais delle são escusas.

Que tambem muitas vezes ajuntárão
Ás armas eloquencia, porqu'as Musas
Mil capitães na guerra acompanhárão.
Nunqua Alexandre, ou Cesar, nas confusas
Guerras deixárão o estudo em breve spaço;
Nem armas da sciencia são escusas.
Edição de 1598.

N'huma mão livros, n'outra ferro e aço;
Aquella rege e ensina; est'outra fere:
Mais co'o saber se vence, que co'o braço.
Pois, logo, hum Varão grande se requere.

N'hũa mão livros, n'outra ferro e aço;
A hũa rege e ensina; a outra fere:

Mais c'o saber se vence, que c'o braço.
Pois, logo, varão grande se requere.

Edição de 1598.

Este vos darei eu, em quem se veja.

Este vos darei, em que se veja.

Edição de 1598.

Que he hum Leoniz que faz ao mundo inveja.

Qu'he Dom Leoniz que faz ao mundo inveja.

Edição de 1598.

As Artes e as Sciencias lh'ensinárão.

As artes e sciencia lh'ensinárão.

Edição de 1598.

Daqui nos exercicios o seguirão.

Daqui os exercicios o seguirão.

Edição de 1598.

Despois, ja Capitão forte e maduro,
Governando toda a Aurea Chersoneso,
Lhe defendeo co'o braço o debil muro.

Depois, ja Capitão forte e maduro,
Governando toda Chersoneso,
Lhe defendeo c'o braço o debil muro.

Edição de 1598.

Do poder dos Achens que se sustenta
De alheio sangue, em fúria todo acceso;
Este só que a ti, Marte, representa,
O castigou de sorte, que vencido.

Do poder dos Achens que se sostenta
De sangue alheo em fúria aceso;
Este só qu'a ti, Marte, representa,
O castigou de sorte, qu'o vencido.

Edição de 1598.

E logo qu'este Reino defendido
Deixou, segunda vez com maior glória.

Pois tanto qu'o grão defendido
Deixou; segunda vez com mayor glória.

Edição de 1598.

Mas não perdendo ainda da memoria.

E não perdendo ainda da memoria.

Edição de 1598.

Os imigos o damno da victoria;
Huns com amor intrinseco esperando.

Os imigos o danno da victoria;
Hũs com amor intrinseco esperando.

Edição de 1598.

O estão com frio medo receando.

Véde pois se serião debellados
Por seu claro valor, se lá tornasse,
E dos Indicos mares degradados.
Porqu'he justo que nunca lhe negasse.

O vão com temor frio receando.
Pois véde se serião desbaratados
De todo por seu braço, se tornasse,
E dos mares da India degradados.
Porqu'he justo que nunqua lhe negasse.

Edição de 1598.

Aqui só póde ser bem dirigido
De Magalhães o estudo: este só deve
Ser de vós, claros deoses, escolhido.
Assi Mercurio disse; e em termo breve
Conformados se vem Apollo e Marte;
E voou juntamente o somno leve.

Pois aqui certo está bem dirigido
De Magalhães o livro: este só deve
De ser de vós ó Deoses, escolhido.
Isto Mercurio disse: e logo em breve
Se conformárão nisto Apollo e Marte;
E voou juntamente o sono leve.

Edição de 1598.

A offerecer-vos, Senhor claro e famoso,
Tudo o que nelle poz sciencia e arte.
Tẽe claro estylo, e engenho curioso.

A vos offerecer, Senhor famoso,
Tudo o que nelle pos sciencia e arte.
Tem claro estillo, engenho curioso.

Edição de 1598.

Com mão benigna, de animo amoroso.
Pois se só de não ser favorecido
Hum alto esprito fica baixo e escuro;
Este seja comvosco defendido,
Como o foi de Malaca o debil muro.

Com mão benigna, d'animo amoroso.
Porque só de não ser favorecido
Hum claro sprito fica baixo e escuro;
Pois seja elle comvosco deffendido,
Como foy de Malaca o fraco muro.

Edição de 1598.

ELEGIA V

O Poeta bemdiz o dia em que tomou o doce pensamento dos seus amores, que o desvia de todos os outros, e dá por bem aventurado o soffrimento que soube ser capaz de tanta pena, vendo que o foi da causa o entendimento. Esforça-se com a sublimidade da causa, que lhe dá forças para supportar todo o tormento que possa provir do desamor da amante. Por estes dois versos póde deprehender-se que esta composição foi escripta em ausencia:

Se sinto tanto bem só co'a memoria
De ver-vos, linda Dama, vencedora.

Em todas as edições antigas vem estes tercetos com o titulo de *Capitulo*.

Aquelle mover de olhos excellente.

Aquelle mover d'olhos excellente.
Edição de 1595.

Tanto a inflamar-me vem d'hum doce engano,
E tanto a engrandecer-me a phantasia.

Me inflama o coração d'hum doce engano,
Me enleva e engrandesce a fantasia.
Edição de 1595.

Penando vive hum'alma consumida.

Penando vive hũa alma consumida.
Edição de 1595.

E se me mostra hum gesto lindo humano.

E se me mostrou hum gesto brando humano.
Edição de 1595.

Se sinto tanto bem só co'a memoria
De ver-vos, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais que ser vossa victoria?
Se tanto a vossa vista mais namora.

Se sinto tanto bem só na memoria
De vos ver, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais que ser vossa a victoria?
Se tanto vossa vista mais namora.
Edição de 1595.

Se, emfim, os meus espritos, de pequenos,
A merecer não chegão seu tormento.

Se, meus baixos spritos, de pequenos,
Ainda não merecem seo tormento.
Edição de 1595.

A causa, pois, m'esforça o soffrimento.

A causa, emfim, m'esforça o soffrimento.
Edição de 1595.

ELEGIA VI

Encontrou Faria e Sousa esta elegia e a VII em uma collecção de prosas e poesias em Escalona, e tinha no fim esta declaração: «Acabou-se de trasladar a 29 de julho de 1593, em Evora, por Francisco Alvares, de alcunha o Socio, por uma copia de Manuel Godinho, que diz a tirou do proprio original, anno 1562. Se aqui houver erros eu o trasladei assim como estava, porque o Godinho não sabia latim. Tinha por titulo: *Fabula de Narciso*».

Comprehendia mais o manuscripto um sermão na lingua portugueza, em seguida á descripção que o doutor João de Barros fez da comarca de Entre Douro e Minho, e depois varias poesias em castelhano, a maior parte d'ellas más, na opinião de Manuel de Faria e Sousa. Descreve o Poeta uma graciosa floresta, semeada de flores delicadas, e povoada de passaros, que n'ella fazem ouvir os seus gorgeios, e onde se lêem pelos troncos lembranças de amores felizes, e tambem de tormentos de amor. Apostropha o amor, causa da cruel guerra em que traz os

corações, e termina relatando a fabula de Nàrciso. O principio d'esta elegia parece descrever-se em sitio á beiramar:

> Entre rusticas serras e fragosas,
> Compostos d'asperissimos rochedos,
> De salitradas lapas cavernosas.

e os ultimos versos, que têem toda a analogia com o final da elegia II escripta na Africa, me induzem a acreditar que foi feita pelo mesmo tempo. A mesma analogia se nota em parte das oitavas ou epistola a D. Antonio de Noronha, que eu reputo compostas pela mesma epocha. Os ultimos quatro versos d'esta elegia provam que o Poeta principiava a experimentar contratempos nos seus amores, e o ultimo verso que por este respeito começavam as suas perigrinações:

> Assim que os desfavores nunca faltão
> Até depois da morte proseguindo
> Hum triste coração que desbaratão
> Triste de quem em vão lhe vai fugindo.

A natureza experta, que rodeia.

A natureza experta, que rodea.
Edição de 1685.

Neste fermoso sitio se recreia.

Neste famoso sitio se recrêa.
Edição de 1685.

Que sempre hum brando Zephyro meneia.

Que sempre hum brando Zephiro menea.
Edição de 1685.

Das rubicundas flores hyacinthinas.

Das rubicundas flores jacintinas.
Edição de 1685.

Lhe servem contra peitos de donzellas.

Lhe servem contra peytos de donzellas.
Edição de 1685.

Faz o valle huma sombra deleitosa.

Faz o valle huma sombra deleytosa.
Edição de 1685.

As gottas de crystal quasi imitando.

As gotas de crystal quasi imitando.
Edição de 1685.

> *As crystallinas fontes, que brotando*
> *Por entre alvos seixinhos se derivão,*
> *Das arvores os troncos vão banhando.*
> *Entre as limpidas aguas, qu'inda esquivão*
> *O formoso pastor que se perdeo,*
> *Preso das falsas mostras que o captivão,*
> *Cresce a por cuja causa s'esqueceo*
> *A linda Cytheréa de Vulcano,*
> *Quando presa d'Amor se lhe rendeo.*

As crystalinas fontes, que banhando
Por entre alvos seyxinhos se desvião,
Das arvores os troncos vão banhando.
Entre as limpidas aguas, que inda esquivão
O fermoso pastor que se perdeo,
Preso das falsas mostras que o cativão,
Crece a por cuja causa se esqueceo
A linda Citheréa de Vulcano,
Quando presa de amor se lhe rendeo.

Inda as crueis ferĩdas apparecem.

Inda as crueis feridas aparecem.
Edição de 1685.

Qual róxo esmalte á vista bem se offrecem.

Qual rôxo esmalte á vista bẽ se offrece.
Edição de 1685.

As flores rutilantes e cheirosas.

As flores rutilantes e cheyrosas.
Edição de 1685.

Os humidos botões abrindo as rosas.

Os humedos botões abrindo as rosas.
Edição de 1685.

Por cima das boninas que rodeia.

Por cima das boninas que rodêa.
Edição de 1685.

Do trémulo regato a branda areia
De jacinthos se cobre e de vieiras,
Qu'encrespão da corrente a branca veia.

Do trémulo regato a branda area
De jacintos se cobre e de vieyras,
Que encrespão da corrente a branca vêa.
Edição de 1685.

De sorte, que s'enxerga escassamente
Se são os cachos seus, se das parreiras.

De sorte, que se enxerga escassamente
Se sam os cachos seus, se das parreyras.
Edição de 1685.

Outro formoso bosque debuxando
Estão no fundo della brandamente.

Outro fermoso bosque dibuxando
Estam no fundo della brandamente.
Edição de 1685.

Desfaz o rouco peito, ja cansada
De que não move a morte a piedade.

Desfaz o rouco peyto, ja cansada
De que não move a morte a piedade.
Edição de 1685.

Da triste Philomela profanada.

Da triste Filomena profanada.

Edição de 1685.

O garrulo calhandro, qu'enrouquece
Por não perder callado a confiança.

O garrulo calhandro, que enrouquece
Por nam perder callado a confiança.

Edição de 1685.

Alguns versos s'escuta derramando
O vario pintasirgo, tão saudaveis,
Que produzem memorias d'amor brando.
Por os direitos troncos ha notaveis.

Alguns versos se escuta derramado
O vario Pintasirgo tão saudaveys
Que produzẽ memorias de amor brando.
Por os direytos troncos ha notaveys.

Edição de 1685.

Que contra o duro tempo são duraveis.

Que contra o duro tempo são duraveys.

Edição de 1685.

Conforme a liberdade do qu'escreve,
Estranhos casos mostrão á memoria.

Conforme á liberdade do que escreve,
Estranhos casos mostrão á memoria.

Edição de 1685.

Deixárão mil lembranças de tormento.
Abrazando-se alguns em vivas frágoas.

Deyxárão mil lembranças de tormento.
Abrazando-se alguns em vivas frágoas.

Edição de 1685.

Gostos d'Amor agora, agora mágoas.

Gostos de amor agora, agora mágoas.

Edição de 1685.

A quem serás tyranno se lho negas.

A quem serás Tirano se lho negas.

Edição de 1685.

Porqu'enganas as almas que tão cegas
Arrastas apoz ti, de error captivas?
Porque a crueis rigores as entregas?

Porque enganas as almas que tão cegas
Arrastras após ti, de error cativas?
Porque a crueys rigores as entregas?

Edição de 1685.

Para que contra hum peito assi t'esquivas,
Que humilde se sujeita a teu cuidado.

Para que contra hum peyto assi te esquivas
Que humilde se sogeyta a teu cuidado.

Edição de 1685.

N'huma apparencia falsa embevecido.

Numa apparencia falsa embevecido.

Edição de 1685.

Da praia entre os penedos escondido.

Da praya entre os penedos escondido.

Edição de 1685.

Mas eu de que m'espanto, se dizia
Hum sabio que d'enganos se temesse.

Mas eu de que me espanto, se dizia
Hum sabio que de enganos se temesse.

Edição de 1685.

Ja chora, ja se ri, ja s'enfurece.

Ja chora, ja se ri, ja se enfurece.

Edição de 1685.

Despois de ter contado da frescura.

Despoys de ter contado da frescura.

Edição de 1685.

Castigo foi que o moço mereceo.

Castigo foy que o moço mereceo.

Edição de 1685.

Qu'em viva pedra Juno converteo.
Ardia em fogo d'alma a vãa donzella,
Soffrendo hum duro peito; que a Narciso,
Quando ella mais se abraza, mais congela.
E quando a fraca Nympha mais de siso
Mostrava hum signal certo de firmeza.

Que em viva pedra Juno converteo.
Ardia em fogo da alma a vãa donzella,
Soffrendo hum duro peyto; que a Narcizo,
Quãdo ella mays se abraza, mais cõgella.
E quando a fraca Ninfa mais de siso
Mostrava hum sinal certo de firmeza.

Edição de 1685.

Ja d'huma profundissima tristeza.

Ja de huma profundissima tristeza.

Edição de 1685.

Como diz desfavor mal com belleza.

Condiz disfavor mal com a belleza.

Edição de 1685.

Por não a contentar s'entristecia.

Por não a contentar se entristecia.

Edição de 1685.

Mas o cego Cupido, d'affrontado.

Mas o cego Cupido, de affrontado.
Edição de 1685.

A beber n'huma fonte crystallina.

A beber numa fonte cristalina.
Edição de 1685.

Como ja, d'enlevado, não cuidava.

Como ja, de elevado, não cuydava.
Edição de 1685.

Vendo o formoso rosto, suspirava.

Vendo o fermoso rosto suspirava.
Edição de 1685.

E quanto mais molhava os tenros braços,
Então mais vivamente o fogo ardia.

E quãto mays molhava os tenros braços,
Então mays vivamente o fogo ardia.
Edição de 1685.

Embevecido todo n'apparencia,
Sem saber de cuidado o que sentia.

Embevecido todo na apparencia,
Sem saber do cuydado o que sentia.
Edição de 1685.

Ao ver-se longe mais, mais perto via.

Ao ver-se longe mays, mays perto via.
Edição de 1685.

Então para mais longe lhe fugia.

Então para mays longe lhe fugia.
Edição de 1685.

De si mesma se abraza e se captiva.

De si mesmo se abraza e cativa.
Edição de 1685.

A formosura, pois, que namorava.

A fermosura, poys, que namorava.
Edição de 1685.

Qu'estando dentro em si, mui longe estava.
A solitaria Nympha, qu'escondida.

Que estando dentro em si, muy longe estava.
A solitaria Ninfa que escondida.
Edição de 1685.

As crystallinas aguas accusara.

As cristalinas aguas accusava.
Edição de 1685.

Outras vezes á fonte, quando a olhava.

Outras vezes á a fonte, quando a olhava.
Edição de 1685.

Mas vendo qu'ella em nada se dohia.

Mas vendo que ella em nada se doia.
Edição de 1685.

Ja lhe pede que saia para fóra.

Ja lhe pede que saya para fóra.
Edição de 1685.

Nestes queixumes seus tão lastimosos,
Que com tão longo ser, julgou por breve.

Nestes queyxumes seus tão lastimosos,
Que com tão lõgo ser, julgou por breve.
Edição de 1685.

Dest'arte feneceo em tenros anos
Narciso, dando exemplo á formosura.

Desta arte feneceo em tenros annos
Narciso dando exemplo á fermosura.
Edição de 1685.

Ao moço em flor purpurea, qu'inda dura.

Ao moço em flor purpurea q̃ inda dura.
Edição de 1685.

Está despois da morte acompanhando.

Esta despoys da morte acompanhando.
Edição de 1685.

Que o fogo d'hum querer, n'alma inflammado.

Que o fogo de hum querer na alma inflamado.
Edição de 1685.

Porque despois do corpo sepultado,
Prisão onde s'encerra o fraco esprito,
Eternamente chora o seu cuidado.
E das escuras aguas do Cocito.

Porque despoys do corpo sepultado,
Prisão onde se encerra o fraco esprito,
Eternamente chora o seu cuydado.
E das escuras aguas de Cocito.
Edição de 1685.

Celebra o lindo gesto n'alma escrito.

Celebra o lindo gesto na alma escrito.
Edição de 1685.

E se foi desprezado, lá padece.

E se foy desprezado, lá padece.
Edição de 1685.

Nem dos avaros olhos lá s'esquece,
Que de formoso verde a terra esmaltão,
Por não ver os do triste qu'endoudece.

Nem dos avaros olhos lá se esquece,
Que de fermoso verde a terra esmaltão,
Por não ver os do triste que endoudece.

Edição de 1685.

Até despois da morte perseguindo.

Até despoys da morte perseguindo.

Edição de 1685.

Triste de quem em vão lhe vai fugindo.

Triste de quem em vão lhe vay fugindo.

Edição de 1685.

ELEGIA VII

Esta elegia tinha por titulo no manuscripto que Manuel de Faria e Sousa encontrou: *Vergel de Amor.* É uma especie de egloga ou idylio. Almeno, pastor triste e namorado, ao alvorecer do dia vae pelo campo espalhando as suas maguas, e lança imprecações contra o amor, causa dos tormentos que experimenta. Arrebatado no seu pensamento, encaminha-se para um vergel plantado pelo amor, tão delicioso que parece mais divino que humano. Entra n'elle, e dirige-se ás flores e arvores que o povoam, declarando a significação emblematica de cada uma; é uma especie de diccionario symbolico de flores. Faria e Sousa commenta minuciosamente esta elegia na parte que diz respeito ás flores, e mostra que o Poeta umas vezes seguiu Reynaldo e Pelegrino, outras está em contradicção. Fr. Izidoro de Barreira escreveu um *Tratado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na Sagrada Escriptura,* Lisboa, 1622, 4.º, mas foi posteriormente a Camões. Pensei que esta poesia seria alguma carta disfarçada, e tentei decifra-la, porém vim no conhecimento que esta phraseologia emblematica não fazia sentido ligado. Foi provavelmente das primeiras cousas feitas por Camões depois da sua vinda de Coimbra para Lisboa, e escripta nas margens do Tejo, talvez durante o tempo do primeiro desterro.

Lograe do Tejo o placido ruido.

Ao pé d'hum'alta faia vi sentado,
N'hum valle deleitoso e bem florido.

Ao pé de hum'alta faya vi sentado,
Num valle deleytoso e bem florido.

Edição de 1685.

Outro no mundo póde haver nascido
Mui queixoso de Amor; porém não tanto.

Outro no mundo póde haver nacido
Tão queyxoso de Amor; porém não tanto.

Edição de 1685.

Para ajudar d'Almeno o triste pranto.

Para ajudar de Almeno o triste pranto.

Edição de 1685.

Ao triste inda mais triste do qu'estava.
As flores por o prado s'estendião.

E das que finas mais erão as cores,
Brancas, róxas, as Nymphas mais colhião.

Ao triste inda mays triste do que estava.
As flores por o prado se estendião
E das que finas mays erão as cores,
Brancas, rôxas, as Ninfas mais colhião.

Edição de 1685.

Que, deixando-os no campo deleitoso,
Com ellas praticavão só d'amores.

Que, deyxando-os no campo deleytoso,
Com ellas praticavão só de amores.

Edição de 1685.

E por isso a deixava pressuroso.

E porisso a deyxava pressuroso.

Edição de 1685.

De contrário, d'astuto e fementido.

De contrário de astuto e fementido.

Edição de 1685.

Se, Amor, eu te offendi com meus cuidados.

Se, amor, eu te offendi com meus cuidados.

Edição de 1685.

O bem que me mostravas, se deixasse.

O bem que me mostravas, se deyxasse.

Edição de 1685.

Ou qual déste, que muito não custasse.

Ou qual déste, que muyto não custasse.

Edição de 1685.

Antes o prézo mais, quando he mais fero.

Antes o prézo mais, quãdo he mais fero.

Edição de 1685.

Quando entrou n'hum vergel d'esmalte fino,
Qu'era de Amor plantado; e parecendo.

Quando entrou n'um vergel de esmalte fino,
Que era de Amor plantado; e parecendo.

Edição de 1685.

Entre huns altos ulmeiros escondido.
D'hum crystallino orvalho tinha o manto.

Entre huns altos ulmeyros escondido.
De hum cristalino orvalho tinha o manto.

Edição de 1685.

He por dita humildade, ou he baixeza.

He por dita humildade, ou he bayxeza.

Edição de 1685.

Papoulas conversais, que são tristeza!
Não desprezais o cardo, que he tormento!
Admittis a hortelãa, sendo crueza!

Papoulas conversays, que são tristeza!
Não desprezays o cardo, que he tormento!
Admitis a ortelãa, sendo crueza!

Edição de 1685.

Deste me temerei como inimigo.

Deste me temerey como enemigo.

Edição de 1685.

Co'a vontade sujeita, que he limão.
Ai mosquetas, que sois d'amor cuidados!

Co'a vontade sogeita, que he limão.
Ai mosquetas, que soys de Amor cuydados!

Edição de 1685.

Vós sós devieis adornar os prados.

Vós sós devieys adornar os prados.

Edição de 1685.

Onde se põe giesta, que he lembrança,
Junto do rosmaninho, que he'squecer?

Onde se opõem giesta, que he lembrança,
Junto do rosmaninho, que he crecer?

Edição de 1685.

Memoria a quem offende o esquecimento.

Memoria a quem offende o esquecimẽto.

Edição de 1685.

A ameixieira a flor está soltando.

A ameyxieira a flor está soltando.

Edição de 1685.

As hervas que daqui irei tomando.

As ervas que de aqui irey tomando.

Edição de 1685.

E, de ter mui perdida a liberdade,
Tomarei madresylva entendimento.

E, de ter muy perdida a liberdade,
Tomarey Madresylva entendimento.

Edição de 1685.

Marmeleiro me dá arrependimento:
Pôr a salva, que he gosto, tomarei.

Marmeleyro me dá arrependimento:
Por a salva, que he gosto tomarey.

Edição de 1685.

Conhecimento firme nunca achei.

Conhecimento firme nunca achey.

Edição de 1685.

Qual meu damno então fôra, bem o sei.
Oh quem, herva cidreira, oh quem pudera
Ver-vos aqui menor, pois sois victoria.

Qual meu daño então fôra, bem sey.
O quem, erva cidreyra, ó quem pudera
Ver-vos aqui menor, poys soys vitoria.

Edição de 1685.

Mas se quereis que tenha alguma gloria,
Por galardão d'amar e ser sujeito,
Perderei de tormentos a memoria.
Porém, pois mo negais, de todo engeito
A palma, qu'he ventura; e na parreira,
Qu'he 'sperança perdida, me deleito.
Entretanto co'a flor da laranjeira,
Qu'he desafio duro e arriscado,
Posso arguir da hora derradeira.
Ja não se quer deter o meu cuidado
Com a romãa descanso: a brevidade
Das maravilhas só tẽe desejado.

Mas se quereys que tenha alguma gloria,
Por galardão de amar e ser sogeyto,
Perderey de tormentos a memoria.
Porém, poys mo negays, de todo engeyto
A palma, que he ventura; e na parreyra,
Que he esperança perdida, me deleyto.
Entretanto co'a flor da larangeira,
Que he desafio duro e arriscado,
Posso arguir da hora derradeyra.
Ja não se quer deter o meu cuydado
Com a romãa descanso: a brevidade
Das maravilhas só tẽe desejado.

Edição de 1685.

Vos apartae de mi, se algum desejo
Tendes de ter do pasto mais vontade.
Se muita de me verdes em vós vejo,
Toda a minha de ver-vos hei perdido
Á força do poder d'amor sobejo.
Lograe do Tejo o placido ruido;
Sós lograe estas veigas florecidas:
Pois se perde o pastor vosso querido,
Não gosteis de com elle ser perdidas.

Vos apartay de mi, se algum desejo
Tendes de ter do pasto mays vontade.
Se muyta de me verdes em vós vejo,
Toda a minha de ver-vos hey perdido
Á força do poder de amor sobejo.
Logray do Tejo o placido ruido;
Sós logray estas veigas florecidas:
Poys se perde o Pastor vosso querido,
Não gosteys de com elle ser perdidas.

Edição de 1685.

ELEGIA VIII

Queixa-se da amante não corresponder ao seu amor, pede-lhe tenha compaixão dos tormentos que motiva, e protesta-lhe que embora o trate com rigor, é maior a gloria que leva em soffrer os seus males por a causa que lh'os faz soffrer, do que os mesmos males. Esta elegia encontrou Faria e Sousa em um manuscripto em nome de Francisco de Andrade, auctor bem conhecido que escreveu a chronica de el-rei D. João III, em nome de Felicia, e muito acrescentada, pois ali trazia oitenta tercetos, quando aqui não tem mais de quarenta.

Throno donde o poder d'Amor consiste;
Formosa fera, a quem está rendida
D'Amor a que he mais livre liberdade.
Ganhada mais, se mais por ti perdida;
Quão contrario parece na beldade,
Que os corações captiva com brandura.

Trono donde o poder de Amor consiste;
Fermosa fera, a quem está rendida
De Amor a que he mays livre liberdade,
Ganhada mays, se mays por ti perdida;
Quam contrario parece na beldade,
Que os coraçoens cativa na brandura.

Edição de 1685.

Quão contrario parece em formosura,
Que deixa muito atraz quanto he humano.

Quam contrario parece em fermosura,
Que deyxa muito atraz quanto he humano.

Edição de 1685.

Quão mal parece em quem só co'hum engano
Póde dar vida ao coração sujeito,
Dar-lhe, em lugar de vida, hum mortal dano!
Quão mal parece que hum amor perfeito
Não seja d'outro igual remunerado,
Inda que seja, acaso, contrafeito!
Quão mal parece estar desesperado
Quem tanto por ti soffre e tẽe soffrido.

Quam mal parece em quem só co'hũ engano
Póde dar vida ao coração sogeyto,
Dar-lhe, em lugar de vida, hũ mortal dano!
Quam mal parece que hũ amor perfeito
Não seja de outro algum remunerado,
Inda que seja, acaso, contrafeyto!
Quam mal parece estar desesperado
Quem tanto por ti sofre e tem sofrido.

Edição de 1685.

Por mais qu'em seu rigor vira offendido.

Por mays q̃ em seu rigor viva offendido.

Edição de 1685.

Por mais qu'em vão se canse o que a pretende.

Por mays que em vão se canse o q̃ a pertende.
Edição de 1685.

Mas não despois de vista o ser deixada.
Quão mal sabe o valor de tua vista
Quem cuida que o que della acaso alcança.

Mas não despoys de vista o ser deyxada.
Quam mal sabe o valor de tua vista
Quem cuyda que o q̃ della acaso alcança.
Edição de 1685.

Quão bem pareceria huma esperança.

Quam bem pareceria huma esperança.
Edição de 1685.

Não sempre huma mortal desconfiança.

Não sempre hũa mortal desconfiança.
Edição de 1685.

Pudesse ser reparo a quem mais te ama.

Pudesse ser reparo a quem mays te ama.
Edição de 1685.

Te enfrie tanto a ti, quanto m'inflama.
Se a Olympica belleza assi imitaste,
Que brandamente move hum amor puro.

Te enfria tanto a ti, quanto me inflama.
Se a Olimpica belleza assi imitaste,
Que brandamente mova hũ amor puro.
Edição de 1685.

Este mal, que m'occupa o pensamento.

Este mal, que me ocupa o pensamento.
Edição de 1685.

Tu, qu'és a causa só de meu tormento.

Tu, que és a causa só de meu tormento.
Edição de 1685.

Queres que as minhas queixas leve o vento?

Queres q̃ as minhas queyxas leve o vento?
Edição de 1685.

Ai, que me deras vida em morte dar-me.

Ay, que deras vida a morte dar-me.
Edição de 1685.

Co'os bellos olhos, com que o douras tanto.

Co'os bellos olhos, com q̃ o douras tanto.
Edição de 1685.

E á noute dá alegria a luz alheia.

E á noyte dá alegria a luz alhea.
Edição de 1685.

Torna a manhãa despois alegre e cheia
Da luz que o chóro enxuga á bella Aurora;
Mas do meu chóro nunca enxuga a veia.
Lagrimas ja não são qu'esta alma chora.

Torna a manhãa despoys alegre e chea
Da luz q̃ o chóro enxuga á bella aurora;
Mas do meu chóro nunca enxuga a vea.
Lagrymas ja não são que esta alma chora.

Edição de 1685.

Como inda a morte quer que mais aguarde?
Não tarda ja, mas corra a mal tão fero.
Mas ja por mais que corra virá tarde.
Nem no supremo trance de ti 'spero
Qu'inda com ver o estado em que me has posto
Queiras, crua, entender quanto te quero.
Ai! se volveres esse bello rosto.

Como inda a morte quer que mays aguarde?
Não tarde ja, mas corra a mal tão forte.
Mas ja por mays que corra virá tarde.
Nem no supremo trance de ti espero.
Que inda com ver o estado em q̃ me has posto
Queyras, crua, entender quanto te quero.
Ay! se volvesses esse bello rosto.

Edição de 1685.

Nem que de dar-me a morte te arrependas,
Mas que os olhos de ver-me então não tires.

Nem que dar-me a morte te arrepẽdas,
Mas q̃ os olhos de ver-me então não tires.

Edição de 1685.

Pois quem com outro merito render-te.

Poys quem com outro merito render-te.

Edição de 1685.

Muito mais longe está de merecer-te.
Este si, que merece a grã crueza
Com que tu d'acabar-me a vida tratas,
Pois diante de ti, de si se preza.
Se cuidas que com isto desbaratas.

Muyto mais longe está de merecer-te.
Este si, que merece a grão crueza
Com que tu de acabar-me a vida tratas,
Poys diante de ti, de si se preza.
Se cuydas que com isto disbaratas.

Edição de 1685.

Elle mais vive quando mais me matas.

Elle mays vive quando mays me matas.

Edição de 1685.

Eu m'inclino a que mates; tu t'inclina
A matar mais de branda que d'esquiva.

S'esta alma tua julgas por indina
Daquelle grande bem qu'em ti s'esconde,
Do descoberto mal a faz dina.
Onde (ai!) voz acharei que baste (ai!), onde,
A poder reduzir-te a ser piedosa?
Ou m'acaba de todo, ou me responde.
Mas por mais que te mostres rigorosa,
Deixar meu pensamento m' he impossivel,
Igualmente que a ti não ser formosa.
E por mais qu'esta dor seja terrivel.

Eu me inclino a que mates, tu te inclina
A matar mays de branda que de esquiva.
Se esta alma tua julgas por indigna
De aquelle grande bem q̃ em ti se esconde,
Do descuberto mal a faze digna.
Onde (ay!) voz acharey q̃ baste (ay!), onde,
A poder reduzir-te a ser piadosa?
Ou me acaba de todo, ou me responde.
Mas por mays que te mostre rigurosa,
Deyxar meu pensamento me he impossivel,
Igualmente que a ti não ser fermosa.
E por mays que esta dor seja terrivel.

Edição de 1685.

Inda que a faz maior, a faz soffrivel.

Inda que a faz mayor, a faz sofrivel.

Edição do 1685.

Não perderei o gosto de perde-la.
He justo qu'eu por ti mil mortes ame.

Não perderey o gosto de perdela.
He justo que eu por ti mil mortes ame.

Edição de 1685.

De vencer-me têe gloria bem pequena,
Pois só render-me tomo por defensa.

De vencer-me tem gloria bem pequena,
Poys só render-me tomo por defensa.

Edição de 1685.

ELEGIA IX

Encarecimentos platonicos do seu amor exaltado e queixas contra a tyrannia da amante que o trata com tanto rigor. Não pretende mais que vê-la e ouvi-la; mas que diz se na ausencia a está vendo! Fará crescer as hervas com as suas lagrimas, dará pasto aos seus cuidados, e irá celebrando os seus olhos divinos entre os pastores, que aprenderão d'elle o que é amor sublime; e sabendo a causa soberana da sua tristeza haverão inveja á sua estrella. Diz Faria e Sousa que o Poeta fez esta elegia no começo dos seus amores, e que fôra das suas primeiras composições.

Pois na mór esperança desespéro.

Poys na mór esperança desespéro.

Edição de 1685.

Quanto de mi por vós me ando esquecendo.

Quãto de mi por vós me ando esquecendo.
Edição de 1685.

Ingrata não sejais a quem vos ama.

Ingrata não sejays a quem vos ama.
Edição de 1685.

Que os corações d'amor divino inflama.

Que os corações de amor divino inflama.
Edição de 1985.

Vos mostrae ao mal meu, que me faz vosso.

Vos mostray ao mal meu, que me faz vosso.
Edição de 1685.

Mas que posso eu fazer, pois ja não posso.

Mas que posso eu fazer, poys ja não posso.
Edição de 1685.

Porqu'esta, quando he grande, jamais erra,
Se resultar d'amor sincero e puro.

Porqu'esta, quando he grande, jamays erra,
Se resulta de Amor sincero e puro.
Edição de 1685.

Por ella hei de morrer, inda que veja.

Por ella hey de morrer, inda que veja.
Edição de 1685.

Quem não deseja a vossa formosura.

Quem não deseja a vossa fermosura.
Edição de 1685.

De qu'eu sempre a deseje estae segura.

De que eu sempre a deseje estay segura.
Edição de 1685.

Da gloria singular, do damno esquivo.

Da gloria singular, do dano esquivo.
Edição de 1595.

Se vos offendo, cuido que não vivo:
Olhae se muito mais que de offender-vos.

Se vos offendo, cuydo que não vivo:
Olhay se muito mais que de offender-vos.
Edição de 1685.

Querer-vos sem deixar de venerar-vos.

Querer-vos sem deyxar de venerar-vos.
Edição de 1685.

Pretendo; e pois sómente isto pretendo.

Pertendo; e poys sómente isto pertendo.
Edição de 1685.

Morra eu, Senhora; e vós ficae contente.
Se vos aggrava quem por vós padece;
Se vos vêe a offender quem vos quer tanto.

Morra eu, Senhor; e vós ficay contente.
Se vos agrava quem por vós padece;
Se vos vê a offender quem vos quer tãto.
Edição de 1685.

Ao ceo d'essa rarissima belleza.

Ao ceo d'essa rarissima Belleza.
Edição de 1685.

Deixae-me contentar desta tristeza.

Dexay-me contentar desta tristeza.
Edição de 1685.

Farei crescer as hervas por os prados,
Pois ja d'outra alegria desconfio.
No monte darei pasto a meus cuidados;
E serão de mi sempre entre os pastores.

Farey crecer as ervas por os prados,
Poys ja de outra alegria desconfio.
No monte darey pasto a meus cuydados;
E serão de mi sempre entre pastores.
Edição de 1685.

Mais soberana por a causa della.

Mays soberana por a causa della.
Edição de 1685.

E qu' inveja não mostre á minha estrella.

E que enveja não mostre á minha estrela.
Edição de 1685.

ELEGIA X

Diz Manuel de Faria e Sousa, que esta elegia vem nos manuscriptos com o seguinte titulo: «*A morte de D. Miguel de Menezes, na India, filho de D. Henrique de Menezes Governador da Casa do Civel*». Com o mesmo vem no manuscripto d'onde trasladou o editor da edição de 1668, isto é, se não copiou dos proprios copiadores de Manuel de Faria e Sousa. Diz o commentador que indagando com toda a diligencia, não podera descobrir quando morreu este fidalgo na India; necessariamente tinham que ser baldados os seus esforços, porquanto falleceu na fatal batalha de Alcacer Quibir, conforme consta de um alvará de tença concedida a sua mãe em attenção aos serviços de D. Miguel de Menezes, seu filho, que acompanhou el-rei D. Sebastião á Africa, onde falleceu, e a vagar por sua morte uma comenda de 80$000 réis. É datado o alvará de 4 de dezembro de 1579. (Archivo Nacional, livro 46.º de D. Sebastião, fl. 36.) De uma chronica manuscripta de D. Sebastião, que relata os mortos, feridos e captivos da illustre familia dos Menezes, na batalha de Alcacer Quibir, ao todo uns dezoito dos primeiros, entrando dois bispos, o de Coimbra e o de Miranda, e dos segundos onze, se faz menção de D. Miguel que ahi pereceu conjunctamente com seu irmão primogenito, ambos filhos de D. Manuel de Menezes e netos de D. João, sexto senhor de Cantanhede.

Pelos seguintes versos collige-se que esta poesia fôra feita em Goa, postoque o Poeta, ás vezes ausente, se transpõe ao logar dos acontecimentos:

Que vejo? as praias humidas de Goa
Ferver com gente attonita e turbada
Do rumor que de boca em boca vôa, etc.

Quando as bocas da Fama voadora
Ao patrio e claro Tejo as novas levem, etc.

Não me parece pois escripta ao desastre de Alcacer Quibir, porque se houvera sido composta em relação áquella fatalissima calamidade não deixaria sem duvida Camões de emittir gemidos mais dolorosos sobre a catastrophe que affligia geralmente a todos, e lançar algumas lagrimas, e essas ardentes, sobre a sorte da patria e do infeliz rei, e assim resentir-se esta composição de tão triste acontecimento. Pelo contrario parece referir-se a um revés, postoque desairoso para as nossas armas, de muito menos importancia.

He morto D. Miguel (ah crua espada!)
E parte da lustrosa companhia, etc.

Não posso concordar que estes versos tenham referencia a D. Sebastião:

Ou ja de Capitão sobeja incuria,
Ou fraqueza? Não: qu'elle sustentava
Com seu peito dos barbaros a furia.

Limitar-se-ha Camões, fallando de um rei que acabava tão infeliz, mas heroicamente, de um facto que deixava em orphandade a sua nação, a estes laconicos versos? De certo não. Estamos pois que alludem a outro fidalgo e a outra catastrophe.

Mas consola-me, emfim, que se parece
Ao grande bisavô, que por a vida
Real, a sua á Maura lança offerece.

Refere-se n'estes versos ao conde de Vianna D. Duarte, que estando em Africa, e tendo el-rei D. Affonso V feito uma imprudente cavalgada na serra de Benacofú, contra os mouros, o conde poz o seu peito e vida por escudo para salvar o seu rei. Tendo o cavallo morto, e estando elle ferido, trabalhou o conde de Monsanto, seu cunhado, de o pôr n'outro cavallo; porém sendo os loros compridos, e como era pequeno de corpo, não póde ganhar com a perna a sella, e sendo arrastado pelo cavallo, caíram sobre elle os mouros e o despedaçaram de maneira, diz Faria e Sousa, que nem um só dedo poderam trazer á sua sepultura. Ao mesmo conde, e a este acto de dedicação e lealdade, se refere Camões nos *Lusiadas*, oitava XXXVIII do canto VIII.

A apostrophe violenta que faz aos companheiros de D. Miguel, que cobardemente o abandonaram, é energica e tem grande valentia de poesia; conhece-se a penna de quem nos *Lusiadas* nos deixou a bella falla do condestavel aos portuguezes, que vacillavam em pôr as vidas em defeza da patria. É dirigida esta poesia a D. Filippe, irmão do fallecido a quem intenta consolar.

Que tristes novas, ou que novo dano,
Qu'inopinado mal incerto sôa.

Que novas tristes são, que novo dano!
Que mal inopinado incerto sôa.

Edição de 1668.

Que vejo? as praias humidas de Goa
Ferver com gente attonita e turbada
Do rumor que de boca em boca vôa.

Que vejo? as prayas humidas de Goa
Ferver com gente attonita e torvada
Do rumor que boca em boca sôa.

Edição de 1668.

Que alegre s'embarcou na triste armada:
E d'espingarda ardente e lança fria
Passado por o torpe e iniquo braço.

Que se embarcou na alegre e triste armada:
E de espingarda ardente e lança fria
Passado pelo torpe e iniquo braço.

Edição de 1668.

Não lhe valeo escudo, ou peito d'aço,
Não animo d'avós claros herdado,
Com que temer se fez por longo espaço.
  Não ver-se em de redor todo cercado.
D'irados inimigos, qu'exhalavão.

Não lhe valeo rodila, ou peito d'aço,
Nem animo de Avós altos herdado,
Com que se defendeo tamanho espaço.
  Não ter-se em derredor todo cercado
De corpos d'enemigos, qu'exhalavão.

Edição de 1668.

Não as fortes palavras que voavão.

Não com palavras fortes que voávãe.

Edição de 1668.

Que timidos as costas lhe mostravão.

Que fortes caem, e timidos viravão.

Edição de 1668.

(Rotos por partes mil e traspassados
Os membros, no valor sómente inteiros)

(Passados por mil partes e cortados
Os membros só, do nobre esforço inteiros.)

Edição de 1668.

(Qu'inda na morte as vidas amedrentão
Dos duros inimigos espantados)
  Postos no Ceo, parece que presentão
A alma pura á suprema Eternidade,
Por quem os ceos e a terra se sustentão.

Que inda na morte as vidas amedrentão
Dos fracos enemigos espantados
  Postos no ceo, parece que aprezentão
A pura alma á Suprema Eternidade,
Por quem os Ceos e terra se sustentão.

Edição de 1668.

Immatura e innocente ja fizera.

Verde e quasi innocente ja fazia.

Edição de 1668.

E, como debil flor, a quem fallece
O radical humor de que vivia,
Nas mãos do Coro Angelico, que dece,
S'entrega; e vai lograr a vida eterna,
Que com morte tão justa se merece.

E, como flama fraca, a quem fallece
Seu humido licor de que vivia,
Nas mãos do choro Angelical, que dece,
Se entrega; e vai gozar da vida eterna,
Que com tão justa morte se merece.

Edição de 1668.

Vai, que quem por a Lei sacra e divina
A sólta, áquelle a dá que o Ceo governa.

Vai, que quem pella Ley santa e divina
Morre, a dá a Deos que os ceos governa.

Edição de 1668.

Falta o terceto que começa:

Mas se de tal valor foi morte dina,

e em seguida ao antecedente

Vai-te, alma, em paz á gloria sempiterna,

seguem-se os onze seguintes em que descreve as rarissimas qualidades do nobre mancebo seu amigo, que não se encontram nas outras edições:

Quando pella razão devida e dina
Do Rey da Patria e honra dos passados
Sacrificar a vida nos ensina.
Nos assentos de estrellas esmaltados
Lhe dá lugar a altissima Clemencia,
Entre os Heroes á gloria destinados.
Mas ah! quem sofrera perpetua auzencia
De tão charo Senhor tão fido amigo,
Quem porá contra mágoas resistencia.
Aquelle animo grande, que do antigo
De seus mayores era alto retrato,
Desprezador de todo o vil perigo.
Misturado com doce e brando trato
C'os iguaes juntamente, e c'os menores,
A todos amoroso a todos grato.
Aquelle 'sprito nobre onde mayores
Esperanças crescião, se o tão duro
Caso as não cortára em novas flores!
Em verde idade sizo ja maduro,
Alegre rizo, ledo e aberto peito
Em repousado espirito seguro.
Não soberbo e por arte contrafeito,
Mas todo puro, e emfim da natureza,
Mais para o Ceo que para a terra feito.

Tambem do corpo a humana gentileza,
O bem talhado gesto que mostrava
Forças iguaes e manhas com destreza.
A cor que o fresco rosto matizava,
As rosas, flores novas de alegria,
Com que o verão as faces adornava;
Tudo os fios da morte que desvia
Dos propositos nossos e saltea,
Cortáras cruamente quando abria.

O pranto por a morte horrida e féa.

O pranto pella morte horrenda e fêa.
Edição de 1668.

Por o crespo Jacintho, moço charo.

Pello crespo Hyacinto, moço charo.
Edição de 1668.

Vinde e chorae um moço em tudo raro.

Vinde e chorai hum moço ao mundo raro.
Edição de 1668.

Nem de risco sujeito a algum reparo:
Mas só de ferro imigo traspassado.

Nem de animal algum que haja reparo,
Mas só do fero imigo traspassado.
Edição de 1668.

Tambem tu, moço Idalio, assiste quedo.

Está tu tambem, moço Idalio, quedo.
Edição de 1668.

A beber por os olhos, triste e ledo.
Pois os formosos olhos de Miguel
Ja cobertos se vem do escuro manto
Da lei geral a todos mais cruel.
E vós, filhos de Thespis, que co'o canto
Podeis bem mitigar a dor immensa.

A beber pellos olhos triste e ledo.
Que ja os fermosos olhos de Miguel
Cubertos são do negro e escuro manto
Da ley geral a todos mais cruel.
E vós, filhas de Thespis, que do canto
Podeis bem mitigar a ley immensa.
Edição de 1668.

Á grande integridade, a que se devem
Aguas não só, do damno recompensa.

Á grande integridade, que se devem
Não só, agoas do dano recompensa.
Edição de 1668.

A profunda tristeza; qu'em hum'hora.

A profunda tristeza; que em hum hora.
Edição de 1668.

Que delles o discurso lance fóra.
Alli de dor os corações sujeitos
Hão de lançar de si toda a memoria
D'exemplos claros, solidos respeitos.

Que a razão quasi, quasi deita fóra.
Alli de dar os corações sogeitos
Pezadas lhe serão consolações
E pezados exemplos e respeitos.

Edição de 1668.

Segue depois este terceto que não vem nas outras edições:

Pequena he certo a dor que com razões
Se póde refrear, nem com memoria
De outros antigos e integros varões.

Mas, porém se igualais a vida á gloria,
Ó claro Dom Philippe, e pretendeis
Deixar-nos de acções vossas larga historia;
Eu não vos persuado a que estreiteis.

Mas, porém se igualaes a vida á gloria,
Meu grande Dom Phelippe, e pertendeis
Deixar de vossas obras larga historia;
Eu não vos admoesto que estreiteis.

Edição de 1668.

Onde livre d'affectos vos mostreis.
Que mal a natureza determina.

Onde livre de effeitos vos mostreis.
Que mal natura nossa determina.

Edição de 1668.

Immunidade estupida, dizia.

Immunidade estupida, diria.

Edição de 1668.

He não sentir affectos que a alma cria.
Porém se o sentir nada for bruteza.

He não sentir effeitos que a alma cria.
Porém se não sentir nada he bruteza.

Edição de 1668.

Seguem-se depois estes tercetos que não vem nas outras edições:

Se doe a opinião do mal presente
E medo e opinião do mal futuro,
São tudo opiniões da gente.
O verdadeiro sabio está seguro
De leves alegrias e espanto,
De dor, que turba da alma o licor puro.
Inda antes que aconteça o riso e o pranto,
Os temia ja no sentido meditados,
Livre está de alvoroço e de quebranto.
E como de alta torre vê cuidados
Humanos vãos, e aquella differença
De ambições, e cobiças e peccados.

Todo caso acha nelle só presença,
Que como as febres são da carne humana,
Assi os effeitos d'alma são doença.
Se esta doutrina crêdes que he profana,
Ponde os olhos na nossa que he divina
E sobre todas santa e soberana.
Vereis Aram que não se contamina
Sobre os montes seus que defendida,
A dor lhe foi da santa disciplina.
Não chega a ver parentes que da vida
Partidos são, que na alma a Deos agrada,
Que nenhuma affliçâo do mundo impida.
Nós somos geração a Deos dedicada,
Sacerdotal, que em tempo nenhum deve
Do gentilico culto ser tocada.
Se dos antigos Padres ja se escreve,
Que chorando, aos mortos enterrárão
Com dor e pranto publico e não leve.
Era porque inda as portas não quebrarão
Do Ceo sereno aquellas mãos cravadas,
Que os antigos contagios alimpárão.
E tambem por ornar as sempre usadas
Pompas do funeral enterramento
Com publicas exequias costumadas.
Esta alta fortaleza e sofrimento,
Como a forte varão vos he devido,
E como ley do santo documento.

Falta o terceto que começa:

Em vós hum soffrer alto s'experimente,

e depois continúa:

Como de illustre tumulo carece.

Que do sepulcro nobre aqui carece.

Edição de 1668.

Faltam mais os dois tercetos que se seguem, que são suppridos por estes:

Mas tambem nisto vi que se parece
Co' do grande Bisavô, que pella vida
Real, a sua ás lanças offerece.
Fazendo com seus membros impedida
A passagem aos feros Tingitanos,
Ficou sem sepultura merecida.
E lá nos aposentos soberana
O recebem da palma coroado,
Desprezando do corpo baxo os danos.
E elle diz, que das gentes enterrado,
Qualquer corpo será; mas quem morreo
Por Deos, he só dos Anjos sepultado.
Que mais rico e fermoso Mausoléo,
Que pyramides altas, que figura
De mortalha que chegue a estar no Ceo.

Assi formoso e inteiro, assi decoro
Adorna quem o tẽe, como o tomou

Assi fermoso e inteiro, assi decoro
Adora quem o tẽe, como o tomou.

Edição de 1668.

Mas ai! qual terror subito occupou
O vosso claro peito, ó Portuguezes?
Qual pavido temor vos congelou?

Mas oh! que temor supito occupou
Vosso peito famoso ó Portuguezes?
Que pavido temor vos lanceou?

Edição de 1668.

Aos fortes Lusitanicos arnezes.

Aos Lusitanos bellicos arnezes.

Edição de 1668.

Ou fraqueza? Não: qu'elle sustentava
Com seu peito dos barbaros a furia.
Ou ja do ferreo cano a força brava.

Ou a fraqueza? Não: que elle sustentava
Com seu corpo dos barbaros a furia.
Ou do ferreo cano a força brava.

Edição de 1668.

Os corações ardentes congelava?
Ah! quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustentasseis com valor ousado,
Desprezando o temor que a vida encerra?
A vida por a Patria e por o Estado
Pondo nossos avós, a nós deixárão,
Em terra e mar, exemplo sublimado.

Que os coraçoens no peito congelava?
Ou quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustenteis com valor sempre ousado,
Desprezando o furor que a vida enterra?
A vida pella patria e pello estudo
Pondo, vossos Avós a nós deixárão,
Terras, mares e exemplo sublimado.

Edição de 1668.

Com feia infamia peitos generosos,
Ja em publicos lugares, ja em secretos.
Mortos d'Esparta os Heroes valerosos.

Com fea infamia peitos generosos,
Em publicos lugares, nem secretos.
Mortos os Espartanos valerosos.

Edição de 1668.

Ás santas Leis da Patria obedecemos.

Ás Santas leys da patria obdecemos.

Edição de 1668.

Mostrando-lhes o ventre, em terror tanto.
Pois do damno fugis, vendo-o visinho.

Administrando-lhe o ventre, sem ter manto.
Pois fugis do perigo, que he visinho.

Edição de 1668.

Outra vez no materno e escuro ninho.
Vêde quaes com mais gloria ficarião,
Se aquelles que morrêrão por o Estado,
S'estes a quem mulheres injurião?

Outra vez no materno escuro ninho.
Vêdes quaes com mais gloria ficarião,
Se aquelles que, emfim, morrem pello estado,
Se os outros que as mulheres injurião?

Edição de 1668.

Trocaste cada chaga em clara estrella;
Co'os pés o crystallino Ceo medindo,
Nada d'essas altissimas Espheras,
Nem da terreste aos olhos encobrindo.

Por cada chaga tens hũa clara estrella;
Os pés o cristalino Ceo medindo,
Pizando essas luciferas Esferas,
Ja da terra os olhos encobrindo.

Edição de 1668.

Nas outras edições parece incompleta esta poesia, porém na de 1668 a conclue com o seguinte verso:

Mais a pena cantára a poder mais.

ELEGIA XI

Esta elegia vem na segunda parte das Rimas (1616), com este titulo: «*A Paixam de Christo N. Senhor*». N'ella imita a lamentação da morte de Christo, de Sannazaro, *De morte Christi Domini lamentatio ad mortales*. Faria e Sousa, sempre tão enthusiasta do Poeta, critica este poema, que lhe parece florido de mais para o assumpto, e principalmente quando trata da Virgem, notando descrever Camões a sua belleza physica, e attribuir-lhe affectos de desesperação pela morte de seu Santissimo Filho. É tambem digna de attenção a maneira como o Poeta caracterisa apropriadamente os que atacam a Igreja. O hereje, de falsissimo por ser renegado, o judeu de pertinaz, o mahometano de vicioso e torpe, e os idolatras de cegos, levados de conceitos fabulosos.

Da lua na mudança tão constante,
Que mingoar e crescer he seu partido.

Da lua em ser mudavel tão constante,
Que mingoar e crescer he seu partido.

Edição de 1616.

Se quando, emfim, revolve subtilmente,
Tantas cousas a leve phantasia.

Se quando, em fim, revolve sutilmente,
Tantas cousas a leve fantasia.

Edição de 1616.

Bem vê, se da razão se não desvia,
Aquelle unico Ser, alto e divino.

Vê bem se da razão se não desvia,
O Altissimo ser, puro e divino.

Edição de 1616.

Sem fim e sem principio, hum Ser contino;
Hum Padre grande, a quem tudo he possibil,
Por mais que o difficulte humano atino:
Hum saber infinito, incomprehensibil.

Sem fim e sem começo, hum ser contino;
Hum padre grande, a quem tudo he possivel,
Por mais arduo que seja no homem indino:
Hum saber infinito, incomprehensivel.

Edição de 1616.

Que mora no visibil e invisibil.

Que mora no visivel e invisivel.

Edição de 1616.

(Como se Deos não fosse) deixa a vida.

Como se Deos não fosse, perde a vida.

Edição de 1616.

Ponderà-o com discurso repousado;
E ver-te-has advertido facilmente.
Olha aquelle Deos alto e increado.

Pondera isto, que digo, repousado;
Não passes por aqui tão levemente.
Ngo que aquelle Deos alto e increado.

Edição de 1616.

O ceo, a terra, o fogo, o mar irado.

O Ceo, a terra, o fogo e mar irado.

Edição de 1616.

A falsa Theologia, e povo escuro.

A falta Theologia, e povo escuro.

Edição de 1616.

Não dos atomos leves d'Epicuro;
Não do fundo Occeano, como Thales.

Não dos atomos falsos d'Epicuro;
Não do largo Occeano, como Thales.

Edição de 1616.

Pois este immenso Deos por ti padece
Novo estylo de morte, novos males.

Que por ti este grande Deos padece
Novo modo de morte, novos males.

Edição de 1616.

E não por causa natural secreta.

E não por natural causa secreta.

Edição de 1616.

Não vês que cahe o monte, a terra treme?
E que lá na remota e grande Athenas
O docto Areopagita exclama e teme?

Não vês que os montes caem? a terra treme?
E que até na remota, e grande Athenas
O sabio Dyonisio sente e teme?

Edição de 1616.

Por o mal em qu'eu só sou o culpado.

Poló mal em que eu só sou tão culpado.

Edição de 1616.

Por falso, e violador da sacra Lei?
A fama a ti se põe do meu peccado?
Eu, Senhor, sou ladrão, tu justo Rei.
Pois como entre ladrões eu não padeço?
A pena a ti se dá do qu'eu errei?
Eu servo sem valor, tu immenso preço.

Por falso, e por quebrantador da ley?
A fama a ti se poem de meu peccado?
Eu, Senhor, sou ladrão, tu sumo Rey.
Eu só furtey, tu com ladrões padeces?
A Pena a ti se dá, do qu'eu pequey?
Eu servo sem valor, eu sumo preço.

Edição de 1616.

Do captiveiro eterno que mereço.

Do cativeiro eterno que mereço.

Edição de 1616.

Te dás aos soltos homens, que te vendem.

Te dás aos homens baxos, que te vendem.

Edição de 1616.

A ti, que as almas sóltas, a ti prendem?
A ti summo Juiz, ante Juizes
Te accusão por o error dos que te offendem?

A ty, que as almas sóltas, a ty prendem?
A ty summo juiz, ante juizes
Te accusão polo error das que te offendem?

Edição de 1616.

Por quem tu vens ao mundo, te despreza.
O teu rosto, de cuja formosura.

Por quẽ tu vens ao mundo, te despreza.
O teu rosto, de cuja fermosura.

Edição de 1616.

Diante quem pasmada está a Natura.

Diante quem muda está a natureza.

Edição de 1616.

Cuspido, atropellado cruelmente.

Cuspido, arrepelado cruelmente.

Edição de 1616.

A açoutes rigorosos desangrado.

De açoutes rigorosos flagellado.

Edição de 1616.

Ao despir por as mãos crueis e iradas.
As venerandas barbas de Deos vivo
De resplandor ornadas, s'arrancavão
Para desempenhar a Adão captivo.
Com cordas por as ruas o levavão.

Ao despir pelas mãos crueis e iradas.
As santissimas barbas de Deos vivo,
De resplendor ornadas, lhe arrancavão
Para desempenhar Adão captivo.
Com cordas pelas ruas o levavão.

Edição de 1616.

Da victoria qu'as almas alcançavão.

Das vitorias que as almas alcançavão.

Edição de 1616.

Ajuda hum pouco a est'Hômem verdadeiro.

Ajuda hum pouco este homem verdadeiro.

Edição de 1616.

Olha que o corpo afflicto do marteiro,
E dos longos jejuns debilitado,
Não póde ja co'o peso do madeiro.
Oh não enfraqueçais, Deos incarnado!

Olha que o corpo aflito do marteiro,
E dos longos jejũs debilitado,
Não póde ja co' pêso do madeiro.
Ó não enfraqueçais, Deos encarnado!

Edição de 1616.

Supportae Cavalleiro sublimado.
Aquellas altas vozes, que lá sôão,
Dos Padres são, que o Limbo tẽe escuro,
E ja de louro e palma vos corôão.
Todos vos bradão que subais o muro.

Supportay cavalleiro sublimado.
Que aquellas altas vozes, que lá sôão,
Dos padres são, que estão no Limbo escuro,
Que ja de Louro e Palma vos corôão.
Todos vos bradão que subais ao muro.

Edição de 1616.

Em cima essa bandeira mui seguro.

Emcima essa bandeira muy seguro.

Edição de 1616.

Pois muito mais a Deos, que a vós, custárão.

Que muito mais a Deos, que a vós, custárão.

Edição de 1616.

Com durissimos pregos s'encravárão.

Com durissimos pregos se encravárão.

Edição de 1616.

Mas qual será o humano qu'as querellas
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover a dor e mágoa dellas?
E que dos olhos seus não destillasse.

Mas qual será a pessoa que as querellas
D'angustiada Virgem contemplasse,
Que não se mova a dor, e a mágoa dellas?
E que dos olhos seus não estilasse.

Edição de 1616.

Que carreiras no rosto sinalasse?
Oh quem lhe vira os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, e regando
Aquellas faces bellas e excellentes!
Quem a ouvira com vozes ir tocando.

Que carreiras no rosto não sinalasse?
Ó quem lhe vira os olhos refulgentes
Desfazendo-se em lagrymas, regando
Aquellas bellas faces excellentes!
Que a víra com gritos ir tocando.

Edição de 1616.

Co'os accentos dos Anjos retumbando!
Quem vira quando o puro rosto ergueo.

C'os accentos dos Anjos retumbando!
Quem vira quando o claro rosto ergueo.

Edição de 1616.

Não era este o licor suave e claro.

Não era este o liquor suave e claro.

Edição de 1616.

A dar as puras tetas ao Cordeiro.

A dar as tetas puras ao cordeiro.

Edição de 1616.

Não era só, não, esse o verdadeiro.

Não só era esse, Senhora, o verdadeiro.

Edição de 1616.

Morrendo por o mundo em hum madeiro;
Mas era a salvação que alli ganhava.

Morrendo polo mundo n'hum madeiro;
Mas a salvação, que ally ganhava.

Edição de 1616.

A grave causa della o requeria.

A gravidade della o requeria.

Edição de 1616.

M'alcançae huma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava e pesa tanto.
Do licor salutifero e suave
M'abrangei, com que mate a séde dura
Deste mundo tão cego, torpe e grave.

Me alcançai huma gota, com que lave
A culpa que me agravar e pesa tanto.
Do liquor salutifero e suave
Me abrangey, com que mate a sêde dura
D'este mundo tão cego, torpe e grave.

Edição de 1616.

Que vive e viverá, e não conhece
A Lei de vosso Filho, a abrace pura.

Que vive e viverá, que não conhece
A ley do vosso filho, santa e pura.

Edição de 1616.

Da graça, e com damnado e falso esprito.

Da graça, e cõ danado e falso sprito.

Edição de 1616.

O povo pertinaz no antiguo rito.

O povo pertinaz no antigo rito.

Edição de 1616.

Lhe diz qu'he pena igual ao seu delito.

Lhe diz que he pena igual ao seu delito.

Edição de 1616.

As Leis, e com preceitos tão viciosos
Na terra estende a seita falsa e impura.

As leys, e com preceitos viciosos
Na terra estende a ceita falsa, impura.

Edição de 1616.

A confessar hum Deos crucificado.

Confessar hum só Deos crucificado.

Edição de 1616.

E d'hum e d'outro o vicio ja deixado,
O seu nome, co'o vosso nesse dia.

Mas de todos o vicio ja passado,
O seu nome c'o vosso neste dia.

Edição de 1616.

ELEGIA XII

Na terceira parte das Rimas, edição de 1668, traz esta elegia o seguinte titulo: «*Traducção dos versos Propheticos da Sibilla Erithrea*», que refere Santo Agostinho, liv. XVIII, cap. 23.º da *Cidade de Deos*, nos quaes, pelas primeiras letras, se lê: Jesu Christo, Filho de Deos e Salvador. É um acrostico em que se descreve o juizo universal.

Como em carne vem Deos, para que o veja
Homem toda esta machina terreste;
Rei justo, que dos corpos e almas seja
Juiz; e quando o mundo cego e inculto.

Como em carne virá Deos, a quem veja
O credulo e incredulo terreste;

Rey justo, que almas e que corpos reja
Juiz será; quando este mundo inculto.

Edição de 1668.

Todo vão simulacro e gentil culto.

Todo o vão simulacro e rico culto.

Edição de 1668.

Fará co'o mar o fogo, e cru tumulto.
Immensa luz, que as carnes desenterra.

Fará co' mar o fogo, e crù tumulto.
Immensa a luz, que as carnes desenterra.

Edição de 1668.

Hum Justo e outro alçando á santa terra.

Os justos seus levando á Santa terra.

Edição de 1668.

Desfeitos serão montes e penedos.

Desfar-se-ha a terra, os montes e os penedos.

Edição de 1668.

Sem luz as luzes todas do Orbe puro.

Sem luz a lua, Estrellas e Orbe puro.

Edição de 1668.

Lugar se abaterão os altos montes;
Vibrará mares vento furibundo:
Averá só de chammas vivas fontes:
De trombeta tremenda som terribil.

Lugar se abaixarão os altos montes;
Ver-se-ha no mar o vento furibundo
Haverá só de fogo vivas fontes:
Da trombeta medrosa o som terribel.

Edição de 1668.

Responderá dos máos gemido horribil.

Responderá dos máos gemido horribel.

Edição de 1668.

ELEGIA XIII

Esta elegia vem na segunda parte das Rimas de Camões (1616) com este titulo: «*Ao Doutor Mestre Belchior em louvor de sua filha dona Maria de Figueiroa, na India em Damão*». Pelos seguintes versos se vê que esta senhora era natural d'aquella cidade:

Mas tinha-lhe a ventura oriental cama,
Guardada lá em Damão, porque nascendo.

Esta poesia foi sem duvida composta no reino, e provavelmente das ultimas cousas que o Poeta escreveu, se é que a escreveu. Foi D. Constantino que tomou Damão, e para esta senhora ser o objecto dos louvores que o Poeta aqui lhe prodigalisa durante a sua residencia na India, não tinha ella idade, pois devia ser então de mui verdes annos. É possivel que esta composição não seja de

Camões, mas de Gonçalo Vaz de Camões, seu parente, que foi capitão d'aquella fortaleza.

Se tambem de Lucrecia a Livia historia.

Se tambem de Lucresia a Livia historia.
Edição de 1616.

Nos ficou por Petrarcha, e hoje crece.

Nos ficou por Petrarcha, e oje crece.
Edição de 1616.

Deo com a morte vida á formosura.

Deu com a morte vida á fermosura.
Edição de 1616.

E se Venus formosa, hoje segura.

E se Venus fermosa hoje segura.
Edição de 1616.

Que fará a formosura soberana.

Que fará a fermosura soberana.
Edição de 1616.

Destas cante Virgilio, cante Homero.

Destas cante Virgilio, destas Homero.
Edição de 1616.

Guardada lá em Damão, porque nascendo.

Guardada em Damão, porque nascendo.
Edição de 1616.

Vós, Pae de tal thesouro, dae-me ouvidos.

Vós, Pay de tal thesouro, dai-me ouvidos.
Edição de 1616.

Antes dae-lhe louvor, para que sejão.

Antes dai-lhe louvor para que sejão.
Edição de 1616.

Direi os olhos bellos, boca e riso.

Pintarey os olhos bellos, boca e riso.
Edição de 1616.

Cabellos d'ouro, emfim seu grande aviso,
Sua arte, perfeição, e formosura,
Que na terra nos mostra hum paraiso?

Cabellos de ouro, emfim seu grande avizo,
Sua arte, perfeição e fermosura,
Que na terra nos mostrão hum Parayzo?
Edição de 1616.

A boca de rubis, cheia de perlas,
Das crystallinas mãos a neve pura?

A boca de robis, chea de perlas,
Das cristalinas mãos a neve pura?

Edição de 1616.

Vos vem apresentar, da clara fonte.

Vos vem aprezentar, da clara fonte.

Edição de 1616.

As pegaseas flores de Heliconte.

As pegaseas flores de Iliconte.

Edição de 1616.

Das Nymphas, que o dourado Tejo cria,
Com suas doces Lyras temperadas.

Das Nimphas, que o dourado Tejo cria
Com suas doces Liras temperadas.

Edição de 1616.

Esta he por quem Vertumno desprezando.

Esta he por quem Veturno desprezando.

Edição de 1616.

O avô de Phaetonte, e porque Orpheo
As furias infernaes aquebrantava.

O avô de Phaetonte, e porquẽ Orpheo.
As furias infernais a quebrentava.

Edição de 1616.

Esta he a quem Paris deo a maçãa d'ouro.

Esta he a quem Pariz deu a maçã d'ouro.

Edição de 1616.

Esta he quem desd'o Ganges até o Douro.

Esta he quem des do Gange até o Douro.

Edição de 1616.

Dos de Lião Fajardos, que descende.

Dos de Liam Fajardos, que descende.

Edição de 1616.

De mil primores cheia, collocada,
Em rara perfeição de formosura.

De mil primores chea, colocada,
Em rara perfeição de fermosura.

Edição de 1616.

Terá com fama eterná e sublimada.

Terá com fama eterna e sublimada.

Edição de 1616.

Mil ramos levarão cheios de flores.

Mil ramos levarão cheos de flores.

Edição de 1616.

Com formosura e graça de contino.

Com fermosura e graça de contino.

Edição de 1668.

D'alli do nosso choro venerada
Terás cargo da selva de Diana.

Dali do nosso choro venerada
Terás carguo da selva de Diana.

Edição de 1616.

ELEGIA XIV

N'esta elegia ou epistola, o Poeta desesperado de alcançar remedio aos seus amores, toma por consolação descrever as suas penas e, desenganado da má fortuna, deseja que a morte dê fim aos seus tormentos. Escripta antes de ir para a India: do degredo do Ribatejo ou mais provavelmente de Ceuta.

Sempre deste meu mal tive suspeita.

Sempre deste meu mal tive sospeita.

Edição de 1668.

Ó triste, que nem na alma tem alento.

O triste, que nem na alma tem alento.

Edição de 1668.

Como se não cuidasse, o que não creio.

Como se não cuidasse, o que não crêo.

Edição de 1668.

Mas vá-se o medo ja, pois que ja veio.

Mas vá-se o medo ja, pois que ja vêo.

Edição de 1668.

Que a certeza podia ter receio.

Que a certeza podia ter recêo.

Edição de 1668.

Nem a deve receiar quem a despreza.

Nem a deve recear quem a despreza.

Edição de 1668.

Entre silvestres feras vos creastes.

Entre silvestres feras vos criastes.

Edição de 1616.

ELEGIA XV

Queixa-se do rigor, mudança e esquecimento com que é tratado pela sua amante; porém, apesar de tudo, não quer deixar tão suave captiveiro, tão doce prisão. Termina aconselhando-a que não deixe murchar a sua formosura, e use dos bens de que a natureza foi tão prodiga com ella. Devia ser escripta esta composição pela mesma epocha da antecedente.

Foi-me alegre o viver, ja me he pesado.

Foi-me alegre o viver, ja me he pezado.
Edição de 1668.

Vontade minha, sempre sois captiva.

Vontade minha, sempre sois cativa.
Edição de 1668.

Brando fogo de amor, que em vós guardais.

Brando fogo de Amor, que em vós guardaes.
Edição de 1668.

Nunca nesta alma a minha, aonde estais.

Nunca nesta alma minha, aonde estaes.
Edição de 1668.

Paguei-o logo com longo tormento.

Paguey-o logo com longo tormento.
Edição de 1668.

Mais mudavel que o vento o daes ao vento.

Mais mudavel que o vento o dais ao vento.
Edição de 1668.

Com rosto alegre, para que o seguisse.

Com rostro alegre, para que o seguisse.
Edição de 1668.

Que em vós o Amor de amor tendes vencido.

Que em vós o Amor de amor tendes vẽcido.
Edição de 1668.

Ireis ver ao crystal os olhos bellos.

Ireis ver ao cristal os olhos bellos.
Edição de 1668.

Que tambem os prazeres meus descêrão.

Que tambem os prazeres meus deceram.
Edição de 1668.

ELEGIA XVI

Descreve a situação em que anda, queixando-se ás serras e valles da crueldade da sua dama, mais dura que os objectos inanimados que o escutam. Parece ser escripta em Ceuta, pela analogia que têem os seguintes versos com outros escriptos n'este sitio:

> Ando por esta serra desterrado.
> Espalhando a voz ao leve vento,
> Delle só consolado, delle ouvido, etc.
>
> Aqui me subirei na mór alteza
> Da serra, onde logo contemplada
> Será tua perfeição, tua dureza.

Veja-se a elegia II.

Quem vio nunca maior desaventūra.

Quem vio nunca mayor desaventura.
Edição de 1668.

Quando de hum movimento vive indino.

Quando de hum movimento vive indigno.
Edição de 1668.

Este valle farei de meu mal dino.

Este valle farei de meu mal digno.
Edição de 1668.

Hũa lembrança cheia de tormento.

Hũa lembrança chea de tormento.
Edição de 1668.

EGLOGA XVII

Anda fatigando a serra com as queixas que lhe arrancam a saudade e crueza da sua amante; porém, apesar de um tão duro soffrimento, elle lhe é saboroso, porque é vontade sua ordenar-lho. É escripta na lingua castelhana, e provavelmente em Ceuta. Tanto na parte descriptiva como no pensamento tem analogia com a elegia antecedente e com a II, escriptas no desterro.

ELEGIA XVIII

Na mesma lingua e ao mesmo assumpto da antecedente. Anda o Poeta de monte em monte espalhando as suas queixas, lamentando os rigores que soffre resignado, porque vem da sua amante; porém se alguma hora se abrandassem, com que gosto cantaria esta mudança.

Dó no se cantaria tu blandura,
En que region estraña, o nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura, etc.

Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas vozes no oyera.
Mas no quiere Amor, que la usada
Quea, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.

Por estes versos é quasi evidente que foi escripta em Ceuta; a estranha terra, os leões e tigres que pascem na montanha intratada, e ouvem as suas queixas, são de uma descriptiva tão caracteristica que não deixam a menor duvida sobre o logar onde foi escripta esta composição.

ELEGIA XIX

A D. Pedro da Silva, capitão de Tanger no anno de 1575, a primeira vez que el-rei D. Sebastião passou á Africa. Elogia-o, porque tão joven mostrava disposições de soldado veterano, contra a expectação dos invejosos que murmuravam da sua nomeação, com o receio de temeridades de annos tão verdes. Relata uma entrada que fez em terras dos mouros, aprisionando um celebre capitão chamado Alafe, que era tido em grande valia em Tetuão.

Do grão filho de Anchises valoroso.

Do grão filho de Anchises valeroso.
Ediçãq de 1668.

Pois nelle o Ceo a ti Silva nos deu,
Que a fazes com tuas obras mais formosa.

Pois nelle o Ceu a ti Sylva nos deu,
Que a fazes com tuas obras mais fermosa.
Edição de 1668.

Movido pelo 'spirito, que o guia
A maiores proezas, que a Theseo.

Movido pelo spirito, que o guia
A mayores proezas, que a Theséo.
Edição de 1668.

E sendo esta eleição do Rei valente.

E sendo esta eleição do Rey valente.
Edição de 1668.

Quando com grão conselho, e pouca gente.

Quando com gram conselho, e pouca gente.
Edição de 1668.

Como grão Capitão, velho, valente.

Como gram Capitão velho e valente.
Edição de 1668.

Com grão despojo feito, denso dano.

Com gram despojo feito, denso dano.
Edição de 1668.

Ó felice Varão, Silva Troyano.

Ó felice varão, Sylva Troyano.
Edição de 1668.

ELEGIA XX

A morte de D. Tello de Menezes: é dirigida a uma irmã á qual pede console a mãe por este triste acontecimento. Morreu este fidalgo em um desafio em Cochim, onde estava, vindo na apparatosa armada com que o vice-rei foi a Tiracole avistar-se e ajustar pazes com o Çamorim. Diogo do Couto faz menção da morte d'este fidalgo por esta fórma: «E como a gente da armada era muita, e andava ociosa, começaram-se a atear em brigas uns com os outros, e a haver desafios particulares, de feição, que se mataram mais de cincoenta homens, em que entrou D. Tello de Menezes, um fidalgo mancebo muito gentil-homem, e bom cavalleiro, que foi morto em um desafio».

Por esta poesia se vê, que a mãe lhe tinha ajustado um casamento no reino; porém o leito nupcial converteu-se em ataúde. Quanto é verdadeiro o ditado: O casamento e a mortalha no céu se talha!

Esta elegia, na edição de 1668, traz este titulo: «*Á morte de Dom Tello, que matárão na India: achou-se em um manuscripto do Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, feito no anno de* 1568.

Saião desta alma triste e magoada.

Sayão desta alma triste e magoada.
Edição de 1668.

Saia do peito a voz, com que a graveza.

Saya do peito a voz, com que a graveza.
Edição de 1668.

Cortada em flor, que pela acerba morte.

Cortada em flor, que pella acerba morte.
Edição de 1668.

Da magoada mãe, cuja alma triste.

Da magoada mãy, cuja alma triste.
Edição de 1668.

A mãe, de quem não houveste piedade.

A mãy, de quem não houveste piedade.
Edição de 1668.

Meu filho tão formoso e mal logrado.

Meu filho tão fermoso e mal logrado.
Edição de 1668.

Em terra de desterro, ai filho amado.

Em terra de desterro, ay filho amado.
Edição de 1668.

Esta misera mãe desconsolada?
Quiçá que algum soccorro te seria.

Esta misera mãy desconsolada?
Quiçaes que algum socorro te seria.
Edição de 1668.

Ai filho, meu amor, que tu só eras.

Ay filho, meu amor, que tu só eras.
Edição de 1668.

Illustre e formosissima Maria.

Illustre e fermosissima Maria.
Edição de 1668.

De alegrares a mãe chorosa e triste.

De alegrares a mãy chorosa e triste.
Edição de 1668.

Da patria honra, e louvor das gentes.

Da patria honra, de louvor das gentes.
Edição de 1668.

Consola a triste mãe desconsolada
Com sua vista alegre, e tão formosa.

Consola a triste mãy desconsolada
Com tua vista alegre, e tão fermosa.

Edição de 1668.

Hum moderado pranto, huma saudade.

Hum moderado pranto, hũa saudade.

Edição de 1668.

Da triste mãe, que além de filho amado.

Da triste mãy, que além de filho amado.

Edição de 1668.

Perdida a cór, o collo recahido.

Perdida a cor, o collo recahido.

Edição de 1668.

Seu choro, e nem por mais que em vão bradando.

Seu choro, e nẽ por mais q̃ em vão bradando.

Edição de 1668.

De lagrimas os olhos enchugando.

De lagrimas os olhos enxugando.

Edição de 1668.

De Thetis sua mãe, do branco córo.

De Thetis sua mãy, do branco coro.

Edição de 1668.

De Deosa de Nereo tão querida.
Nas aguas de Acheronte foi banhado.

Da Deosa de Neréo tão querida.
Nas agoas de Acheronte foi banhado.

Edição de 1668.

Mas a agua não chegou áquella parte.

Mas a agoa não chegou áquella parte.

Edição de 1668.

Chorou do grão Nereo toda a corte.

Chorou do gram Neréo toda a corte.

Edição de 1668.

Tanto chorou a mãe, que muito o amava.

Tanto chorou a mãy, que muito o amava.

Edição de 1668.

Os seus formosos olhos alimpava.

Os seus fermosos olhos alimpava.

Edição de 1668.

Ao vento, de mil Nymphas rodeada,
Tornando a vista atraz de quando em quando.

Ao vento, de mil Ninfas rodeada,
Tornando a vista atraz de quãdo em quãdo.

Edição de 1668.

Força não tẽe, por mais que tenhão d'arte.

Força não tem, por mais que tenhão d'arte.

Edição de 1668.

Não digo, que a alma esté de mágoa isenta.

Não digo que a alma, não estê de magoa izenta.

Edição de 1668.

Ja entre os Cidadãos de Côro santo.

Ja entre os cidadãos do côro Santo.

Edição de 1668.

D'alli contempla de huma e de outra estrella.

Dalli contempla de hũa e de outra estrella.

Edição de 1668.

E porque o mar contínuo mingua e crece,
Comprende, e a quinta essencia pura e neta.

E porque o mar contíno mingoa e crece,
Comprẽde e a quinta esencia pura e neta.

Edição de 1668.

ELEGIA XXI

Pede o Poeta á amante se compadeça dos tormentos que lhe faz soffrer, que abrande os seus rigores, e lhe dê vida, morte ou esperança. Parece-me de um estylo muito forçado, exagerado e sem verdadeiro sentimento: duvido que fosse esta poesia dirigida a D. Catharina de Athaide.

D'onde só por remedio espero à morte.

Donde por remedio espero a morte.

Edição de 1668.

Porque força não tẽe poder humano
Contra outro, que não tẽe humanidade.

Porque força não tem poder humano
Contra outra, que não tem humanidade.

Edição de 1668.

Me deu mal, levou-me o soffrimento.

Me deu o mal, levou-me o sofrimento.

Edição de 1668.

Que alheio me traz ja do que sohia.

Que alheo me traz ja do que sohia.

Edição de 1668.

Que a supprir basta seu merecimento.

Que a suprir basta seu merecimento.

Edição de 1668.

Bem vejo que em tomar o soffrimento.

Bem vejo que em tomar o sofrimento.
Edição de 1668.

Com hũa cruel morte triste e dura.

Com huma cruel morte triste e dura.
Edição de 1668.

E a morte não em mim, que a estou chamando.

E a morte não em mim, q̃ a estou chamando.
Edição de 1668.

Que esta alma em si transforma com tal cura.

Que esta alma em si trãsforma com tal cura.
Edição de 1668.

Abrande ja huma vida, em que só dura.

Abrande ja hũa vida, em que só dura.
Edição de 1668.

Que não tẽe fim a grão desaventura.
Abrande ja huma dor, que juntamente.

Que não tem fim a grão desaventura.
Abrande ja hũa dor, que juntamente.
Edição de 1668.

Em mim não, que o não sou tão só de olhar-vos.
Attentai por huma alma, que se esquece.

Em mim não, q̃ o não sou tão só de olhar-vos.
Attentai por hũa alma, que se esquece.
Edição de 1668.

Nem suspeito que possa haver mudança,
N'hum coração, que mais que a si vos ama.

Nem sospeito que possa haver mudança,
N'um coração que mais que a si vos ama.
Edição de 1668.

ELEGIA XXII

Dirigida a el-rei D. Sebastião nos seus primeiros annos; esta elegia já tinha sido impressa, no anno de 1598, nas obras de Ferreira, porém na edição das obras de Camões de 1668 se dá como d'elle, provavelmente por a acharem em algum manuscripto com o seu nome; comtudo é evidentemente obra de Ferreira. Dá salutares conselhos ao joven principe, deprecando-o a administrar recta justiça, e a ser clemente com os subditos. Como todos os outros, não deixa este poeta de lisonjear a paixão do inexperiente rei pela guerra.

Depois virá hum tão ditoso dia,
Que as tuas Reaes Quinas despregadas
Na multidão de toda a Barberia.
As victoriosas frotas carregadas
Das captivas corôas e bandeiras,
De outro esprito maior sejão cantadas.

ELEGIA XXIII

Esta elegia evidentemente é uma *carta de declaração de amores* que se dirigiu a uma senhora. Seria endereçada pelo proprio Poeta? seria escripta para servir a algum amigo, ou paga pelo pretendente amoroso? Esta mercadoria que figurava em exposição, pendurada no cordel ao lado da comedia e auto popular, data de antigos tempos.

Senhora, de me não ouvir meus danos.

De não ouvirdes, Senhora, os meus danos.

Edição de 1616.

Por encobrir o mal que me causais
Temendo outra mór dor dos desenganos.

Por encobrir el mal que me causais
Temendo outra dor dos desenganos.

Edição de 1616.

Nisto mercé me faz: se a vós offende,
A culpa ao amor dai, a mi a pena.

Nisto mercê me fas: a vós se offende,
A culpa ao amor dai, a mim a pena.

Edição de 1616.

Porque só isso busca, isso pertende.

Porque só isso busca, isso pretende.

Edição de 1616.

Para não ser das minhas descontente.
Com tudo, a não poder huma vontade
Tão pura, e tanto a medo offerecida.

Pera não ser das minhas descontente.
Comtudo, a não poder hũa vontade
Tam pura e tanto a medo offerecida.

Edição de 1616.

Suspire o coração, que treme, e arde;
Chorar e suspirar seja o meu gosto.
Não queirão os meus fados que me guarde.

Sospire o coração, que treme, e arde;
Chorar e sospirar seja o meu gosto.
Não queirão os meus fados que me garde.

Edição de 1616.

Quizera, desde que tive entendimento.

Quisera, des que tive intendimento.

Edição de 1616.

Sem vós ter para mim que não vivia.
Mas nem por isso haja inda em vós crueza.

Sem vós ter pera mim que não vivia.
Mas nem por isso aja em vós crueza.

Edição de 1616.

Olhai que em vivas chammas abrazado.

Olhai que em vivas chamas abrasado.

Edição de 1616.

Pedras, palavras, hervas de virtude.

Pedras, palavras, ervas de vertude.

Edição de 1616.

Se vossos olhos podem dar saude.

Se vossos olhos poden dar saude.

Edição de 1616.

Deixem-me morrer ja, ninguem me ajude.

Deixem-me morrer ja, ninguem me ayude.

Edição de 1616.

No começo dos damnos, que não sentem.

No começo dos dannos, que não sentem.

Edição de 1616.

Emfim, a fim de tudo isto he, Senhora.

Emfim, a fim de tudo he, Senhora.

Edição de 1616.

Que cedo verei a derradeira hora.
Ja que meu mal vos tenho descoberto.
Havei de mim dó: não seja isto, emfim.

Que cedo verei a derradeira ora.
Ja que meu mal yos tenho discuberto.
Avei de mim dó: não seja isto, em fim.

Edição de 1616.

ELEGIA XXIV

Manuel de Faria e Sousa encontrou esta elegia em um manuscripto com o titulo de: «*Tercetos de Luiz de Camões*», e diz que não a collocou entre as outras, porque a não achou repetida em outros manuscriptos por onde a podesse emendar dos muitos erros de que está cheia; não procurando repara-la, porque então seria mais d'elle commentador do que do Poeta. Galathea, chorosa, queixa-se de ter Aonio abandonado a patria, deixando-a a ella, e chora a sua triste morte.

ELEGIA XXV

Traz o titulo de *Capitulo* no manuscripto de Luiz Franco. O Poeta ufano exprime á dama a quem é dirigida o prazer com que soffre o seu tormento, o qual não é digno de merecer, e a gloria que n'isso experimenta. Deve ter sido escripta em Lisboa, no começo dos amores, e antes de começarem os contratempos.

ELEGIA XXVI

Esta elegia no manuscripto d'onde copiámos tem o seguinte titulo: «*A huma Senhora que estava em Sacavem em huma quinta sua.— Saudades.*

N'ella descreve o tormento e a dor que causa n'elle, em tão longa ausencia, a saudade; faz protestos de uma inabalavel constancia, e diz que se conforma com a causa que o faz soffrer. Pelo seguinte verso não póde duvidar-se que foi feita n'uma ausencia, e longa:

Assim passo huma ausencia tão comprida.

Provavelmente foi escripta na India.

ELEGIA XXVII

Á morte da sua D. Catharina de Athaide. Com a falta d'ella não tem consolação, tudo o aborrece e só emprega o tempo em a contemplar, emquanto a morte o não leva a vê-la no céu; então se acabará a tristeza deixando amor de os atormentar. Esta poesia, que encontrámos em um manuscripto do seculo XVII, está repassada de ternura e melancholia, e é escripta no mesmo estylo, e até com expressões do inimitavel soneto composto ao mesmo triste assumpto, que começa:

Alma minha gentil, que te partiste.

ELEGIA XXVIII

Á morte de D. Alvaro da Silveira, filho do conde da Sortelha, e irmão de outro seu amigo o jesuita Gonçalo da Silveira; ambos regaram com o seu sangue os dominios portuguezes, este obtendo a palma do martyrio nas terras da Africa oriental, e aquelle no desastrado conflicto do Baharem. D. Alvaro da Silveira militou com muita distincção na India; e acabou ás mãos dos turcos, que lhe cortaram a cabeça, tendo-o primeiro ferido em uma verilha, e depois mortalmente no pescoço. Este fidalgo era não só intimo amigo de Camões, mas até julgo que parente por seu avô Vasco Pires de Camões; estava despachado com a capitania de Ormuz: assim a sua morte devia ser fatal a Camões, pois o poderia melhorar de fortuna, levando-o em sua companhia, e assim ficaram derrubados aquelles castellos de vento a que allude n'esta poesia:

Não tenho ja rasão de vos fazer
Meus castellos de vento sobre o mar, etc.

Camões diversifica aqui alguma cousa do modo por que narra este sinistro acontecimento Diogo do Couto, pois diz que os nossos abandonaram o seu capitão, e lhes lança em rosto a sua cobardia. Refere o chronista da Asia que tendo-se desordenado, logoque os turcos deram sobre elles, D. Alvaro da Silveira, em companhia de alguns fidalgos, que sempre o acompanharam e do guazil de Ormuz, sustentára todo o peso da batalha, ficando por este modo suspensa, até que D. Alvaro caiu morto, e depois de o estar, lhe cortaram os turcos a cabeça.

Quantas vezes alli desejaria
Verem-no pelejar Nymphas do Tejo.
....
Quantas vezes a alguma invocaria, etc.

Era D. Alvaro cavalleiro enamorado e violento nos seus amores. Surgindo no porto de Ormuz, onde estava por governador Bernardim de Sousa, que já em Goa tomára bandos por elle até contra o governador, e que era muito seu amigo, o foi receber com grandes offerecimentos; porém D. Alvaro, que já vinha em outro bordo por mexericos que tocavam em ciumes de uns amores, não só não aceitou os seus offerecimentos, mas saindo do porto de Ormuz para Baçorá, junto

á fortaleza de Reixel sobre a foz do Eufrates, tendo encontrado uma embarcação que levava seguro de Bernardim de Sousa, não só lh'o não quiz guardar, mas lhe tomou a fazenda e o dinheiro. D'isto ficou tão indignado, que, arribando de novo D. Alvaro a Ormuz, em consequencia de uma tormenta, o foi de noite esperar Bernardim de Sousa, julgando que desembarcaria, para se desaffrontar d'aquella offensa; porém não tendo desembarcado, Bernardim de Sousa, desgostoso e apaixonado, caiu de cama, e de modo que d'isto morreu. Estes amores eram de Lisboa, pois o Poeta diz que elle estimaria que o vissem pelejar as Nymphas do Tejo, e que no ardor do combate mais de uma vez invocaria a alguma d'ellas.

ELEGIA XXIX

Esta elegia é escripta no estylo da *Lamentação á morte de Christo,* de Sannazaro; é obra sem duvida do tempo em que cursava os estudos em Coimbra, e por isso das primeiras cousas que escreveu. Distingue-se por certa vangloria em mostrar erudição, e revela os conhecimentos que havia adquirido n'aquella universidade em todos os ramos da sciencia; é alem d'isto repassada de sentimentos religiosos, e de extrema compunção pela tragedia sagrada que libertou o genero humano, commemorada pela Igreja em sexta feira maior, dia em que esta poesia parece ter sido recitada pelo Poeta. É tambem para notar o exaltado enthusiasmo de que já se achava possuido, em annos tão tenros, por Homero e Virgilio:

> Tomára ser Virgilio ou ser Homero,
> Sómente no saber que foi divino,
> Que ser que elles forão não n'o quero.

Foi feita, como diz, á sombra de um freixo, e é acompanhada do soneto dedicatorio, que eu supponho dirigido a seu tio D. Bento de Camões, prior de Santa Cruz de Coimbra. Vem no manuscripto de Luiz Franco.

DA CREAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO HOMEM

Este poema imprimiu-se pela primeira vez em nome de Camões, no anno de 1615, com este titulo: «*Obra do Grande Luis de Camões, Principe da Poesia Heroyca. Da Creação e Composição do Homem.* Em Lisboa, por Pedro Crasbeeck, anno de 1615.

Não são de Camões estas oitavas, e não é preciso ser muito atilado para o conhecer; logo na dedicatoria ao arcebispo D. Rodrigo da Cunha, então bispo de Portalegre, que precède a segunda parte das Rimas, advertiu o primeiro editor d'este poema, Domingos Fernandes, que elle não era de Camões, dizendo: «... e na mão de muitos senhores illustres achei tres Cantos da Creação do Homem, em oitava rima, que vão no fim deste livro, e tendo-os impressos V. S. me affirmou não serem seus; mas como os tinha impressos, por ser obra muyto boa e com o nome do Author a deixei hir estando esta obra começada». Não era precisa a declaração do arcebispo para se conhecer que não eram de Camões, não só pela differença de estylo, mas pela aridez do assumpto; e Faria e Sousa chega a dizer: «... y mal criado hombre fue todo aquel a quien se puso en la molera que eran de L. de C. aquellas malditas coplas». Hoje não só posso affirmar com plena certeza que não são de Camões, mas, graças ao ex.mo sr. Vicente Ferrer Netto Paiva, lente de direito na universidade de Coimbra e ministro que foi dos negocios ecclesiasticos e de justiça, indicar afoutamente o verdadeiro auctor, que foi, sim, um amigo de Camões (porém não o Poeta), isto é, André Falcão de Resende, sobrinho do nosso archeologo André de Resende. De um exemplar ainda não completo das obras d'este auctor, aliás interessantes a mais de um respeito, que na imprensa da universidade se imprime debaixo da inspecção de s. ex.a, e com

que delicadamente me brindou, e d'onde pude já extractar uma carta inedita dirigida ao seu amigo Camões, tirei não só as dedicatorias de André Falcão ao duque de Aveiro, que junto, mas os versos latinos do medico Pedro Gomes em elogio do auctor, a quem pela sua profissão devia extremamente agradar o poema, e o qual, na fórma usada d'estes encomios, não deixa de comparar o nosso André Falcão a Homero e Virgilio.

O assumpto d'esta composição é, conforme Manuel de Faria e Sousa, imitado da segunda parte do livro de anatomia que imprimiu o medico Bernardino de Montana, no anno de 1551 com o titulo: «*Sueño del Marquez de Mondejar D. Luis Hurtado de Mendonça*». Finge-se que o marquez sonhou ter visto aquella fabrica da composição do homem em fórma de um palacio, e pede ao medico lhe vá declarando o que viu, e o medico vae explicando todas as peças do palacio accommodando-as aos membros exteriores e interiores do homem. Mas se este poema não é de Camões, perguntará o leitor, porque motivo se publica n'esta edição? Direi: em primeiro logar, para seguir o exemplo de todos os outros editores, o que sigo ainda com outras poesias no mesmo caso, como a elegia ou epistola do poeta Antonio Ferreira a el-rei D. Sebastião, para não ficar a edição truncada. Alem d'isto, especialmente para desenganar o leitor entendido, que, com as poesias que vão juntas ao poema, poderá formar seu juizo seguro. Acresce que ha pyrronicos que apesar de tudo insistam que seja de Camões, e n'este caso se podem recrear com a sua leitura. E não se julgue que o pyrronismo é seita extincta, bem pelo contrario; e eu citarei aqui de passagem um caso acontecido commigo, que o prova plenamente. Quando o conde de Reczynsky, ministro que foi de sua magestade el-rei da Prussia n'esta côrte, com louvavel zêlo pelas bellas artes, tentou estudar a sua historia na nossa patria, deixando-nos, com as suas investigações, um precioso peculio; uma das cousas que a elle e a mim nos fazia bastante confusão, era um tal *Grão Vasco*, que tinha exercitado a sua arte, com tanta assiduidade e efficacia que cem Briareos, e talvez em cem annos, não pintassem metade do que o nosso tinha pintado, porque ainda, apesar das grandes perdas que temos experimentado em objectos de arte, não ha igreja, nem havia convento que não apresentasse quadros do tal pintor. E como os quadros eram de differentes reinados arranjavam um illuminador do tempo de Affonso V, que, com privilegio de quasi Mathusalem, vinha pintando até o fim do reinado d'el-rei D. João III.

Esta trapalhada, permitta-se-me a expressão, não agradava nem a mim, nem ao conde, porque o que desejavamos n'estas questões de arte era esclarecer a verdade, postoque em mim pesava o stigma de anti-nacionalismo se fizesse evaporar o Grão Vasco. Em uma excursão ao Porto, n'uma rapida visita que fiz á bibliotheca publica, encontrei um manuscripto do seculo XVII, e folheando-o ao acaso encontrei noticia de um pintor natural de Vizeu, que ali era indicado com o epitheto de grande, e com designação dos quadros que n'aquella cidade e suburbios tinha executado. Fiquei contentissimo com a descoberta, porque era em tempo que se tratava d'este assumpto, e tendo-a apresentado ao conde, passei desde logo a ver se na cidade d'onde este pintor era natural, se podia fazer alguma proveitosa indagação. Felizmente o ex.^mo^ sr. conego Berardo, homem bem conhecido pelas suas muitas letras e sciencias, e actualmente socio da academia das sciencias, se deu ao trabalho de a fazer com o empenho de patricio do pintor; e com a pericia que possue pôde, nem mais nem menos, no archivo ecclesiastico do bispado, encontrar a certidão de baptismo que, se a minha memoria me não falha, era do anno de 1552, isto é, do fim do reinado d'el-rei D. João III. Com esta noticia o conde resolveu-se a ir ao proprio local, e ahi pôde conferir e achar os quadros que indigitava o manuscripto do Porto, e de dois tirou copia que juntou á sua obra. De tudo isto se tira a conclusão logica, que existira sim um pintor, e esse eminente, ao qual parece que appellidaram com o epitheto de grande, mas que não pintou nenhum d'aquelles quadros, porquanto viveu em uma epocha em que já não predominava aquelle estylo de pintar, pois devia exercer a sua actividade artistica depois do fim do curto reinado de D. Sebastião e no dos Filippes, em que já preponderava o gosto italiano, e que aquelles que

comprehendem mais de um reinado, se devem attribuir á influencia da escola de algum discipulo de Van Heik que porventura aqui deixasse quando veiu a Portugal no reinado d'el-rei D. João I, deduzindo-se de todos estes dados mais honra e gloria para a nossa patria, isto é, o saber-se que esta nobilissima arte se plantou n'ella desde o seu começo na Europa, e se reproduziu debaixo da protecção que especialmente D. Manuel e D. João III deram a mais de um filho da nossa terra, que a ella se applicaram.

Quem duvidará que isto é a verdade mais honrosa, mais nacional? Comtudo a obstinação é tal, que, para a maior parte, embora o anachronismo o desminta, são todos estes quadros *Grãos Vascos*. Á vista d'isto parece-me que posso tambem deixar ir este *Grão Vasco* da poesia, para aquelles que quizerem continuar a reputar tal obra como de Camões.

INDICE

DAS POESIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

EGLOGAS

ELEGIAS

DA CREAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO HOMEM